

JAMES Ellroy



JAZZ BRANCO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JAZZ BRANCO

James Ellroy

TRADUÇÃO DE:
Alves Calado



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

E43j

Ellroy, James, 1948-

Jazz branco / James Ellroy; tradução de Alves Calado. — Rio de Janeiro: Record, 2000 (Coleção Negra)

Tradução de: White jazz
ISBN 85-01-05531-X

1. Romance policial. 2. Romance norte-americano. I. Calado, Alves. II. Título. III. Série.

00-0961

CDD — 813

CDU — 820(73)-3

Título original norte-americano
WHITE JAZZ

Copyright © 1992 by James Ellroy

Design de capa: Glenn O'Neill.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.
Rua Argentina 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil

ISBN 85-01-05531-X

Para
Helen Knode

No fim eu possuo meu local de nascimento e sou possuído por sua língua.

Ross MacDonald

Tudo que tenho é a vontade de lembrar. Tempo revogado/sonhos febris — eu acordo procurando, com medo de esquecer. Fotos mantêm jovem a mulher.

L.A., outono de 1958.

Matéria de jornal: ligar os pontos. Nomes, acontecimentos — tão brutais que imploram para ser conectados. Anos depois — a história continua dispersa. Os nomes estão mortos ou culpados demais para contar.

Estou velho, com medo de esquecer:

Matei homens inocentes.

Traí juramentos sagrados.

Lucrei com o horror.

Febre — aquele tempo queimando. Quero ir com a música — girar, cair com ela.

L.A. *Herald-Express*, 17/10/58:

SINDICÂNCIA NO BOXE; JÚRI DE INSTRUÇÃO FEDERAL OUVIRÁ TESTEMUNHAS

Ontem, um porta-voz do escritório da Promotoria Federal dos Estados Unidos em Los Angeles anunciou que agentes federais estão investigando as lutas em Southland “infiltradas pelas gangues”, visando a garantir indiciamentos por parte do júri de instrução.

O promotor federal Welles Noonan, ex-advogado da Comissão McClellan que investigou o crime organizado, agindo a partir de informações dadas por informantes não revelados, interrogará em breve o exótico “personagem nos limites da Máfia” de Los Angeles, Mickey Cohen. Cohen, saído há treze meses da prisão, supostamente tentou fraudar os resultados de várias lutas. Atualmente estão sendo interrogados, mantidos sob guarda num hotel, Reuben Ruiz, lutador peso-galo e atração regular no Olympic Auditorium, e Sanderline Johnson, ex-peso-mosca que trabalha como crupiê num estabelecimento de pôquer em Gardena. Uma nota oficial do Departamento de Justiça declarou que Ruiz e Johnson são “testemunhas amigáveis”. Num aparte pessoal ao repórter do *Herald*, John Eisler, o promotor federal Noonan disse: “Esta investigação está na infância, mas temos todas as esperanças de que será bem-sucedida. A tramoia no boxe não passa disso: uma tramoia. Seus tentáculos cancerosos ligam-se a outros ramos do crime organizado, e caso esta sindicância resulte em indiciamentos por parte do júri de instrução federal, talvez seja necessária uma sindicância geral sobre a atividade do crime organizado no sul da Califórnia. A testemunha Johnson garantiu aos meus investigadores que a fraude no boxe não é a única informação criminosa à qual ele tem acesso, de modo que talvez devamos começar por aí. Mas por enquanto o boxe é nosso foco único.”

SUGERIDO TRAMPOLIM POLÍTICO

As notícias da sindicância no boxe foram recebidas com certo ceticismo. “Acreditarei quando o júri de instrução fizer anúncios de verdade”, disse

William F. Degnan, ex-agente do FBI, agora aposentado em Santa Monica. “Duas testemunhas não garantem uma investigação bem-sucedida. E sou cauteloso com relação a qualquer coisa anunciada na imprensa: cheira a busca de publicidade.”

Os sentimentos do Sr. Degnan foram ecoados por uma fonte da Promotoria do Distrito de Los Angeles. Perguntado sobre a sindicância, um promotor que deseja permanecer anônimo declarou: “É política, pura e simplesmente. Noonan é amigo de John Kennedy [senador por Massachusetts e possível candidato à presidência], e ouvi dizer que ele próprio se candidatará ao cargo de secretário de justiça da Califórnia em 1960. Essa sindicância é certamente combustível para a campanha, porque Bob Gallaudet [promotor distrital de Los Angeles que supostamente será eleito para um mandato integral daqui a dez dias] pode muito bem ser o indicado do Partido Republicano. Veja só, o que uma sindicância *federal* deixa implícito é que a polícia e os promotores *locais* não podem controlar o crime em sua própria comarca. Eu digo que o júri de instrução de Noonan não passa de um trampolim político.”

O promotor federal Noonan, de quarenta anos, recusou-se a comentar a especulação acima, mas um aliado de surpresa defendeu-o com certo vigor. Morton Diskant, advogado defensor das liberdades civis e candidato democrata a vereador pelo Quinto Distrito, contou a este repórter: “Desconfio da capacidade de o Departamento de Polícia de Los Angeles manter a ordem sem infringir os direitos civis dos cidadãos de Los Angeles. Desconfio da promotoria distrital de Los Angeles pelo mesmo motivo. Desconfio especialmente de Robert Gallaudet, mais especificamente por seu apoio a Thomas Bethune [vereador republicano pelo Quinto Distrito], meu opositor atualmente no cargo. A posição de Gallaudet no caso Chavez Ravine é despropositada. Ele quer expulsar os latino-americanos pobres de suas casas e abrir espaço para um estádio para os Dodgers, uma frivolidade que considero criminosa. Welles Noonan, por outro lado, provou que é um determinado combatente do crime e defensor dos direitos civis. O boxe é um negócio sujo que transforma seres humanos em vegetais ambulantes. Aplaudo o Sr. Noonan por assumir o lado certo no combate.”

TESTEMUNHAS SOB GUARDA

O promotor federal Noonan respondeu à declaração do Sr. Diskant. “Aprecio o apoio dele, mas não quero que comentários político-partidários turvem esta questão. A questão é o boxe e o melhor meio de cortar suas ligações com o crime organizado. A Promotoria Federal dos Estados Unidos não quer passar por cima da autoridade do DPLA, ridicularizá-lo ou prejudicá-lo de qualquer modo.”

Enquanto isso, continua a sindicância no boxe. As testemunhas Ruiz e Johnson estão sob proteção policial num hotel do centro da cidade, guardadas por agentes federais e policiais emprestados do Departamento de Polícia de Los Angeles: o tenente David Klein e o sargento George Stemmons, Jr.

Reportagem especial “Cavalgada de Hollywood”, revista *Hush-Hush*, 28/10/58:

O MISANTROPO MICKEY ESCORREGA, DERRAPA E MERGULHA DE NARIZ DESDE A CONDICIONAL

Vejam só, meus chapas: Meyer Harris Cohen, o maravilhoso, benévolo, malévolo Mickster, está fora da custódia federal desde setembro de 1957. Recebeu pena de três a cinco anos por sonegação de impostos; a ralé do seu bando foi dispersada, e desde então a vida do ex-rei do crime organizado tem sido uma série de derrapadas pela Cidade dos Anjos Decaídos, cidade que ele costumava governar com balas, suborno e bonomia bovina. Vejam, crianças, e cheirem a borracha queimada dessas derrapagens: *Hush-Hush*, extraoficialmente, e *muito* na moita.

Abril de 58: Johnny Stompanato, o ex-capanga de Cohen, é morto pela filha de Lana Turner, uma garota de quatorze anos que deveria estar experimentando vestidos para a festa de formatura em vez de espreitar junto ao quarto da mamãe com uma faca na mão. Que pena, Mickster: Johnny foi seu principal capanga entre 49 e 51, talvez *ele* pudesse ajudar a impedir sua derrapada depois da prisão. Pois é, você *realmente não devia* ter vendido as sexacionais cartas de amor de Lana para Johnny — ouvimos dizer que você invadiu o ninho de amor de Stomp no Benedict Canyon enquanto Johnny ainda estava no rabecão a caminho do necrotério.

Mais um furo sobre os pecados emocionantes do Mickster:

Sob o olhar atento de seu oficial de condicional, Mickey vem fazendo tentativas de tomar jeito e andar na linha. Comprou uma sorveteria que

logo se tornou um refúgio para criminosos e faliu quando os pais mantiveram os filhos longe dali; financiou seu próprio show numa boate, um número sonambulístico no Club Largo. De dar sono: histórias fajutas sobre o jogo de golfe de Ike, piadas sobre Lana T. e Johnny S., com ênfase no "Oscar": o acessório de Stomp, do tamanho do prêmio da Academia. E — de causar desespero — o Mickster fazendo reverências para Jesus durante a Cruzada de Billy Graham no Coliseum!!!! A cara de pau do Mickey renegando sua origem judaica como uma jogada de relações públicas!!!! Que vergonha, Mickster, que vergonha!!!! E agora o cenário fica mais sombrio.

ITEM:

Em breve agentes federais vão ralhar com Mickey por ter fraudado lutas de pugilistas de terceira.

ITEM:

Quatro dos capangas de Mickey — Carmine Ramandelli, Nathan Palevsky, Morris Jahelka e Antoine Guerif, "O Peixe" — desapareceram misteriosamente, presumivelmente apagados por pessoa ou pessoas desconhecidas, e (muito estranho, meus chapas) Mickey está mantendo sua boca (geralmente escancarada) fechadinha a respeito disso.

Os boatos disparam no submundo: dois pistoleiros de Cohen que sobreviveram (Chick Vecchio e seu irmão Salvatore Vecchio, o "Toque", um ator fracassado que, segundo boatos, é *très* mariquinhas) estão planejando atividades nefandas fora da égide de Mickey. Ponha os pés no chão, Mickster — ouvimos dizer que sua única fonte de rendimento são as máquinas de venda no Southside: cigarros, camisinhas comuns, camisinhas com relevos especiais e caça-níqueis em salas enfumaçadas nos fundos das boates de jazz do bairro negro. Que vergonha de novo, Mickey! Exploração da negrada! Transações baratas, abaixo do seu nível, você, o homem que já governou o crime de Los Angeles com uma ostentação ostensivamente ousada!

Viram como é a coisa, marmanjos e brotinhos? Mickey Cohen está no atoleiro, e precisa de grana, erva, a velha bufunfa. O que explica nossa revelação do mais risível rumor, relesmente revelado para o povo pela primeiríssima vez!

FURO:

Meyer Harris Cohen entrou no mundo do cinema!!

Saia da frente, C.B. DeMille: o fabuloso, benévolo malévolo Mickster financia confidencialmente um filmeco de terror que está sendo rodado atualmente no Griffith Park! Ele economizou seus tostões

arrancados dos negros e agora é sócio da Variety International Pictures na produção de *Ataque do vampiro atômico.* É sensacional. É fora dos sindicatos, é um filme Z de proporções épicas!

OUTRO FURO:

Sempre ansioso com os curtos caraminguás, Mickey colocou o maricas Toque Vecchio num dos papéis principais — e Toque está embolado com o astro do filme: o desmunhecado don-juan Rock Rockwell. Diversão homo por trás das câmeras! Vocês ficaram sabendo aqui!

FURO FINAL:

Entra em cena Howard Hughes: o Sr. Magnata dos Aviões e Ferramentas, lascivo luxurioso sempre atrás das beldades de Hollywood. Ele já foi dono dos Estúdios RKO; agora é um produtor independente conhecido por manter vagabundas fartamente dotadas atreladas a "contratos de serviços pessoais" — leia-se pequenos papéis em troca de frequentes visitas noturnas. Vejam só: ouvimos dizer que a principal amante do Mickey deixou o magnata malhador de mamas literalmente na mão — ela abandonou um contrato com Hughes e trabalhou de garçonete de drive-in até o Mickey se materializar no Scrivner's drive-in louco por um chocolate maltado.

Está apaixonado, Mickey?

Está de coração partido, Howard?

A Cavalgada de Hollywood muda de marcha com uma carta aberta ao Departamento de Polícia de Los Angeles.

Caro DPLA:

Recentemente, três vagabundos bêbados foram encontrados estrangulados e mutilados em casas abandonadas na área de Hollywood. *Muito* na moita: ouvimos dizer que o assassino ainda à solta partiu a garganta deles após a morte, utilizando grande força. A imprensa prestou pouca atenção a esses assassinatos horrendamente hediondos; apenas o sexacionalista *L.A. Mirror* parece se importar com o fato de três cidadãos de Los Angeles terem encontrado tal nadir nojentamente nauseabundo. A Divisão de Homicídios do DPLA não foi chamada a investigar os crimes; até agora apenas os detetives da delegacia de Hollywood trabalham no caso. Meus chapas, é o pedigree das vítimas que determina o interesse na investigação — e se três cidadãos respeitáveis fossem esganados por um psicopata partidor de pescoços, o chefe de detetives Edmund J. Exley não perderia tempo montando uma investigação em escala total. Frequentemente é necessária uma etiqueta atraente para colocar crimes

sujos na consciência do público e com isso criar um clamor por justiça. Assim, a *Hush-Hush* passa a chamar esse assassino de “Fogo-fátuo dos Bêbados” e roga ao DPLA para encontrá-lo e marcar um encontro caloroso com ele no salão verde de San Quentin. Lá eles cozinham com gás, e esse assassino merece um fogão de quatro bocas.

Estejam atentos para mais informações sobre o Fogo-fátuo dos Bêbados, e lembrem-se de que ficaram sabendo aqui: *Hush-Hush*, extraoficialmente e *muito* na moita.

Parte 1

ANDANDO NA LINHA

CAPÍTULO I

O serviço: estourar um ponto de apostas, deixar a imprensa entrar — conseguir um pouco de espaço nos jornais para competir com a sindicância das lutas.

Um veado levando suadouro sob acusação de sodomia abriu o bico: quatorze telefones, linhas dedicadas às corridas. O memorando de Exley dizia para mostrar alguma força, mais tarde espremer as testemunhas no hotel — descobrir o que os federais haviam planejado.

Pessoalmente:

— Se as coisas ficarem descontroladas, não deixe os repórteres tirarem fotos. Você é um advogado, tenente. Lembre-se que Bob Gallaudet gosta de seus casos limpos.

Odeio Exley.

Exley acha que comprei o diploma de direito com dinheiro de suborno.

Eu disse quatro homens, espingardas, Junior Stemmons junto na chefia. Exley:

— Paletós e gravata; isso vai acabar na TV. E nada de balas perdidas; você está trabalhando para mim, não para Mickey Cohen.

Algum dia vou enfiar uma lista de propinas pela garganta dele.

Junior ajeitou as coisas. Perfeito: uma rua do bairro dos crioulos fechada com cordões de isolamento; policiais uniformizados guardando o beco. Repórteres, radiopatrulhas, quatro homens à paisana com espingardas calibre doze.

O sargento George Stemmons, Jr., dando ordens rápidas.

Burburinho: crioulos nas portas, olhos de vodu. Meus olhos no alvo — cortinas fechadas, uma entrada de veículos apinhada — um turno inteiro lá dentro, trabalhando nas apostas. Construção de blocos de concreto — dá para imaginar uma porta com chapa de aço.

Assobiei; Junior se aproximou girando seu revólver.

— Fique com ele a postos, você pode precisar.

— Não, estou com uma arma de balas de borracha no carro. Nós entramos pela porta e...

— Nós *não* entramos pela porta, ela é revestida com aço. Assim que começarmos a bater na porta eles vão queimar a papelada. Você ainda caça pássaros?

— Claro. Dave, o que é...

— Tem munição no seu carro? Carga simples para pássaros?

Junior sorriu.

— A janela grande. Eu atiro nela, a cortina segura as bolas de chumbo, nós entramos.

— Certo, então vá dizer aos outros. E diga àqueles palhaços com as câmeras para começarem a filmar, com os cumprimentos do chefe Exley.

Junior correu de volta, tirou cartuchos, recarregou. Câmeras a postos; assobios, aplausos: vagabundos bebendo vinho.

Mãos levantadas, contando de trás para a frente...

Oito: Junior dá a notícia.

Seis: os homens flanquearam.

Três: Junior apontando para a janela.

Um:

— Agora!

Vidro explodiu *ca*-BUM, alto alto alto; o coice derrubou Junior. Policiais chocados demais para gritar: “CARGA TRIPLA!”

Cortina em farrapos.

Gritos.

Correr, pular o parapeito. Caos: sangue espirrando, confete de apostas e grana. Mesas telefônicas viradas, um estouro da boiada: pela porta de trás, *bookmakers* socando-se.

Um crioulo tossindo vidro.

Um *cucaracha* com alguns dedos a menos.

Stemmons “Carga errada”:

— Polícia! Parem ou nós atiramos!

Agarrá-lo, gritar:

— Isso foram tiros dados lá dentro, uma porra de uma briga de criminosos. Nós entramos pela janela porque achamos que a porta não ia ceder. Fale bonitinho com os caras da imprensa e diga que nós lhes devemos uma. Junte os homens e garanta que eles saibam o que têm de fazer, porra. *Está entendendo*?

Junior soltou-se. Ruídos de pés — policiais à paisana pulando a janela. Barulho de cobertura: saquei minha arma de reserva. Dois tiros para o teto, provas para a limpeza.

Jogar a arma longe. Mais caos: suspeitos chutados de barriga no chão, algemados.

Gemidos, gritos, fedor de pólvora e sangue.

Eu “descobri” a arma. Repórteres entraram correndo; Junior falou com eles. Para a varanda, ar puro.

— O senhor me deve mil e cem, advogado.

A voz: Jack Woods. Misto de coletor de grana — *bookmaker*/capanga/pistoleiro de aluguel.

Fui até ele.

— Você viu o show?

— Eu só estava passando, e você deveria colocar esse garoto, o Stemmons, numa coleira.

— O pai dele é inspetor. Eu sou o mentor do garoto, por isso, mesmo sendo tenente, tenho serviço de capitão. Você tinha uma aposta feita?

— Isso mesmo.

— Está se misturando com a gentalha?

— Eu também estou no negócio, por isso espalho minhas apostas, de boa vontade. Dave, você me deve mil e cem.

— Como sabe que ganhou?

— A corrida estava mutretada.

Falatório — jornalistas, moradores locais.

— Eu tiro o negócio do arquivo de provas.

— *C’est la guerre.* E, a propósito, como vai sua irmã?

— Meg está bem.

— Diga oi por mim.

Sirenes: radiopatrulhas chegando.

— Jack, dê o fora daqui.

— Foi bom ver você, Dave.

Fichar os escrotos — delegacia da Newton Street.

Verificações de fichas: nove com mandados de busca. O Sem Dedos revelou-se uma doçura: estupro, assalto a mão armada, contos do vigário. Palidez de choque, talvez morrendo — o médico deu café com aspirina.

Fichei a arma plantada, os talões de apostas e o dinheiro — menos os mil e cem de Jack Woods. Junior, relações-públicas: o tenente lhe deve uma história.

Duas horas de puro serviço de merda.

4:30 — de volta à Divisão. Recados esperando: Meg disse para passar lá; Welles Noonan falou do serviço de guarda, seis em ponto. Exley: “Relatório detalhado.”

Detalhes — datilografar tudo, mais serviço de merda:

Naomi Avenue, 4701, 14:00 horas. Batida num ponto de apostas, o sargento George Stemmons, Jr. e eu ouvimos tiros disparados dentro do local. Não informamos aos outros policiais por medo de criar pânico. Ordenei um tiro de espingarda na janela da frente; o sargento Stemmons ludibriou os outros homens com uma história de cobertura falando de “invasão com espingarda de caçar pássaros”. Um revólver 38 foi encontrado; prendemos seis *bookmakers.* Os suspeitos foram fichados na delegacia da Newton; os feridos receberam primeiros socorros e tratamento hospitalar. O Departamento de Pesquisa e Informações revelou numerosos mandados de busca contra os seis, que serão remanejados para a cadeia do Palácio de Justiça e indiciados pelos crimes 614.5 e 859.3 do Código Penal. Todos os seis homens serão interrogados posteriormente sobre os tiros disparados e sobre as apostas. Eu mesmo conduzirei os interrogatórios — como comandante de divisão devo garantir pessoalmente a veracidade de todas as declarações feitas. A cobertura dessa ocorrência por parte da imprensa será mínima: os repórteres na cena não estavam preparados para a rápida transpiração dos acontecimentos.

Assinado: tenente David D. Klein, Distintivo 1091, comandante, Delegacia de Costumes.

Cópias a carbono para: Junior, chefe Exley.

O telefone...

— Costumes, Klein.

— Davey? Tem um minuto para um velho colega bandido?

— Mickey, meu Deus.

— Eu sei, deveria ligar para você em casa. Bem... Davey... um favor para Sam G.?

G. de Giancana.

— Acho que sim. O que é?

— Sabe aquele crupiê que você está vigiando?

— Sei.

— Bom... o aquecedor do quarto dele está frouxo.

CAPÍTULO II

Reuben Ruiz, o “Nana-neném”:

— Isso é demais. Eu posso acabar me acostumando.

Hotel Embassy: sala, quartos, tevê. Nono andar, serviço de suíte: comida e birita.

Ruiz arrotando uísque, meio agitado. Sanderline Johnson vendo desenho animado, de queixo caído.

Junior treinando sacar rápido.

Tentar um papo.

— Oi, Reuben.

Dando socos no ar:

— Oi, tenente.

— Oi, Reuben. Mickey C. tentou armar uma marmelada com a sua luta?

— Ele, como vocês dizem, sugeriu enfaticamente que o meu empresário deixasse ele comprar a luta. Mandou os irmãos Vecchio falarem com ele, depois deu para trás quando Luis disse a eles: “Ei, me matem, porque não vou assinar nenhum formulário de liberação.” Quer a minha opinião? Mickey não tem mais bagos para sair dando arrochos.

— Mas você tem *cojones* para dedurar.

Jabs, ganchos.

— Eu tenho um irmão que desertou do exército, talvez querendo passar um tempo numa cadeia federal. Tenho três lutas para fazer no Olympic, e as intimações do Welles Noonan podem foder com elas. Minha família é o que você pode chamar de uma longa linhagem de ladrões, o que você pode chamar de com uma queda por encrencas, de modo que passei a fazer amigos no que você poderia chamar de comunidade da lei.

— Você acha que Noonan tem material bom sobre o Mickey?

— Não, tenente, não acho.

— Me chame de Dave.

— Vou chamar de tenente, porque já tenho amigos suficientes na comunidade da lei.

— Tais como?

— Tais como Noonan e seu colega do FBI, Shipstad. Ei, você conhece Johnny Duhamel, o Colegial?

— Claro. Ele lutou nas Luvas, virou profissional e depois abandonou.

— Se você perde a primeira luta profissional, é melhor desistir. Eu falei isso com ele, porque Johnny e eu somos velhos amigos, e agora Johnny é o *policial* Johnny Duhamel, o Colegial, da porra do DPLA, do honesto Esquadrão Antigangues, nada menos do que isso. Ele é unha e carne com o... como é que vocês chamam?... lendário?... Capitão Dudley Smith. Por isso eu tenho merda suficiente...

— Ruiz, olhe o palavreado.

Junior — puto. Johnson grudado na tevê — Mickey Mouse correndo do Pato Donald.

Junior diminuiu o volume.

— Conheci Johnny Duhamel quando dei aula na Academia. Ele estava na minha turma de coleta de provas, e era um aluno muito bom. Não gosto quando criminosos ficam familiarizados com policiais. *Comprende, pendejo*?

— *Pendejo,* hein? Então eu sou o *stupido,* e você é um caubói barra-pesada, brincando com a arma que nem aquele ratinho fresco na televisão.

Puxão na gravata, sinal para o Junior: FIQUE FRIO.

Ele congelou — remexendo sem jeito com a arma.

Ruiz:

— Outro amigo sempre pode ser uma coisa boa para mim, *Dave.* Há alguma coisa que você quer saber?

Aumentei a tevê. Johnson ficou olhando, fascinado — Margarida dando uma de *vamp* para cima do Donald. Ruiz:

— Ei, *Dave.* Você armou esse negócio para me arrochar?

Bem de perto, semiparticular.

— Se você quer fazer outro amigo, então entregue. O que Noonan tem?

— Ele tem o que você pode chamar de aspirações.

— Sei disso. *Entregue.*

— Bom... Ouvi Shipstad e um outro cara do FBI conversando. Eles disseram que talvez Noonan esteja com medo de que a sindicância das lutas seja limitada demais. De qualquer modo, ele está pensando num plano de reserva.

— E?

— E é um negócio geral com os crimes de L.A., principalmente no Southside. Drogas, caça-níqueis, você sabe, máquinas ilegais de venda e esse tipo de merda. Ouvi Shipstad dizer alguma coisa sobre o DPLA não investigar homicídios de gente de cor contra gente de cor, e como isso tudo pode ajudar Noonan a fazer o novo promotor... Como é o nome dele?

— Bob Gallaudet.

— Certo, Bob Gallaudet. De qualquer modo, tudo isso tem a ver com ele ficar mal, para Noonan concorrer contra ao cargo de promotor.

Bairro negro, as máquinas de moedas — o último negócio Mickey C. ainda funcionando.

— E quanto a Johnson?

Risinho abafado.

— Aquele mulato retardado. Dá para acreditar que ele já foi um campeão?

— Reuben, *entregue.*

— Certo, admito que ele é praticamente a porra de um idiota, mas tem grande memória. Ele consegue memorizar baralhos, de modo que uns mafiosos lhe deram um serviço no Lucky Nugget, em Gardena. Ele é bom em memorizar conversas, e uns caras não foram o que você pode chamar de discretos perto dele. Ouvi dizer que Noonan vai fazer com que ele mostre esses truques de memória no banco das testemunhas, o que...

— Entendi.

— Bom. Abandonei minha tendência à encrenca, mas sem dúvida tenho uma família que é chegada a encrencas. Não devia ter lhe contado o que contei, de modo que, como você é meu amigo, tenho certeza de que isso não vai voltar aos federais, certo, *Dave*?

— Certo. Agora coma o seu jantar e descanse um pouco, está bem?

Meia-noite — luzes apagadas. Fiquei com Johnson; Junior com Ruiz — sugestão minha.

Johnson, leitura na hora de dormir: *O poder secreto de Deus pode ser seu.* Puxei uma cadeira e fiquei olhando os lábios dele: pegue o caminho interno para Jesus, lute contra a conspiração judaico-comunista para mestiçar a América Cristã. Mande sua colaboração para a caixa postal blablablá.

— Sanderline, deixe-me perguntar uma coisa.

— Sim, senhor.

— Você acredita nesse panfleto que está lendo?

— Bom, sim senhor. Aqui diz que uma mulher que voltou à vida falou que Jesus garante que todos os colaboradores estrela de ouro terão um carro novo por ano no céu.

PUTA QUE O PARIU, MEU DEUS.

— Sanderline, você levou umas porradas nas últimas lutas?

— Bom, não. Venci o Bobby Calderon com a luta interrompida por cortes e perdi uma decisão por pontos para Ramon Sanchez. O senhor acha que o Sr.

Noonan vai arranjar um almoço quente para nós no júri de instrução?

Pegar algemas.

— Coloque isso enquanto vou dar uma mijada.

Johnson se levantou — bocejando, espreguiçando-se. Verificar o aquecedor — tubos grossos — necas de lastro.

Janela aberta — nove andares — esse idiota mestiço sorrindo.

— Senhor, qual o senhor acha que é o carro de Jesus?

Bati a cabeça dele na parede, joguei-o pela janela berrando.

CAPÍTULO III

A Delegacia de Homicídios do DPLA disse que foi suicídio, caso encerrado.

O promotor: provável suicídio.

Confirmação — Junior, Ruiz — Sanderline Johnson, sujeito maluco.

Escutem:

Eu o vi lendo, cochilei, acordei — Johnson anunciou que era capaz de voar. Saiu pela janela antes que eu pudesse verbalizar minha descrença.

Interrogatório: federais, DPLA, homens da promotoria. Básico: Johnson aterrissou num De Soto estacionado, morreu no ato, sem testemunhas. Bob Gallaudet pareceu satisfeito: o progresso político de um rival foi cortado. Ed Exley: apresente-se na minha sala, dez da manhã.

Welles Noonan: desgraça de policial incompetente; pobre desculpa para um advogado. Cheio de suspeitas — meu antigo apelido: "o Executor".

Sem menção: 189 do Código Penal — homicídio doloso.

Sem menção: investigações de fora da agência.

Sem menção: acusações interdepartamentais.

Fui para casa, tomei banho, troquei de roupa — nenhum repórter xeretando ainda. Centro da cidade, um vestido para Meg — faço isso toda vez que mato um homem.

10:00 da manhã.

Esperando: Exley, Gallaudet, Walt Van Meter — o chefe, Divisão de Informação. Café, bolos — estou fodido.

Sento-me. Exley:

— Tenente, você conhece o Sr. Gallaudet e o capitão Van Meter.

Gallaudet, todo sorrisos:

— Temos sido "Bob" e "Dave" desde a faculdade de direito, e não vou fingir um ultraje pelo que aconteceu ontem à noite. Você viu o *Mirror,* Dave?

— Não.

— "Testemunha Federal Mergulha Para a Morte", com um subtítulo: "Pronunciamento do Suicida: 'Eu posso voar!'" Gosta?

— É de matar de rir.

Exley, frio:

— O tenente e eu vamos discutir isso mais tarde. De certo modo isso tem a ver com o que nos interessa, portanto vamos ao ponto.

Bob tomou café.

— Intriga política. Walt, conte a ele.

Van Meter tossiu.

— Bom... O Departamento de Informação fez algumas operações políticas antes, e agora estamos de olho num alvo: um advogado comunista que costuma falar mal do departamento e do Sr. Gallaudet.

Exley:

— Continue.

— Bom, o Sr. Gallaudet deve ser eleito para um mandato regular na semana que vem. Ele também é ex-policial, e fala a nossa língua. Ele tem o apoio do departamento e de parte da Câmara de Vereadores, mas...

Bob interrompeu:

— Morton Diskant. Ele está pau a pau com Tom Bethune na campanha para vereador pelo Quinto Distrito, e está me incomodando há semanas. Você sabe, falando de como eu só sou promotor há cinco anos e como peguei o lugar quando Ellis Loew se aposentou do cargo de chefe da promotoria. Ouvi dizer que ele anda grudado com Welles Noonan, que pode estar no meu cartão de dança em 60, e Bethune é nosso tipo de gente. É uma corrida muito apertada. Diskant vem falando de Bethune e de mim como idiotas de direita, e o distrito tem vinte e cinco por cento de negros, muitos deles eleitores. Você continua daqui.

Aproveitando um palpite:

— Diskant anda irritando os crioulos com a situação em Chavez Ravine, algo do tipo “Votem em mim para que seus irmãos mexicanos não sejam expulsos das favelas abrindo espaço para um estádio para a classe dominante”. São cinco contra quatro a favor, na Câmara de Vereadores, e eles vão fazer a votação final em novembro, depois da eleição. Bethune está interinamente no cargo, como Bob, e se ele perder terá de deixar o posto antes da votação. Diskant entrando, é um beco sem saída. Somos todos brancos civilizados que sabem que os Dodgers são bons para os negócios, então vamos lá.

Exley, sorrindo:

— Conheci Bob em 53, quando ele era sargento da Divisão da Promotoria. Ele passou no teste para advogado e no mesmo dia se registrou como republicano. Agora os sabichões dizem que nós só o teremos como promotor por dois anos. Secretário de Justiça em 60, e depois o quê? Você vai parar como governador?

Risos em volta. Van Meter:

— Conheci Bob quando ele era patrulheiro e eu sargento. Agora é “Walt” e “Sr. Gallaudet”.

— Eu ainda sou “Bob”. E você costumava me chamar de “filho”.

— E vou chamar de novo, Robert. Se você repudiar seu apoio ao jogo no distrito.

Estúpido — a lei não vai passar no legislativo estadual. Cartas, caça-níqueis e apostas — confinados a certas áreas — podem pagar muitos impostos. Os policiais odiavam isso — dizem que Gallaudet apoiou em troca de votos.

— Ele vai mudar de ideia, ele é um político.

Sem risos. Bob tossiu, embaraçado.

— Parece que a primeira sindicância está acabada. Com Johnson morto, eles não têm testemunhas para confirmar, e eu tenho a impressão de que Noonan só estava usando Reuben Ruiz por seu valor publicitário. Dave, você concorda?

— Concordo, ele é uma celebridade local. Aparentemente Mickey C. fez algum tipo de tentativa atabalhoada de comprar uma luta, de modo que Noonan provavelmente queria usar Mickey pelo valor publicitário *dele.*

Exley, na bucha:

— E nós sabemos que você é especialista em Mickey Cohen.

— Temos um relacionamento antigo.

— Baseado em quê?

— Eu lhe dei assessoria legal.

— Do tipo?

— Do tipo “não foda com o DPLA”. Do tipo “Cuidado com o chefe dos detetives Exley, porque ele nunca diz à gente exatamente o que deseja”.

Gallaudet, calmo:

— Vamos, já chega. O prefeito Poulson me pediu para convocar esta reunião, de modo que estamos no horário dele. E tenho uma ideia, que é manter Ruiz do nosso lado. Nós o usamos como homem de frente para acalmar os mexicanos de Chavez Ravine, de modo que se o negócio das desapropriações ficar feio nós o temos como relações-públicas. Ele não andou metido com roubos?

Assenti.

— Cumpriu pena por invasão de domicílio. Ouvi dizer que fazia parte de uma quadrilha de roubo de casas, e sei que os irmãos dele fazem esse tipo de serviço. O senhor está certo, deveríamos usá-lo, prometer deixar a família dele fora de encrenca se ele ajudar.

Van Meter:

— Gosto disso.

Gallaudet:

— E quanto a Diskant?

Bati forte:

— Ele é simpatizante dos vermelhos, por isso certamente tem amigos comunistas. Vou descobri-los e arrochá-los. Vamos colocá-los na TV, e eles vão dedurá-lo.

Bob, balançando a cabeça:

— Não. É vago demais e não há tempo suficiente.

— Garotas, garotos, bebida, me deem uma fraqueza. Olhe, eu fiz merda ontem à noite. Me deem uma penitência.

Silêncio: longo, *alto.* Van Meter, soltando um suspiro:

— Ouvi dizer que ele gosta de mulheres jovens. Parece que trai a mulher muito discretamente. Gosta de universitárias. Jovens, idealistas.

Bob, um risinho desbotando:

— Dudley Smith pode fazer isso. Ele já fez esse tipo de coisa antes.

Exley, com ênfase esquisita:

— Não, o Dudley não. Klein, você conhece as pessoas certas?

— Conheço um editor da *Hush-Hush.* Posso conseguir Pete Bondurant para a foto, Fred Turentine para colocar grampos. A Delegacia de Costumes estourou uma casa de programas na semana passada, e temos a garota certa no suadouro.

Olhares ao redor. Exley, meio sorrindo:

— Então faça sua penitência, tenente.

Bob G., diplomata:

— Ele me deixava estudar suas anotações na escola de direito. Seja gentil, Ed.

Frase de desfecho. Ele saiu valsando, Van Meter foi andando com jeito desprezível.

Diga logo:

— Os federais vão pedir uma investigação?

— Duvido. Johnson cumpriu noventa dias de observação em Camarillo no ano passado, e os médicos de lá disseram ao Noonan que ele era instável. Seis homens do FBI procuraram testemunhas e não encontraram. São estúpidos demais para fazer uma investigação. Você está limpo, mas não gosto disso.

— Quer dizer, da negligência criminosa?

— Quero dizer de suas associações antigas e um tanto conhecidas com criminosos. Vou ser gentil e dizer que você “conhece” Mickey Cohen, um foco da investigação que a sua negligência destruiu. Pessoas imaginativas podem dar um ligeiro salto para “conspiração criminosa”, e Los Angeles está cheia desse tipo de gente. Você vê como...

— Chefe, escute...

— Não, escute você. Eu dei a você e Stemmons aquela tarefa porque confiava na sua competência e queria a avaliação de um advogado para o que os federais haviam planejado na nossa jurisdição. O que consegui foi “Aleluia, Eu Posso Voar” e “Detetive Cochila Enquanto Testemunha Salta Pela Janela”.

Sufocar uma gargalhada.

— Então, qual é o lado bom?

— Diga você. Avalie o que os federais planejaram para depois da primeira sindicância.

— Eu diria que, com Johnson morto, não muita coisa. Ruiz me disse que Noonan tinha alguns planos vagos para montar uma investigação no Southside; drogas, máquinas de venda e caça-níqueis no bairro negro. Se essa sindicância decolar, o departamento pode ficar mal. Mas, *se* decolar, Noonan anunciará primeiro, ele é louco por manchetes. Teremos a chance de nos preparar.

Exley sorriu.

— Mickey Cohen comanda o negócio de caça-níqueis no Southside. Você vai alertá-lo para esconder o material dele?

— Eu nem sonharia com isso. Mudando de assunto, o senhor leu meu relatório sobre a casa de apostas?

— Sim. A não ser pelos tiros disparados, foi salutar. O que é? Você está me olhando como se quisesse alguma coisa.

Coloquei café na xícara.

— Me dê uma recompensa pelo serviço com o Diskant.

— Você não está em posição de pedir favores.

— Depois do Diskant, vou estar.

— Então peça.

Café *ruim.*

— A Delegacia de Costumes está me entediando. Eu estava passando pela Roubos e vi no quadro um caso que parecia bom.

— O roubo da loja de ferramentas?

— Não, o da loja de peles Hurwitz. Um milhão em peles roubadas, sem pistas, e Junior Stemmons venceu Sol Hurwitz num jogo de dados no ano passado. Ele é um jogador degenerado, por isso aposto em fraude contra a seguradora.

— Não. O caso é do Dudley Smith, e ele descartou o seguro. E você é um oficial-comandante, não um detetive para trabalhar num caso.

— Então altere as regras. Eu pego o comunista, o senhor me faz um favor.

— Não, o serviço é do Dudley. O caso já tem três dias e ele já foi designado. Além disso, eu não gostaria de tentar você com mercadorias vendáveis como peles.

Golpe baixo. Desviar.

— O senhor e Dud não são exatamente apaixonados um pelo outro. E ele *queria* ser chefe dos detetives, e o senhor pegou o cargo.

— Os comandantes sempre se entediam e ficam querendo casos. Há algum motivo particular para querer esse?

— Roubo é limpeza. O senhor não suspeitaria de meus amigos se eu trabalhasse em roubos.

Exley se levantou.

— Uma pergunta antes de você sair.

— Sim?

— Algum amigo lhe disse para jogar Sanderline Johnson pela janela?

— Não, senhor. Mas não está satisfeito por ele ter pulado?

Passei a noite fora, um quarto no Biltmore — imaginando que os repórteres estariam tocaiando minha casa. Sem sonhos, serviço de quarto: seis horas café da manhã, jornais. Novas manchetes: “Promotor Federal Denuncia ‘Policial Negligente’”; “Detetive Lamenta Suicídio de Testemunha”. Puro Exley — *seu* trabalho com a imprensa, *ele* lamentando. Página três, mais Exley: nenhuma pista no caso Hurwitz — uma quadrilha com experiência em ferramentas e eletrônica roubou mais de um milhão em peles. Visualizando: um segurança cheio de bandagens; Dudley Smith de olho num visom.

Roubo, serviço doce: pegar ladrões e ficar com o material.

Trabalhar o comuna: telefonemas.

Fred Turentine, o homem dos grampos — sim, por quinhentos. Pete Bondurant — sim, por mil — e ele pagaria ao fotógrafo. Pete, íntimo da *Hush-Hush* — mais merda para o ventilador.

A chefe da guarda da cadeia feminina me devia uma; ela estava caída por uma tal de La Verne Benson. La Verne — apanhada por prostituição — sem fiança, sem data de julgamento. La Verne ao telefone — e se a gente perdesse a sua ficha? — sim! sim! sim!

Ansioso — meus tremores pós-assassinato de sempre. De ansioso para cheio de coceiras — pegar o carro.

Uma passada em casa — repórteres — nada de porto seguro lá. Para Mulholland, sinais verdes/sem tráfego — 90, 110, 130. Rabeadas, derrapagens nas curvas — reduzir, pensar.

Pensar em Exley.

Brilhante, frio. Em 53 ele atirou em três crioulos — isso fechou o caso Nite Owl. Primavera de 58 — evidências provaram que ele matou os homens errados.

O caso foi reaberto; Exley e Dudley Smith comandaram: *o* maior caso da história de L.A. Múltiplos homicídios, intriga com pornografia, conspirações entrelaçadas — Exley acabou fechando o caso de verdade. Seu pai, o rei das construções, matou-se de um modo absurdo; o inspetor Ed ficou com o dinheiro. Thad Green se demitiu do cargo de chefe dos detetives; o chefe Parker preteriu Dudley para substituí-lo: Edmund Jennings Exley, 36 anos.

Nem um pouco apaixonados um pelo outro — Exley e Dudley — ódio puro.

Nenhuma reforma na Divisão de Detetives — só Exley ficando frio que nem iceberg.

Sinais verdes até a casa de Meg — só o carro dela na frente. Meg na janela da cozinha.

Fiquei olhando-a.

Lavando louça — uma cadência nas mãos — talvez música de fundo. Sorrindo — um rosto quase meu, mas gentil. Toquei a buzina...

Sim — uma beldade — os óculos, os cabelos. Um sorriso — ansioso.

Subi a escada correndo; Meg estava com a porta aberta.

— Tive a sensação de que você ia me comprar um presente.

— Por quê?

— Na última vez em que apareceu nos jornais, você me comprou um vestido.

— Você é uma Klein esperta. Vá, abra.

— Foi terrível? Saiu na TV.

— Ele era um débil mental. Ande, abra.

— David, precisamos discutir umas coisas.

Empurrei-a para dentro.

— *Ande.*

Rasgando — papel de embrulho em tiras. Um uau, uma olhada no espelho — seda verde, caimento perfeito.

— Cabe?

Um giro — seus óculos quase caíram.

— Fecha o zíper para mim?

Dar uma ajeitada, puxar o zíper. Perfeito — Meg me beijou, olhou no espelho.

— Meu Deus, você e Junior. Ele também não consegue parar de se admirar.

Um giro, uma lembrança: baile de formatura, 35. O velho disse para levar Sissy — os caras que a perseguiam não eram adequados.

Meg suspirou.

— É lindo. Como tudo que você me dá. E como vai o Junior Stemmons?

— Obrigado, de nada, e Junior Stemmons não é muito esperto. Ele realmente não é feito para a Divisão de Detetives, e se o pai dele não me desse o comando na Costumes eu chutaria o rabo dele de volta para um cargo de professor.

— Não é uma presença suficientemente forte?

— Isso, e com uma sensibilidade de cachorro-quente, que faz o negócio parecer pior, e nervos como se ele estivesse invadindo o depósito de drogas da Narcóticos. Onde está o seu marido?

— Examinando umas plantas de um prédio que ele está projetando. E já que você puxou o assunto...

— Merda. Nossos prédios, certo? Tem gente com aluguel atrasado? Sumindo sem pagar?

— Nós somos os senhores dos cortiços, então não banque o surpreso. É o de Compton. Três unidades em atraso.

— Então me coloque em dia. Você é a corretora imobiliária.

— Duas unidades estão devendo um mês, a outra deve dois. São necessários noventa dias para conseguir uma ordem de despejo, e isso implica uma ida ao tribunal. E *você* é o advogado.

— Porra, odeio litígio. E você não vai sentar?

Ela se esparramou — uma poltrona verde, o vestido verde. Verde contra o cabelo — preto — um tom mais escuro do que o meu.

— Você é um bom litigante, mas sei que só vai mandar uns capangas com papéis falsos.

— É mais fácil assim. Vou mandar Jack Woods ou um dos rapazes do Mickey.

— Armados?

— É, e perigosos paca. Agora diga outra vez que adorou o vestido. Diga para eu poder ir para casa e dormir um pouco.

Contando pontos — nossa velha rotina:

— Um: amei o vestido. Dois: eu amo meu irmãozão, mesmo ele sendo muito bonito e mais inteligente ainda. Três: passando para as amenidades: parei de fumar de novo, estou de saco cheio do meu trabalho e do meu marido, estou pensando em pular a cerca antes dos quarenta anos e antes de perder o que me resta de beleza. Quatro: se você conhecer algum homem que não seja policial ou bandido, gostaria que me apresentasse.

Contando de volta:

— Eu tenho a aparência de Hollywood, você tem a de verdade. Não durma com Jack Woods, porque as pessoas gostam de atirar nele, e na primeira vez que você e Jack tentassem ir para a cama o negócio não duraria muito. Realmente conheço alguns promotores, mas eles irão entediá-la.

— O que me resta? Fracassei como esposa de gângster.

A sala oscilou — tempo esfrangalhado.

— Não sei. Ande, me leve até a porta.

Seda verde — Meg acariciou-a.

— Eu estava pensando naquele curso de lógica que fizemos na faculdade. Você sabe, causa e efeito.

— E?

— Eu... bem, um bandido morre nos jornais e eu recebo um presente.

Oscilando muito.

— Deixa pra lá.

— Trombino e Brancato, depois Jack Dragna. Querido, eu posso viver com o que nós fizemos.

— Você não me ama como eu amo você.

CAPÍTULO IV

Repórteres na minha porta, mastigando comida para viagem.

Estacionei atrás, abri uma janela do quarto. Barulho — jornalistas tagarelando *minha* história. Luzes apagadas, entreabrir aquela janela: ouvir a conversa para apagar o pavio da bomba de Meg.

Direto: eu sou alemão, não judeu — o nome do velho foi cortado em Ellis Island. 1938: o DPLA; 1942: os fuzileiros. Serviço no Pacífico, de volta ao departamento em 45. O chefe Horrall se demite; William Worton o substitui — um general do Corpo de Fuzileiros, totalmente limpo. Semper Fi: ele forma um esquadrão de gorilas ex-fuzileiros. *Esprit de Corps*: nós furamos greves, fazemos violadores de condicional voltarem à prisão na base da porrada.

Faculdade de direito, serviço freelance — a lei de apoio aos veteranos não cobre a USC. Trabalho recuperando carros não pagos, coletando grana para Jack Woods — "o Executor". Trabalho para Mickey C.: disputas sindicais resolvidas no braço. Hollywood me convoca — sou alto, bonito.

Necas, mas isso leva a trabalho *real.* Soluciono um arrocho contra Liberace — dois crioulos bem-dotados, fotos para chantagem. Estou com Hollywood e Mickey C. Entro para a Divisão, chego a sargento. Passo na prova para advogado, chego a tenente.

Tudo verdade.

Superei meus últimos vinte meses — verdade. Meus ganhos como Executor compram cortiços — verdade. Dormi com Anita Ekberg e com a loura do "Spade Cooley Show" — falso.

Besteiras tomaram conta; o papo mudou para Chavez Ravine. Fechei a janela e tentei dormir.

Não tem jeito.

Levanto a janela — nenhum jornalista. TV: só padrões de teste. Desligo, penso de novo — MEG.

A coisa sempre esteve ali, assustadoramente errada — e nós nos tocamos por tempo demais para dizer. Mantive os punhos do velho longe dela; ela me impediu de matá-lo. Faculdade juntos, a guerra, cartas. Outros homens e outras mulheres afastados.

Violentos anos do pós-guerra — “o Executor”. Meg — parceira, ajudando na recuperação de carros. Uma breve aventura com Jack Woods — deixei pra lá. O estudo devorava meu tempo — Meg sozinha pirou. Conheceu dois bandidos: Tony Trombino, Tony Brancato.

Junho de 51 — nossos pais mortos num acidente de carro.

A coragem, a vontade...

Um quarto de hotel — Franz e Hilda Klein recém-enterrados. Nus só para ver. Um no outro — cada gosto era meio um coice de arma.

Meg interrompeu — sem final. Falta de jeito: nossas roupas, palavras, luzes apagadas.

Eu ainda queria.

Ela não.

Ela ficou maluca com Trombino e Brancato.

Os escrotos sacanearam Jack Dragna — o homem número um da bandidagem em L.A. Jack me mostrou uma foto: Meg — hematomas, engenhocas — Trombino/Brancato verificados.

Verificados — eles sacanearam um jogo de dados da gangue.

Jack disse cinco mil, você apaga os dois — eu disse sim.

Combinei tudo — um serviço de arrocho — “Nós vamos roubar um *bookmaker* que está com uma grana preta”. 6 de agosto, North Ogden, 1648 — os dois Tonys num Dodge 49. Entrei no banco de trás e explodi o cérebro deles.

Manchetes: “Guerra de quadrilhas” — o torpedo do chefe Dragna foi captado depressa. Seu álibi: o padre da paróquia de Jack D. Crime de quadrilhas não solucionado — deixem a porra dos policiais se matarem uns aos outros.

Fui pago — mais uma bonificação: um homem enfurecido contra a escória que machucou sua irmã. A voz de Dragna — suprimida. Minha voz: “Vou matá-los, porra. Vou matá-los de graça.”

Mickey Cohen ligou. Jack disse que eu devia à gangue — a dívida seria compensada com alguns favores. Jack telefonaria, eu seria pago — estritamente negócios.

Fisgado.

Telefonou:

2 de junho de 53: apaguei um químico que fazia drogas em Vegas.

26 de março de 55: matei dois crioulos que estupraram a mulher de um chefe de quadrilha.

Setembro de 57, um boato. Jack D. — muito doente do coração.

Liguei para ele.

— Venha me ver — disse Jack.

Nos encontramos num hotel à beira da praia — seu local escolhido para a morte. O céu dos carcamanos: birita, pornografia, putas na porta ao lado.

Implorei: cancele minha dívida.

— As putas fazem o serviço delas — disse Jack.

Sufoquei-o com um travesseiro.

Veredicto do legista/consenso da bandidagem: ataque cardíaco.

Sam Giancana — meu novo telefonador. Mickey C. como seu homem de frente: favores de policial, serviços de executor.

Meg sentiu alguma coisa. Mentir para ela, afastar toda a culpa. Sono — inquieto, suado.

O telefone — pegá-lo.

— Sim?

— Dave? Dan Wilhite.

Delegacia de Narcóticos — o chefe.

— O que é, capitão?

— É... merda, você conhece J.C. Kafesjian?

— Sem quem ele é. Sei o que ele é para o departamento.

Wilhite, baixo:

— Estou numa cena de crime. Não posso falar direito e não tenho ninguém para mandar, por isso liguei para você.

Acender as luzes.

— Diga o que é, eu vou.

— É... merda... é um roubo na casa de J.C.

— Endereço?

— South Tremaine 1684. É perto de...

— Sei onde é. Alguém chamou os detetives da Wilshire antes de ligar para você, certo?

— Certo, a mulher de J.C. Toda a família tinha saído à noite, mas Madge, a mulher, voltou primeiro. Viu que a casa tinha sido roubada e ligou para a delegacia de Wilshire. J.C., Tommy e Lucille — é a filha — chegaram e encontraram a casa cheia de detetives que não sabiam de nosso... hã... acordo com a família. Aparentemente foi algum idiota que invadiu a casa, e os caras da Wilshire estão enchendo o saco. J.C. ligou para minha mulher, ela deu uns telefonemas e me encontrou. Dave...

— Eu vou.

— Bom. Leve alguém, e conte um ponto na sua coluna.

Desliguei e telefonei pedindo apoio — Riegle, Jensen — ninguém atendeu. Sorte de merda — Junior Stemmons:

— Alô?

— Sou eu. Preciso de você para um serviço.

— Chamaram da delegacia?

— Não, é um serviço para Dan Wilhite. Fazer um afago em J.C. Kafesjian.

Junior assobiou.

— Ouvi falar que o filho dele é um verdadeiro psicopata.

— South Tremaine 1684. Espere por mim do lado de fora, eu coloco você em dia.

— Estarei lá. Ei, você viu o noticiário noturno? Bob Gallaudet nos chamou de "policiais exemplares", mas Welles Noonan disse que éramos "parasitas incompetentes". Disse que o fato de termos pedido bebida no serviço de quarto para as nossas testemunhas contribuiu para o suicídio de Johnson. Ele disse...

— *Esteja lá.*

Código 3, apoio sólido a Wilhite — ajudar o traficante sancionado pelo DPLA. Delegacia de Narcóticos/J.C. Kafesjian — vinte anos conectados — o velho chefe Davis o trouxe. Fumo, bolas, heroína — a escória do bairro negro como clientela. O serviço de dedo-duro garantiu a imunidade de J.C. E Wilhite bancava o cão de guarda; J.C. entregava traficantes rivais, segundo a nossa política: manter os narcóticos isolados ao sul de Slauson. Seu trabalho legítimo: uma cadeia de lavanderias a seco; o trabalho de seu filho: capanga supremo.

Atravessar a cidade até a casa: uma construção mourisca toda iluminada. Carros na frente: o Ford de Junior, uma unidade de patrulha.

Fachos de lanterna e vozes na entrada de veículos.

— Que merda, que merda — Junior Stemmons.

Estacionei, fui até lá.

Luz nos meus olhos. Junior:

— É o tenente.

Um fedor: talvez sangue velho. Junior, dois policiais à paisana.

— Dave, estes são o policial Nash e o sargento Miller.

— Cavalheiros, a Narcóticos vai assumir este caso. Voltem para a delegacia. O sargento Stemmons e eu faremos os relatórios, se necessário.

Miller:

— "Se necessário?" O senhor sentiu o *cheiro* daquilo?

Denso, ácido.

— Isso é um homicídio?

Nash:

— Não exatamente. O senhor não acreditaria no modo como aquele vagabundo Tommy Não-Sei-das-Quantas falou conosco. *Se for necess...*

— Voltem e digam que o comandante Dan Wilhite me mandou. Digam que esta é a casa de J.C. Kafesjian, de modo que não é um 459 padrão para vocês. Se isso não convencê-lo, peça que ele acorde o chefe Exley.

— Tenente...

Pegar uma lanterna, ir atrás do cheiro — nos fundos, até uma cerca de aramado. Porra — dois *dobermans* — sem olhos, gargantas cortadas, dentes mordendo trapos encharcados em produtos químicos. Estripados — entranhas, sangue — sangue pingando na direção de uma porta dos fundos arrombada.

Gritos dentro — dois homens, duas mulheres, Junior:

— Afastei os caras do esquadrão. Tremendo 459, hein?

— Conte como foi, não quero interrogar a família.

— Bom, estavam todos numa festa. A mulher teve uma dor de cabeça, por isso pegou um táxi para casa primeiro. Foi nos fundos prender os cachorros e os encontrou. Ligou para a Wilshire, e Nash e Miller vieram verificar. J.C., Tommy e a filha... os dois filhos também moram aqui... chegaram em casa e fizeram o maior estardalhaço quando descobriram policiais na sala.

— Você conversou com eles?

— Madge, é a mulher, me mostrou os danos, depois J.C. a fez se calar. Parece que roubaram uma prataria de herança, e os danos foram um negócio estranho. Você já viu isso? Eu nunca trabalhei num serviço como este.

Gritos, buzinas.

— Não é um serviço. E o que você quer dizer com “negócio estranho”?

— Nash e Miller etiquetaram tudo. Você verá.

Girei o facho da lanterna pelo quintal — pedaços de carne com espuma — cães envenenados. Junior:

— Ele deu aquela carne para eles comerem, depois os mutilou. Ficou cheio de sangue, depois deixou um rastro até a casa.

Segui-lo.

Marcas de arrombamento na porta dos fundos. Uma lavanderia — toalhas ensanguentadas descartadas — o ladrão se limpou.

A porta da cozinha intacta — ele abriu a fechadura. Sem mais sangue, a evidência na pia etiquetada: “Garrafas de uísque quebradas.” Gavetas de armário roubadas etiquetadas: “Prataria antiga.”

Eles:

— Sua puta, deixar policiais estranhos entrarem na nossa casa!

— Papai, por favor, não!

— Nós sempre chamamos Dan quando precisamos de ajuda!

Uma mesa da sala de jantar, pedaços de fotos de família em cima: “Fotos de família.” Sons de saxofone no segundo andar.

Andar pela casa.

Tapetes grossos demais, sofás de veludo, papel de parede com flocos. Condicionadores de ar nas janelas — estátuas de Jesus empoleiradas ao lado deles. Um tapete etiquetado: “Discos quebrados/capas de discos” — *The Legendary Champ Dineen: Soo Slow Moods; Straight Life: The Art Pepper Quartet; The Champ Plays the Duke.*

LPs junto de uma vitrola — empilhados direitinho.

Junior entrou.

— O que foi que eu disse, hein? Tremendo estrago.

— Quem está fazendo esse barulho?

— O sax? É Tommy Kafesjian.

— Suba e banque o bonzinho. Desculpe-se pela intrusão, se ofereça para ligar para o Departamento de Controle de Animais, por causa dos cachorros. Pergunte se ele quer uma investigação. Seja gentil, entendeu?

— Dave, ele é um criminoso.

— Não se preocupe, vou paparicar o velho dele ainda mais.

— PAPAI, NÃO! — ressoando através de portas fechadas.

— J.C., DEIXE A GAROTA EM PAZ!

De assustar — Junior *correu* escada acima.

— TUDO CERTO, SAIA — uma porta lateral batendo. “Papai” na minha cara.

J.C. de perto: um gordo sebento ficando velho. Troncudo, com marcas de varíola, arranhões sangrentos no rosto.

— Sou Dave Klein. Dan Wilhite me mandou para ajeitar as coisas.

Forçando a vista:

— O que é tão importante para ele não ter vindo pessoalmente?

— Nós podemos fazer isso como o senhor quiser, Sr. Kafesjian. Se quiser uma investigação, terá. Se quiser que procuremos digitais, talvez um nome, tudo bem. Se quiser vingança, Dan irá apoiá-lo em qualquer coisa razoável. Se está entendendo...

— Entendo o que quer dizer, e eu limpo minha própria casa. Trato estritamente com o capitão Dan, não com estranhos na minha sala.

Duas mulheres apareceram. Cabelos castanhos — tipos não sebentos. A filha acenou — unhas prateadas, gotas de sangue.

— Você viu minhas garotas, agora se esqueça delas. Elas não são para você conhecer.

— Alguma ideia de quem fez isso?

— Não é para você falar disso. Não é para você mencionar rivais nos negócios que poderiam querer me ferir e aos meus.

— Rivais no negócio de lavanderias?

— Não é para você fazer piadas! Olhe! Olhe!

Uma etiqueta na porta: “Roupas mutiladas.”

— Olhe! Olhe! Olhe! — J.C. puxou a maçaneta. — Olhe! Olhe! Olhe!

Olho: um pequeno armário. Calças três-quartos com as pernas arreganhadas, a virilha rasgada, pregadas nas paredes.

Manchadas — cheire só — sêmen.

— Isso não é para rir. Eu compro tantas roupas bonitas para Lucille e Madge que elas precisam deixar algumas aqui embaixo. O pervertido degenerado quis ferir as coisas bonitas de Lucille. *Olhe só.*

Coisa de puta de Tijuana:

— Bonito.

— Agora não é tão engraçado, garoto de recados do Dan Wilhite. Agora não ria.

— Ligue para o Dan. Diga o que quer que seja feito.

— Eu limpo minha própria casa!

— Roupas bonitas. Sua filha está fazendo faculdade?

Punhos fechando/veias saltando/arranhões na cara escorrendo — aquele escroto gordo e sebento se aproximando.

Gritos em cima.

Corri para lá. Um quarto dando para o corredor — ver os danos:

Tommy K. encostado na parede. Baseados no chão, o durão Johnny arrochando-o. Cartazes de bandeiras nazistas, um sax na cama.

Gargalhei.

Tommy deu um belo sorriso — o magrelo não sebento.

Junior:

— Ele *ostentou* essa maconha. Ele *ridicularizou* o departamento.

— Sargento, peça desculpas ao Sr. Kafesjian.

Meio beicinho, meio grito:

— Dave... Meu Deus... *Desculpe.*

Tommy acendeu um baseado e soprou fumaça na cara de Junior.

J.C., embaixo:

— Vão embora! Eu limpo a minha casa!

CAPÍTULO V

Sono ruim, nada de sono.

O telefonema de Meg me acordou: resolva o nosso atraso do aluguel. Nada de conversa sobre o vestido de seda.

— Claro, claro. — Desligar e convencer Jack Woods: vinte por cento de cada dólar de aluguel coletado. Ele me fez subir para 25 — concordei.

Telefonemas de trabalho: Van Meter, Pete Bondurant, Fred Turentine. Três sinais verdes: o apartamento de La Verne foi grampeado; um fotógrafo foi escondido no quarto. Diskant — seguido e entreouvido: bebidas no Ollie Hammond's Steakhouse, seis da tarde.

A isca estava pronta: *nosso amigo* comunista. Pete disse que a *Hush-Hush* tinha adorado: político comuna tropeça no próprio pau.

Liguei para a Narco — Dan Wilhite estava fora — deixei recado. Sono ruim, nada de sono — o pesadelo eram os Kafesjian. Junior ontem à noite, alívio cômico: "Sei que você acha que não estou à altura da Divisão, mas vou lhe mostrar, realmente vou lhe mostrar."

5:00 da tarde — foda-se o sono.

Lavei-me, verifiquei o *Herald* — Chavez Ravine expulsou meu morto da primeira página. Bob Gallaudet: "Os latino-americanos que perderem sua moradia serão bem compensados, e no fim um lar para os L.A. Dodgers servirá como ponto de orgulho para os moradores de L.A. de todas as raças, credos e cores."

De matar de rir — cortou minha ressaca de Kafesjian.

O Ollie Hammond's — tocaiar a entrada do bar, esperar.

Morton Diskant à porta, seis em ponto.

La Verne Benson chega às 6:03 — saia de tweed, meia até o joelho, cardigã.

6:14 — O Grande Pete B., empurrando o banco para trás.

— Diskant está com amigos, La Verne dois reservados depois. Dois segundos após entrar ela estava lançando olhares quentes para ele.

— Acha que ele vai cair?

— Eu cairia, mas, afinal de contas, adoro isso.

— Como o seu chefe?

— Pode dizer o nome dele: Howard Hughes. Ele é um sujeito ocupado. Como você.

— O cara era um escroto débil mental. Se não tivesse pulado, eu provavelmente iria empurrá-lo.

Pete bateu no painel do carro — mãos enormes — mataram de porrada um cara que falou demais num bar. O pessoal do xerife o encanou; Howard Hughes encontrou uma alma gêmea.

— *Você* anda ocupado?

— Mais ou menos. Coleto sujeira para a *Hush-Hush*, mantenho o Sr. Hughes fora da *Hush-Hush.* As pessoas tentam processar a *Hush-Hush*, eu as convenço do contrário. Procuro bocetas para o Sr. Hughes, escuto o Sr. Hughes falar aquelas merdas malucas sobre aviões. No momento o Sr. Hughes me mandou seguir uma atriz que rompeu com ele. Veja só: essa dona se mandou da *garçonnière* número um do Sr. Hughes, com um contrato de três vezes por semana, tudo para atuar num filme de terror vagabundo. Ela estava com um contrato de sete anos como escrava do Sr. Hughes, e ele quer que o contrato seja considerado violado por uma cláusula de moralidade. Dá para imaginar aquele porco escroto falando de moralidade?

— É, e você adora isso porque...

— Porque sou um tremendo porco, como você.

Ri, bocejei.

— Isso pode demorar a noite inteira.

Pete acendeu um cigarro.

— Não, La Verne é impetuosa. Ela vai se chatear e apertar o pau daquele comuna. Boa garota. Na verdade ela ajudou Turentine a arrumar os microfones.

— Como vai o Freddy?

— Está ocupado. Esta noite ele compromete esse comuna, na semana que vem grampeia uma sauna de veados para a *Hush-Hush.* O problema com Freddy T. é que ele é um porco beberrão. Foi fichado um monte de vezes por embriaguez, e na última o juiz o fez prestar serviço comunitário, dando aula de eletrônica para os internos de Chino. Klein, olhe.

La Verne na porta do bar — dois polegares para cima. Pete sinalizou de volta.

— Isso significa que Diskant vai se encontrar com ela depois de dispensar os amigos. Está vendo aquele Chevy azul? É dela.

Pus o carro em movimento — La Verne na frente — virada à direita na Wilshire. Em frente para o oeste — Sweetzer, norte pela Strip. Ruas secundárias

cheias de curvas, subindo os morros — La Verne parou num prédio de estuque com quatro apartamentos.

Medonho: luzes fortes no pátio, estuque *cor-de-rosa.*

Estacionei mais atrás — deixando espaço para o comunista.

La Verne rebolou até a porta. Pete mandou sinais amorosos com minha sirene.

Luzes do saguão acendendo e apagando. Luzes acesas na janela — apartamento da esquerda no andar de baixo. Barulho de festa: o apartamento em frente ao de La Verne.

Pete se espreguiçou.

— Você acha que Diskant é esperto para imaginar que este carro é da polícia?

La Verne abriu as cortinas, tirou a roupa, ficando só de penhoar e ligas.

— Não, ele só tem uma coisa na cabeça.

— Você está certo, porque ele adora isso. Digo que vai demorar menos de uma hora.

— Aposto vinte em quinze minutos.

— Está apostado.

Acomodamo-nos, olhos na janela. Tempo de calmaria, barulho de festa: músicas de shows, vozes. Bingo — um Ford castanho.

— Quarenta e um minutos — disse Pete.

Passei-lhe vinte. Diskant foi até lá, bateu na porta, tocou a campainha. La Verne, emoldurada pela janela: encontrões e amassos.

Pete uivou.

Diskant entrou.

Dez minutos tiquetaqueando devagar... luzes apagadas no ninho de amor de La Verne. Esperar o sinal do fotógrafo: clarões de flash naquela janela da frente.

Quinze minutos... vinte... vinte e cinco — uma unidade do xerife estacionando em fila dupla.

Pete me cutucou.

— Porra. Aquela festa. 116.84 do Código Penal da Califórnia. Reunião Barulhenta sem Permissão. *Porra.*

Dois policiais andando. Batidas com cassetete na janela do apartamento da festa.

Nenhuma resposta.

— Klein, essa porra não está boa.

Toc toc toc — na janela da frente de La Verne. O flash espoca — *a janela do quarto* — improvisação em péssima hora.

Gritos — nossa puta de pegar comunista.

Os policiais chutam a porta do saguão, escancarando-a — vou atrás dos escrotos, mostrando o distintivo...

Do outro lado do gramado, subindo a escada. Vislumbres tortuosos: o fotógrafo pulando uma janela sem a máquina fotográfica. Pelo saguão — jovens da festa se misturando — a porta de La Verne aberta bruscamente. Passei, vagabundos jogando bebidas na cara.

— Polícia, polícia!

Passei pela porta pingando uísque — um policial me pegou. Meu distintivo em sua cara:

— Divisão de Informação! DPLA!

O merda só ficou me olhando. Gritos no quarto...

Entrei correndo.

Diskant e La Verne brigando no chão — nus, rolando, esganando-se. Uma máquina fotográfica na cama; um escroto gritando:

— Ei! Vocês dois, parem com isso! Somos do Departamento do Xerife!

Pete entrou correndo — o escroto riu, familiar — reconhecimento de um conhecido. Pete ligeiro: tirou o palhaço dali rapidinho. La Verne versus o comuna: chutes, socos de maricas.

A máquina na cama: pegá-la, tirar o filme, lacrá-lo. Aperto o botão. Luz de flash nos olhos de Diskant.

Um comuna cego — La Verne soltou-se. Chutei-o e soquei-o — ele guinchou, piscou e focalizou — NO FILME.

Arrocho:

— Isso deveria ser algum tipo de armação, mas aqueles policiais interromperam. O senhor ia parar nos tabloides de escândalos, algo do tipo “Político Comunista Blablablá”. Se o senhor fizer sua parte isso não vai acontecer, porque sem dúvida eu odiaria que sua esposa visse este filme. Agora, o senhor tem certeza de que quer ser vereador?

Soluços.

Colocando o soco-inglês.

— Tem certeza?

Mais soluços.

Golpes nos rins — meu soco-inglês rasgou carne frouxa.

— *Tem certeza*?

O vermelho de beterraba balbuciando:

— Por favor, não me machuque!

Mais dois socos — Diskant arrotou espuma.

— Abandone amanhã. Agora diga que sim, porque não gosto disso.

— S... sim, p-p-p...

Que porra escrota — cheguei à sala controlando tremores. Nenhum policial, La Verne enrolada num lençol.

Pete, balançando os microfones dos grampos:

— Cuidei dos policiais, e Van Meter ligou pelo seu rádio. Você deve se encontrar com Exley na Divisão agora mesmo.

Centro da cidade. Exley à sua mesa.

Puxei uma cadeira, passei-lhe o filme.

— Ele vai sair da disputa, de modo que não precisaremos ir à *Hush-Hush.*

— Você gostou do trabalho?

— O senhor gostou de atirar naqueles crioulos?

— O público não faz ideia do que custa a justiça para o homem que a realiza.

— O que significa que...?

— O que significa obrigado.

— O que significa que tenho um favor chegando.

— Você já recebeu um, mas peça mesmo assim.

— O roubo das peles. Talvez seja fraude contra a seguradora, talvez não. De qualquer modo, quero trabalhar em casos.

— Não, eu lhe disse que é tarefa do Dudley Smith.

— É, você e Dud são tremendos amigos. E qual é esse favor que já recebi?

— Além de nenhuma reprimenda ou acusação interdepartamental por causa do Sanderline Johnson?

— Chefe, qual é!

— Destruí o relatório de autópsia de Johnson. O legista notou um machucado sem explicação, com fragmentos de tinta incrustados na testa dele, como se tivesse batido com a cabeça numa janela antes de pular. Não estou dizendo que você é culpado; mas outras pessoas, principalmente Welles Noonan, poderiam dizer. Fiz com que a ficha fosse destruída. E tenho um caso para você. Estou destacando-o imediatamente da Costumes, para que você trabalhe nele.

Joelhos fracos:

— Que caso?

— O roubo na casa de Kafesjian. Li o relatório de ocorrência da delegacia de Wilshire e decidi que quero uma grande investigação. Tenho toda consciência da história da família com o DPLA, e não me importo com o que o capitão Wilhite quer. Você e o sargento Stemmons estão destacados a partir de agora. Arroche a família, arroche os conhecidos deles. J.C. emprega um traficante chamado Abe Voldrich, por isso aproveite e dê uma prensa nele. Quero uma perícia completa e

os arquivos verificados em busca de invasões semelhantes. Comecem amanhã; com uma demonstração de força.

Fiquei de pé.

— Isso é uma porra maluca. Partir para cima do rei das drogas do Southside, que é sancionado por *nós*, quando o promotor federal pode estar planejando uma sindicância lá. Algum pervertido mata dois cachorros e toca punheta em cima de...

Exley, levantando-se/partindo com tudo:

— Faça isso. Destaque policiais da patrulha da Wilshire para investigar as redondezas e coloque o laboratório de criminologia no negócio. Stemmons não tem experiência de campo, mas use-o assim mesmo. *Demonstração de força.* E não me obrigue a me arrepender dos favores que lhe fiz.

CAPÍTULO VI

DEMONSTRAÇÃO DE FORÇA.

8 da manhã. South Tremaine 1684. Pessoal: equipe do laboratório, equipe de digitais, quatro policiais uniformizados.

Os uniformizados se espalharam: à procura de testemunhas de casa em casa, verificação de latas de lixo. Policiais de trânsito parados para afastar a imprensa.

Demonstração de força — a exuberância de Exley enfiada pelo rabo.

Demonstração de força — tolerância zero.

Compromisso com Dan Wilhite — um telefonema tenso. Falei que Exley tinha me obrigado; ele disse que o serviço era loucura — J.C. e o Departamento: vinte anos de lucros de ambas as partes. Eu devia a Dan; ele me devia — favores acumulados. Wilhite, apavorado:

— Eu me aposento daqui a três meses. Meus negócios com a família não suportarão um exame de fora da agência. Dave... você pode... ir com calma?

— Meu rabo em primeiro lugar, o seu em segundo.

— Vou ligar para J.C. e puxar a coleira dele.

8:04 — hora do espetáculo.

Radiopatrulhas, um furgão do laboratório. Patrulheiros, técnicos. Curiosos a rodo, crianças.

A entrada de veículos — levei os caras do laboratório para os fundos. Ray Pinker:

— Liguei para o Departamento de Controle de Animais. Eles disseram que não receberam relatórios de cães mortos neste endereço. Acha que as pessoas plantaram os bichos em algum cemitério de animais de estimação?

Dia de lixo — latas enfileiradas no beco.

— Talvez, mas verifique essas latas atrás da cerca dos fundos. Não creio que o velho Kafesjian seja tão sentimental.

— Ouvi dizer que ele é um doce. Nós encontramos os cachorros, e depois?

— Peguem amostras de tecidos para descobrir com o que eles foram envenenados. Se ainda estiverem com panos na boca, tente descobrir qual era o produto químico; cheirava a clorofórmio. Preciso de dez minutos para conversar com J.C., depois quero que você entre e pegue fibras na cozinha, na sala de estar e na de jantar. Depois mande os caras das digitais entrarem, e diga a eles que é

só embaixo; não creio que o ladrão tenha subido. Ele esporrou numas calças três-quartos, de modo que se o papai não as jogou fora você pode examinar o sêmen em busca do tipo sanguíneo.

— Meu Deus!

— É, meu Deus. Escute, se ele realmente jogou a calça fora, ela deve estar numa daquelas latas de lixo. Calça de cor pastel, rasgada na virilha, não é coisa comum. E, Ray? Quero um relatório belo e gordo sobre tudo isso.

— Não me sacaneie. Você quer que eu embrome o relatório, é só dizer.

— Embrome. Não sei o que Exley quer, então vamos lhe dar algo para mastigar.

Madge na porta dos fundos, olhando para fora. Maquiagem pesada — *Pan-cake* sobre os hematomas.

Ray me cutucou.

— Ela não parece armênia.

— Não é, e os filhos também não parecem. Ray...

— Certo, vou embromar o relatório.

De volta à rua — curiosos em bandos. Junior e Tommy K. se encarando.

Tommy, na varanda: camisa colorida, calças justas, sax.

Junior com seu novo ar: cão espancado e um tanto maligno.

Abordei-o, bancando o paizão.

— Ande, não deixe esse cara chatear você.

— É aquele jeito dele. Como se soubesse alguma coisa que não sei.

— Esqueça isso.

— Você não precisou ficar de quatro para ele.

— Eu não desobedeci meu comandante.

— Dave...

— Dave nada. Seu pai é um inspetor, ele colocou você na Divisão, e meu comando na Costumes fazia parte do trato. É um jogo. Você deve ao seu pai, eu devo ao seu pai, eu devo a Dan Wilhite. Nós dois devemos ao Departamento, de modo que temos de fazer as coisas como se Exley tivesse ficado maluco com esse trato. Está entendendo?

— Estou. Mas o jogo é seu, então só não me diga que isso está certo.

Dar um tapa na porra da cara dele — não — não dar.

— Se vier com essa merda idealista para cima de mim eu entrego ao seu pai um relatório de adaptação que irá jogar você de volta para um serviço de professor em tempo recorde. *Meu jogo o colocou onde você está.* Você participa ou verá “presença de comando ineficaz”, “extremamente instável” e “má compostura em situações de estresse” sobre a mesa do papai esta noite. Você escolhe, sargento.

Bravata de vagabundo:

— *Eu estou jogando.* Liguei para o setor de penhores e dei uma descrição da prataria, e consegui uma lista das lavanderias de Kafesjian. Três para você, três para mim, as perguntas de sempre?

— Bom, mas primeiro vejamos o que os patrulheiros vão descobrir. Então, depois de você ir nas suas três, vá ao centro da cidade e verifique os arquivos de roubos a residências e os do Departamento do Xerife, em busca de 459s com *modus operandi* semelhante. Se descobrir algum, ótimo. Se não, verifique homicídios não solucionados; talvez esse palhaço seja a porra de um assassino.

Um fedor, nuvens de moscas — homens do laboratório tiraram os cães, pingando lixo.

— Acho que você não me diria essas coisas se não se importasse.

— Isso mesmo.

— Você vai ver, Dave. Vou me garantir neste caso.

Tommy K. buzinou seu sax — espectadores aplaudiram. Tommy fez uma reverência e coçou o saco.

— Ei, tenente! Venha conversar comigo!

J.C. na varanda, estendendo uma bandeja.

— Ei! Temos uma coisinha para animar.

Fui. Cerveja em garrafa — Tommy pegou uma e gorgolejou. Verifiquei seus braços: marcas de pico, tatuagens de suástica.

J.C. sorriu.

— Não diga que é cedo demais para você.

Tommy arrotou.

— Schlitz, Café da Manhã dos Campeões.

— Cinco minutos, Sr. Kafesjian. Só algumas perguntas.

— Tudo bem. O capitão Dan disse que você é legal, que essa coisa não foi ideia sua. Siga-me. Tommy, vá oferecer o Café da Manhã dos Campeões aos outros homens.

Tommy pegou a bandeja como se fosse garçonete de drive-in. J.C. fez uma reverência, estilo siga-me.

Segui-o até o escritório: paredes forradas de pinho, estantes de armas. Verifiquei a sala — os homens das digitais, Tommy garçonete engolindo cerveja.

J.C. fechou a porta.

— Dan me disse que isso é só para manter as aparências.

— Nem tanto. Este é um caso de Ed Exley, e as regras dele são diferentes das nossas.

— Nós fazemos negócios, o seu pessoal e o meu. Ele sabe disso.

— É, e dessa vez está alterando as regras. Ele é o chefe dos detetives, e o chefe Parker deixa-o fazer o que quiser. Vou tentar ir com calma, mas o senhor terá de jogar de acordo.

J.C.: sebento e feio. Arranhões na cara — sua própria filha o gadanhou.

— Por quê? O Exley é maluco?

— Não sei por que, o que é uma pergunta tremendamente boa. Exley quer um tratamento de caso importante nisso aqui, e ele é um detetive muito melhor do que eu. Só posso embromá-lo até certo ponto.

J.C. deu de ombros.

— Você é inteligente, tem mais tutano. Você é advogado, é unha e carne com Mickey Cohen.

— Não, eu soluciono coisas, Exley *comanda* as coisas. Quer inteligência? Exley é o melhor detetive que o DPLA já viu. Ande, me ajude. Você não quer policiais comuns farejando por aqui, eu entendo isso. Mas um ladrão de merda invade esta casa e rasga...

— Eu limpo a minha casa! Tommy e eu vamos encontrar esse cara!

Calma agora:

— Não. *Nós* o encontramos, então talvez Dan Wilhite lhe dê uma chance. Sem encrenca, tudo na legalidade.

A cabeça balança não-não.

— Dan disse que você tem perguntas. Você pergunta, eu respondo. Eu participo do jogo.

— O senhor não vai cooperar?

— Eu coopero.

Bloco de anotações.

— Quem fez isso? Alguma ideia?

— Não — na bucha, dando a entender nada.

— Inimigos, dê nomes.

— Nós não temos inimigos.

— Vamos lá, o senhor vende drogas.

— Não diga esta palavra na minha casa!

CALMA AGORA:

— Vamos chamar isso de negócios. Rivais nos negócios, que não gostem do senhor.

Sacudidas de punho não-não.

— Vocês fazem as regras, nós jogamos direito. Nós negociamos direito, de modo que não fazemos inimigos.

— Então vamos tentar o seguinte: o senhor é o que chamamos de informante subornado. Pessoas assim fazem inimigos. Pense nisso e me dê alguns nomes.

— Palavras bonitas para dizer dedo-duro, entregador, delator.

— Nomes, Sr. Kafesjian.

— Homens na cadeia não invadem belas casas de família. Não tenho nomes para você.

— Então falemos dos inimigos de Tommy e Lucille.

— Meus filhos não têm inimigos.

— Pense. Esse cara invade sua casa, quebra discos e mutila as roupas de sua filha. Aqueles discos pertenciam ao Tommy?

— Sim, eram os long-plays de Tommy.

— Certo. E Tommy é músico, de modo que talvez o ladrão tivesse um ressentimento contra ele. Queria destruir coisas dele e de Lucille, mas por algum motivo não foi ao andar de cima, aos quartos deles. Então, inimigos *deles.* Antigos colegas de música, antigos namorados de Lucille. *Pense.*

— Não, nenhum inimigo — baixo, digamos que o seu cérebro tenha feito uma conexão.

Mudança:

— Vou precisar das suas digitais e de sua família. Precisamos compará-las com as que o ladrão possa ter deixado.

Ele pegou uma carteira de dinheiro.

— Não. Não está certo. Eu limpo minha...

Fechei a mão dele com um aperto.

— Faça como quiser. Só lembre que este é um show do Exley, e eu devo mais a ele do que ao Wilhite.

Ele soltou a mão e fez um leque de notas de cem. Falei:

— Foda-se. Foda-se sua família sebenta.

Ele rasgou dois mil na maior facilidade.

Saí depressa antes que o negócio piorasse.

CAPÍTULO VII

Trabalho de merda.

Pinker etiquetou os cachorros. Os caras das digitais conseguiram marcas; parciais. A multidão se dispersou; policiais uniformizados faziam perguntas. Junior juntava relatórios: nada de quente naquela noite, papo arquetípico dos Kafesjian.

Vejam só: brigas familiares épicas, barulho de sax a noite inteira. J.C. molhava o gramado vestido apenas com suporte atlético. Tommy mijava pela janela do quarto. Madge e Lucille: adoravam gritar e dar chiliques. Hematomas, olhos pretos — item padrão.

Tempo lento — que se arraste.

Lucille e Madge decolaram — *adiós* num Ford Vicky cor-de-rosa. Tommy treinou escalas — os homens do laboratório colocaram protetores de ouvido. Latas de cerveja pela janela — Almoço dos Campeões.

Junior pegou o *Herald.* Um anúncio de Morton Diskant: entrevista coletiva, esta noite às seis.

Tempo para matar — fui ao furgão do laboratório, olhei os técnicos trabalhando.

Corte de tecidos, extração — nosso garoto enfiou os olhos dos cães pela garganta deles. De volta ao meu carro, um cochilo — o sono ruim por duas noites seguidas me deixou exausto.

— Dave, acorde e sorria! — Ray Pinker, cedo demais, droga.

Acordo bocejando.

— Resultados?

— Sim, e interessantes. Não sou médico, e o que fiz não foi uma autópsia, mas acho que posso remontar algumas coisas de modo conclusivo.

— Ande. Diga agora, depois me mande um relatório resumido.

— Bom, os cães foram envenenados com hambúrguer temperado com trictozina sódica, comumente conhecida como veneno para formigas. Encontrei fragmentos de borracha de luva nos dentes e nas gengivas deles, o que me leva a acreditar que o ladrão jogou a carne para eles, mas não esperou que morressem para mutilá-los. Você me disse que eles estavam fedendo a clorofórmio, lembra?

— É. Achei que eram os trapos na boca deles.

— Até agora você chegou perto. Mas não era clorofórmio, era cloreto de stelfactiznide, um produto químico para lavagem a seco. Bom, J.C. Kafesjian é dono de uma rede de lavanderias a seco. Interessante?

O sujeito invadiu a casa, roubou e destruiu. Um psicopata, mas organizado — sem bagunça. Ousado: e consumindo tempo. Merda maluco psicopata: *e* organizado, preciso.

— Você está dizendo que ele podia conhecer a família, poderia trabalhar numa das lavanderias?

— Certo.

— Encontrou a calça da garota?

— Não. Encontramos pano queimado na lata de lixo, junto com os cachorros, de modo que não há como testar o sêmen em busca do tipo sanguíneo.

— Merda. Calças fritas parecem coisa de J.C.

— Dave, escute. Isso beira a uma teoria, mas eu gosto.

— Prossiga.

— Bom, os cães foram queimados quimicamente ao redor dos olhos, e os ossos dos focinhos estavam quebrados. Acho que o ladrão os debilitou com o veneno, travou os focinhos e tentou cegá-los ainda vivos. A stelfactiznide causa cegueira se aplicada no local, mas eles se agitaram muito e o morderam. Morreram do veneno, então ele os estripou *post-mortem.* O sujeito tinha alguma fixação nos olhos dos bichos, por isso arrancou-os cuidadosamente, enfiou-os garganta abaixo, depois enfiou na boca os trapos encharcados de substância química. Todos os quatro globos oculares estavam saturados com aquele cloreto. E assim dou por encerrada minha apresentação.

Junior e um policial uniformizado encostando-se.

— Dave...

Corto-o.

— Ray, você *alguma vez* ouviu falar de tortura de cães de guarda num 459?

— Nunca. E não consigo imaginar um motivo.

— Vingança?

— Vingança.

— Dave...

— *O quê*?

— Este é o policial Bethel. Policial, conte ao tenente...

Nervoso — um recruta.

— Bem... senhor, tive duas confirmações de um vagabundo rondando este quarteirão na noite do roubo. O sargento Stemmons me mandou verificar as casas onde antes não havia ninguém. Uma velha me disse que ligou para a Wilshire, e um homem disse que também viu.

— Descrição?

— Só um branco jovem. Nenhum outro detalhe, mas mesmo assim liguei para a delegacia. Eles mandaram um carro. Não tiveram sorte, e nenhum vagabundo branco foi preso ou fichado em qualquer parte da divisão naquela noite.

Uma pista — empurrá-la para o Junior.

— Ligue para a Wilshire e consiga mais quatro homens para verificar endereços onde antes não havia gente em casa, digamos que a partir das seis horas. Peça que busquem descrições de possíveis vagabundos rondando a área. Verifique as fichas que mandei e vá nas três primeiras lavanderias da sua lista. Ray?

— Sim, Dave.

— Ray, conte ao Stemmons aqui a sua ideia dos produtos químicos. Junior, aborde esse ângulo com os empregados das lavanderias. Se conseguir um suspeito, não faça algo estúpido como matá-lo.

— Por que não? Quem com ferro fere com ferro será ferido.

— Seu merda idiota, eu quero ouvir o que é que esse cara tem a ver com os Kafesjian.

Três lavanderias E-Z Kleen — a mais perto na South Normandie 1248. Fui até lá — o Ford cor-de-rosa estava na frente.

Estacionei em fila dupla; um cara saiu rapidamente, parecendo ansioso. Identifico: Abe Voldrich, importante capanga de Kafesjian.

— Por favor, detetive. Eles não sabem nada sobre essa invasão de domicílio. Ligue para Dan Wilhite, fale com ele sobre... é...

— Ramificações?

— É, esta é uma boa palavra. Detetive...

— Tenente.

— Tenente, deixe isso pra lá. É, a família tem inimigos. Não, eles não vão lhe dizer quem são. O senhor poderia perguntar ao capitão Dan, mas duvido que ele dissesse.

Escrotozinho esperto.

— Então não falaremos de inimigos.

— Agora estamos nos entendendo!

— Que tal cloreto de stelfactiznide?

— O quê? Agora o senhor está falando grego comigo.

— É um produto para lavagem a seco.

— Essa parte dos negócios não conheço.

Entrando:

— Quero uma lista de empregados; de todas as lavanderias.

— Não. Nós contratamos estritamente gente de cor para o trabalho de lavagem e passagem, e a maioria está sob condicional e *sursis.* Não vão gostar de o senhor fazendo perguntas.

Crime de crioulo — não — não parecia.

— Vocês têm vendedores de cor?

— Não. J.C. não confia neles quando se trata de dinheiro.

— Deixe-me verificar seu depósito.

— Procurando esse tal produto químico? Por quê?

— Os cães de guarda foram queimados com ele.

Suspirando:

— Vá, só não arroche os empregados.

Contornei o balcão. Uma pequena oficina nos fundos: passadeiras, tanques, negras dobrando roupas. Prateleiras nas paredes: frascos, garrafas.

Verifiquei rótulos — duas passadas, uma identificação: cloreto de stelfactiznide, crânio e tíbias cruzadas.

Cheirei uma garrafa — fedor familiar — meus olhos queimaram. Coloco de volta, ando à toa — as mulheres poderiam dar a entender alguma coisa. Sem sorte — só olhos escravos se desviando. Voltei para a frente, suando.

Lucille no balcão, pendurando saias. *Bump, bump,* sacudidas da bunda ao ritmo de um rádio. *Bump,* vislumbre: um sorriso *vamp.*

Sorri de volta. Lucille manteve a boca fechada, jogou longe uma chave de mentirinha. Lá fora: Voldrich e Madge. Mamãe K.: maquiagem molhada, lágrimas.

Fui até o carro. Sussurros — não pude ouvir merda nenhuma.

Achei um telefone público — fodam-se as lavanderias E-Z Kleen.

Liguei para a Delegacia de Costumes e deixei recado para Junior: telefone para Dan Wilhite, pegue uma lista das pessoas deduradas por Kafesjian. Provavelmente inútil — ele recusaria, doido para aplacar J.C. Um recado *de* Junior: ele esteve verificando, soube que o stel-não-sei-que-porra era um produto químico usado em lavanderias a seco no mundo inteiro.

De volta à South Tremaine — uma radiopatrulha na frente. Bethel acenou para mim.

— Senhor, conseguimos mais duas confirmações do vagabundo que andou espreitando anteontem à noite.

— Mais detalhes sobre a descrição?

— Não, mas parece que ele também é um voyeur. Recebemos a mesma descrição: branco, jovem, e as duas pessoas disseram que ele estava xeretando nas janelas.

Penso: roubo/ferramentas de mutilação.

— Eles disseram que o sujeito estava carregando alguma coisa?

— Não, senhor, mas acho que ele poderia estar com o material de arrombamento escondido na roupa.

— Mas as pessoas não fizeram denúncias.

— Não, senhor, mas consegui uma pista que pode ter a ver.

Incentivei:

— Então conte, policial.

— Bom, a mulher da casa logo em frente, do outro lado da rua, disse que algumas vezes Lucille Kafesjian dança nua diante da janela do quarto. O senhor sabe, com luzes acesas por trás, à noite. Disse que ela faz isso quando os pais e o irmão saem à noite.

Adivinhando:

Lucille exibicionista, o voyeur/vagabundo/ladrão de residência com fixação na família.

— Bethel, você vai acabar chegando em algum lugar.

— Ah... sim, senhor. Aonde?

— Em termos gerais. Mas por enquanto fique aqui. Continue voltando aos endereços onde não havia ninguém antes. Tente melhorar a descrição do voyeur. Entendeu?

— Sim, senhor!

Trabalho de merda sobre rodas.

Delegacia de Wilshire, verificação de papelada; fichas de prisão, de *modus operandi*, de identificação. Resultados: jovens brancos que gostam de xeretar em janelas — zero. Ladrões que trucidam cachorros — zero.

Delegacia da Universidade, prisões, *modus operandi* — chongas. Fichas de identificação, três recentes: um branco “meio jovem”, “estatura mediana” foi visto xeretando motéis de putas. *Meu* voyeur? — talvez — mas:

Nenhum endereço de motel — só “South Western Avenue”. Nenhum nome de denunciante ou número de distintivo citado.

Nenhum lugar para ir agora.

Liguei para a delegacia da rua 77. O chefe do esquadrão, entediado:

Nenhuma morte de cachorro. Um jovem branco, xeretando, andando sobre telhados: motéis de alta rotatividade, boates de jazz. Nenhuma prisão, nenhum

suspeito, nenhuma ficha de identificação — o esquadrão estava criando um novo sistema de fichas. Ele me passaria o local dos motéis e das boates — se e quando encontrasse.

Os discos de *jazz* de Tommy K. quebrados?

Mais telefonemas: Cadeia Central, Setor de Pesquisas e Informações do Departamento do Xerife. Resultados: nenhuma prisão de alguém que matou cães este ano; zero com relação a jovens brancos voyeurs/ladrões. Ladrões presos pós-Kafesjian: nenhum branco envolvido.

Telefonemas — um telefone público durante três horas — cada esquadrão do DPLA e do xerife verificados. Merda: nenhum branco voyeur sob custódia: dois imigrantes ilegais matadores de cães devolvidos ao México.

Esperando: o arquivo de pervertidos da Divisão.

Fui para o centro da cidade. Uma verificada na minha sala — nenhum recado, um relatório sobre a mesa.

CONFIDENCIAL
30/10/58
PARA: TENENTE DAVID D. KLEIN
DE: SARGENTO GEORGE STEMMONS, JR.
TÓPICO: KAFESJIAN/459 C.P.
947.1 (CÓDIGO DE SAÚDE E SEGURANÇA — MUTILAÇÃO DE ANIMAIS)

SENHOR:

Como foi ordenado, verifiquei os arquivos do Bureau Central e do xerife em busca de algum 459 semelhante ao nosso. Não havia nenhum listado. Também fiz uma verificação cruzada de criminosos 947.1 (havia muito poucos listados) comparando com os 459, e não encontrei qualquer nome que estivesse em ambos. (O 947.1 mais jovem está atualmente com 39 anos, o que não condiz com a pista do vagabundo que o policial Bethel nos deu.) Também verifiquei dossiês de homicídio na cidade e no estado, remontando a 1950. Nenhum 187 ou 187/roubo semelhante ao MO do nosso criminoso.

Com relação ao capitão Wilhite. Pedi-lhe “diplomaticamente” que nos fornecesse uma lista de traficantes/viciados denunciados pelos Kafesjian, e ele disse que as denúncias deles nunca eram fichadas, que não eram mantidos registros para proteger a família. O capitão Wilhite ofereceu um nome, um homem que foi recentemente denunciado por Tommy Kafesjian: o vendedor de maconha Wardell Henry Knox, negro, empregado como barman em várias boates de jazz. Os policiais do capitão Wilhite não conseguiram

localizar Knox. Knox foi recentemente assassinado (crime não resolvido). Era um homicídio de negro contra negro que presumivelmente recebeu investigação superficial.

Quanto às lavanderias E-Z Kleen: em todos os três locais os empregados se recusaram cabalmente a falar comigo.

Voltando ao capitão Wilhite. Francamente, acho que ele mentiu sobre o fato de as denúncias feitas pelos Kafesjian não serem fichadas. Ele demonstrou desprazer pela discussão do senhor com J.C. Kafesjian, e me disse ter ouvido boatos de que serão feitas sindicâncias federais centrando-se nas vendas de drogas no sul e no centro de Los Angeles. Expressou preocupação com a possibilidade de a relação do DPLA com a família Kafesjian se tornar pública e desacreditar o Departamento e os policiais da Delegacia de Narcóticos envolvidos com a família.

Espero outras ordens.

Respeitosamente,
Sgt. George Stemmons, Jr.
Distintivo 2104
Delegacia de Costumes

Junior — meio esperto quando queria. Deixei-lhe um bilhete: o voyeur; novidades sobre Lucille, a stripper. Ordens: volte à casa, fale com os policiais que estão entrevistando nas redondezas, evitar a família.

Travado — examinar o arquivo de pervertidos. Coisas com cachorros/invasão de domicílios/voyeurs, ver o que apareceu:

Um fuzileiro que trepa com pastores-alemães. O Doutor “Cão”: preso por aplicar na filha uma injeção de pus de beagle. Matadores de cães — nenhum combinando com a descrição do meu homem. Comedores de cachorros, chupadores de cachorros, espancadores de cachorros, cultuadores de cachorros, um escroto que esquartejou a esposa vestido de Pluto. Cheiradores de calcinhas, gente que caga em pias, punheteiros — só que esporram em lingerie. Ladrões veados, travestis invasores de domicílios, “Rita Hayworth” — vestido de Gilda, cabelo tingido, apanhado chupando um bebê cloroformizado. A idade certa — mas um cara cortou o seu pau, ele se matou, enterro em San Quentin vestido de mulher. Voyeurs: janelas, claraboias, telhados — o cara do telhado imita o número de um irmão chinês. Nenhum estripador de cães de guarda, os vagabundos pareciam passivos, apanhados com o pau na mão e choramingando. Darryl Wishnick, um *modus operandi* bonitinho: voyeur, arromba, invade, estupra, cães de guarda acalmados com carne temperada com barbitúrico —

pena ter morrido de sífilis em 56. Um vislumbre: voyeurs bancavam os passivos, meu sujeito matava caninos maus.

Nenhum salto.

5:45 — travado, faminto. O negócio é o Rick's Reef — talvez Diskant na TV.

Fui de carro até lá, engoli *pretzels* no balcão. Notícias da TV. Chavez Ravine, mortes no trânsito, o Comunista.

Aumentar o volume:

— ...e assim, estou abandonando a disputa por motivos pessoais. Thomas Bethune será reeleito por antecipação, o que espero fervorosamente não garanta a tomada dos terrenos de Chavez Ravine. Continuarei a protestar contra isso como cidadão comum. Eu...

Nenhum lugar aonde ir — só um passeio. Sul — algum ímã me puxava.

Figueroa, Slauson, Central. Um Plymouth cinza, de policial, atrás de mim — digamos que do Departamento de Investigações Internas, ordenado por Exley. Apertei o acelerador — *adiós,* talvez o carro estivesse me seguindo.

Área de voyeurs — boates, hotéis de alta rotatividade. Bido Lito's, Klub Zamboanga, Club Zombie — telhados baixos, bons para subir. Lucky Time Motel, Tick Tock Motel. Fácil de xeretar: acesso ao telhado, arbustos altos. Um estalo no cérebro: pegar Lester Lake no Tiger Room.

Fiz um retorno. Olhei o retrovisor, merda — um Plymouth cinza parou subitamente.

Investigações Internas ou Narcóticos? Bandidos me seguindo?

Ruas secundárias — evasiva malandra — o show de Lester acabava às oito em ponto. Lester Lake: inquilino, informante. Dedo-duro barato — ele me devia.

Outono de 52.

Um telefonema de Harry Cohn, figurão do cinema. Meu rótulo de "Executor" o intrigou; ele achou que "Klein" significava que eu fosse judeu. Um *crooner* crioulo estava comendo sua namorada — apagá-lo por dez mil.

Eu disse não.

Mickey Cohen disse não.

Cohn ligou para Jack Dragna.

Eu soube que pegaria o serviço — sem direito a recusa. Mickey: uma atração por xota barata não vale morte — mas Jack insiste.

Liguei para Jack: isso é uma merda insignificante, não estabelece um padrão. Arroche Lester Lake — não o mate.

Jack disse *você* o arroche.

Jack disse leve os irmãos Vecchio.

Jack disse leve o crioulo a algum lugar, corte suas cordas vocais...

Engoli em seco — uma fração de segundo:

— Ou eu entrego você pelo que aconteceu com Trombino e Brancato. Arrasto o nome da puta da sua irmã pela lama.

Peguei Lester Lake em seu cafofo: vai ser cortado ou morto — escolha. Lester disse: corte, depressa, por favor. Os Vecchio apareceram — Toque trazia um bisturi. Alguns goles para afrouxar o clima — para Lester uma dose de nocautear.

Anestesia — Lester gemeu chamando mamãe. Chamei um médico cassado pelo conselho profissional — cirurgia em troca de não acusação de aborto. Lester se curou; Harry Cohn encontrou uma namorada nova: Kim Novak.

A voz de Lester passou de barítono para tenor — agora só andava atrás de xotas crioulas. Toque trazia os namorados para ouvi-lo.

Lester disse que me devia. Nosso trato: moradia no meu prédio só de crioulos — aluguel reduzido em troca de boas informações. Sucesso: ele vigiava os crioulos e dedurava *bookmakers*.

A boate — fachada com listras de tigre, um porteiro com smoking tigrado. Dentro: paredes forradas de pele de tigre, garçonetes vestidas de tigre. Lester Lake no palco, cantando *Blue Moon* em altos brados.

Peguei um reservado, chamei uma tigresa.

— Dave Klein, para falar com Lester.

Ela disparou para trás do palco — máquinas caça-níqueis ressoaram pela porta. Lester: reverências falsamente humildes, aplausos estrondosos.

Luzes da casa acesas, veja só: negros esparramados em reservados com pele de tigre. Lester aqui, segurando um prato.

Frango e waffles — pingando gordura.

— Olá, Sr. Klein. Eu ia ligar para o senhor.

— Você está com o aluguel atrasado.

Ele se sentou.

— É, e vocês, donos de cortiços, não dão folga. Mas poderia ser pior. O senhor poderia ser um judeu dono de cortiço.

Olhos na nossa direção.

— Eu sempre me encontro com você em público. O que as pessoas acham que estamos fazendo?

— Ninguém pergunta, nunca, mas acho que imaginam que o senhor ainda coleta apostas para Jack Woods. Eu sou apostador, de modo que acho que é isso. E, falando de Jack, ele estava coletando os seus aluguéis esta tarde, o que me fez

querer ligar para o senhor antes que ele viesse para cima de mim como foi para cima daquele pobre coitado mais adiante no corredor.

— Me ajude e deixo você sair dessa.

— Quer dizer: o senhor pergunta e eu respondo.

— Não. Primeiro você se livra dessa gororoba, depois eu pergunto e você responde.

Uma tigresa passou — Lester deixou seu prato e pegou um copo com bebida. Um gole, um arroto:

— Então pergunte.

— Comecemos com ladrões de residências.

— Certo, Leroy Coates, saiu sob condicional e está gastando dinheiro. Wayne Layne, viciado, cafetiniza a mulher para pagar o vício. Alfonzo Tyrell...

— Meu cara é branco.

— É, mas eu me mantenho no lado escuro da cidade. A última vez em que *eu* ouvi falar de um ladrão de domicílios branco foi nunca.

— É justo, mas eu diria que esse cara é um psicopata. Ele cortou dois *dobermans*, só roubou prataria, mas estraçalhou algumas coisas da família. O que acha?

— Nada. Não sei de nada sobre um maluco assim, a não ser que não é preciso ser Einstein para achar que ele tem alguma inclinação por essa família. Wayne Layne caga em máquinas de lavar, e ele é o invasor de residências mais maluco que já vi.

— Certo, voyeurs então.

— O quê?

— Gente que gosta de olhar. Caras que sentem tesão olhando através de janelas. Tenho relatórios de voyeurs apanhados no local do roubo *e* por todo o Southside; motéis de alta rotatividade e boates de jazz.

— Vou perguntar por aí, mas não sei se vou conseguir o bastante para o seu mês de aluguel.

— Vamos tentar Wardell Henry Knox. Ele vendia maconha e trabalhava de garçom em boates de jazz, presumivelmente aqui.

— Presumivelmente, porque as boates de brancos não iriam contratar o sujeito. E *trabalhava* é correto, porque ele foi apagado há alguns meses. Pessoa ou pessoas desconhecidas, só para o caso de o senhor querer saber quem fez.

Barulho de vitrola automática perto demais — puxei o fio — silêncio instantâneo.

— Eu sei que ele foi assassinado.

Crioulos indignados murmurando — fodam-se.

— Sr. Klein, suas perguntas estão se afastando muito do caminho. Mas acho que posso imaginar um motivo para o Wardell.

— Estou ouvindo.

— Boceta. O velho Wardell tinha sangue de cão de caça. Ele era o supremo chefe dos caçadores de bocetas. Se o coração estivesse batendo, ele dava em cima. Nem queria saber. Devia ter um milhão de inimigos. Seria capaz de foder uma pilha de madeira pela chance de haver uma cobra lá dentro. Ele usava e abusava, mas nunca desperdiçava. Ele...

— Já chega, meu Deus.

Lester piscou.

— Pergunte alguma coisa que eu possa saber.

De perto.

— A família Kafesjian. Você tem de saber mais do que eu.

Lester falou baixo:

— Sei que eles são unha e carne com o seu pessoal. Sei que eles só vendem para negros e para qualquer coisa que não seja o que vocês chamam de gente branca e direita, porque é assim que o chefe Parker gosta das coisas. Bolas, fumo, heroína, eles são *o* fornecedor número um no Southside de L.A. Sei que emprestam dinheiro e lucram com deduragens, o senhor sabe, traficantes independentes que eles possam entregar ao DPLA, porque isso faz parte da barganha deles com o seu pessoal. Agora, *sei* que J.C. e Tommy contratam uns negros de aparência honesta para repassar o bagulho, e Tommy é que controla o rebanho. E quer uma coisa maluca? Experimente Tommy K. Ele anda com as negras do Bido Lito’s e toca aquele sax tenor medonho lá, quando deixam, o que acontece frequentemente, porque quem quer recusar alguma coisa para um sujeito maluco, nem que seja um magrelo desprezível como Tommy? Tommy é maluuuuco. É um espírito maligno. É o principal capanga de Kafesjian, e ouvi dizer que é tremendamente bom com uma faca. Também ouvi dizer que é capaz de fazer qualquer coisa para ficar bem com a Delegacia de Narcóticos. Ouvi dizer que ele apagou um motorista bêbado que atropelou a filha de um cara da Narcóticos.

Maluuuco.

— Só isso?

— E não basta?

— E a irmã de Tommy, Lucille? Ela é doida, desfila pelada pelo quarto.

— E eu digo: e daí? É uma pena Wardell estar morto, ele provavelmente ia querer olhar. Talvez ela goste de ver a coisa preta, como o irmão. Eu mesmo comeria a dona, só que da última vez em que provei carne branca tive a garganta cortada. O senhor devia saber, porque estava lá.

Trinados de vitrola automática — o próprio Lester — alguém recolocou a tomada.

— Eles deixam você colocar suas músicas naquilo?

— Chick e Toque Vecchio deixam. Eles são mais sentimentais com relação à velha época da garganta cortada do que Dave Klein, o senhor dos cortiços. Enquanto eles cuidarem dos caça-níqueis e das máquinas de vendas para o Sr. Cohen, a interpretação de Lester Lake para *Harbor Lights* estará naquela vitrola automática. O que me faz pensar, porque nas últimas duas semanas uns caras com jeito de ser de fora da cidade estão cuidando das máquinas, o que pode ser ruim para o velho Lester.

Those haaarbor lights — pura xaropada.

— Mickey deve se cuidar, talvez os federais venham verificar a maquinaria por aqui. E alguém já lhe disse que você canta que nem um homossexual? Como um Johnnie Ray desempregado?

Uivando:

— Já, as minhas amigas. Eu deixo elas pensarem que tenho tendência para veado, então elas se esforçam muito mais para fazer com que eu vire hétero. Toque V. aparece com os garotos dele, e eu estudo os trejeitos. Ele trouxe uma bicha oxigenada, e foi como fazer um mestrado em frescura.

Bocejei — listras de tigre giraram malucas.

— Durma um pouco, Sr. Klein. O senhor está pregado.

Foda-se o sono — aquele ímã continuava me puxando.

Ziguezagueei para o leste e para o sul — nenhum Plymouth cinza no meu rabo. Western Avenue — área de voyeur — motéis de putas — garotas amontoadas perto do Cooper’s Donuts. Pretas, mexicanas, algumas brancas — vestidos talhados na perna, calças três-quartos. Salto: as calças justas de Lucille, cortadas e esporradas.

Salto cerebral:

Western com Adams — Delegacia da Universidade. Departamento de Costumes da Universidade, olhar as pilhas de fichas: fichas de apelidos, de clientes, relatórios de detenções. Lucille sorrindo feito puta, o sangue do papai nas garras — um salto: ela vendendo a perseguida para se excitar.

Grande salto — pouca probabilidade.

Mesmo assim fui.

Delegacia da Universidade, ver o fichário do esquadrão — aquele material das putas, uma misturada total.

Fotos soltas, cópias carbono de relatórios. Nomes: putas, apelidos de putas, homens detidos/fichados com putas. Três armários cheios de papéis sem ordem discernível.

Folheando:

Nenhum “Kafesjian” ou nome armênio — uma hora desperdiçada — sem surpresa — a maioria das putas são soltas pagando fiança e usando apelidos. Desfecho da história: se Lucille bancava a puta, *se* fosse apanhada — provavelmente ligaria para Dan Wilhite para esfriar as coisas. 114 relatórios de detenções, dezoito garotas brancas — nenhuma característica física combinando com Lucille. Um sistema malfeito — a maioria dos policiais não se preocupava com relatórios sobre putas, as garotas sempre repetiam a dose. Listas de nomes: nenhuma garota branca chamada Luce, Lucille, Lucy — nenhum sobrenome armênio.

Mais fotos — algumas com placas de números e nomes penduradas ao pescoço: nomes reais, nomes de clientes, datas. Garotas crioulas, mexicanas, brancas — 99,9 por cento mocreias. Arrepios: Lucille — de perfil, de frente — sem placa no pescoço.

Vá, faça isso: verifique de novo toda a papelada. Três repassadas — zero, chongas, necas. Nenhum estalo ligando algo a Lucille.

Só uma tira de fotos.

Chamemos isso de papelada perdida.

Digamos que Dan Wilhite retirou o papel — não viu as fotos.

Adivinha: ladrão = voyeur = cliente de Lucille K.

Escrevi isso, um bilhete para o Junior.

Verifique as listas de clientes/prostitutas de todas as delegacias — procure informações sobre os truques de Lucille.

Arrepios: aquela família medonha.

Cheguei à Divisão, deixei o bilhete na mesa de Junior. Meia-noite: a Delegacia de Costumes vazia.

— Klein?

Dan Wilhite do outro lado do corredor. Chamei-o — *na minha* sala do esquadrão.

— E então?

— E então me desculpe pelo entrevero com os Kafesjian.

— Não estou querendo desculpas. Vou dizer de novo: e então?

— E então é uma situação difícil, e estou tentando ser razoável. Não pedi esse serviço, e não quero fazer.

— Eu sei, e o seu sargento Stemmons já se desculpou pelo seu comportamento. Ele também pediu uma lista de gente que J.C. e o pessoal dele tenham denunciado, coisa que recusei. Não peça de novo, porque todas as anotações relativas aos Kafesjian foram destruídas. *E então*?

— E então é isso. E a pergunta deveria ser: "Então o que Exley quer?"

Wilhite veio para cima, as mãos nos quadris.

— Diga o que você acha que esse 459 é. Pra mim é um aviso de uma quadrilha de traficantes. Acho que a Narcóticos é mais adequada para cuidar do caso, e acho que você deveria dizer isso ao chefe Exley.

— Não creio. Acho que o ladrão tem uma fixação na família, talvez especificamente em Lucille. Acho que pode ser um voyeur que andou trabalhando ultimamente no bairro negro.

— Ou talvez seja algum maluco. Uma gangue rival usando táticas de terror.

— Talvez, mas não creio. Não sou realmente especializado em trabalhar com casos, mas...

— Não, você é um bandido com diploma de advogado...

FIQUE FRIO/CALMA/NÃO SE MEXA.

— ...e lamento ter colocado você nessa confusão. Agora ouvi dizer que a sindicância federal *vai* acontecer. Ouvi dizer que Welles Noonan tem auditores verificando declarações de impostos; minhas e de alguns dos meus homens. Isso provavelmente significa que ele sabe da Narcóticos com os Kafesjian. Todos nós recebemos presentes, todos temos coisas caras que não podemos explicar, e então...

Suando em cima de mim, bafo quente de cigarro.

— ...você faz o seu serviço para o departamento. Você tem as suas vantagens, eu não, e meus homens não. Você pode exercer a advocacia e se grudar em Mickey Cohen, e nós não. *Você* nos deve, porque *você* deixou Sanderline Johnson pular. Welles Noonan está com esse tesão pelo Southside porque *você* comprometeu o trabalho dele com as lutas de boxe. A pressão em cima dos meus homens é por *sua* causa, então *você* resolva as coisas. Bom, J.C. e Tommy são malucos. Eles nunca lidaram com agências policiais hostis, e se os federais começarem a pressioná-los eles vão sair de controle. Quero que eles sejam acalmados. Empaque essa sua palhaçada de investigação, dê ao Exley o que for necessário. Mas saia do caminho daquela família o mais rápido possível.

Em cima, acotovelado.

— Vou tentar.

— Faça isso. Faça como se fosse um pagamento. Faça como se eu pensasse que você empurrou Johnson pela janela.

— Você pensa?

— Você é bastante ganancioso, mas não é tão estúpido assim.

Devolver a pressão contra ele, andar — minhas pernas bambeavam. Um pedaço de papel na minha mesa. “P. Bondurant ligou. Disse para ligar para H. Hughes no Bel-Air Hotel.”

CAPÍTULO VIII

— ...e o meu homem Pete Bondurant contou sobre o seu desempenho esplêndido na questão do Morton Diskant. Você sabia que Diskant é membro de quatro organizações que foram classificadas como comunistas pela Promotoria Geral do Estado da Califórnia?

Howard Hughes: alto, magro. Uma suíte de hotel, mais duas pessoas: Bradley Milteer, advogado; Harold John Miciak, capanga.

7:00 da manhã — distraído, um plano se formando: acusar algum otário pela invasão da casa de Kafesjian.

— Não, Sr. Hughes. Não sabia.

— Bom, deveria saber. Pete me contou que seus métodos são duros, e você deveria saber que a ficha de Diskant justifica esses métodos. Entre outras coisas, estou tentando me estabelecer como produtor de cinema independente. Estou planejando produzir uma série de filmes mostrando guerra aérea contra os comunistas, e um dos temas principais desses filmes será que o fim justifica os meios.

Milteer:

— O tenente Klein também é advogado. Se ele aceitar sua oferta, o senhor receberá uma interpretação adicional dos aspectos contratuais.

— Eu não exerci muito a advocacia, Sr. Hughes. E no momento ando bastante ocupado.

Miciak tossiu. Mãos tatuadas — coisa de gangue de ternos *zooter.*

— Isso não é um serviço de advogado. Pete Bondurant está atolado de trabalho, de modo que...

Hughes, interrompendo:

— O serviço pode ser bem resumido como “vigilância”, tenente. Bradley, quer detalhar?

Milteer, presunçoso:

— O Sr. Hughes tem uma jovem atriz chamada Glenda Bledsoe que assinou um contrato para serviço integral. Ela estava morando numa das casas de hóspedes dele, e estava sendo preparada para fazer papéis principais nos filmes sobre a Força Aérea. Ela rompeu o contrato, mudando-se da casa de hóspedes e deixando as sessões de roteiro sem pedir permissão. No momento está fazendo o

papel principal num filme de terror independente, que está sendo filmado no Griffith Park. Chama-se *O ataque do vampiro atômico*, de modo que o senhor pode imaginar a qualidade da produção.

Hughes, presunçoso:

— O contrato da Srta. Bledsoe permite que ela faça um filme que não seja da Hughes por ano, de modo que não posso rescindir o contrato por isso. Mas há uma cláusula de moralidade que podemos utilizar. Se pudermos provar que a Srta. Bledsoe é alcoólatra, criminosa, viciada em drogas, comunista, lésbica ou ninfomaníaca, podemos rescindir o contrato e bani-la da indústria cinematográfica baseados nisso. Nosso outro caminho é garantir prova de que ela intencionalmente tomou parte da divulgação de atores que não pertencem à empresa Hughes fora de seu trabalho para esse ridículo filme de monstro. Tenente, seu trabalho seria vigiar Glenda Bledsoe prestando atenção a informações que possam levar à rescisão do contrato. Seu pagamento seria de três mil dólares.

— O senhor explicou a situação a ela, Sr. Milteer?

— Sim.

— Como ela reagiu?

— A resposta dela foi “Foda-se”. Está respondido, tenente?

Quase falei “Não” — fique frio, pense:

A *Hush-Hush* disse que Mickey C. bancava aquele filme.

“Casa de hóspedes” significava “*garçonnière*”, significava Howard Hughes deixado literalmente na mão.

Pensar:

Pegar alguns caras da Divisão para o trabalho de vigilância. Conseguir uma verba para a caixinha: grana para incriminar alguém pelo caso Kafesjian.

METER A MÃO.

— Cinco mil, Sr. Hughes. Eu posso recomendar alguém mais barato, mas não posso negligenciar meus serviços normais por nada menos do que isso.

Hughes assentiu; Milteer pegou um rolo de dinheiro.

— Certo, tenente. Este é um adiantamento de dois mil dólares, e espero relatórios pelo menos dia sim, dia não. O senhor pode me ligar para cá, no Bel-Air. Agora, há alguma outra coisa que você precise saber sobre a Srta. Bledsoe?

— Não, eu descubro com a equipe de filmagem um modo de chegar nela.

Hughes se levantou. Fiz-lhe um agrado enquanto estendia a mão:

— Vou pegá-la, senhor.

Um aperto frouxo — Hughes limpou a mão disfarçadamente.

Dinheiro novo — gastar com inteligência. Pensar com inteligência:

Pegar Glenda Bledsoe rápido. Deixar Junior assumir parte do peso do Kafesjian — esperar que sua fiada de besteiras acabasse. Descobrir quem estava me seguindo no bairro negro. Permanecer sem ser seguido.

Instinto: Exley não me entregaria pelo negócio do Johnson. Lógica: ele destruiu a ficha do legista; eu poderia entregá-lo pelo caso Diskant. Instinto: deve ser algo PESSOAL do Kafesjian. Instinto — vamos supor que eu seja uma isca — um mau policial mandado para servir como boi de piranha.

Conclusões:

Número um: digamos que Wilhite e a Narco sejam mais perigosos; digamos que eu seja um policial corrupto que está cortando a mamata deles. Talvez o júri de instrução federal esteja vindo: acusações motivadas, indiciamentos. Então os policiais corruptos estarão sem serviço, um bode expiatório: um advogado-senhorio com uma aposentadoria garantida na polícia. Assassinos sem trabalho, um alvo: eu.

Número dois: encontrar um ladrão/pervertido que confesse — algum otário para assumir o meu 459. Molhar a mão dos policiais do esquadrão para conseguir sugestões; manter Junior no caso legítimo. Nenhum ladrão de domicílios legítimo? — um pervertido qualquer leva a culpa.

Fui até a delegacia de Hollywood. Nenhum funcionário na sala de arquivos — verifiquei “459 Resolvidos”, “Confissões Falsas”, 1949-1957. Uma ficha de 187 no quadro de avisos — o “Fogo-fátuo dos Bêbados”. Negócio de pervertido, legal — peguei uma cópia a carbono.

Conclusão número três:

Digamos que eu ainda não esteja apavorado.

Griffith Park, a estrada do oeste, subindo — riachos, pequenas montanhas. Curvas fechadas, cânions cheios de arbustos — Terra do Cinema.

Parei num estacionamento precário — veículos estacionados apertados. Gritos, cartazes de piqueteiros balançando até onde a vista alcança. Saltei em cima de uma caminhonete, examinei a confusão.

Sindicalistas carregando cartazes — Chick Vecchio enfrentando-os — o capanga durão bem perto. Uma clareira, trailers, a locação: câmeras, um foguete espacial meio Chevy.

— Abaixo a exploração! Abaixo a exploração!

Fui até lá, passei por baixo do cordão de isolamento.

— Polícia!

Piqueteiros de terceira — me deixaram passar, sem ressentimentos. Chick me cumprimentou — sorrisos, tapinhas nas costas.

— Abaixo a exploração! Conluio com a polícia!

Fomos até os trailers. Gritos, nenhuma pedra — gente reclamona. Chick:

— Está procurando o Mickey? Aposto que ele tem um belo envelope para você.

— Ele disse?

— Não, é o que o meu irmão chamaria de "conclusão inescapável para quem sabe das coisas". Qual é!, uma testemunha voa pela janela com Dave Klein ali perto. O que uma pessoa que sabe das coisas deveria pensar?

— Eu acho que você quase andou batendo nuns sindicalistas.

— Ei, a gente devia ter chamado o velho Executor. Sério, você tem alguma ideia? Mickey está com um grave problema de falta de grana. Você conhece algum rapaz que não custe os olhos da cara?

— Deixem que eles se fodam, deixem que eles fiquem fazendo piquete.

— Não. Eles gritam quando estamos filmando, o que significa que as cenas vão ter de ser dubladas, o que custa dinheiro.

Alguém, em algum lugar:

— Câmeras! Ação!

— Sério, Dave.

— Certo, ligue para Fats Medina no Ginásio da Main Street. Diga que pedi cinco *sparrings* e um bloqueio de estrada. Diga que você paga cinquenta por homem.

— Verdade?

— Faça isso esta noite, e vocês não terão problemas sindicais amanhã. Vamos, eu quero ver esse filme.

Até a locação. Chick encostou um dedo nos lábios — cena rodando.

Dois "atores" gesticulando. A espaçonave de perto: rabos de peixe de Chevy, radiadores de Studebaker, plataforma de lançamento feita de caixa de Kotex.

Toque Vecchio:

— Espaçonaves russas jogaram lixo atômico em Los Angeles: uma trama para transformar os moradores da cidade em autômatos suscetíveis ao comunismo! Eles criaram um vírus vampiro! As pessoas se transformaram em monstros que devoram as próprias famílias!

Seu astro coadjuvante — louro, enchimento na virilha:

— A família é o conceito sagrado que liga todos os americanos. Precisamos deter a qualquer custo essa invasão que usurpa almas!

Chick, sussurrando e cobrindo a boca com a mão:

— A piada é que meu irmão matou oito homens, e ele leva esse negócio a sério. E olha só: ele e aquela bicha loura ficam trepando nos trailers sempre que podem, *e* caçam veados nos banheiros do Fern Dell. Está vendo aquele cara com o megafone? É Sid Frizell, o suposto diretor. Mickey contratou-o barato, e para mim ele parece um ex-presidiário que não consegue dirigir uma trepada grupal de mongoloides. Vive falando com o tal de Wylie Bullock, o câmera, que pelo menos tem onde viver, diferentemente da maioria dos vagabundos que Mickey contratou. Olha só: ele contratou a equipe nos mercados de escravos na pindaíba. Eles dormem na locação, como se isso aqui fosse uma porra de selva de mendigos. E o diálogo? Mickey paga dez pratas extras por dia ao Frizell, para ele ser roteirista.

Nada de Mickey, nada de mulheres. Toque:

— Eu trucidaria o mais alto escalão do Secretariado soviético para proteger a santidade da minha família!

O lourinho:

— Claro que concordo. Mas primeiro temos de isolar o lixo atômico antes que ele escorra para a represa de Hollywood. Olhe só aquelas vítimas desgraçadas do vírus vampiro!

Corte para figurantes com máscaras de lobisomem saltando de um lado para o outro. Garrafas de vinho vagabundo saltaram de bolsos de trás.

Sid Frizell:

— Corta! Eu disse para vocês deixaram o vinho junto com os cobertores e os sacos de dormir! E lembrem-se das ordens do Sr. Cohen: nada de vinho antes da pausa para o almoço!

Um otário entrou na espaçonave. Toque apertou disfarçadamente a bunda do lourinho.

Frizell:

— Parada de cinco minutos, e nada de beber!

Ruído de fundo:

— Abaixo a exploração! Marionetes da polícia!

Nada de Glenda Bledsoe.

Toque passou pela câmera, todo meloso.

— Oi, Dave, procurando o Mickey?

— Todo mundo vive me perguntando isso.

— Bom, é uma conclusão inescapável para quem sabe das coisas.

Chick piscou.

— Ele vai aparecer. Ele costuma ir até uma padaria pegar pão velho de uma semana para fazer sanduíches. Olhe só a comida fina que a gente recebe: pão velho, roscas velhas e carne vendida na porta dos fundos de um matadouro em

Vernon. Parei de comer na locação quando encontrei pelos no meu sanduíche de coisa nenhuma com queijo.

Ri. Papo sobre o roteiro: o lourinho e um otário velho vestido de Drácula.

Toque sussurrou:

— Rock Rockwell vai ser um tremendo astro. Ouçam, ele está ensinando Elston Majeska a interpretar suas falas. O que isso dá a entender para quem sabe das coisas?

— Quem é Elston Majeska?

Chick:

— Ele foi uma espécie de astro do cinema mudo na Europa, e agora Mickey consegue autorização para ele sair da casa de repouso. É um drogado, por isso Mickey paga a ele com heroína diluída, que consegue barato. O velho Elston diz suas falas, se aplica e se dana a comer açúcar. Você deveria vê-lo engolindo aqueles *doughnuts* velhos.

O velhote desembrulhou uma barra de chocolate, cambaleando. O lourinho agarrou sua capa.

Toque, fingindo um desmaio:

— Sanduíche de homem drogado!

Frizell:

— Glenda no set em cinco minutos!

— Quando conheci Mickey ele faturava dez milhões por ano. E chegar a esse ponto, meu Deus!

Chick:

— As coisas vêm e vão.

Toque:

— A tocha é passada adiante.

— Besteira. Mickey saiu da ilha McNeil há um ano, e *ninguém* pegou seu domínio antigo. Será que está com medo? Quatro dos rapazes dele foram apagados, todos crimes sem solução; e com isso quero dizer que *ninguém* sabe quem são os culpados. Vocês são os únicos capangas que ele ainda tem, e não consigo imaginar por que continuam nessa. O que resta a ele? Caça-níqueis na área dos crioulos? Quanto ele pode estar ganhando com isso?

Chick deu de ombros.

— Então imagine que estamos com Mickey há muito tempo. Imagine que não gostamos de mudanças. Ele é um batalhador, e os batalhadores conseguem resultados, cedo ou tarde.

— Belos resultados. E Lester Lake me disse que uns caras de fora da cidade estão trabalhando nos caça-níqueis do Southside.

Chick deu de ombros. Aplausos e assobios dos bêbados — Glenda Bledsoe vestida de garota pompom.

Olha só:

Alta, esguia, loura cor de mel. Toda pernas, toda peitos — um riso dizendo que nunca tinha dado para estar ali. Joelhos um pouquinho juntos, olhos grandes, sardas escuras. Puro alguma coisa — talvez estilo, talvez tutano.

Toque me mandou os detalhes:

— Glamourosa Glenda. Rock e eu somos os únicos do sexo masculino no set imunes aos seus encantos. Mickey a descobriu trabalhando no Scrivner's Drive-in. Ele está apaixonado. Chick está apaixonado. Glenda e Rock fazem papéis de irmão e irmã. Ela está infectada com o vírus vampiro, e dá em cima do próprio irmão. Ela se transforma num monstro e faz Rock fugir morro acima.

Frizell:

— Atores em suas marcas! Câmera! Ação!

Rock:

— Susie, eu sou seu irmão mais velho. O vírus vampiro prejudicou seu crescimento moral, e ainda faltam dois anos para você se formar no Colégio Hollywood.

Glenda:

— Todd, em momentos de luta histórica, as regras da burguesia não se aplicam.

Um aperto, um beijo. Frizell:

— Corta! Valeu a tomada! Copiar!

Rock soltou o aperto. Assobios, aplausos. Um bêbado vaiou; Glenda estendeu o dedo médio para ele. Mickey C. entrou num trailer, carregando comida.

Rodeei o set e bati na porta.

— O dinheiro do vinho só vai ser distribuído às seis horas! Como esses vagabundos perturbam! Isso aqui é uma locação cinematográfica, não a Missão de Resgate Jesus Salva!

Abri a porta, recebi um *bagel* voador. Velho — joguei-o de volta.

— David Douglas Klein, o "Douglas" revela no ato que você não tem o sangue dos meus, mas duvido que recuse o dinheiro que Sam Giancana me mandou lhe entregar. — Mickey enfiou um envelope debaixo do meu coldre. — Sammy disse obrigado. Sammy disse trabalho muitíssimo bom num prazo tão curto.

— Esse foi muito perto de casa, Mickey. Me causou um monte de problemas.

Mickey se deixou cair numa cadeira.

— Sammy não se importa com seus problemas. Você, mais do que ninguém, deveria conhecer a ética daquele escroto.

— Ele deveria se importar com os *seus* problemas.

— O que, a seu modo grosseiro de enrolador de espaguete, ele faz.

Fotos sensuais de Glenda — quatro paredes cheias.

— Digamos que ele calculou errado a hora.

— Como diz a canção: “E o que me importa?”

— Você deveria se importar. A sindicância de Noonan com as lutas de boxe também voou pela janela, de modo que agora ele está fixado na zona dos crioulos. Se os federais forem ao Southside, vão dar em cima dos locais onde estão suas máquinas de moedas. Se eu souber de alguma coisa, digo, mas talvez não fique sabendo. Sam colocou seu último negócio num verdadeiro problema.

Chick V. junto à porta; Mickey, olhos nas fotos.

— David, essa perturbação que você prevê, essa perturbação não me perturba. Meu desejo é estritamente ver a legalização do jogo no distrito, depois me aposentar, ir para Galápagos e olhar tartarugas fodendo ao sol.

Era para rir.

— A legalização do jogo nunca vai passar na câmara estadual e, se passar, você nunca receberia autorização. Bob Gallaudet é o único político de reputação que apoia isso, e ele vai mudar de ideia se for eleito secretário de Justiça.

Chick tossiu; Mickey deu de ombros. Uma permissão colada na porta: “Departamento de Parques e Recreação, Aprovação para Filmagem”. Forcei a vista — “Robert Gallaudet” em letras pequenas.

Era para rir *disso*.

— Bob deixa você filmar aqui em troca de uma contribuição para a campanha. Ele está para ser eleito secretário de Justiça, então você acha que um ou dois mil vão colocá-lo na pista de dentro para o jogo aprovado. Meu Deus, você deve estar se injetando droga, que nem o velho Drácula.

Fotos de garotas a rodo — Mickey jogou beijos para elas.

— A namorada no ginásio que nunca tive em 1931. Eu poderia dar a ela um buquê e muitas horas de excelente Afogamento de Ganso.

— Ela corresponde?

— Amanhã, talvez sim, mas hoje ela me parte o coração. O jantar desta noite já estava combinado, e aí Herman Gerstein telefonou. A companhia dele deve distribuir o meu filme, ele precisa que Glenda acompanhe o afrescalhado Rock Rockwell num encontro para publicidade. Que perturbação; Herman está criando aquele cavalgador de cacetes para o estrelato sem contar comigo, e fica apavorado com a hipótese de os jornais escandalosos descobrirem que o sujeito é

chegado ao prazer grego. Que duplicidade perder a companhia dela, minha bela afogadora de ganso.

“Encontro para publicidade” — cláusula de rescisão do contrato.

— Mickey, cuide de seu negócio de caça-níqueis. Lembre-se do que eu lhe disse.

— Vá, David. Leve o *bagel* para comer na viagem.

Saí; Chick entrou. Verifiquei meu envelope. Cinco mil.

Um telefone público, duas moedas: o Departamento de Veículos, Junior.

Estatísticas: Glenda Louise Bledsoe, 1,72m, 56kg, loura/azuis, nasc. 3/8/29, Provo, Utah. Carteira de motorista da Califórnia desde 8/46, cinco infrações de trânsito. Chevrolet Corvette 56, vermelho/branco, placa DX 413. Endereço: N. Mount Airy, 2489 1/2, Hollywood.

Junior na Divisão — sem sorte — a telefonista da Costumes disse que ele não apareceu. Deixei recado: ligue para mim no Stan’s Drive-in.

Fui até lá, peguei um lugar perto da cabine telefônica. Café, um hambúrguer — examinar as cópias a carbono daquelas fichas.

Ladrões, réus confessos — características físicas/*modus operandi*/prisões anteriores — tomei notas. O Fogo-fátuo dos Bebuns — merda, ainda solto. Nomes, nomes, nomes — candidatos para um psicopata acusado falsamente. Rabiscando anotações — distraído — garçonetes flertando, dinheiro novo. O que incomodava: uma acusação falsa significava não ter resultado — não havia como ligar Lucille e o ladrão a O QUÊ?

O telefone — corri, peguei.

— Junior?

— É, a telefonista mandou ligar para você.

Cauteloso — não era o seu estilo.

— Você pegou o bilhete que deixei, certo?

— Certo.

— Certo. E verificou as fichas de putas das delegacias em busca de algo sobre Lucille Kafesjian?

— Estou trabalhando nisso, Dave. Não posso falar agora. Eu vou... Olhe, eu ligo mais tarde.

— Mais tarde é o caralho, *mergulhe* nesse serviço... — CLIQUE — linha muda.

Casa, papelada. Puto com Junior — um maluco instável piorando. Papelada: o relatório sobre Kafesjian para Exley embromado de fato. Em seguida listas: potenciais vigias de Glenda, potenciais pervertidos acusados. Telefonemas para mim: Meg — Jack Woods pegou nosso aluguel atrasado. Pete B: trabalhe direito para o Sr. Hughes, eu o convenci de que você não é frouxo. Telefonemas meus: para a Costumes, a casa de Junior, sem sorte — encontrá-lo, massacrar seu coração insubordinado. Minha última lista, ainda sem sorte — nenhum homem para começar esta noite. Então era serviço *meu* — uma saída para publicidade significava quebra de cláusula de contrato.

De volta a Hollywood: ruas secundárias, a via expressa. Ninguém me seguindo: toda certeza. Subindo a Gower, Mount Airy, virada à esquerda.

2489: bangalôs em volta de um pátio — estuque pêssego. Uma vaga de carro — com um Corvette vermelho e branco aconchegado.

5:10 — ficando escuro. Estacionei perto — visão do pátio/vaga de carro.

O tempo se arrastou — o blues da tocaia — mijar num copo, jogar fora, cochilar. Tráfego de veículos/pés — fraco. 7:04 — três carros junto ao meio-fio.

Portas abertas, flashes espocando: Rock Rockwell — smoking, buquê. Uma corrida até o pátio, de volta com Glenda — bonita — um suéter apertado. Um clarão de flash captou seu Ar patenteado — é uma piada e sei disso. Zoom: todos os três carros fizeram retorno e foram para o sul.

Tocaia em movimento — quatro carros — Gower, Sunset para o oeste. A Strip, Club Largo, três carros amontoados.

Funcionários em bando, servis. Mais fotos — Rockwell parecia entediado. Estacionei em local proibido e coloquei no para-brisa: “Veículo Oficial da Polícia”. O grupo entrou na boate.

Mostrei o distintivo para entrar, usei o distintivo para tirar um otário de uma banqueta junto ao balcão. Turk Butler no palco — supremo esgoelador de boate. Junto à pista: Rock, Glenda, jornalistas. Fotógrafos junto à saída — lentes zoom apontadas.

Romper aquele contrato.

Jantar: refrigerante, *pretzels*. Trabalho visual fácil: Glenda falava, Rock carrancudo. Os repórteres o ignoravam — de dar sono.

Turk Butler saiu de cena, coristas entraram. Glenda fumava e ria. Dançarinas com peitões — Glenda levantou o suéter para provocar risos. Rock entornava — uísque *sour*.

Uma volta pelas boates às dez em ponto — do outro lado da Sunset, a pé, até o Crescendo. Outra banqueta de bar, vigilância visual: pura Glenda. Glenda de parar o trânsito — antigas lembranças de Meg, e o ALGO dela.

Meia-noite — ida para os carros — segui o comboio ousadamente de perto. De volta à casa de Glenda, luzes de arco voltaico junto à calçada: um beijo de boa-noite, de macho, captado em filme.

Os jornalistas foram embora; Glenda acenou. Silêncio ali fora — as vozes chegavam até mim.

Rock:

— Diabo, agora estou sem carro.

Glenda:

— Pegue o meu e traga Toque de volta com você. Que tal às duas horas?

Rock agarrou as chaves e saiu correndo — alegre. O Corvette disparou queimando borracha — Glenda se encolheu. “Traga Toque de volta com você” pareceu engraçado — segui-lo.

Sul pela Gower, leste pela Franklin. Tráfego esparso — ainda ninguém *me* seguindo. Norte na Western, digamos que uma passada no set de filmagens — a permissão de Mickey mantinha o parque aberto.

Los Feliz, virada à esquerda, Fern Dell — riachos e pequenos vales antes dos morros do Griffith Park. Luzes de freio piscaram — porra — Fern Dell — os policiais da Costumes chamavam o lugar de Paraíso dos Chupadores de Pau.

Ele estacionou — hora do rush — pontas de cigarro vermelhas no escuro. Virei para a direita e parei — meus faróis em Rock e numa bicha nova e bonita.

Apaguei as luzes, abri a janela. De perto — captei a cantada:

— Oi.

— Oi.

— Eu... eu acho que o outono é a melhor época em L.A., não acha?

— É, claro. Escute, acabo de pegar emprestado um carro *realmente* legal. A gente podia dar uma passada no Orchid Room, depois ir a algum lugar. Tenho um tempo para matar antes de pegar meu garoto... quero dizer, alguém.

— Você não perde tempo com palavras.

— Eu não perco tempo, ponto final. Ande, diga sim.

— Não, meu doce. Você é grande e brusco, coisa que eu gosto, mas o último cara brusco a quem eu disse sim era por acaso um policial do xerife.

— Ah, vamos lá!

— Necas, *niet*, *nein* e não. Além disso, ouvi dizer que a Delegacia Geral de Costumes anda atuando em Fern Dell.

Errado — a Geral de Costumes nunca pegava veados. Uma hipótese: Junior valentão, caubói da Costumes.

Rock — “Obrigado pelas lembranças” — chama de fósforo, seu cigarro aceso. Rondando agora — fácil de acompanhar — observei a ponta do cigarro luzindo de veado em veado.

O tempo se esticava, trilha sonora vagabunda: gemidos de sexo no mato. Uma hora, uma e dez — Rock voltou fechando a braguilha.

Zum — o Corvette partiu. Segui devagar — sem tráfego — digamos que seu destino é o set. Um bloqueio de estrada saindo do nada — homens segurando bastões de beisebol deixaram-no entrar.

Faróis de caminhão se aproximando — recuei e olhei.

Guinchos de freio — um caminhão grande — piqueteiros otários na carroceria. Um refletor se acendeu — cegueira branca e brilhante no alvo.

Capangas atacaram o caminhão — porretes com pregos nas pontas. O para-brisa explodiu — um homem saiu cambaleando, arrotando vidro. O motorista correu — um prego arrancou seu nariz.

O portão da carroceria se despedaçou — capangas se aproximaram — trabalho nas costelas. Fats Medina arrastou um cara pelos cabelos — o couro cabeludo saiu.

Sem gritos — errado — por que não havia som...

De volta a Fern Dell, e até a casa de Glenda. Sem gritos — estranho — então minha pulsação parou de martelar nos ouvidos e pude ouvir.

Esperar os garotos: “Rock”, “Toque” — do tipo maricas, aquele matador da pesada. De causar suspeitas: 2:00 da madrugada, uma sereia de filme B bancando a anfitriã.

Uma luz acesa no pátio — a dela. Liguei o rádio da polícia, girei pelas faixas para matar o tédio. Chamadas de despacho — frequência da Divisão — vozes.

Papo sobre o caso da loja de peles Hurwitz — homens da Roubos e Furtos. Identificar as vozes: Dick Carlisle, Mike Breuning — capangas do Dudley Smith. Nenhum rastro das peles; Dud queria *pegar pesado* na investigação. Estalos: interferência de delegacia para delegacia. Breuning: Dud tirou Johnny Duhamel do Esquadrão Antigangues — um ex-pugilista violento, de dar medo. Mais estática — girei o dial — um roubo numa loja de bebidas em La Brea.

O Corvette entrou na vaga de Glenda; os rapazes chegaram à casa de Glenda enroscando-se.

Um toque na campainha — a porta se abriu e fechou.

Imaginar acesso.

O pátio em si — arriscado demais. Nem o telhado — não havia como subir. Atrás dos bangalôs — talvez uma janela para espiar.

Vale o risco — ouvir coisas suculentas.

Fui até lá, contei as portas dos fundos — uma, duas, três — a dela trancada. Uma janela — cortina entreaberta — olhos no vidro:

Um quarto escuro, uma porta interna escancarada.

Apertar o vidro, levantá-lo. Aberto — nenhum barulho, nenhum guincho. Pular o parapeito: dentro.

Cheiros: algodão, perfume velho. Escuro ficando cinzento — vi uma cama e uma estante de livros. Vozes — abraçar a porta — ouvir:

Glenda:

— Bom, há um precedente.

Toque:

— Não foi um precedente bem-sucedido, meu doce.

Rockwell:

— Marie McDonald, “o Corpo”. Uma carreira que veio do nada, depois o sequestro vindo do nada. Os jornais farejaram golpe publicitário rapidinho. Eu acho...

Glenda:

— Não era realista, foi por isso. O cabelo dela nem foi desalinhado. Lembrem-se, Mickey Cohen está bancando o nosso filme. Ele é louco por mim, de modo que a imprensa vai pensar imediatamente em intriga de quadrilhas. Howard Hughes me mantinha, de modo que ele está garantido para um papel coadjuvante...

Toque:

— “Mantinha”, que eufemismo!

Rock:

— O que é eufemismo?

Toque:

— Sorte você ser lindo, porque nunca teve muito cérebro.

Glenda:

— Parem com isso e ouçam. Estou imaginando o que a polícia vai pensar. Não é um sequestro para pedir resgate, porque francamente ninguém pagaria dinheiro para tirar o Rock e a mim de encrenca. O que eu acho...

Toque:

— A polícia vai pensar em vingança contra Mickey, ou alguma coisa do tipo, e Mickey não vai saber de nada. A polícia adora incomodar Mickey. Incomodar Mickey é uma das atividades prediletas do Departamento de Polícia de Los Angeles. E vocês dois vão ser uma coisa *boa*. Georgie Ainge vai bater em vocês só um pouco mais do que o necessário, em nome do realismo. A polícia vai engolir, de modo que não se preocupem. Vocês vão ser vítimas de sequestro e vão receber um monte de publicidade.

Rock:

— Interpretação segundo o Método.

Glenda:

— Isso compromete Howard, o escroto. Ele nunca rescindiria o contrato de uma linda vítima de sequestro.

Toque:

— Diga a verdade, meu doce. Ele era bem-dotado?

Glenda:

— Que nem um jumento.

Todos uivaram. A verdadeira piada: sequestros falsos *sempre* falhavam.

Uma fresta no portal — encostei-me, forcei a vista. Glenda — roupão, cabelo molhado.

— Ele falava de aviões para se excitar. Dizia que meus peitos eram minhas hélices.

Mais gargalhadas — Glenda se afastou da luz. Barulhos de agulha, Sinatra — esperar a música para dar mais uma olhada.

Sem sorte — só *Ebb Tide* cantada bem devagar. Atravessei o quarto, saí pela janela, um pensamento maluco: *Não a dedure.*

CAPÍTULO IX

Monstros:

Charles Issler, réu confesso — assassinatos de mulheres que saem nas primeiras páginas. “Me bate! Me bate!” — notório por morder os gorilas da Homicídios que não atendem ao pedido.

Michael Joseph Krugman, réu confesso — o 187 de Jesus Cristo. Seu motivo — vingança — Jesus fodeu sua mulher.

Redemoinhando:

Um monte de gente que confessou coisas — encontrar um otário no dossiê impresso do DPLA. Algum INSTINTO funcionando...

Donald Fitzhugh — confessou mortes de veados; Thomas Mark Janeway — estritamente molestação de crianças. Aquela COISA DE INSTINTO revirando em mim — quase uma tentação. O Fogo-fátuo dos Bêbados: estrangulador/mutilador/trucidador de mendigos. Nenhum candidato forte.

Acordei. AQUELE INSTINTO grande:

Os Kafesjian *sabiam* quem invadiu sua casa — se eu acusasse algum otário eles estragariam a coisa.

Lençóis suados/dossiês suados/aquela ficha que eu vi tarde:

George Sidney Ainge, vulgo “Georgie”. Branco, nascido em 28/12/22. Condenações por cafetinagem em 48, 53 — catorze meses de pena no condado. Roubos a lojas de armas em 56, 57, 58 — sem condenações. Último endereço conhecido S. Dunsmuir, 1219, L.A. Veículo: Caddy Eldo 51, QUR 288.

Toque falando para Glenda:

— Georgie Ainge vai bater em vocês só um pouco mais do que o necessário.

Fiz a barba, tomei banho, me vesti. Glenda sorriu, dizendo por enquanto deixe as coisas em fogo brando.

A Divisão, um memorando de Exley esperando: “Kafesjian/459 — relatório integral.” 8:00, ninguém do plantão diurno ainda — nenhuma informação potencial sobre Georgie Ainge.

Café — merecido. Um promotor ligou — aquela diligência malfeita no antro dos *bookmakers* — mandei-o à merda, de advogado para advogado. Junior

entrando: pela escada lateral, furtivo. Assobiei — longo e agudo.

— Dave...

— Dave é o cacete. Stemmons, comporte-se direito. Obedeça às minhas ordens, faça o que mando. *Agora*, você verificou os arquivos das delegacias em busca de material sobre Lucille Kafesjian?

— N-não achei nada, v-verifiquei em tudo que é canto — nervoso, suspeito.

Mudando de tom:

— Você andou arrochando veados no Fern Dell Park?

— O q-quê?

— Uma bicha disse que a Delegacia Geral de Costumes estava atuando no parque, coisa que nós dois sabemos que é besteira. Repito, você andou...

Mãos para cima, tentando me acalmar.

— Certo, certo, sou culpado. Eu devia um favor a um antigo aluno meu na Academia. Ele está trabalhando na Costumes de Hollywood e está atolado. O chefe do esquadrão o colocou no caso daquele matador de pinguços. Eu só dei uns pescoções e deixei que ele fichasse. Olhe, sinto muito se não agi segundo as regras.

— *Aprenda a porra das regras.*

— Claro, Dave, desculpe.

Trêmulo, suado — dei-lhe um lenço.

— Você já ouviu falar de um cafetão chamado Georgie Ainge? Ele vende armas nas horas vagas.

Movimentos de cabeça, ansioso para agradar.

— Ouvi dizer que ele é estuprador. Um cara do esquadrão disse que ele gosta de serviços em que possa machucar mulheres.

— Enxugue essa cara, você está suando no meu chão.

Junior sacou rápido — a arma apontada para *mim*. Rápido — dei-lhe um tapa — meu anel de advogado tirou sangue.

Nós dos dedos brancos agarrando a arma. Inteligência — ele apontou-a para baixo.

— Mantenha-se irado, valentão. Temos um serviço externo e quero você puto da vida.

Carros separados, deixá-lo cozinhando com metade das informações; policial bonzinho/policial mau. Continue puto: estou fazendo um serviço extra e um falso sequestro pode estragar tudo. Junior:

— Claro, Dave, claro — ansioso para agradar.

Cheguei primeiro — uma imitação de castelo — quatro andares, talvez dez apartamentos por andar. Um Eldo 51 junto ao meio-fio — combinando com a ficha de Ainge.

Verifiquei as caixas de correio: G. Ainge, 104. O Ford de Junior bateu no meio-fio — duas rodas na calçada. Fui direto pelo corredor.

Junior me alcançou. Pisquei; ele piscou — quase um tique nervoso. Apertei a campainha.

A porta se entreabriu. Puxei minha orelha — dica para o policial mau.

Junior:

— DPLA, abra! — errado. Sinalizei para chutar.

A porta se abriu. Ali mesmo: um vagabundo gordo, braços erguidos. Marcas antigas de picadas — prontas para o papo de "Estou limpo".

— Estou limpo. Consegui um bom trabalho e tenho resultado do exame dizendo que eu não me aplico mais. Ainda estou sob condicional do condado, e meu agente de condicional sabe que mudei de heroína para vinho.

Sorri.

— Nós temos certeza de que você está limpo, Sr. Ainge. Podemos entrar?

Ainge ficou de lado; Junior fechou a porta. O apartamento: cama de dobrar na parede, garrafas de vinho jogadas a esmo. TV, revistas: *Hush-Hush*, revistas de mulher pelada.

Junior:

— Beije a parede, seu merda.

Ainge arreganhou os braços e as pernas. Captei uma capa da *Hush-Hush*: Marie McDonald, "o Corpo", rainha do falso sequestro.

George comeu papel de parede; Junior revistou-o devagar. Página dois: um namorado levou Marie de carro até Palm Springs e a escondeu num velho barracão de uma mina. Um pedido de resgate — seu agente ligou para o FBI. Sátira: como montar seu sequestro de publicidade, cinco passos fáceis.

Junior derrubou Ainge — um soco nos rins — nada mau.

George sugou ar. Folheei as revistas — pornografia — mulheres amarradas e amordaçadas.

Junior chutou Ainge de barriga para cima. Uma loura meio parecida com Glenda.

Lendo em voz alta:

— Lição número um: ligue para Hedda Hopper antecipadamente. Lição número dois: não contrate sequestradores da Central de Elencos. Lição número três: não pague ao seu divulgador com dinheiro marcado, do resgate. De quem foi a ideia, George? Sua, do Toque Vecchio?

Sem resposta.

Mostrei dois dedos: VÁ COM TUDO. Junior mandou chutes nos rins. Ainge babou bile.

Ajoelhando perto.

— Conte como é. Não vai acontecer, mas conte assim mesmo. Conte direitinho e nós não contamos ao seu agente de condicional. Banque o esperto e o prendemos por posse de heroína.

Gorgolejos:

— Vão se foder.

Socos curtos — fortes — Ainge enrolado em posição fetal. Um soco acertou o chão — Junior guinchou e pegou sua arma.

Agarrei-a, abri a câmara, tirei o pente.

Junior:

— Dave, meu Deus! — Adeus, policial mau.

Ainge gemeu — Junior chutou-o — costelas estalaram.

— CERTO! CERTO!

Puxei-o para uma cadeira; Junior pegou a arma de volta. Uma garrafa de vinho sobre a cama — virá-la inteira.

Glug-glug-glug — Ainge tossiu, arrotou sangue. Junior ficou de quatro, procurando o pente.

— Foi ideia de quem?

Ainge:

— Como você soube? — encolhendo-se.

— Não importa. Eu perguntei: foi ideia de quem?

— Toque, foi ideia de Toque V. O trato era dar uma força para a carreira do veado dele, com aquela puta loura indo junto para conseguir umas fotos boas. Toque disse que pagava trezentos, e nada de pegar pesado. Escute, eu só peguei o serviço para sentir um gosto.

Junior:

— Um gosto de heroína? Eu pensei que você estava limpo, seu merdinha.

— “Seu merdinha” parece coisa de vaudeville. Ei, você achou seu distintivo numa caixa de cereal?

Segurei Junior.

— Um gosto de quê?

Risinhos.

— Eu não vendo mais armas, não administro mulheres com o objetivo de prostituição. Troquei a heroína pelo vinho barato, de modo que meus gostos não são da sua con...

— *Um gosto de quê*?

— Merda, eu só queria dar umas porradas naquela tal de Glenda.

Congelei — Ainge continuou falando — hálito de vinho rançoso.

— ...você sabe, eu só queria causar um pouco de dor numa coisa em que Howard Hughes pôs as patas. Fui demitido da Hughes Aircraft durante a guerra, de modo que você poderia chamar aquela tal de Glenda de minha vingança. Aquela dona é de parar o...

Chutei sua cadeira, joguei a TV na sua cabeça. Ele se desviou — válvulas estalaram, explodiram. Peguei a arma de Junior — apontei, atirei — estalos, nada da porra do pente, que merda.

Ainge se enfiou debaixo da cama. Macio, falando bonzinho:

— Olhe, você acha que a tal de Glenda é a Minha Bela Dona? Olhe, eu *conheço* ela, ela trabalhou de puta para aquele cafetão, o Dwight Gilette. Posso entregar ela para vocês com *garantia de câmara de gás.*

"Gilette" — vago — um 187 não solucionado. Tirei as balas da minha própria arma — válvula de segurança.

Ainge, macio:

— Olha, na época eu vendia armas. Glenda sabia disso. Gilette andava batendo nela, por isso ela comprou um 32 para se proteger. Não sei, alguma coisa aconteceu, e Glenda atirou no Gilette. Atirou nele, e terminou pegando a faca dele. E cortou ele também, e depois me vendeu a arma de volta. Estou com ela guardada, você sabe, achei que talvez algum dia, por algum motivo, talvez ainda tenha impressões digitais, eu ia ameaçá-la com a arma no negócio do sequestro. Toque não sabe, *mas vocês podem transformar isso na porra de um caso de câmara de gás.*

Montar o caso:

1955, 56 — Dwight Gilette, cafetão mulato, morto no seu apartamento. Os detetives de Highland Park cuidaram do negócio: tiros fatais, nenhuma arma encontrada — o defunto esfaqueado *post-mortem.* Gilette, vulgo "Lâmina Azul", o homem da faca. Resultado da autópsia: dois tipos de sangue; cabelo feminino e lascas de osso encontrados. Hipótese: briga de faca com uma prostituta, alguma puta matou e depois esfaqueou um maluco hábil com a faca.

Insetos subindo pela minha espinha.

Ainge continuou falando — algaravia — eu não escutava. Junior rabiscava rapidamente no seu bloco de anotações.

Rápido — sem pensar por quê — encontrar a arma.

Um cômodo — busca fácil — guarda-roupa, penteadeira, armários pequenos. Ainge falando sem parar — Junior instigando-o a sair de debaixo da cama. Revirando tudo, encontrando zero: revistas de sacanagem, formulários de condicional, camisinhas. Vislumbres turvos: Junior anotando páginas e páginas de evidências.

Nenhuma arma.

— Dave.

Ainge erguido e aconchegado — uma garrafa nova gorgolejada pela metade. Junior:

— Dave, nós temos um homicídio.

— Não. É velho demais, e só temos a palavra desse otário.

— Dave, qual é!

— Não. Ainge, onde está a arma?

Sem resposta.

— Diga onde está a arma, porra.

Sem resposta.

— Ainge, me dê a porra da arma.

Junior, sinais rápidos com a mão: DEIXE-ME TRABALHAR NELE.

Trabalhar é o cacete — peguei seu bloco. Folheei — a falação de George — detalhes, datas aproximadas. Nada sobre a localização da arma — digamos que as chances de haver impressões latentes eram de trinta contra um.

Junior, exercitando seu lado maligno:

— Dave, me dê o bloco de volta.

Joguei para ele.

— Espere lá fora.

Aquele olhar de raio X — nada mau para um vagabundo.

— *Stemmons, espere lá fora.*

Junior saiu devagaaaar, bancando o durão. Tranquei a porta e me fixei em Ainge.

— Entregue a arma.

— O cacete, que entrego. Eu estava falando apavorado, mas agora acho outra coisa. Quer minha interpretação?

Soco-inglês, ficar preparado.

— Minha interpretação é de que o garoto acha que uma acusação de assassinato contra a puta Glenda é boa ideia, mas por algum motivo você não acha. Também sei que se entregar aquela arma será uma violação de condicional por posse de objeto contrabandeado. Você sabe o que é um trunfo escondido? Você sabe...

Para cima dele — soco-inglês de cima para baixo, de baixo para cima — carne rasgada/cara quebrada/hora de temor a Deus:

— Nada de sequestro. Nem uma palavra para Toque ou Rockwell. Não fale sobre Glenda Bledsoe, não chegue perto dela. Não dê aquela arma para o meu parceiro ou para qualquer pessoa.

Tosses/gemidos/cuspidas tentando me dizer sim. Muco sangrento nas minhas mãos; ondas de choque no braço com o soco-inglês. Saí chutando válvulas de TV.

Junior na calçada, fumando. Sem preâmbulo:

— Vamos pegar a tal de Bledsoe pela morte do Gilette. Bob Gallaudet vai garantir imunidade a Ainge pela acusação de venda da arma. Dave, ela é a ex-namorada de Howard Hughes. Esse é um grande caso.

Balanços de cabeça.

— É uma merda. Ainge me disse que a história da arma era mentira. O que temos é um homicídio de três anos com uma suposta testemunha condenada por crime. *É uma merda.*

— Não, Ainge mentiu *para você.* Acho que a arma foi conservada.

— Gallaudet nunca aprovaria esse caso. Eu sou advogado, você não é. Acredite.

— Dave, apenas escute.

— Não, esqueça. Você foi tremendamente bom lá dentro, mas acabou. Viemos impedir um crime futuro e...

— E proteger esse seu serviço extra.

— Certo, e que vou passar para você.

— O que significa um ganho não declarado, violando as regras do departamento.

Vendo vermelho:

— Não há um caso. Estamos no caso Kafesjian, que é importante porque Exley está empenhado nisso. Se você quer moleza, fique grudado em mim naquele negócio. Talvez a gente vá de mansinho, talvez não. Precisamos abordar alguns ângulos naquele caso para proteger o Departamento e não quero você se desviando para o assassinato antigo de um cafetão.

— Um homicídio é um homicídio. E sabe o que eu acho?

Merdinha presunçoso.

— O quê?

— Que você quer proteger a tal mulher.

Vendo vermelho, vendo preto.

— E eu acho que, para um policial a fim de alguma coisa, você vê coisas muito pequenas. Se quer roubar, roube grande. Se algum dia eu violar as regras, não vou começar por baixo.

PURO PRETO — punhos de fora.

Puro coelho assustado — Junior entrou logo em seu carro. Afastando-se, janela abaixada:

— Você me deve por ter me tratado de modo condescendente! Você me deve! E talvez eu cobre logo!

VERMELHO PRETO VERMELHO.

Junior derrapou atravessando um sinal vermelho.

Fui à locação só para vê-la; achava que um olhar diria sim ou não.

Olhos grandes e azuis me atravessaram direto — nem pude adivinhar. Ela atuava; ela ria; ela falava — sua voz não revelava coisa alguma. Fiquei junto dos trailers e a enquadrei em planos gerais — Srta. Vampira/talvez esfaqueadora de cafetão. Mudança de figurino, de roupa recatada para vestido decotado...

Cicatrizes na omoplata. Identifico: marcas de cortes, um ferimento de facada/chegando ao osso. Definir à moda da *Hush-Hush*:

PROSTITUTA/ATRIZ ASSASSINA CAFETÃO MESTIÇO! MAGNATA DOS AVIÕES APAIXONADO! POLICIAL CORRUPTO SALTA DA BOA VIDA PARA A MERDA!

Observei-a atuando, observei-a desconsiderando sutilmente aquele negócio idiota. Chegou a escuridão, eu só olhava, ninguém incomodou o observador carrancudo.

A chuva encerrou os serviços — do contrário eu teria olhado a noite inteira.

Uma passada num telefone público, sorte zero: Exley não estava na Divisão, não havia Junior para eu mimar ou ameaçar. Wilhite, minhas intuições não funcionando — não estava na Narcóticos, nem em casa. Fui até o Hody’s na Vine Street: papelada, jantar.

Escrevi dois relatórios para o Exley: revelação total e a prostituta Lucille omitida — garantia para o caso de eu me bandear para o lado de Wilhite. Aquela ideia de acusar falsamente alguém — necas — Exley não engoliria, os Kafesjian eram uma tremenda alavanca. Difícil de me concentrar — Junior pairava — me assombrando com Glenda assassina.

Glenda ex-puta; Lucille puta.

A chuva borrava as pessoas do lado de fora. Difícil ver rostos, fácil imaginá-los — fácil transformar as mulheres em Glenda. Uma de cabelos castanhos apareceu na janela — Lucille K. numa fração de segundo. Bati na mesa ao me levantar; ela acenou para uma garçonete, era só uma dona qualquer.

Bairro negro — nenhum outro lugar aonde ir.

Sistemático:

Sem localizações exatas de voyeurs — duas delegacias embromavam a papelada — nenhum endereço de motel/boate de putas com que trabalhar. Para o sul na Western, dirigindo só com uma das mãos, uma das mãos livre para anotar nomes de motéis. Sistemático: ninguém *me* seguindo, 41 motéis de alta rotatividade entre a Adams e a Florence.

Boates de jazz, mais confinadas: Central Avenue, indo para o sul. Dezenove boates, contando os bares, aumentando a probabilidade para uns sessenta. A chuva mantinha fraco o tráfego de pedestres; as luzes de néon batiam hipnóticas — lampejos de meio segundo no meu para-brisa.

A chuva diminuindo — tentar o número do café com *doughnuts.*

Uma lanchonete Cooper's na Central — céu das putas — dei café às garotas e mostrei a foto de Lucille. Grandes nãos, um sim — uma garota na Western com Adams, indo para o leste. Sua história: Lucille trabalhava "ocasional" — com calças três-quartos justas — sem nome de guerra, sem confraternizar com as outras putas.

Calças três-quartos — cortadas/esporradas — *meu* ladrão.

Meia-noite — metade das boates fechadas. Néon apagando; vi donos fechando as portas. Perguntas sobre voyeur/vagabundo — "O que você disse?" direto. As fotos de Lucille... expressões vazias, direto.

De uma às duas horas — trabalho policial de merda. Garotas classe B em pontos de ônibus e de táxis — falei de Lucille com o cérebro revirando Glenda. Mais nãos, mais chuva — entrei num café-restaurante.

Um balcão, reservados. Cheio — só pretos. Sussurros, cutucadas — crioulos farejando a lei. Duas garotas classe B num reservado da frente — mãos embaixo da mesa em rapidez furtiva.

Juntei-me a elas. Uma se mandou — puxei-a de volta pelo pulso. Sentando ao meu lado: uma mulata feiosa. Um ar de frustração. Dava para sentir.

— Esvaziem as bolsas na mesa.

Devagar e frio: suas bolsas de imitação de couro de cobra viradas ao avesso. Crime revelado: Benzedrina em papel-alumínio.

Mudança de tom:

— Certo, vocês estão limpas.

Crioula:

— Quimerda!

Mulata:

— Cara, o que você...?

Mostrei a foto de Lucille.

— Já viram ela?

O entulho voltou às bolsas; a mulata engoliu as bolas com café.

— *Eu disse*: vocês já viram ela?

Mulata:

— Não, mas um outro policial andou...

A negra cutucou-a — eu senti o empurrão.

— Que “outro policial”? E não minta para mim.

Mulata:

— Um outro policial andou por aqui fazendo perguntas sobre essa garota. Ele não tinha fotos, mas tinha um... um... esboço da polícia, foi como ele disse. A mesma garota, um desenho bom, se você quer saber.

— Ele era jovem? Cabelo cor de areia, menos de trinta anos?

— Isso mesmo. Tinha um topete grande que ele ficava mexendo o tempo todo.

Junior — talvez trabalhando com uma ficha de identificação da Divisão.

— Que tipo de perguntas ele fez?

— Ele perguntou se aquela garota branca e baixinha andava por aqui. Eu disse: não sei. Ele perguntou se eu trabalhava nos bares da área, e eu disse que sim. Ele perguntou sobre um curioso, e eu disse que não conhecia curioso nenhum.

Arrochar a negra:

— Ele fez as mesmas perguntas a você, certo?

— Isso mesmo, e eu dei as mesmas respostas pra ele, o que é a pura verdade.

— É, mas *você* cutucou sua amiga aqui, o que significa que *você* contou a ela alguma outra coisa sobre aquele policial, porque é *você* que está agindo de modo esquisito. Agora desembuche antes que eu encontre alguma outra coisa na sua bolsa.

Murmúrio de ódio contra policiais — no salão inteiro.

— Diga, que droga!

Mulata:

— Lynette me disse que viu o tal polícia arrochar um homem no estacionamento do Bido Lito’s. Um homem de cor, e Lynette disse que o polícia topetudo tirou dinheiro dele. Lynette disse que viu o mesmo polícia no Bido Lito’s falando com aquele polícia louro e bonitinho que trabalha praquele malvado do Sr. Dudley Smith, que adora mandar os gorilas arrocharem gente de cor. E não é a pura verdade, Lynette?

— É, meu doce. A puuura verdade, se estou mentindo quero que um raio caia na minha cabeça.

Junior — artista do arrocho? “Se você quiser roubar, roube grande.” “Polícia louro e bonitinho”...???

— Quem era o homem de cor no Bido Lito’s?

Lynette:

— Não sei, nunca tinha visto nem vi de novo.

— O que você quis dizer com “arrochar”?

— Quero dizer que ele baixou o braço no pobre coitado pra tirar dinheiro, e além disso estava falando palavrão.

— Diga o nome do policial louro.

— Não sei o nome, mas vi ele com o Sr. Dudley Smith, e ele é tão bonito que eu sou capaz de dar de graça pra ele.

Lynette gargalhou; a mulata uivou. Todo o salão riu — de mim.

Bido Lito’s, rua 68 com Central — fechado. Fixar bem: uma pista sobre o maluco Junior.

Tocaiei o estacionamento — nenhuma merda suspeita — música saindo por uma porta mais adiante. Forçar a vista, captar a marquise: “Clube Alabam — Quarteto Art Pepper Todas as Noites”. Art Pepper — *Straight Life* — um dos discos quebrados de Tommy K.

Música estranha: pulsante, dissonante. Sons distorcidos pela distância — sincronizei um pouco para as pessoas falando na calçada. Difícil ver rostos, fácil imaginá-los: transformei todas as mulheres em Glenda. Um crescendo, aplausos — acendi os faróis altos para ver direito. Claro demais — crioulos passando baseados — sumiram antes que eu pudesse piscar.

Estacionei perto e entrei. Escuro — nenhum porteiro/cobrança de consumação — quatro caras brancos no palco, iluminados por trás. Sax, baixo, piano, bateria — quatro por quatro — não era música, não era ruído. Esbarrei numa mesa, esbarrei numa garrafa deixada para trás.

Meus olhos se ajustaram — *bourbon* e um copo ali. Peguei uma cadeira, olhei, *ouvi.*

Solo de sax — buzina/sopros agudos/uivos — servi uma dose, engoli.

Quente — pensei em Meg — pais alcoólatras nos afastaram da bebida. Clarão de fósforo: Tommy Kafesjian junto à pista. Três doses rápido — minha respiração entrou no ritmo da música. Crescendo, sem pausa, uma balada.

Pura beleza: sax, piano, baixo. Sussurros: “Champ Dineen”, “The Champ, é dele”. O disco quebrado de Tommy: *Sooo Slow Moods.*

Mais uma dose — notas de contrabaixo — saltando sobre as batidas do coração. Glenda, Meg, Lucille — um reflexo da birita aquecia os rostos delas.

Luz na porta de saída — Tommy K. indo embora. Validar essa visita ao bairro negro, puro instinto policial:

Voyeur/vagabundo/ladrão de residência — tudo um homem só. Fã de jazz/voyeur — o barulho alimentando a observação.

Ruído/música — vá, siga...

Área de trepadas — motéis espremidos um contra o outro — um quarteirão comprido. Construções de estuque — cores fortes — um beco por trás.

Acesso ao telhado por uma escada: estacionei, subi, olhei.

Vertigem — ruído/música e álcool ainda me dominavam. Escorregadio, cuidado, um poleiro — puros bagos me fizeram escolher um ferro de sustentação de letreiro. Uma brisa, uma visão: janelas.

Algumas com luzes: quartos de motéis de trepadas — paredes nuas — nada mais. Estremeci afastando a birita da cabeça — a música bateu com mais força.

Luzes acesas e apagadas. Paredes nuas — não havia como ver rostos, fácil imaginar:

Glenda matando aquele cafetão.

Glenda nua — o corpo de Meg.

Arrepios — peguei o carro, liguei o aquecedor, dirigi...

Casa de Meg — alvorecer — sem luzes acesas. Hollywood — casa de Glenda às escuras. De volta à minha casa — uma carta de Sam G. na caixa de correio.

Ingressos para a temporada na USC. Um P.S.: “Obrigado por provar que os crioulos podem voar.”

Ruído/música — esmaguei a caixa de correio com as duas mãos.

L.A. *Times*, 4/11/58

ANTICLÍMAX NA CORRIDA PARA VEREADOR; ELEIÇÃO QUE DEFINE DESTINO DE CHAVEZ RAVINE GANHA POR ANTECIPAÇÃO

Esperava-se uma disputa acirrada na corrida para vereador pelo Quinto Distrito; a eleição de hoje deveria ser pau a pau. Mas enquanto os candidatos estaduais, municipais e judiciais esperavam nervosamente os resultados das umas, o futuro vereador republicano Thomas Bethune relaxava com a família em sua casa de Hancock Park.

Até a semana passada Bethune era ameaçado por Morton Diskant, seu oponente liberal do Partido Democrata. Diskant, enfatizando suas credenciais como advogado defensor das liberdades civis, procurava retratar Bethune como um peão do *establishment* político de Los Angeles, e seu foco principal era a questão de Chavez Ravine. O Quinto Distrito, que tem população composta por 25% de negros, tornou-se um teste vital: como os eleitores reagiriam quando toda uma campanha girava em torno de desalojar latino-americanos pobres na tentativa de criar espaço destinado a um estádio para os Dodgers?

Diskant enfatizava essa questão, junto com o que chamava de "questões colaterais": as medidas supostamente exageradas do Departamento de Polícia de Los Angeles e da Promotoria Distrital de Los Angeles "Louca pela câmara de gás". Mais do que um teste vital, a disputa pelo Quinto Distrito era crucial para a aprovação da proposta para Chavez Ravine: uma pesquisa na Câmara de Vereadores mostrou que atualmente o resultado seria de 5 a 4 a favor, com todos os outros candidatos republicanos e democratas que disputavam cargos na câmara também verbalizando a aprovação à medida. Assim, somente a eleição de Diskant poderia forçar um empate na Câmara de Vereadores e legalmente adiar por algum tempo o casamento entre Chavez Ravine e os Dodgers.

Mas isso não aconteceria. Semana passada Diskant abandonou a disputa, no momento em que as pesquisas começavam a mostrá-lo à frente de seu adversário. Os votos da Câmara na questão de Chavez Ravine permanecerão 5 a 4 a favor, e a proposta deve ser transformada

em lei em meados de novembro. Diskant citou “motivos pessoais” para a retirada; não quis se aprofundar mais. As especulações dispararam nos círculos políticos, e Welles Noonan, promotor federal para o Sul da Califórnia, verbalizou a seguinte opinião para o repórter Jerry Abrams, do *Times*: “Não citarei nomes e, francamente, não posso dizer nomes. Mas a retirada de Diskant cheira a algum tipo de coerção. E eu diria oficialmente, como democrata e lutador contra o crime com credenciais que incluem a Comissão McClellan do Senado Contra o Crime Organizado, que é possível ser um liberal moderado e inimigo do crime, como provou meu bom amigo o senador John Kennedy em seu trabalho na comissão.”

Noonan recusou-se a responder perguntas sobre suas próprias ambições políticas, e Morton Diskant não pôde ser encontrado para dar sua resposta. O vereador Bethune disse ao Times: “Eu odiei ganhar desse modo, porque gosto de um bom combate. Prepare aqueles cachorros-quentes e os amendoins, Walter O’Malley [presidente da organização dos Dodgers], porque eu estou querendo ingressos para a temporada. Joguem bola!”

L.A. *Mirror,* 5/11/58:

GALLAUDET ELEITO PROMOTOR; O MAIS JOVEM NA HISTÓRIA DA CIDADE

Não foi surpresa: Robert “Me chame de Bob” Gallaudet, 38 anos, ex-policial do DPLA e do Gabinete da Promotoria que fez curso noturno na USC, foi eleito ontem promotor distrital de Los Angeles, vencendo seis candidatos, com um total de 59% dos votos.

Sua eleição marca uma carreira de crescimento rápido definido pela sorte, principalmente devido à aposentadoria do ex-promotor Ellis Loew em abril passado. Gallaudet, na época o promotor favorito de Loew, foi nomeado promotor distrital interino pela Câmara Municipal, principalmente, segundo se acredita, por causa de sua amizade com Edmund Exley, o chefe dos detetives do DPLA. Republicano, Gallaudet deve concorrer a Promotor Geral do Estado em 1960. É um rígido defensor da lei e da ordem, e alvo frequente de grupos contrários à pena de morte, que o consideram excessivamente zeloso em suas recomendações da pena capital.

Uma farpa recente foi atirada contra o novo promotor distrital, vinda de outra direção. Welles Noonan, promotor federal para o Distrito do Sul da Califórnia e frequentemente citado como o provável adversário de Gallaudet na disputa para a Promotoria Geral, disse ao *Mirror*: “O apoio do promotor Gallaudet à Lei de Jogos no Distrito, atualmente parada no Legislativo do Estado da Califórnia, revela-se uma contradição espantosa com a suposta rígida filosofia desse homem contra o crime. Essa lei [propondo zonas legítimas para o jogo confinadas a certas áreas supervisionadas por agências policiais locais, onde cartas, máquinas caça-níqueis, apostas nas corridas e outros jogos de azar serão legais, mas pagando altos impostos com o objetivo de aumentar a arrecadação do estado] é um ultraje moral que tolera o jogo compulsivo sob o disfarce de um bem político. Ela se tornará um ímã para o crime organizado, e exorto o promotor Gallaudet a retirar seu apoio à medida.”

Numa entrevista coletiva para anunciar sua próxima festa da vitória na boate Cocoanut Grove, do Ambassador Hotel, daqui a duas noites, Gallaudet desconsiderou seus críticos, principalmente o promotor federal Noonan: “Olhem, ele já está disputando comigo a Promotoria Geral, e acabo de ser eleito para *este* cargo. Sobre o meu futuro político: sem comentários. Meu comentário sobre minha eleição para Promotor Distrital de Los Angeles: cuidado, criminosos. E animem-se, moradores de Los Angeles: estou aqui para tornar esta cidade um porto pacífico e seguro para todos os cidadãos cumpridores da lei.”

Revista *Hush-Hush*, 6/11/58:

ALÔ, DODGERS!!!
ADIÓS, MASSAS APINHADAS!!!

Vejam só, brotos e brotinhos, malandros e dondocas: nós adoramos tanto quanto vocês o passatempo nacional, mas tudo tem um limite. Aquela grande dama, a Estátua da Liberdade, não tem um borogodó inscrito entre os dedos dos pés? Algo do tipo: “Deem-nos suas massas pobres, apinhadas, sofridas, que desejam ser livres”? Vejam bem, a geografia da Costa Leste não é o nosso ponto forte, e dá para ver que vocês já estão cansados dessa baboseira patriótica. Vejam, *todo mundo* quer um lar para os Dodgers, inclusive nós. *Mas*... a iconoclastia determina que tenhamos um ponto de vista diferente, nem que seja apenas em nome de nossa

ampla circulação. Protesto social por parte da *Hush-Hush*! Diziam que isso não podia acontecer! Lembre-se, caro leitor, você viu primeiro aqui!

Vejam só: a Câmara de Vereadores de Los Angeles está decidida a dar um pontapé num egrégio e entrincheirado enclave de chicanos sem dinheiro, empobrecidos, impetuosamente machistas, expulsando-os dos cortiços corroídos onde se acotovelam, naquele mafuá sombrio e chamado Chavez Ravine!!! Os Dodgers vão se mudar com suas bolas e bandeirolas assim que a poeira baixar e o estádio for construído — e terão um novo lar de onde dominar a Liga Nacional!!! Vejam só!!! Vocês estão felizes, nós estamos felizes!! Avante, Dodgers!!! Mas o que acontecerá com aqueles delinquentes duramente despossuídos, deslocados pelos Dodgers? Os infelizmente maladministrados mexicanos?

É isso aí: o Departamento Territorial e Viário da Califórnia está garantindo aos moradores dos cortiços 10.500 dólares para as despesas de reassentamento de cada família, cerca de metade do custo de um malcheiroso cafofo de favela em locais exóticos como Watts, Willowbrook e Boyle Heights. Além disso, o Departamento está empreendedoramente examinando cortiços corruptamente construídos por empreiteiros rápidos e rapaces: supostos futuros Terraços dos Tacos e Palácios das Enchilladas, onde os Bandoleiros dos Burritos, varridos vergonhosamente de Chavez Ravine, poderiam viver numa fidalguia favelizada, farreando em fandangos fétidos!!!

Vejam só, ouvimos dizer que entre os locais considerados figuram cavalariças convertidas em celas, que já foram usadas para abrigar presos japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, e um bangalô-motel em Lynwood, com camas em forma de coração e espelhos com moldura dourada. Pois é! Esses lugares parecem a redação da *Hush-Hush*!!!

Ei! O aluguel aqui na cintilante, salivantemente sensacional Sunset Strip subiu significativamente — e ouvimos dizer que vários despossuídos lamentavelmente desgostosos pegaram seu dinheiro e voltaram para o México antes da data do despejo geral, deixando para trás pardieiros abandonados! Ei — a *Hush-Hush* poderia mudar seu centro de operações para lá! Assim poderíamos cobrar mais barato por esta revista de terceira! Se você acreditar nisso, nós lhe venderemos uma Cobertura Cucaracha e um Chevrolet Chorizo novo em folha!

Mas, para encerrar num tom mais sério, parece que os poderes estabelecidos de L.A. têm um testa de ferro conversando com os muitos moradores que restam em Chavez Ravine, entregando bugigangas e

fazendo o máximo para convencê-los a se mudar antes da data estabelecida para o despejo sem tentar algo na justiça. Esse homem é o popular pugilista peso-galo Reuben Ruiz, atualmente oitavo no ranking da revista *Ring,* um homem que a *Hush-Hush* se apressa a acusar por um passado comprovadamente confuso.

DETALHE:

Reuben Ruiz cumpriu pena no Reformatório Preston por roubo na juventude.

DETALHE:

Reuben Ruiz tem três irmãos, Ramon, Reyes e Reynaldo — Meu Deus! — uma aliteração de dar orgulho à *Hush-Hush*! — e todos os três têm em suas fichas condenações por roubos de carro ou assalto.

DETALHE:

Reuben Ruiz foi uma testemunha sob guarda durante a recente sindicância de vida curta feita pelo brilhante promotor federal Welles Noonan. (Vocês se lembram dessa sindicância, malandros: outra testemunha pulou pela janela enquanto o detetive do DPLA que montava guarda residia na Cidade do Sono.)

DETALHE:

Reuben Ruiz foi visto alguns dias atrás almoçando no Pacific Dining Car com o promotor Bob Gallaudet e o vereador Thomas Bethune. Um último furo, e *muito* na moita.

Ramon, o irmão de Reuben Ruiz, foi preso por roubo de automóvel alguns dias antes, mas agora a acusação foi misteriosamente retirada...

Uma cativantemente corrosiva conclusão de coerção a considerar:

Será que Reuben Ruiz é um coletor de dinheiro/relações-públicas da Promotoria e da Câmara de Vereadores? Será que o hediondo *hermano,* o rude Ramon, deve sua liberdade ao proxenetismo politicamente prudente de Reuben? Será que os esforços extracurriculares de Reuben irão desembaraçar seu letal gancho de esquerda quando ele lutar contra o durão Stevie Moore no Olympic, na semana que vem?

Lembre-se, caro leitor, você viu primeiro aqui: *Hush-Hush,* extraoficialmente e *muito* na moita.

Seção “Vigilância contra o crime”, Revista *Hush-Hush,* 6/11/58:

PELES PARTEM PÉ ANTE PÉ DOS PORÕES DO REI DAS PELES — PARA ONDE?

Malandros, todos vocês conhecem Sol Hurwitz, “O Rei das Peles”: ele faz seus próprios comerciais no Spade Cooley Show, na TV. Seu anúncio atual mostra uma tempestade de neve animada descendo sobre o cinema Grauman’s Chinese enquanto moradores de Los Angeles, despreparados, estremecem vestidos de bermudas. Ele corta para um cenário de iglu, com seu mascote marionete Maurizio Mink fazendo uma paródia de coro grego: os cientistas estão prevendo uma nova idade do gelo, mas compre sua Pele Hurwitz agora, a preços baixíssimos, com pequeninas prestações mensais, guardem sua pele durante a “baixa temporada” em nosso armazém do Vale de San Fernando sem pagar taxas. Sacaram a jogada, brotos e brotinhos? Sol Hurwitz sabe que peles são um item absurdo no Sul da Califórnia e morre de rir enquanto deixa de mencionar a questão básica dos negócios: as pessoas compram peles por dois motivos: para ficar bonitas e para alardear quanto dinheiro têm.

Entendem esse espírito característico de L.A.? Bom, vocês estão sintonizados conosco. Entendam ainda mais que o depósito gratuito de Hurwitz é bom para um monte de negócios. Estremeçam, estremeçam, brrrr. Seus adorados Charlie Chinchila, Mindy Mink e Raquel Raposa estão em segurança com Sol, certo? Bom, até 25 de outubro vocês estavam assobiando alguma cançãozinha tranquila...

Naquela noite fatídica, três ou quatro bárbaros bandoleiros, supostamente especializados em ferramentas e eletrônica im*pele*iram *pele*gosamente suas carreiras criminosas dominando um guarda de segurança e furtando aproximadamente um milhão de dólares em peles armazenadas “fora de temporada”. Vocês leram as letras pequenas de seus contratos de armazenamento “gratuito”, brotinhos? Se não o fizeram, vejam só: em caso de roubo, a apólice de seguros da Peles Hurwitz reembolsa você à taxa de 25% do valor estimado de sua estola ou seu casaco roubado, e a polícia *pele*ja ina*pele*avelmente sem a menor ideia de quem sejam esses re*pele*ntes ladrões de *pé-le*ve!

O capitão Dudley Smith, chefe da Divisão de Roubos do DPLA, disse aos repórteres na Delegacia de Van Nuys: “Sabemos que foi usada uma grande caminhonete para entrar e escapar, e o guarda lamentavelmente ferido nos contou que três ou quatro homens usando meias para cobrir o rosto o desarmaram. Um complexo sistema frigorífico foi desmantelado, dando aos ladrões o acesso às peles. A capacidade técnica é um óbvio ponto forte dessa gangue de ladrões, e não descansarei enquanto não forem presos.”

Assessorando o capitão Smith estão o sargento Michael Breuning e o sargento Richard Carlisle. Um acréscimo surpresa à equipe de lutadores contra o crime: o policial John Duhamel, conhecido pelos fãs das lutas como Johnny Duhamel, o "Colegial", ex-campeão peso-médio do torneio Luvas de Ouro. O capitão Smith, o sargento Breuning e o sargento Carlisle se recusaram a falar com a *Hush-Hush*, mas o ás dos escrevinhadores da *Hush-Hush*, Duane Tucker, encostou nas cordas o policial "Colegial" Duhamel no último torneio de boxe no estádio da Hollywood Legion. Extraoficialmente, e *muito* na moita, o "Colegial" falou fora da escola.

Disse que o roubo era uma causa de frustração, e descartou fraude contra a seguradora, apesar dos boatos maldosos de que Sol Hurwitz é viciado em dados. Em seguida, o "Colegial" trincou a língua e não quis fazer mais comentários.

Mais tarde, um bando de proprietários furiosos organizou uma manifestação diante do depósito de Sol Hurwitz em Pacoima. Recebendo meros 25% do valor de suas posses, aqueles pais perplexos importunaram impacientemente Mindy Mink, Raquel Raposa e Charlie Chinchila:

— Venham para casa! Está fazendo 26 graus e nós estamos congelando sem vocês!

Esperem *pelas* novidades nas próximas seções Vigilância contra o Crime. Lembrem-se, vocês ficaram sabendo aqui: *Hush-Hush*, extraoficialmente e *muito* na moita!

L.A. *Herald-Express*, 7/11/58:

PROMOTOR FEDERAL ANUNCIA SINDICÂNCIA NO SOUTHSIDE

Hoje de manhã, num boletim lacônico, o promotor federal Welles Noonan anunciou que investigadores do Departamento de Justiça designados para o Distrito do Sul da Califórnia começarão em breve uma sindicância "minuciosamente detalhada, complexa e ampla" na área criminal do sul e do centro de Los Angeles. Ele chamou essa investigação de "coleta de provas contra conspirações criminosas estabelecidas"; disse que seu objetivo era apresentar "provas

convincentes” para um júri de instrução federal convocado especialmente, visando a garantir importantes indiciamentos.

Noonan, de quarenta anos, ex-conselheiro da Comissão McClellan do Senado Contra Atividades do Crime Organizado, disse que sua investigação envolveria crimes como tráfico de drogas, exploração de vitrolas automáticas, máquinas de jogo e de vendas, e que ele provavelmente “investigaria com profundidade” os boatos de que o Departamento de Polícia de Los Angeles permite que a contravenção domine o Southside de Los Angeles e raramente investiga crimes que envolvam ao mesmo tempo criminosos e vítimas negros.

O promotor federal recusou-se a responder às perguntas dos repórteres, mas declarou que sua força-tarefa incluiria quatro promotores e pelo menos uma dúzia de agentes especialmente selecionados no Departamento de Justiça. Ele encerrou a entrevista coletiva declarando imaginar que o Departamento de Polícia de Los Angeles se recusará a colaborar com a sindicância.

O chefe do DPLA, William H. Parker, e o chefe dos detetives Edmund Exley foram informados do anúncio do promotor federal Noonan. Eles se recusaram a comentar.

Parte 2

VAMPIRA

CAPÍTULO X

Dar uma geral na festa:

Cocoanut Grove, um grupo da sociedade. Chefe Parker, Exley... sorrisos para o nosso garoto: Bob Gallaudet da Câmara de Gás. Garçons com bebidas, gente dançando — Meg trouxe Jack Woods para poder entrar no mambo. Dudley Smith, o prefeito Poulson, Tom Bethune — nenhum agradecimento a mim pelo serviço de chantagem.

Jornalistas, dirigentes dos Dodgers. Gallaudet rindo, bombardeado por flashes.

Misturados, vejam só:

George Stemmons, pai, dois gorilas do Smith: Mike Breuning, Dick Carlisle. Ler os lábios deles: SINDICÂNCIA FEDERAL, SINDICÂNCIA FEDERAL. Parker e Exley segurando coquetéis — falando SINDICÂNCIA FEDERAL, pode apostar. Meg dançando com Jack — os bandidos ainda lhe davam tesão — culpa minha.

Hora de aparecer: eu devia os parabéns a Bob. Melhor esperar, pegá-lo sozinho — *minha* má reputação permanecia. Observei a multidão, juntei pensamentos a rostos.

Exley — alto, fácil de achar. Ele tinha lido meu relatório do 459: as pistas de Lucille/voyeur, um adendo fajuto — abandonar o serviço, é um beco sem saída. Ele disse para continuar; alguma parte em mim comemorou — eu queria arrastar aquela família pela sarjeta. As duas extremidades contra o meio: eu tinha dito a Dan Wilhite que pegaria leve.

O inspetor George Stemmons, pai, perto da tigela de ponche — o próprio Junior uns vinte anos mais velho. Junior desaparecido desde o arrocho a Georgie Ainge — tempo de impasse — ele sabia que Glenda Bledsoe tinha matado Dwight Gilette. O relatório *dele* sobre Kafesjian: vago. Nada das verificações das fichas de clientes/putas, minha sondagem no bairro negro mostrou-o ocupado demais: aquele arrocho do lado de fora do Bido Lito’s, aquela confabulação com um “policial louro, garoto bonito”. A identidade do garoto bonito: Johnny Duhamel, novo membro do Esquadrão Antigangues de Dudley Smith.

Junior: não havia como confiar nele; não havia como tirá-lo do caso por enquanto.

Agora em solo:

Verifiquei as listas das delegacias — sorte na da Universidade — nomes de clientes, nenhum nome de putas conectadas. Passei-os ao Departamento de Trânsito e ao de Identificação — todos falsos — a maioria dos policiais de Costumes não pressionava pedindo identidades verdadeiras — não havia coragem para arrochar quem anda atrás de bocetas. Sorte de merda — guardei os nomes para verificar — a maioria dos clientes usa os mesmos apelidos.

Percorrendo o bairro negro:

Interroguei putas da Western Avenue, trabalho de três noites — ninguém identificou as fotos de Lucille. Verifiquei com o esquadrão da 77 — nada localizado ainda com relação às denúncias de voyeurs. Eu mesmo banquei o voyeur: a casa de Kafesjian, jazz no rádio do carro para matar o tédio. Duas noites — brigas de família; uma noite, Lucille sozinha — striptease à janela — o rádio pulsava aos movimentos da garota. Três noites no total, ninguém mais olhando — digamos que *eu* era o único voyeur. Aquele Grande Instinto confirmado — vagabundo/voyeur/ladrão de residência — todos um homem só.

Trabalho de casa, duas noites: Art Pepper, Champ Dineen — ouvindo o que o ladrão havia quebrado. Minha vitrola, o volume no máximo: aquele instinto sólido. Uma sessão me empurrou de volta à casa — segui Tommy K. até o Bido Lito's. Tommy: *entrou com sua própria chave*, sacos de bagulho empilhados junto a máquinas caça-níqueis. Liguei para Lester Lake: arrancar do magrelo pessoas conhecidas de Tommy.

Papo alegre — a multidão na festa inchando. Meg e Jack Woods conversando — provavelmente recomeçaram. Jack cobrava nosso aluguel; nós pagávamos uma percentagem: seu jogo de dados, nosso apartamento vago no Westside. Dando as mãos: minha irmã, meu amigo bandido. Exausto — mudei para Glenda a toda velocidade...

Fisgado de fato — não consegui sublocar o serviço do Hughes. Trabalho em hora extra: segui-a, atento para alguém que pudesse estar me seguindo, escavei alguns talvez. Rondando o set de filmagens, tocaias de carro:

Glenda invade *garçonnières* de Hughes; Glenda doa comida roubada para a casa de repouso do "Drácula". Convidados frequentes de Glenda: Toque V. e Rock Rockwell — George Ainge não estava em lugar algum. Ontem à noite, Glenda das Boas Ações: *foie gras* para os velhos do asilo Sleepy Glade.

Departamento de Identificação — Bledsoe, Glenda Louise:

Nenhuma pendência, nenhum mandado, nenhuma prisão por prostituição. 12/1946: dez dias por roubo de loja, na juventude. Uma anotação do Juizado de

Menores: Glenda tinha espancado uma fanchona apaixonada.

Departamento de Homicídios do DPLA — Dwight William Gilette: data de falecimento, 19/4/55 (não solucionado — ZERO SOBRE GLENDA LOUISE BLEDSOE).

Relatórios falsos para Bradley Milteer: roubos de Glenda apagados, mentira sobre sua saída para fazer publicidade — uma “saída amigável”. Glenda a Toda Velocidade me guiando: assustador bom/bom assustador.

Fui até a multidão. Gallaudet estava com um novo corte de cabelo: aquele estilo Jack Kennedy/Welles Noonan. Um movimento de cabeça para mim, mas sem aperto de mão — policiais com má figura na imprensa contavam pouco. Walter O’Malley passou perto — Bob quase se ajoelhou. Chavez Ravine, estádio de beisebol, estádio de beisebol — alto, feliz.

— Olá, garoto.

Aquele sotaque irlandês — Dudley Smith.

— Olá, Dud.

— Uma bela noite, não é? Guarde minhas palavras: estamos comemorando o início de uma esplêndida carreira política.

Um envelope passou: de um homem dos Dodgers para o homem da promotoria.

— Bob sempre foi ambicioso.

— Como você, garoto. E a perspectiva de um estádio para o time da nossa cidade empolga você?

— Não particularmente.

Dud gargalhou.

— Nem a mim. Chavez Ravine era um lugar excelente para comprar bugigangas dos *cucarachas*, mas agora temo que seja substituído por engarrafamentos de trânsito e mais fumaça. Você acompanha o beisebol, garoto?

— Não.

— Não se interessa por esportes? O dinheiro extracurricular é sua única paixão?

— É esse nome judeu que está grudado em mim.

Uivos — o paletó de seu terno se abriu. Verifiquei o equipamento: Magnum, cassetete curto, canivete.

— Garoto, você tem o poder de divertir este velho.

— Só fico engraçado quando estou entediado; e o beisebol me entedia.

— Ah, eu deveria saber. Os homens implacáveis sempre admiram o boxe. E digo “implacáveis” como elogio, garoto.

— Não me ofendeu. E por falar em boxe, Johnny Duhamel está trabalhando para você, não é?

— Correto, e ele é um esplêndido acréscimo ao Esquadrão Antigangues, capaz de induzir medo. Eu o coloquei trabalhando também no meu caso do roubo das peles, e ele está se mostrando um jovem policial esplêndido para todos os serviços. Por que pergunta, garoto?

— O nome dele apareceu numa conversa. Um dos meus homens dava aulas na Academia. Duhamel foi aluno dele.

— Ahh, sim. George Stemmons, Jr., estou certo? Que memória para alunos antigos aquele garoto deve ter!

— É bem do feitio dele.

Exley me achou — um curto movimento de cabeça. Dud captou:

— Vá, garoto, o chefe Exley está chamando do outro lado do salão. Ah, que olhar de tubarão ele tem.

— Foi bom vê-lo, Dud.

— O prazer foi todo meu, garoto.

Fui até o outro lado. Exley, na bucha:

— Depois de amanhã teremos uma reunião. Nove horas, todos os comandantes da Divisão. Esteja lá, vamos discutir a sindicância federal. Além disso quero que você examine as declarações de imposto de renda da família Kafesjian. Você é advogado, encontre um furo.

— Declarações de renda exigem um mandado federal. Por que não pede a Welles Noonan? Isso faz parte do distrito dele.

Nós dos dedos esbranquiçados — seu copo de vinho estremeceu.

— Li o seu relatório, e os nomes dos clientes me interessam. Quero uma batida amanhã à noite na Western e na Adams. Arranje com a Costumes da Universidade, e destaque o máximo de homens que puder. Quero informações detalhadas sobre os clientes de Lucille Kafesjian.

— Tem certeza que deseja dar em cima daquela família com os federais bem na esquina?

— Faça isso, tenente. Não questione meus motivos nem pergunte por quê.

Puto — cheguei ao saguão fumegando. Um telefone, uma moeda — ligar para a Divisão.

— Delegacia de Costumes, policial Riegle.

— Sid, sou eu.

— Oi, comandante. Você é telepata? A Hollenbeck acabou de deixar um recado para você.

— Espere, primeiro preciso acertar uma coisa.

— Sou todo ouvidos.

— Ligue para a universidade e marque uma batida. Digamos que oito homens e dois camburões para as putas. Digamos que às onze da noite de

amanhã. Western e Adams, autorização do chefe Exley.

Sid assobiou.

— Pode explicar?

ESFORÇO MENTAL.

— E diga ao tenente do esquadrão que preciso de uma fileira de salas de interrogatório, e diga a Junior Stemmons para se encontrar comigo na delegacia. Quero que ele esteja nisso.

Barulho de rabiscos.

— Está no papel. Quer o recado agora?

— Manda ver.

— O Destacamento de Penhores encontrou a prataria do Kafesjian. Um mexicano tentou empenhá-la em Boyle Heights, e o dono da loja viu o nosso boletim e embromou o sujeito. Ele está preso na delegacia de Hollenbeck.

Dei um grito de alegria — cabeças viraram.

— Ligue para a Hollenbeck, Sid. Diga para colocarem o mexicano numa sala de suadouro. Estou indo.

— Está feito, comandante.

De volta à festa — Bob da Câmara de Gás cercado — não havia como sair com elegância. Uma loura passou girando — Glenda — uma piscada — só uma mulher.

CAPÍTULO XI

Jesus Chasco — gordo, mexicano — não era o meu voyeur. Nenhuma ficha policial, um visto de trabalho de 58 expirando. Apavorado — suores da sala de suadouro.

— *Habla inglés,* Jesus?

— Falo inglês tão bem quanto o senhor.

Folhear o registro criminal.

— Isto aqui diz que você tentou vender prataria roubada à Loja de Penhores Happytime. Você disse aos policiais que não roubou a prataria, mas não quis dizer onde conseguiu. Certo, este é um crime: receptar bens roubados. Você deu seu carro como seu endereço, de modo que temos uma acusação de contravenção: vadiagem. Quantos anos tem, Jesus?

Camiseta e calça cáqui — suadas.

— Quarenta e três. Por que está perguntando?

— Estou pensando em cinco anos em San Quentin, depois um pontapé de volta ao México. Quando você chegar lá, talvez possa ganhar um prêmio como o imigrante ilegal mais velho do mundo.

Chasco acenou com os braços; suor voou.

— Eu durmo no carro para economizar dinheiro!

— É, para trazer a família para cá. Agora fique parado ou eu o algemo à cadeira.

Ele cuspiu no chão; balancei as algemas ao nível dos olhos.

— Diga onde conseguiu a prataria. Se der alguma prova, solto você.

— Quer dizer que o senhor...

— Quero dizer que você vai embora. Sem acusações, sem nada.

— E se eu não contar?

Esperá-lo, deixar que ele demonstre ter bagos. Dez segundos — um clássico dar de ombros *cucaracha.*

— Trabalho como zelador num motel. É na 53 com Western, chama-se Red Arrow Inn. É... o senhor sabe, para as putas e os caras delas.

Comichões.

— Continue.

— Bom... Eu estava consertando a pia do quarto 19. Encontrei aquela prataria bonita enfiada na cama... o senhor sabe, os lençóis e o colchão todos rasgados. Eu... achei... achei que o sujeito que tinha alugado o quarto tinha ficado maluco... e... e ele não iria dar parte à polícia se eu pegasse o material dele.

Agarrar a pista:

— *Como era "o sujeito"*?

— Não sei... um sujeito. Nunca vi ele. Pergunte à recepcionista da noite, ela vai dizer.

— Ela vai dizer a nós dois.

— Ei, o senhor falou...

— Ponha as mãos nas costas.

Bagos — dois segundos — outro dar de ombros. Algemei-o frouxo — mantê-lo amigável.

— Ei, estou com fome.

— Eu lhe dou uma barra de chocolate.

— O senhor disse que ia me soltar!

— E vou.

— Mas meu carro está aqui!

— Pegue um ônibus.

— *Pinche cabrón! Puto! Gabacho maricón!*

Uma corrida de meia hora. Jesus seja louvado: nenhum barulho no banco de trás, nada de sacudir as algemas. O Red Arrow Inn: quartos lado a lado, duas fileiras, uma passagem de veículos no meio. Um letreiro de néon: "Há vagas."

Parei perto do quarto 19: escuro, sem carro na frente. Chasco:

— Tenho minha chave mestra.

Soltei suas algemas. Faróis altos acesos — ele abriu o 19, bem iluminado por trás.

— Venha ver! Exatamente como eu disse!

Fui até lá. Prova: marcas de pé de cabra no portal — *recentes* — lascas novas. O quarto em si: pequeno, piso de linóleo, sem móveis. A cama: lençóis rasgados, colchão cortado soltando o estofamento.

Chasco arrastou-a. Examinei a cama de perto: furos de garfos no colchão, facadas até as molas. Manchas de sêmen — meu voyeur gritava ME PEGUE AGORA. Rasguei um pedaço de lençol — a porra podia ser testada em busca do tipo sanguíneo.

— Branco xexelento!

Virei-me.

— O branco xexelento destruiu minha bela cama! — Uma vovó crioula balançando uma ficha de hóspede.

Peguei-a — “John Smith” — previsível — dez dias pagos adiantados, amanhã seria o último. A vovó falou uma algaravia; Chasco apontou para fora.

Segui-o. Jesus, ansioso:

— Carlotta não sabe quem alugou o quarto. Ela disse que acha que foi um branco novo. Disse que um bebum alugou o quarto para ele, e o hóspede disse que queria o quarto 19. Ela mesma não viu o hóspede. Eu também não, mas escute, eu conheço o tal bebum. Se você me der cinco dólares e uma carona de volta até o meu carro, eu encontro ele.

Pegando no bolso: duas notas de cinco, a tira de fotos de Lucille.

— Uma para você, outra para Carlotta. Diga a ela que não quero encrenca e pergunte se ela conhece essa garota. *Depois* você vai encontrar o tal bebum.

Chasco correu de volta, passou a nota de cinco, mostrou as fotos — a velhota assentiu sim sim sim. Jesus, de volta:

— Carlotta disse que aquela garota aparece de vez em quando, aluga por pouco tempo e sempre pede o número 18, perto de onde encontrei aquela prata bonita. Ela disse que a garota gosta do 18 porque tem vista da rua, para o caso de a polícia aparecer.

Pensar:

Quarto 19, quarto 18; o voyeur espiando Lucille trepando com os clientes. Quarto 19, marcas de pé de cabra — será que havia uma terceira pessoa envolvida?

A vovó sacudiu uma latinha.

— Pra Jeová. Jeová ganha de volta dez por cento de todo o dinheiro de aluguel gasto nesse local pecaminoso. Eu também sofro de jogatinite na caça-níquel, e dou dez por cento do que ganho a Jeová. Você é um polícia bonito, de modo que, por mais um dólar pra Jeová, eu falo mais sujeiras daquela branca vagabunda aventureira que você mostrou a foto pra mim.

Porra, pegar a grana — a vovó encheu mais a latinha.

— Eu vi aquela garota no Bido Lito’s, onde eu tava caindo na jogatinite aguda pra dar dinheiro a Jeová. Tinha um outro polícia perguntando pro pessoal do bar sobre ela. Eu disse a ele o que disse a você: ela é só uma branquela vagabunda aventureira. Depois, tarde da noite, vi aquela garota dos retratos fazer um striptease com um casaco bonito às pampas. Aquele outro polícia também viu, mas ficou frio, que nem que *não* era polícia, e nem impediu ela de fazer aquela coisa horrorosa, *nem* agiu que nem estivesse muito excitado e chateado.

Pensar — não saltar por enquanto.

— Jesus, vá pegar o tal bebum. Carlotta, como era o tal policial?

Chasco se mandou. A velhota:

— Tinha cabelo castanho-claro penteado alto com brilhantina, e devia ter uns trinta anos. Bonito, mas não tão elegante que nem você.

Salto: pista número dois de Junior no bairro negro. Salto reverso: Rock Rockwell em Fern Dell — um veado disse que a Costumes estava atuando no parque. Junior disse que era "um favor" que devia a um colega que trabalhava na Costumes de Hollywood.

Barulho da latinha — joguei umas moedas para a vovó.

— Escute, alguma vez a senhora viu o homem que ficou neste quarto?

— Jeová seja louvado, eu vi ele pelas costas.

— A senhora o viu *com* mais alguém?

— Jeová seja louvado, não, não vi.

— Quando foi a última vez que viu a garota das fotos?

— Jeová seja louvado, quando ela fez o tal striptease no Bido's, faz uns quatro, cinco dias.

— Quando foi a última vez que ela trouxe um cliente para esse quarto aqui?

— Jeová seja louvado, tem mais ou menos uma semana.

— Onde ela pega os clientes?

— Jeová seja louvado, não sei.

— Ela trouxe algum homem mais de uma vez? Ela tem clientes regulares?

— Jeová seja louvado, aprendi a não olhar a cara daqueles pecadores.

Chasco veio andando com um mendigo.

— Não sei, mas acho que talvez este cara não seja muito esperto com as perguntas.

"Este cara": mexicano, filipino — coberto de sujeira — serviço difícil.

— Qual é o seu nome, *sahib*?

Murmúrios, soluços — Jesus cutucou-o.

— Os policiais chamam ele de Tocha, porque algumas vezes ele põe fogo no corpo quando está bêbado.

O Tocha mostrou umas cicatrizes — a velhota se afastou dizendo "Ugh!". Jesus:

— Olhe, eu perguntei a ele sobre o cara para quem ele alugou o quarto, e acho que ele não lembra direito. O senhor ainda precisa me dar uma carona...

De volta ao quarto 19 — usando antolhos. Virar a tranca, olhando fixo — zoom — uma porta de ligação.

Do quarto 19 ao quarto 18 — o local de foda predileto de Lucille. Marcas de arrombamento no portal — diferentes das marcas na porta da frente.

Pensar:

O voyeur invade ou tenta invadir o quarto de Lucille.

O voyeur destrói seu próprio quarto, deixa a prataria, sai em pânico. Ou: marcas *diferentes* de arrombamento na porta da frente. Digamos que outra pessoa invadiu o lugar. Algum outro envolvido?

Bati na porta interna — sem resposta. Um empurrão com o ombro — afrouxou, cedeu, estalou — passei pelas dobradiças soltas para o quarto 18.

Como o 19 — mas sem porta de armário. Outra coisa: ondulações na parede acima da cama.

De perto: papel de parede amarrotado, massa corrida mal colocada. Uma depressão quadrada — a parede perfurada por baixo. Papel de parede arrancado — uma tira fina, segui a linha:

Da parede até a porta de ligação — descendo até abaixo da porta.

Hipótese:

Um grampo — plantado e removido, o microfone acima da cama — o voyeur espia Lucille, habilidade eletrônica básica...

Revirei o quarto — vazio, zero, nada. Número 19 — revirá-lo duas vezes; no armário: cueca enrolando um carretel de fita.

Validada a saída em pânico.

A velhota e Jesus lá fora tendo chiliques.

Passei por eles a toda velocidade. A vovó sacudiu a latinha na minha direção.

A Divisão — Código 3 — uma parada no laboratório: examinar a porra no lençol em busca de tipo sanguíneo. Minha sala, meu velho kit de química — colocar pó de impressões digitais no rolo de fita.

Manchas — nenhuma impressão latente. Agitado agora, peguei um gravador no almoxarifado.

Calmaria da noite — o esquadrão em silêncio. Fechei minha porta, apertei o *Play*, apaguei as luzes.

Ouvi:

Estática, barulho do tráfego, vibração da janela. Ruídos externos: negócios no Red Arrow Inn.

Putas crioulas falando — dez minutos de papo com cafetão/cliente. Dava para *VER*: putas do lado de fora da janela DELA. Silêncio, a fita sibila, uma porta batendo.

— Pagamento adiantado, meu doce. — Pausa. — É, quero dizer agora. — Lucille.

— Certo, certo — um homem.

Pausa, sapatos largados, o colchão range: durante três minutos. A fita quase terminada, gemidos — o clímax dele. Silêncio, palavras emboladas, Lucille:

— Vamos fazer um joguinho. Agora vou ser a filha e você vai ser o papai, e se você for *reeealmente* doce podemos fazer de novo sem pagar extra.

Barulho de trânsito, barulho na entrada de veículos, respiração. Fácil imaginar.

Aquela parede entre eles.

A vigilância não bastava.

Meu voyeur respirando entrecortado — apavorado a ponto de derrubar aquela parede.

CAPÍTULO XII

Sonhos embolados pela estática: Lucille falando papo sexual *comigo.* O laboratório, meu telefonema despertador — a porra tinha sido examinada, O positivo. Arrepios numa tentativa tardia ao telefone: a Costumes de Hollywood disse que a história de Junior para o arrocho dos veados era besteira.

— Cascata total; quem contou isso a você mentiu descaradamente. Estamos ocupados demais com o Fogo-fátuo para dar em cima das bichas, e nenhum dos caras daqui dá batida no Fern Dell Park há mais de um ano.

Café — meia xícara — meus nervos se sacudiam.

A campainha — alta.

Abri — porra — Bradley Milteer e Harold John Miciak.

Olhares sérios — o colega policial deles enrolado numa toalha. Miciak olhou minha cicatriz de espada japonesa.

— Entrem, cavalheiros.

Eles entraram e fecharam a porta. Milteer:

— Nós viemos para um relatório da situação.

Sorri. Servil.

— Eu tenho fontes no set de filmagem levantando informações sobre a Srta. Bledsoe.

— Você está a serviço do Sr. Hughes há uma semana, tenente. Francamente, até agora o senhor não "levantou" os resultados que ele esperava.

— Estou trabalhando nisso.

— Então, por favor, produza resultados. Os seus serviços policiais normais estão interferindo com o trabalho para o Sr. Hughes?

— Meus serviços policiais não são muito normais.

— Bom, seja como for, o senhor está sendo pago para conseguir informações sobre Glenda Bledsoe. Agora, o Sr. Hughes parece achar que a Srta. Bledsoe andou furtando comida dos domicílios das atrizes dele. Uma acusação criminal de roubo violaria o contrato, de modo que será que o senhor poderia vigiá-la com mais empenho?

Miciak flexionou as mãos — sem tatuagens de gangues.

— Começarei essa vigilância imediatamente, Sr. Milteer.

— Ótimo. Eu espero resultados, o Sr. Hughes espera resultados.

Miciak — olhos de cadeia, escroto que odeia policiais.

— First Flats ou White Fence, Harold?

— Hein, o quê?

— Aquelas tatuagens que o Sr. Hughes fez você queimar.

— Escute, eu estou limpo.

— Claro, o Sr. Hughes mandou apagar a sua ficha.

Milteer:

— Tenente, *ora essa*!

O escroto:

— Onde você conseguiu essa cicatriz, figurão?

— Uma espada japonesa.

— O que aconteceu com o japona?

— Enfiei a espada na bunda dele.

Milteer revirou os olhos ah, vocês, selvagens:

— Resultados, Sr. Klein. Venha, Harold.

Harold andou. Sinais de punho para mim — puro White Fence.

Turno no set de filmagem:

Parada para o vinho — Mickey C. distribuindo T-Bird para sua "equipe". O "diretor" Sid Frizell, o "fotógrafo" Wylie Bullock — arrancar os olhos do monstro principal com um espeto ou uma faca? Glenda servindo esturjão aos figurantes, ler os olhos *dela*: "Quem é aquele cara? Já o vi antes."

O trailer de Rock Rockwell — bati na porta.

— Está aberta.

Entrei. Aconchegante: um colchão, uma cadeira. Rockwell fazendo flexões no chão. O OLHAR: polícia, ah, que porra.

— Não é um arrocho, sou amigo de Toque.

— Eu ouvi meu nome?

Toque saiu do banheiro. Sem equipamento sanitário — só aparelhos de TV empilhados até o alto.

— David, você não viu aquilo.

— Vi o quê?

Rockwell deslizou para cima do colchão; Toque jogou-lhe uma toalha.

— Meg é minha primeira cliente. Ela disse que queria colocar tevês em todos os quartos mobiliados, para aumentar o aluguel. Ah, desculpem. Rock Rockwell, David Klein.

Sem olá — Rock se enxugava com a toalha. Toque:

— Dave, a que se deve isto?

Olhos em Rockwell — Toque captou o movimento.

— Ele é capaz de guardar segredos de policial.

— Eu tinha umas perguntas sobre atividades no Fern Dell Park.

Rockwell coçou o colchão. Toque se esparramou ao lado dele.

— Atividades do tipo da *Costumes*?

Puxei a cadeira para perto.

— Mais ou menos, e o negócio é esquisito porque acho que um dos meus homens pode estar dando arrochos em Fern Dell.

Toque se retesou.

— O quê? O que é?

— David, como é esse tal homem?

— Um e setenta e oito, um e oitenta, cabelo cor de areia comprido. Meio bonito; talvez você gostasse dele.

Sem riso — Toque se enrolou na direção de Rockwell.

— Ande, me conte. Nós nos conhecemos há muito tempo, você sabe que nenhuma coisa que disser vai sair deste quarto.

— Bom... como isso meio envolve o Mickey, e como você é amigo dele...

Instigá-lo:

— Vamos, como dizem as revistas: “extraoficialmente”.

Toque se levantou, vestiu um roupão, andou de um lado para outro.

— Semana passada esse cara, esse... policial que você descreveu, me arrochou em Fern Dell. Eu disse quem era, *quem eu conhecia,* inclusive Mickey Cohen, e ele nem ligou. Olha, eu estava fazendo pegação. Você sabe o que sou, David... Rock e eu temos um acordo...

Rockwell — BAM! — saiu pela porta vestindo a calça.

— É assim que gente do nosso tipo tem de ser para se dar bem um com o outro, e aquele... ah, merda, aquele *policial* disse que me viu instalando equipamento de caça-níqueis no Southside faz algum tempo, e disse que aquela sindicância federal vai acontecer, e que vai me dedurar se eu não cooperar com ele, de modo que tudo bem, *nós* dois sabemos fazer negócios, David, mas *aquele policial* estava agindo como se estivesse tão drogado e maluco que *vi que ele não sabia*, por isso ouvi. Ele disse: “Você deve conhecer bem o bairro negro.” Eu disse que sim, e tive a impressão que ele estava cheio de benzedrina ou nembutal, ou as *duas* coisas, e aí ele começou a falar sem parar de — e estou citando o que ele disse — de um outro policial “belíssimo” — ele usou a palavra “belíssimo” — que trabalhava no Esquadrão Antigangues...

O “belíssimo” Johnny Duhamel. Meu coração martelou — sincronizado com trejeitos de veado...

— *O tal policial só ficava falando sem parar.* Não queria me dizer *detalhes,* só... ficava falando. Ele contou uma história maluca sobre uma puta com casaco de visom fazendo striptease, e como o belíssimo policial do Esquadrão Antigangues entrou em pânico e mandou que ela parasse. David, aqui é que o negócio fica estranho, engraçado e meio... bem... *incestuoso,* porque o policial maluco viu que o papo do casaco de pele me deixou com um pouquinho de suspeitas. Ele veio com tudo, e encontrou uma arma comigo e me ameaçou com uma acusação de porte ilegal, aí eu disse que o negócio da pele me pareceu estranho, porque Johnny Duhamel, aquele ex-pugilista meio famoso, tentou vender um montão de peles quentes ao Mickey, e Mickey recusou. O policial maluco riu, riu e começou a murmurar: "Johnny Belíssimo", e então me deu uma espécie de aviso e foi embora. E David, aquele policial é um dos nossos, se é que você me entende, coração, e eu só lhe disse isso porque nosso amigo mútuo Mickey teve um pequeno papel coadjuvante.

Toque — mãos no roupão, portando arma — aposto que ele quase a enfiou na bunda de Junior.

Pensar:

Junior arrocha um cara no Bido Lito's.

Demonstra intimidade com Johnny Duhamel — no Bido Lito's.

Espia o striptease de Lucille com o casaco de pele — no Bido Lito's.

Mais:

Junior — o caso Kafesjian embromado.

Arrochos no Fern Dell Park — Junior veado — Toque conhecia a área — digamos que é um talvez.

Toque:

— Não quero que você conte ao Mickey o que lhe contei. Duhamel só procurou Mickey porque ele é Mickey. Mickey não sabe nada sobre esse seu policial extorsionário, sei disso. Dave, está me ouvindo?

— Estou.

— Você não vai contar ao Mickey?

— Não, não vou contar.

— Parece que você viu um fantasma.

— Um monte.

Caçador de fantasmas...

O estacionamento do observatório — serviço de telefone.

Primeira moeda: Jack Woods — vigiar Junior depois da batida contra as putas. Segunda: Delegacia de Costumes/Sid Riegle/confirmação: tudo arranjado,

mandar Junior ficar na delegacia da universidade. Ordens: ir até a Roubos e Furtos, folhear a ficha do roubo das peles. Riegle: claro, ligo de volta para você.

Tic tic tic — meu pulso corria mais rápido do que meu relógio. Onze minutos. Sid com notícias corriqueiras: Nada de suspeitos, cercas apoiadas — nenhuma pele à vista. De três a cinco homens, uma caminhonete, sólida experiência: eletrônica e equipamento. Dud Smith tinha descartado fraude — não havia motivo lucrativo — Sol Hurwitz pagava seguros baixos. Sid — "Por que o interesse?" — cortá-lo. Terceira moeda — um funcionário do Departamento de Pessoal, que me devia.

Minha oferta: sua dívida apagada em troca da verificação de uma ficha: Policial John Duhamel. Ele concordou; fiz uma pergunta: Duhamel possuía alguma especialidade técnica?

Fiquei na linha — vinte longos minutos. Resultados: Duhamel, diploma com honra ao mérito — engenharia — USC, 1956. Só notas máximas — rá-rá, colega troiano.

Duhamel, provável ladrão das peles. Possíveis parceiros: Reuben Ruiz e seus irmãos — Reuben e Johnny lutavam juntos como amadores. Negando o instinto: Ruiz invadia residências, o mesmo seus irmãos — a família era especializada em roubo de veículos. Mais provavelmente:

Dudley coopta Johnny para o roubo das peles; Johnny resolve fazer um solo e pega algumas peles. De esperto a idiota — oferece as mercadorias a Mickey Cohen — o garoto não sabe da rixa de Mickey.

Minha rixa — entregá-lo ao Dud? — pensar bem. *Tic tic tic* — ainda não — circunstancial demais. Minha prioridade: descobrir mais sobre Junior e Johnny, tirar Junior de cima de Glenda.

Caçador de fantasma.

Glenda.

Resultados.

Tempo antes da batida contra as putas — segui-la.

A estrada do parque — esperá-la.

Sua rotina: ir para casa às duas horas, roubar mais tarde. Tempo para matar, tempo para pensar...

Fácil: minha "paixonite" me deixava muito tenso — pegá-la roubando e dedurá-la — HOJE. Ideia: conseguir para ela um advogado comunista enfurecido contra gente rica — Morton Diskant, a pessoa certa. Indiciamento, julgamento — Glenda paga em espécie a Morty, o fanático por bocetas.

“Culpada”, temporada em prisão estadual, Dave Klein lá com flores quando a mandarem embora.

Ligar o rádio, tempo.

Jazz — talvez policiais veados rondando o bairro negro — agitados demais, frenéticos demais. Girar o dial, baladas — “Tennessee Waltz” — Meg. 1951, aquela canção, os dois Tonys — Jack Woods provavelmente sabia de toda a história. Ele e Meg de volta; apaguei uma testemunha e ela suspeitou — e Jack não iria sacaneá-la. Ela saberia, ela ficaria apavorada, ela me perdoaria. Ela e Jack — eu não sentia ciúme — digamos que ele é perigoso e seguro — mais seguro do que eu.

De volta ao jazz — agora bom, sacudido — pensar:

Lucille na fita: “Eu vou ser a filha e você vai ser o papai.” Lucille, nua: carnuda como aquela puta que tive na época do exército. Músicas de *big band,* a guerra, Glenda no colégio — *trancá-la.*

Meio-dia, 1:00, 1:30 — cochilei e acordei com cãibras. Roncos no estômago, uma mijada nos arbustos. Cedo: o Corvette dela saindo a toda, de capota arriada.

Girei — um Chevy marrom entrou entre nós — estranhamente familiar. Forçar os olhos, identificar o motorista: Harold John Miciak.

Fileira de três carros de tocaia — absurdo.

Até o observatório; descendo ao nível da rua. Glenda despreocupada, a echarpe voando. Puto: ligar a sirene, porrar aquele merda.

Miciak apertou o acelerador — quase colando os para-choques. Glenda olhou em volta; ele olhou em volta — noventa e cinco por hora, desligar a sirene, ligar o microfone:

— Polícia! Pare agora!

Ele balançou, bateu no meio-fio, parou. Glenda reduziu e parou.

Saí.

Miciak saiu.

Glenda olhou — ver pelo ângulo dela:

O gorila enorme sai gritando; aquele cara em mangas de camisa, com coldre de ombro, grita de volta:

— Esse negócio é meu! Você terá a porra dos resultados! Diga à porra do seu chefe!

O gorila gagueja, chuta o chão, faz um retorno.

O policial volta ao carro — sua deusa do filme B se foi.

Tempo para matar, tempo para deduzir a rota dela. Tente o leste: a *garçonnière* de Hughes em Glendale.

Fui para lá. Compensou: uma mansão em estilo Tudor flanqueada por cercas vivas em forma de avião. Uma entrada de veículos circular — o Corvette dela perto da porta.

Estacionei. Garoava — saí e toquei a chuva. Glenda saiu carregando comida.

Ela me viu.

Eu me mantive ali.

Ela me jogou uma lata de caviar.

CAPÍTULO XIII

Western com Adams — as putas bem-informadas — quase policiais naquela noite.

Uniformizados em força total: pegando clientes, rebocando carros de clientes.

Camburões de putas atrás do Cooper's Donuts; policiais da Costumes fazendo identificações. Homens estacionados ao norte e ao sul — doidos para pegar caçadores de sexo doidos para fugir.

Meu poleiro: o telhado do Cooper's. Material: binóculo, um megafone.

Veja só o pânico:

Clientes abordando putas — policiais agarrando-os. Veículos rebocados, homens detidos nos camburões — quatorze apanhados até agora, interrogatório preliminar:

— Você é casado?

— Está sob condicional ou *sursis*?

— Gosta de brancas ou de cor? Assine esta renúncia de direitos, talvez o liberemos na delegacia.

Nada de Lucille K.

Um otário tentou fugir — um recruta acertou seus pneus traseiros.

Blablablá epidêmico — "NÃO CONTE À MINHA MULHER!" — As algemas de tornozelos fazendo barulho — o camburão de prostitutas balançava.

Sorte — putas misturadas meio a meio: garotas brancas, crioulas. Quatorze clientes presos — todos brancos.

Pânico lá embaixo: adeptos da maçonaria árabe apanhados cm bando. Cinco homens, chapéus *fez* voando — uma puta agarrou um deles e saracoteou.

Falei no megafone:

— Nós temos dezenove! Vamos parar por aqui!

Até a delegacia — embromando — deixar Sid Riegle fazer os preparativos. Sorte: o Ford de Junior perto da porta do esquadrão. Sinais de faróis me atraíram quando eu chegava: Jack Woods, vigilante eventual.

Esquadrão, sala de reuniões. Mostrei o distintivo para o carcereiro — *clic*/*zup* — a porta se abriu. Descendo pelo passadiço, virando a esquina: a cela dos veados de frente para a dos bêbados. Bêbados e clientes vaiando o show: travestis se masturbando.

Riegle do lado de fora das barras, marcando etiquetas de nomes. Balançou a cabeça — barulho demais para falar.

Examinei os peixes apanhados — merda — nada com idade do voyeur. Foda-se — fui à sala de apresentação.

Cadeiras, um palco comprido: espelho unidirecional iluminado fortemente. Fichas e identificações arrumadas para mim — verifiquei-as, comparando com minha ficha de apelidos de clientes.

Nenhum repetido — já era esperado — eu passaria os nomes falsos para o Departamento de Trânsito. Nenhum nome real chamando a atenção; carteiras de motorista mostrando idades acima de 38 anos — meu voyeur tinha pelo menos dez a menos. Seis clientes com fichas de pequenos crimes — nenhum voyeur, ladrão de residência, criminoso sexual. Uma anotação na capa: dezesseis dos dezenove homens eram casados.

Riegle entrou. Falei:

— Onde está Stemmons?

— Está esperando numa das salas de interrogatório. Dave, essa coisa é de verdade? A filha de J.C. Kafesjian é alguma espécie de prostituta?

— É verdade, e não pergunte o que Exley quer, e não me diga que o Departamento não precisa desta merda com os federais bisbilhotando por aí.

— Eu ia mencionar isso, mas acho que vou ficar do seu lado bom. Mas tem uma coisa.

— O que é?

— Vi Dan Wilhite na sala do comandante do plantão. Sabendo como ele é com os Kafesjian, eu diria que está mais do que um pouco emputecido.

— Merda, essa é mais uma merda da qual não preciso.

Sid sorriu.

— É, mas vai ser moleza; *todos* eles assinaram as renúncias de direitos.

Sorri de volta.

— Mande-os entrar.

Riegle saiu de novo; peguei o microfone. Barulho de algemas, arrastar de algemas — caçadores de putas iluminados no palco.

— Boa noite, cavalheiros, e ouçam atentamente. — O alto-falante soou a todo volume. — Todos os senhores foram presos por solicitar serviços de prostituição, uma violação do Código Penal da Califórnia passível de punição com até um ano de cadeia no condado de Los Angeles. Cavalheiros, eu posso

tornar isto fácil ou posso tornar uma das piores experiências de suas vidas, e meu modo de agir dependerá inteiramente dos senhores.

Olhos piscando, pés se arrastando, soluços secos — sacos de tristeza enfileirados. Li minha lista de clientes e observei reações:

— John David Smith, George William Smith; ora, sejam originais. John Jones, Thomas Hardesty; esses são mais interessantes. D.D. Eisenhower; qual é? Este está fora do alcance de vocês. Mark Wilshire, Bruce Pico, Robert Normandie; nomes de guerra. Qual é? Timothy Crenshaw, Joseph Arden, Lewis Burdette... este é jogador de beisebol, certo? Miles Swindell, Daniel Doherty, Charles Johnson, Arthur Johnson, Michael Montgomery, Craig Donaldson, Roger Hancock, Chuck Sepulveda, David San Vicente... meu Deus, mais nomes de guerra.

Porra — eu não conseguia examinar rostos tão depressa.

— Cavalheiros, é aqui que o negócio fica mais fácil ou mais difícil. O Departamento de Polícia de Los Angeles deseja lhes poupar sofrimentos e, francamente, suas buscas extraconjugais *ilegais* não nos preocupam tanto. Essencialmente, os senhores foram detidos para ajudar numa investigação de roubo a residência. Uma jovem conhecida por vender ocasionalmente seus serviços na South Western Avenue está envolvida, e preciso isolar os homens que compraram esses serviços.

Riegle no palco, mostrando tiras de fotos.

— Cavalheiros, nós podemos detê-los legalmente por setenta e duas horas antes de indiciá-los na Vara de Contravenções. Cada um dos senhores poderá dar um telefonema, e caso decidam ligar para suas esposas, podem dizer a elas que estão sendo mantidos na Delegacia da Universidade acusados de um-oito-barra-meia-zero: solicitar serviços de prostituição. Entendo que possam sentir-se relutantes em fazer isso, portanto ouçam bem, só vou dizer uma vez.

Rumores surdos — respirações turvaram o vidro.

— O policial Riegle irá lhes mostrar fotos da tal jovem. Se os senhores compraram os serviços dela, deem dois passos à frente. Se a viram rodando bolsinha, mas não compraram seus serviços, levantem a mão direita.

Pequena pausa.

— Cavalheiros, *confirmações legítimas* garantirão que todos sejam soltos dentro de algumas horas, *sem qualquer acusação.* Se nenhum dos senhores admitir ter comprado os serviços dessa mulher, concluirei que estão mentindo ou que simplesmente nenhum dos senhores a viu ou esteve com ela, o que significa, em qualquer dos casos, que todos os dezenove estarão sujeitos a interrogatório intensivo, e que todos os dezenove serão fichados, mantidos por setenta e duas horas e indiciados. Serão mantidos durante esse tempo nas instalações que temos

aqui para prisioneiros homossexuais, isto é, a cadeia dos veados, onde aqueles travestis crioulos estavam sacudindo os paus na direção de vocês. Cavalheiros, se algum dos senhores admitir que esteve com a tal jovem, e se suas declarações nos convencerem de que estão dizendo a verdade, não serão acusados de crime e suas revelações serão mantidas estritamente em segredo. Assim que estivermos convencidos, todos os senhores serão liberados e terão permissão de retomar seus bens confiscados e seus carros rebocados. Seus carros estão num estacionamento do condado, aqui perto, e como recompensa pela colaboração os senhores não terão de pagar a multa por reboque. Repetindo: queremos a verdade. Os senhores não podem mentir para sair daqui, dizendo que a comeram quando não comeram; mentiras não vão adiantar. Sid, passe as fotos.

Riegle entregando a um sujeito magricela com cara de avô.

Tonto, sentindo *prise* de advogado — David Klein, *Juris Doctor.*

Olhei para baixo, prendi o fôlego, olhei para cima: um maçom e um cara com pinta de malandro se adiantaram. Verifiquei as fotos das carteiras de motorista e identifiquei os nomes:

Maçom: Willis Arnold Kaltenborn, Pasadena. Malandro: Vincent Michael Lo Bruto, East L.A. Verificação de ficha policial, sujeira sobre o carcamano: fugas do Juizado de Menores.

Sid entrou.

— Nós conseguimos.

— É, conseguimos. Stemmons está esperando, certo?

— Certo, e o gravador está com ele. Na quarta cabine, é onde ele está.

— Ponha Kaltenborn na número 5 e coloque o italiano com Junior. Leve o resto para a cela dos bêbados.

— Dou comida pra eles?

— Barras de chocolate. E nenhum telefonema; um advogado esperto poderia conseguir a liberação. Onde está Wilhite?

— Não sei.

— Mantenha-o longe das salas de suadouro, Sid.

— Dave, ele é capitão.

— Então... merda, faça isso.

Riegle saiu — puto. Eu saí, com comichões — até a fila de suadouros.

Dois por dois e meio, padrão, espelho para espiar lá dentro. Cabine 5: o maçom com Kaltenborn. Número 4: Lo Bruto, Junior, um gravador sobre a mesa.

Lo Bruto balançou a cadeira; Junior franziu os olhos. Dica de Toque V: Junior drogado em Fern Dell. O arrocho contra Ainge, uma última olhada: olhos de droga. Pior agora — fendas estreitíssimas.

Abrir a porta, batê-la. Junior assentiu — quase um cambaleio.

Sentei-me.

— Como é que chamam você: Vince? Vinnie?

Lo Bruto limpou o nariz com o dedo.

— As mulheres me chamam de Sr. Pau Grande.

— É assim que elas chamam o meu parceiro aqui.

— É? Ele é do tipo nervoso, quieto. Deve ter um daqueles.

— Tem, mas não estamos aqui para discutir a vida sexual dele.

— Que pena, porque eu tenho tempo. A patroa e as crianças estão em Tacoma, de modo que eu poderia ficar todas as setenta e duas horas, mas pensei: por que estragar a situação dos outros caras? Olha, eu comi ela, então por que ficar embromando?

Passei-lhe um maço de cigarros.

— Gosto de você, Vinnie.

— É? Então me chame de Vincent. E economize seu dinheiro, porque parei de fumar em 4 de março de 1952.

Junior abriu o maço. Nervos de quem tomou pico: três tentativas com um fósforo.

Inclinei-me para trás.

— Quantas vezes você foi com a tal garota?

— Uma.

— Por que só uma?

— Uma vez significa mulher estranha. Mais de uma vez e é que nem comer a própria esposa, comparando com as surpresas que a gente tem com as putas.

— Você é um cara inteligente, Vincent.

— É? Então por que eu trabalho como segurança, ganhando um e vinte por hora?

Junior fumando — tragadas enormes. Falei:

— Diga você.

— Não sei. Estou empacado na Agência Mighty Man. É um meio de vida.

Calor — tirei o paletó.

— Então você só solicitou os serviços daquela garota uma vez, certo?

— Certo.

— Você a viu por aí antes?

— Não.

— Viu depois disso?

— Não houve depois disso. Jesus Cristo, eu recebi o pagamento, fui procurar uma estranha e um policialzinho escroto me pegou. Puta que o pariu, meu Deus...

— Vincent, o que o atraiu naquela garota?

— Ela era branca. Não gosto de material crioulo. Não tenho preconceito, só não gosto. Alguns dos meus melhores amigos são criou... quero dizer, negros, mas eu não ando atrás de xota preta.

Junior fumando — calor — ele ficou de paletó.

Lo Bruto:

— Seu parceiro não fala muito.

— Ele está cansado. Andou trabalhando disfarçado em Hollywood.

— É? Nossa, agora sei por que ele atrai tanta boceta. Pois é, dizem que a caça é boa lá em cima.

Gargalhei.

— É, mas ele andou trabalhando com frutas. Diga, parceiro, lembra de como arrochou aqueles veados em Fern Dell? Lembra? Quando você ajudou aquele seu colega da Academia?

— Claro — de boca seca, arranhada.

— Meu Deus, parceiro, isso deve ter deixado você enjoado. Você parou para pegar alguma xota crioula no caminho para casa ou só para se livrar do GOSTO?

Estalos nos nós dos dedos suados — suas mangas recuaram. PICOS NOS PULSOS — ele ajeitou as abotoaduras para esconder.

Lo Bruto:

— Ei, eu pensei que esse show era meu.

— E é. Sargento Stemmons, alguma pergunta ao Vincent?

— Não — seco, remexendo aquelas abotoaduras.

Sorri.

— Voltemos à garota.

Lo Bruto:

— É, vamos fazer isso.

— Ela era boa?

— Estranha é estranha. Ela era melhor do que a esposa, mas não tão boa quanto o material amador que alguém aqui provavelmente tem.

— Ele gosta de gente *loura* e *belíssima.*

— Todos nós gostamos, mas eu tenho sorte em conseguir uma simples branca.

Junior acariciou sua arma, mãos espasmódicas.

— Então, em que sentido ela era melhor do que a sua esposa?

— Ela se mexia mais, e gostava de falar sacanagem.

— Como ela se chamava?

— Ela não disse o nome.

Striptease de Lucille na janela — usá-lo.

— Descreva a garota nua.

Rápido:

— Gorducha, tetas meio caídas. Mamilos grandes e marrons, como se tivesse algum sangue *paisan.*

É isso — ele sabia.

— O que ela estava usando quando você a pegou?

— Calças apertadas no quadril, você sabe, calças três-quartos.

— Onde você comeu ela?

— Num motel, onde poderia ser?

— O nome, Vincent.

— Ah. Eu... bem... acho que foi num buraco chamado Red Arrow Inn.

Apertei o gravador.

— Escute bem, Vincent. Há um homem nisto aqui, mas não creio que seja você. Só me diga se a garota falou alguma coisa parecida.

Lo Bruto assentiu; apertei o *Play.* Sibilo de estática: "Agora eu vou ser a filha e você vai ser o papai, e se você for *reeealmente* doce podemos fazer de novo sem pagar extra."

Apertei o *Stop.* Junior — nenhuma reação. Lo Bruto:

— Cara, essa gata maluca é cheia de surpresas.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que ela não me fez usar camisinha.

— Talvez ela use um diafragma.

— Necas. Pode confiar no Sr. Pau Grande, essas garotas *sempre* pedem camisinha.

— E ela não pediu?

— O que posso dizer? Ela deixou esse jóquei aqui cavalgar em pelo. E vou contar, *paisan,* meu salsichão *funciona.* Testemunha disso é a droga da prole que gasta todas as minhas economias com comida.

Uma ideia: uma raspagem tinha deixado Lucille estéril.

— E quanto a essa fita?

— O que é que tem?

— A garota falou esse papo de pai e filha com você?

— Não.

— Mas você disse que ela falou sacanagem.

Risos.

— Ela disse que eu era o maior. Disse que não é à toa que me chamam de Sr. Pau Grande. Disse que gostava de pau grande há muito tempo, e eu falei: "Há muito tempo para uma garota que nem você significa semana passada." Ela disse algo do tipo: "Você ficaria surpreso."

Junior repuxou as abotoaduras. Cutucá-lo.

— Essa Lucille parece uma bicha do Fern Dell Park, parceiro. Pau grande é fixação de veado. *Você* trabalhou com frutas mais do que eu, não é?

Cadeira quente — Junior se retorceu.

— Não diria que sim, sargento?

— É... é, claro — rouco.

De volta a Pau Grande.

— Então a garota usava calças três-quartos, certo?

— Certo.

— Ela falou de um cara fixado nela, talvez espiando ela trepar com os clientes?

— Não.

— E ela usava calças três-quartos?

— É, eu já disse isso.

— O que mais ela usava?

— Não sei. Uma blusa, acho.

— E quanto a um *casaco de pele*?

Nervos de drogado — Junior chegou a arrancar uma abotoadura.

— Não, nenhum casaco de pele. Quero dizer, meu Deus, ela é uma puta da Western Avenue.

Mudando:

— Você disse que a garota falou sacanagem com você.

— É. Ela disse que o Sr. Pau Grande merecia o apelido.

— Esqueça o seu pau. Ela falou alguma sacanagem além disso?

— Disse que estava fodendo com um cara chamado Tommy.

Comichões, arrepios.

— Tommy do quê?

— Não sei, ela não disse o sobrenome.

— Ela disse que era o irmão dela?

— Qual é? Isso é maluquice.

— "Qual é?" Você lembra da fita que acabei de tocar pra você?

— Aquilo era um jogo. Papai e filha não significa irmão, e gente branca não faz esse tipo de coisa. É pecado, é infâmia, é...

Bati na mesa.

— *Ela disse que ele era o irmão dela*?

— Não.

— Ela disse o sobrenome dele?

— Não — baixo, apavorado agora.

— Ela disse que ele era fixado nela?

— Não.
— Ela disse que ele era músico?
— Não.
— Ela disse que ele vendia drogas?
— Não.
— Ela disse que ele pagava a ela por isso?
— Não.
— Ela disse que ele era ladrão?
— Não.
— Um curioso, um voyeur?
— Não.
— Ela disse o que ele fazia?
— Não.
— Ela falou da família?
— Não.
— Ela descreveu o tal sujeito?
— Não.
— Ela disse que ele andava atrás de garotas de cor?
— Não. Olhe...
Bati na mesa — Pau Grande se persignou.
— Ela mencionou o nome Tommy Kafesjian?
— Não.
— Casacos de pele?
— Não.
— Roubo de casacos de pele?
Junior se retorcendo, coçando as mãos.
— Olha, ela só disse que estava trepando com o tal de Tommy. Disse que ele não era tão bom assim, mas que deixava ela doida, e que as mulheres sempre ficam ligadas no cara que tirou o cabaço delas.
Congelei.
Junior saltou, empertigado — aquela abotoadura rolou por debaixo da porta.
Nervos tensos, pinicando — ele abriu a porta bruscamente. Parado lá fora: Dan Wilhite. Estalos no alto-falante do corredor — ele tinha ouvido.
— Klein, venha aqui.
Adiantei-me. Wilhite deu um soco no meu peito — torci a mão dele para trás.
— *Este caso é meu. Se não gosta, fale com Exley.*
Gorilas da Narcóticos ali mesmo — deixei-o ir. Junior tentou se mandar — puxei-o de volta.

Wilhite — pálido, soltando bolhas de cuspe.

Seus rapazes ruborizados — putos da vida, doidos para arrebentar comigo.

Lo Bruto:

— Meu Deus, estou com fome.

Fechei a porta.

— Ei, estou morrendo de fome. Pode me arranjar um sanduíche ou alguma coisa do tipo?

Apertei o interfone.

— Sid, traga o outro homem.

Lo Bruto para fora, Kaltenborn para dentro: aquele otário gordo usando um *fez*. Junior ficou carrancudo e escondeu os olhos.

O otário:

— Por favor, não quero encrenca — sua voz meio familiar.

Apertei o *Play.*

Lucille:

"Pagamento adiantado, meu doce." — Pausa. — "É, quero dizer *agora*."

Kaltenborn se encolheu — batata quente.

Pausa.

"Certo, certo" — *mais* familiar. Guinchos do colchão, grunhidos — o gordo soluçava junto.

Lucille: "Vamos fazer um joguinho. Agora eu vou ser a filha e você vai ser o papai, e se você for *reeealmente* doce podemos fazer de novo sem pagar extra."

Grandes soluços.

Apertei o *Stop.*

— Era o senhor, Sr. Kaltenborn?

Soluços, confirmações com a cabeça. Junior se retorcia — o merda drogado.

— Pare de chorar, Sr. Kaltenborn. Quanto mais rápido responder a minhas perguntas, mais rápido o deixaremos ir embora.

Seu *fez* se inclinou de lado.

— Lydia?

— O quê?

— Minha mulher, ela não...

— Isto é estritamente confidencial. *É* o senhor na fita, Sr. Kaltenborn?

— É, é. A... a polícia gravou aquele...?

— Aquele encontro extraconjugal *ilegal*? Não, não fomos nós. O senhor sabe quem foi?

— Não, claro que não.

— O senhor *bancou* o papai?

Abafado, engasgado com soluços:

— Sim.

— Então me conte.

Mexendo com o *fez* — retorcendo-o, acariciando-o.

— Eu queria ir de novo, por isso a garota vestiu as roupas e implorou que eu rasgasse. Ela dizia: “Rasgue minhas roupas, papai.” Eu fiz isso, e nós fomos de novo, e foi só isso. Não sei o nome dela; nunca a vi antes e nunca a vi de novo. Isso tudo foi só uma terrível coincidência. Aquela garota foi a única prostituta com quem estive, e eu estava numa reunião com os irmãos da maçonaria para discutir nossa festa de caridade quando um deles perguntou se eu sabia onde era possível encontrar prostitutas, por isso eu...

— A garota falou de um homem chamado Tommy?

— Não.

— De um *irmão* chamado Tommy?

— Não.

— De um homem que poderia estar seguindo-a, gravando-a ou espreitando-a?

— Não, mas eu...

— Mas o *quê*?

— Mas ouvi um homem chorando no quarto ao lado do nosso. Talvez fosse minha imaginação, mas era como se ele estivesse nos escutando. Era como se o que ele ouvia o deixasse perturbado.

Bingo no voyeur.

— O senhor *viu* o homem?

— Não.

— O senhor o ouviu dizer ou murmurar palavras específicas?

— Não.

— A garota mencionou outros membros da família dela?

— Não, ela só disse o que eu contei, e o que o senhor tocou na fita. Escute, onde o senhor conseguiu isso? Eu... eu não quero que minha mulher ouça...

— O senhor tem *certeza* de que ela não falou de um homem chamado Tommy?

— Por favor, o senhor está gritando!

Mudança:

— Desculpe, Sr. Kaltenborn. Sargento, o senhor tem alguma pergunta?

O sargento — aquele drogado acariciando a arma:

— N... não.

Olhe só as mãos dele.

— Sr. Kaltenborn, a garota usava um CASACO DE PELE?

— Não, ela usava calças justas, de toureiro, e uma espécie de agasalho barato.

— Ela disse que gostava de fazer STRIPTEASE?

— Não.

— Ela disse que frequentava uma boate de negros chamada BIDO LITO'S?

— Não.

Ela disse que tirar um CASACO DE PELE QUENTE era um êxtase?

— Não. O que o senhor...?

Junior baixou as mãos — atento para sacar rápido.

— Sr. Kaltenborn, ela disse que conhecia um POLICIAL LOURO BELÍSSIMO que tinha sido pugilista?

— Não, ela não disse. Eu... eu não entendo essas perguntas, senhor policial.

— Ela disse que conhecia um policial extorsionário com uma QUEDA por rapazes louros?

SE MAND...

Pela porta, pelo corredor — Junior, a arma fora do coldre. Lá fora, caçá-lo, correndo...

Ele chegou ao carro — cambaleando sem fôlego. Agarrei-o, prendi a mão que segurava a arma, inclinei sua cabeça para trás.

— *Vou deixar você escapar disso tudo. Vou tirar você do serviço do Kafesjian antes que você foda mais ainda com as coisas. Nós podemos negociar isso agora.*

Cabelo cheio de brilhantina — ele sacudiu a cabeça, soltando-a. Faróis passando iluminaram seu rosto drogado babando cuspe.

— Aquela puta matou Dwight Gilette, e você está escondendo isso. Ainge saiu da cidade, e talvez eu tenha a arma que ela disparou. Você está doido por aquela puta, e acho que você empurrou aquela testemunha pela janela. *Não tem negócio,* e fique *olhando* eu acabar com você e com aquela puta.

Agarrei seu pescoço e apertei para matá-lo. Obscenos: sua respiração, seus lábios repuxados para morder. Recuei — frouxo — um joelho me acertou. Caí, tentando recuperar o fôlego, girei de barriga para cima — pneus jogando cascalho longe.

Faróis: Jack Woods em perseguição.

West L.A., três da madrugada. Prédio de Junior — quatro apartamentos no térreo — sem luzes acesas. O Ford de Junior não estava estacionado perto — abri a fechadura com uma gazua, acendi a luz.

Dores da virilha às costelas — machucá-lo, matá-lo. Deixei as luzes acesas — *deixar que ele* apareça.

Trancar a porta, andar pelo apartamento.

Sala de estar, área de jantar, cozinha. Madeira combinando — meticuloso. Arrumação, sujeira: mobília organizada, poeira.

A pia: comida mofada, insetos.

A geladeira: bolotas de nitrito de amila.

Cinzeiros cheios de guimbas — da marca de Junior — manchados de batom.

Banheiro, quarto; sujeira, kit de maquiagem — a cor do batom combinando com as guimbas. Um cesto de lixo: transbordando lenços de papel manchados de lábios vermelhos. Uma cama desfeita, bolotas de cheirinho da loló furadas sobre os lençóis. Virei o travesseiro: embaixo uma Luger com silenciador e um consolo sujo de merda.

Livros de bolso na mesinha de cabeceira: *Siga os rapazes*, *O estilo grego*, *Desejo proibido*.

Um baú fechado com cadeado.

Uma foto na parede: o tenente Dave Klein com uniforme azul do DPLA. Acompanhar pensamento de veado, zum:

Eu não sou casado.

Nenhuma atração por mulher antes de Glenda.

Meg — ele *não poderia* saber.

A Luger sorrindo — “Vá em frente, atire em alguma coisa”.

Disparei, à queima-roupa silencioso — lascas/névoa de pólvora — o cadeado voou.

Abri. Pilhas arrumadas de papéis — Junior meticuloso. Devagar, fazer um inventário profissional.

Cópias a carbono:

Ficha pessoal de Johnny Duhamel. Relatórios de avaliação feitos por Dudley Smith — todos Classe A. Requisições de pessoal — Johnny para o caso das peles — marcadas as referências ao roubo de peles. Estranho: Johnny *nunca* trabalhou fazendo patrulha — foi direto da Academia para a Divisão.

Mais Duhamel — programas de boxe — fotos expondo o corpo. Trabalhos da Academia, Evidência de 104 — Junior disse a Reuben Ruiz que tinha dado aulas a Johnny. Só notas máximas, amor cego de bicha — o estilo da prosa de Duhamel fedia. Mais papéis do caso das peles: relatórios da Roubos e Furtos, Junior provavelmente estava chegando antes de Dudley — *ele* tinha identificado Johnny como o ladrão e Dud nem se agitou.

Uma declaração formal: Georgie Ainge dedurando Glenda para o 187 de Dwight Gilette. O tenente D.D. Klein suprime a evidência; Junior encontra o

motivo: luxúria. Pegar essas páginas, embaixo informações sobre um cofre: certamente Junior tinha cópias das declarações guardadas em algum banco.

Poeira de reboco se assentando — meus tiros arranharam algumas tubulações. Miscelânea de pastas, fichas:

Pasta número um — recortes de jornal sobre o chefe Ed Exley — o caso Nite Owl. Número dois — vários casos de Exley de 53 a 58. Concisos — o *Times*, o *Herald* — meticuloso.

POR QUÊ?

As fichas — Interrogatórios de Campo do DPLA — formulários de interrogatório de campo, de dez por quinze centímetros. "Nome", "Local", "Comentários" — preenchidos em taquigrafia. Li e interpretei:

Todas as localizações: "F.D.P." — Fern Dell Park. Iniciais, nenhum nome. Números — designações do Código Penal da Califórnia — comportamento imoral e lascivo.

Comentários: coito homossexual interrompido, Junior cobra as multas no local — dinheiro, joias, baseados.

Suando, quase sem fôlego. Três fichas presas com clipe — iniciais "T.V." Comentários: o arrocho a Toque Vecchio — creditar Junior com habilidade para extorsão.

Toque telefona para Mickey C. abalado e desesperado. Está doido para fazer algo "por conta própria"; está preparando seu próprio serviço de chantagens. Imaginando: Chick Vecchio para comer o rabo de mulheres famosas; Toque para comer o rabo de veados célebres. Pete Bondurant para tirar fotos e dar o arrocho: entregue tudo ou a *Hush-Hush* recebe os negativos.

Arrepios — feitiço brabo. O telefone tocou — uma vez, parou, uma vez — o sinal de Jack.

Peguei a extensão junto da cama.

— Sim?

— Escute, Dave. Segui Stemmons até o Bido Lito's. Ele se encontrou com J.C. e Tommy Kafesjian numa sala dos fundos que os dois têm lá. Vi os dois revistando-o para ver se ele não tinha um microfone, e captei umas palavras antes de fecharem a janela.

— *O quê*?

— O que ouvi foi Stemmons falando. Ele se ofereceu para proteger a família Kafesjian (ele chegou a dizer "família") de você e de alguém mais, não pude ouvir o nome.

Talvez Exley — aquela pasta de recortes.

— O que mais?

— Nada mais. Stemmons saiu pela porta da frente contando dinheiro, como se Tommy e J.C. tivessem acabado de lhe passar uma grana. Eu o segui até a rua, e vi quando ele arrochou um sujeito de cor. Acho que o sujeito estava vendendo maconha, e acho que ele deu grana pro Stemmons.

— Onde ele está agora?

— Indo na sua direção. Dave, você me deve...

Desliguei, disquei 111, peguei o número de George Ainge. Disquei, dois toques, uma mensagem: "O número que você discou foi desligado." A história de Junior batia. Ainge tinha se mandado da cidade.

Opções:

Fazer com que ele pare, ameaçar denunciá-lo como homossexual. Mutilá-lo, fazer uma troca com ele: os depoimentos e a arma com impressões em troca de não denunciar.

Lógica de merda — psicopatas não barganham.

Apaguei as luzes, enfiei a Luger no bolso. Matá-lo/não matá-lo. Pêndulo: se ele der um passo errado, está morto.

Pensar — febre de modelo fotográfico para veado — Junior psicopata odeia a maravilhosa Glenda.

O tempo pirou.

Minhas costelas doíam.

O jornal matutino bateu na porta — atirei numa poltrona. Lógica da bala: esse sofrimento por uma mulher em que nem sequer toquei.

Saí. Alvorecer — o leiteiro testemunha o assassinato não ocorrido.

Joguei a Luger numa lata de lixo.

Decidi — não pensar, só fazer.

CAPÍTULO XIV

Bati; ela atendeu. Meu movimento — ela se movimentou primeiro.

— Obrigada por ontem.

Pronta para o set: com vestido e capa de chuva. Meu movimento — ela se movimentou primeiro.

— É David Klein, não é?

— Quem contou?

Ela manteve a porta aberta.

— Vi você no set, e vi você me seguindo algumas vezes. Sei como é um carro não oficial da polícia, por isso perguntei a Mickey e a Chick Vecchio sobre você.

— E?

— E estou me perguntando o que você quer.

Entrei. Lugar bonito — talvez com móveis de *garçonnières.* Tevês perto do sofá — coisa do Vecchio.

— Tenha cuidado com esses televisores, Srta. Bledsoe.

— Diga isso à sua irmã. Toque me disse que vendeu uma dúzia a ela.

Sentei-me no sofá — as Philco bem perto.

— O que mais ele disse?

— Que você é advogado e dono de cortiços. Disse que você recusou um contrato com a MGM porque acabar com greves era mais atraente do que trabalhar como ator.

— Você sabe por que eu a estava seguindo?

Ela puxou uma cadeira — não muito perto.

— Obviamente você está trabalhando para Howard Hughes. Quando eu o deixei, ele ameaçou rescindir meu contrato. Obviamente você conhece Harold Miciak, e obviamente não gosta dele. Sr. Klein, o senhor...?

— Assustou Georgie Ainge?

— É.

Confirmei com a cabeça.

— Ele é um pervertido, e sequestros falsos nunca dão certo.

— Como sabia disso?

— Não importa. Toque e o namorado dele sabem que assustei o sujeito?

— Não, não creio.

— Bom, então não conte a eles.

Ela acendeu um cigarro — o fósforo tremeu.

— Ainge falou de mim?

— Disse que você era prostituta.

— Também fui garçonete de drive-in e Miss Alhambra, e sim, já trabalhei para um serviço de garotas de programa em Beverly Hills. Muito caro, de Doug Ancelet.

Arrochá-la.

— Você trabalhou para Dwight Gilette.

Cheia de estilo — o adereço do cigarro ajudava.

— É, e fui presa por roubar loja em 1946. Ainge mencionou alguma coisa...

— Não diga coisas das quais possa se arrepender.

Um sorriso — barato — não *aquele* sorriso.

— Então você é o meu anjo da guarda.

Chutei um aparelho de tevê.

— Não me trate com condescendência.

Nem piscou.

— Então o que quer que eu faça?

— Pare de roubar o Hughes, peça desculpas a ele e siga o que manda o seu contrato.

Sua capa de chuva deslizou — ombros nus, cicatrizes de faca.

— Nunca.

Inclinei-me para perto.

— Você chegou até onde podia usando a aparência e o charme, então use o cérebro e faça o que é inteligente.

Sorrindo:

— *Você* não me trate com condescendência.

Aquele sorriso. Sorri de volta.

— Por quê?

— *Por quê*? Porque para ele eu era *descartável*. Porque no ano passado eu trabalhava como garçonete de drive-in e um de seus “caçadores de talentos” me viu ganhar um concurso de dança. Ele me arranjou um “teste” que consistia em eu tirar o sutiã e posar para fotos, das quais o Sr. Hughes gostou. Sabe como é ser comida por um homem que mantém no fichário fotos de você nua e de mais seis mil outras garotas?

— Ótimo, mas não estou engolindo.

— É?

— É, eu acho que você ficou entediada e se mudou. Você é atriz, e achou que romper o namoro com Hughes era uma coisa cheia de estilo. Você achou que conseguiria se livrar de encrenca, porque já esteve numa porrada de encrencas antes.

— *Por que,* Sr. Klein?

— Por que o quê?

— Por que está se metendo numa encrenca tão grande para me manter fora de encrenca?

— Eu sei apreciar estilo.

— Não, não acredito. E o que mais Georgie Ainge falou sobre mim?

— Nada. O que mais os irmãos Vecchio falaram de mim?

Rindo:

— Toque disse que já teve uma paixonite por você. Chick disse que você é perigoso. Mickey disse que nunca viu você com uma mulher, de modo que talvez isso descarte o motivo padrão para você estar interessado em mim. Só estou pensando que deve haver uma vantagem em algum lugar.

Examinei a sala — livros, arte — gosto que ela aprendeu em algum lugar.

— Mickey está na pior. Se você achou que ia trocar Hughes por um gângster da pesada, errou.

Ela acendeu um cigarro na guimba do outro.

— Você está certo, calculei mal.

— Então conserte as coisas com o Hughes.

— Nunca.

— Faça isso. Tire nós dois de encrenca.

— Não. Como você disse, já estive encrencada antes.

Medo zero — desafiando-me a dizer EU SEI.

— Você deveria se ver durante as filmagens, Srta. Bledsoe. Você ri daquilo tudo, e é um negócio tremendamente cheio de estilo. Uma pena o filme se destinar aos drive-ins de Caixa-Prego, Arkansas. Pena que nenhum homem que possa ajudar sua carreira vá vê-lo.

Um rubor — numa fração de segundo.

— Não sou tão dependente dos homens como você pensa.

— Eu não disse que você gostava disso, só quis dizer que você sabe como é o jogo.

— Como ser um coletor de dinheiro e fura-greve?

— É um negócio honesto. Como você e Mickey Cohen.

Anéis de fumaça — supimpa.

— Não estou dormindo com ele.

— Bom, porque tem gente tentando matá-lo há anos. E são as pessoas em volta dele que acabam se machucando.

— Ele já foi importante, não foi?

— Ele tinha estilo.

— Coisa que nós dois apreciamos.

Um retrato numa prateleira — uma mulher medonha.

— Quem é?

— É Vampira. É apresentadora de um programa de tevê horroroso. Eu costumava servir a ela no drive-in, e ela me deu dicas de como interpretar em seu próprio filme quando você está fazendo o filme de outra pessoa.

Mãos trêmulas — eu queria tocá-la.

— Você gosta de Mickey, Sr. Klein?

— Claro. Ele já teve tudo uma vez, de modo que é duro vê-lo catando migalhas.

— Você acha que ele está desesperado?

— *Ataque do vampiro atômico*?

Glenda riu e tossiu fumaça.

— É pior do que você imagina. Sid Frizell está colocando um monte de gosma e incesto, e Mickey está com medo de que eles tenham de colocar o filme direto nos drive-ins para poder lucrar.

Olhei a pilha de tevês.

— Seja esperta e volte para Hughes.

— Não. Mas Frizell está dirigindo uns filmes pornôs nas horas vagas. Ele tem uma casa em Lynwood com quartos espelhados, de modo que talvez eu consiga trabalho lá.

— Não faz o seu estilo. Mickey sabe disso?

— Ele está fingindo que não sabe, mas Sid e Wylie Bullock andaram falando a respeito. Sr. Klein, o que vai fazer com relação a isso?

Estantes atulhadas — textos de faculdade. Abri um — redações, rabiscos: um coração envolvendo “G.B. & M.H.”.

— É, eu roubei esses aí. O que você vai...

— O que aconteceu com M.H.?

Aquele sorriso.

— Engravidou outra garota e morreu na Coreia. David...

— Não sei. Talvez eu só recue e arranje um advogado para você. Mas o melhor que você pode esperar é um contrato rescindido sem acusações criminais.

— E o pior?

— Howard Hughes é Howard Hughes. Uma palavra ao promotor fará você ser indiciada por roubo com agravantes.

— Mickey disse que você é amigo do novo promotor.

— É, ele costumava estudar minhas colas na faculdade de direito e Hughes colocou duzentos mil na caixinha dele.

— David...

— É Dave.

— Gosto mais de David.

— Não. Minha irmã me chama assim.

— E?

— Deixa pra lá.

O telefone tocou — Glenda atendeu.

— Alô?... Sei, Mickey, sei que estou atrasada... Não, eu peguei um resfriado... É, mas Sid e Wylie podem rodar as cenas em que não apareço... Não, vou tentar ir esta tarde... Não, não vou esquecer o seu jantar... Não. Tchau, Mickey.

Ela desligou. Falei:

— M.H. se mandou, mas Mickey não vai se mandar.

— Bom, ele está solitário. Quatro dos homens dele desapareceram, e acho que Mickey sabe que eles estão mortos. Negócios são negócios, mas acho que ele sente mais falta deles do que qualquer outra coisa.

— Ele ainda tem Chick e Toque.

Uma brisa — Glenda estremeceu.

— Não sei por que eles ficam. Mickey tem um esquema para os dois seduzirem gente famosa. Faz tão pouco o gênero do Mickey que chega a ser patético.

"Patético" — as anotações de Junior confirmadas. Glenda — tremores, pele arrepiada.

Agarrei sua capa de chuva e fiquei segurando — ela ficou parada, sorrindo.

Tocando-a.

Ela puxou a capa sobre os ombros; puxei de volta e toquei as cicatrizes. Glenda: um giro lento para me beijar.

Dia/noite/manhã — o telefone fora do gancho, o rádio baixo. Papo, música — baladas suaves acalentavam o sono de Glenda. Perdê-la trouxe TUDO de volta.

Ela dormiu pesado, estremeceu com fome. Bocejos, sorrisos — olhos abertos me pegaram apavorado. Beijos impediram que ela perguntasse; o sentimento de não haver desfecho me mantinha sem fôlego.

Apertados um contra o outro — sem pensamentos. *Sua* respiração aumentando — sem pensamentos. Dentro dela quando seus olhos disseram não

se contenha — nenhum veado, nenhum voyeur, nenhuma puta filha de traficante de drogas estava me assombrando.

CAPÍTULO XV

— ...e eles estão lá fora, na nossa jurisdição, passando por cima da nossa jurisdição. Pelo que sabemos, há dezessete agentes federais e três advogados da promotoria federal apoiando Welles Noonan. Noonan não requisitou uma ligação com o DPLA, de modo que devemos presumir que esta seja uma investigação hostil destinada a nos desacreditar.

O chefe William H. Parker falando. De pé: Bob Gallaudet, Ed Exley. Sentados: todos os comandantes das delegacias e das divisões de detetives. Faltando: Dan Wilhite, Dudley Smith — Mike Breuning e Dick Carlisle se cutucando.

Fantasmagórico — *nenhum* da Narcóticos. Estranho — nada do Dudley.

Exley ao microfone:

— O chefe e eu achamos que esta "investigação" foi concebida com objetivos políticos. Agentes federais não são policiais municipais, e certamente não estão a par das realidades de manter a ordem nos setores habitados por negros. Welles Noonan quer desacreditar o departamento e o nosso colega, o Sr. Gallaudet, e o chefe Parker e eu concordamos em medidas para limitar o seu sucesso. Colocarei cada um de vocês, chefes de divisão, a par individualmente, mas antes de começar abordarei alguns pontos-chave que todos vocês devem conhecer.

Bocejei — esfolado pela cama, exausto. Exley:

— Os comandantes das divisões devem dizer a todos os seus homens, tanto os paisanos quanto os uniformizados: arrochem ou subornem seus informantes e digam para eles não cooperarem com qualquer agente federal que encontrem. Nesse sentido eu quero que os donos de boates e bares do Southside sejam visitados. "Visitados" é um eufemismo, cavalheiros. "Visitados" significa que os comandantes das delegacias de Newton, da Universidade e da rua 77 devem mandar policiais à paisana para intimidar e dizer aos donos que, como deixamos passar algumas infrações por parte deles, eles devem deixar de falar honestamente com os federais. O Esquadrão Central de Vadiagem seguirá uma linha paralela: vai arrebanhar os vagabundos locais para garantir o silêncio, usando medidas que os pretensos liberais como Noonan podem considerar excessivamente zelosas. O Esquadrão da 77 deverá convencer educadamente os

brancos de bem a se retirar da área... não queremos que pessoas com boas ligações sejam apanhadas numa armadilha federal. Os detetives das divisões de Roubos e Furtos e Homicídios estão no momento examinando homicídios de negros contra negros, visando a apresentar ao Sr. Gallaudet evidências prontas para indiciamentos. Queremos responder à acusação de Noonan de que deixamos de lado os 187 de gente de cor. E finalmente acho que é seguro dizer que os federais podem dar batidas nos locais onde há máquinas de vendas e caça-níqueis controladas por Mickey Cohen. Deixaremos que eles façam isso e deixaremos Cohen receber o golpe. A Central de Costumes destruiu todas as denúncias de caça-níqueis que ignoramos, e podemos dizer que não sabíamos que aquelas máquinas existiam.

Implícito: Mickey não retirou suas máquinas do Southside. Avisá-lo — de novo — dizer a Jack Woods para parar de receber apostas no Southside.

Parker saiu; Exley tossiu — criptoembaraçado.

— O chefe nunca gostou de mulheres brancas confraternizando com negros e pegou pesado com os donos de boates locais que encorajam isso. Sargento Breuning, sargento Carlisle: seus homens devem se certificar de que esses donos de boates não falarão com os federais.

Risinhos — os rapazes de Dudley adoravam arrochar. Exley:

— Por enquanto é só. Cavalheiros, por favor esperem do lado de fora da minha sala. Já descerei para conversar com os senhores individualmente. Tenente Klein, por favor, fique sentado.

Batidas de martelo — reunião encerrada. Grande saída: Gallaudet me passou um bilhete.

Exley se aproximou. Brusco:

— Quero que permaneça no roubo dos Kafesjian. Estou pensando em avançar com o caso, e quero um relatório detalhado sobre a batida contra os clientes de prostitutas.

— Por que a Narcóticos não estava representada nesta reunião?

— Não questione minhas medidas.

— Uma última vez: os Kafesjian são carne de primeira para os federais. Eles têm vinte anos de sujeira com o Departamento. Mexer com eles é suicídio.

— Uma última vez: não questione meus motivos. Uma última vez: você e o sargento Stemmons fiquem no caso com prioridade total.

— Havia algum motivo específico para o senhor querer Stemmons nesse serviço?

— Não, ele só parecia a escolha lógica.

— O que quer dizer que...

— O que quer dizer que ele trabalha com você na Costumes e que teve notas excelentes como professor de evidências.

Cara de pau — dura de ler.

— Não posso acreditar nesse papo de envolvimento pessoal. Não vindo do senhor.

— Torne você uma coisa pessoal.

Rédeas curtas — não rir.

— A coisa está chegando lá.

— Bom. E quanto a pessoas ligadas à família?

— Coloquei meu melhor informante trabalhando nisso. Falei com um homem chamado Abe Voldrich, mas não creio que ele saiba alguma coisa sobre o roubo.

— Ele é um antigo conhecido de Kafesjian. Talvez tenha alguma informação sobre a família.

— Sim, mas o que o senhor quer? Um suspeito de roubo ou sujeira sobre a família?

Sem resposta — ele saiu. Olhei o bilhete de Gallaudet:

Dave:

Entendo sua necessidade de proteger certos amigos seus que têm negócios no Southside, e acho que a fixação do chefe Exley nos Kafesjian é meio despropositada. Por favor, faça o possível para proteger os interesses do DPLA no Southside, especialmente à luz dessa porcaria de sindicância federal. E, por favor, sem dizer ao chefe Exley, periodicamente me ponha a par da investigação sobre os Kafesjian.

Quatro dias — caçar evidências, ser caçado de volta. Correr, ser caçado mais intensamente — imagens que eu não podia ultrapassar.

Disse a Mickey para tirar suas máquinas — ele descartou todo o negócio federal. Mickey cagando para a inteligência — Jack Woods tirou o negócio dele *em tempo recorde. Caçar Exley com papéis: 459 CP do Kafesjian, relatório detalhado. Encobertos: a fita do voyeur e o interrogatório — os dois clientes de Lucille.*

Exley disse para continuar. Papo furado: como Stemmons está se saindo no serviço?

Eu disse que bem. Imagens mentais: fotos de Johnny Duhamel, batom em guimbas de cigarro.

Exley disse para continuar; dei informações na moita a Bob Gallaudet. Política: ele não queria Welles Noonan conseguindo vantagens a partir dos Kafesjian.

Caça, estar atento para caçadores. Ninguém me seguindo — quase provocando batidas ao me certificar. Exley/Hughes/Narcóticos/os federais: potenciais caçadores, grandes recursos.

Caçando evidências:

Tocaiei o Red Arrow Inn — nada de Lucille, nenhum suspeito de voyeurismo. Verifiquei a 77: não encontrei nenhuma ficha sobre voyeurs. Modus operandi *em três estados: zero. Lester Lake disse que ia conseguir alguma coisa logo — "talvez". Caçando segredos, caçando imagens...*

Arrochos sob a clientes — nenhum novo comedor de Lucille confirmado. Western com Adams, indo para o sul-forçando para conseguir histórias — fiquei ligado em alta octanagem àquela família.

Como Exley.

Vejamos a coisa em estilo advogado:

Perturbar os Kafesjian enquanto havia uma sindicância federal era comprovadamente insano. Edmund Exley é um detetive comprovadamente brilhante com habilidades de liderança reconhecidas em nível nacional. A Narcóticos não estava presente na reunião de Exley para falar sobre a sindicância federal. A Narcóticos é a divisão mais autônoma do DPLA. A Narcóticos e a família Kafesjian estão ligadas autonomamente *há uns vinte*

anos. Exley sabe que a sindicância federal terá sucesso. Exley quer que a sindicância seja afastada dos figurões do DPLA. Exley sabe que cabeças devem rolar. Exley convenceu o chefe Parker de que a atitude menos danosa, mais sensata, é sacrificar a Narcóticos aos federais — eles podem ser retratados como policiais corruptos que enlouqueceram autonomamente sem prejudicar seriamente o prestígio geral do departamento.

Eu não engolia isso — seu tesão por aquela família era muito esquisito.

Como o meu, como o de Junior.

George Stemmons II — minhas piores imagens.

Cacei-o durante quatro dias — digamos que tinha simplesmente sumido. Delegacia de Costumes: não apareceu. O apartamento que revirei: trancado. Bairro negro: não. Casa do seu pai: não. Fern Dell: não. Bares de veados: não, ele não tinha coragem para ser tão explícito. Possibilidade remota — Johnny Duhamel — os esconderijos conhecidos dele.

O Departamento de Pessoal me deu o endereço dele. Verifiquei durante três dias e três noites seguidos — nada de Johnny, nada de Junior. Não havia como pegar Duhamel no serviço — eu não podia dar dicas a Dudley Smith. Um instinto dizia que a paixonite de Junior continuava não correspondida — o Louro Belíssimo não parecia fruta. Abordagem possível: Reuben Ruiz, colega de Johnny. Gallaudet o atraía: homem de frente para molhar a mão e convencer os cucarachas *a sair de Chavez Ravine.*

Papo furado para Bob: Ruiz conhecia um cara que eu precisava investigar: ele está treinando em algum lugar, verifique na Ravine dentro de alguns dias — ele estará lá trabalhando a multidão.

Sem saída.

Alvo fácil:

Junior acusa Glenda de assassinato em primeiro grau. A vítima é um cafetão negro — talvez Gallaudet não faça indiciamento. Mas: Howard Hughes estala os dedos: O Bob Câmara de Gás salta. Estala de novo — pega o juiz, monta o júri — Glenda indo para o corredor da morte. Acusações acessórias pendentes: contra mim.

A solução:

Neutralizar Junior. Esconder seus acordos com os Kafesjian — se Exley tropeçar, ele entregará Glenda para comprar uma saída. Minha *saída — Duhamel — entregá-lo ao Dudley,* o *momento máximo, trabalhar para Exley — Junior/seguro de vida para Glenda.*

Paguei dois mil a Jack Woods: encontre Junior Stemmons. Meu *desaparecimento — ELA — um trailer no set de filmagens tarde da noite.*

Miciak manteve silêncio — nós dois considerávamos sua vigilância um serviço estritamente pessoal. Escrevi relatórios falsos para Milteer — Glenda me dava detalhes falsos. O set — a equipe de bebuns de Mickey apagada. Falávamos baixo, fazíamos amor e dançávamos em volta DA COISA.

Eu nunca disse que sabia; ela nunca me pressionou. Biografias, trechos vazios: eu escondia Meg, ela deixava de lado o serviço de puta.

Eu nunca disse que mato pessoas. Nunca disse que Lucille K. fez de mim um voyeur.

Ela disse que eu usava as pessoas.

Ela disse que só aposto em jogos combinados.

Ela disse que policial de patente/advogado colocava alguma distância com relação ao lixo branco.

Ela disse que eu nunca me queimava.

Eu disse acertou três em quatro — nada mau.

Parte 3

VERMELHO DO BAIRRO NEGRO

CAPÍTULO XVI

Ruas de terra, barracos. Montanhas prendendo a poluição — Chavez Ravine.

Pantanoso — estacionei longe e examinei:

Otários balançando cartazes. Jornalistas, policiais uniformizados. Sujeitos com cara de comunista cantando: “Justiça *sí*! Dodgers *no*!”

Multidão amigável — olhos em Reuben Ruiz, cheio de cordialidade. Gorilas do Gabinete do Xerife, agente Will Shipstad.

Ruiz — testemunha federal?

Fui correndo até lá.

“Ei, ei! *No, no*! Não nos mandem de volta para o México!”

Mostrando o distintivo — os uniformizados me deixaram passar.

Burburinho de gente importuna:

Ruiz, lutando esta noite — estar lá para aplaudir seu oponente. O fascista Departamento de Terras e Vias; planos de transferir os *cucarachas* para os cortiços de Lynwood.

— Ei, ei. *No, No*! Justiça *sí*! Dodgers *no*!

Ruiz mandando ver em espanhol no megafone:

Mudem-se cedo! Sua grana de transferência significa vida fácil! Casa novas disponíveis em breve! Desfrutem o novo estádio dos Dodgers que VOCÊS ajudaram a criar!

Barulho de guerra — o megafone de Reuben ganhou. Policiais jogaram ingressos — *cucarachas* caíram de joelhos, agarraram. Eu peguei um: Ruiz contra Stevie Moore, no Olympic Auditorium.

Palavras de ordem, algaravia — Ruiz me viu e se desviou de fãs.

Abri caminho até mais perto. Reuben gritou com as mãos em concha:

— A gente precisa bater um papo! No meu vestiário depois da luta?

Confirmei com a cabeça — “Vagabundo! Peão dos Dodgers!” — não havia como falar.

Uma corrida rápida — a Divisão, minha sala.

Um recado de Lester Lake — Encontre-se comigo às oito da noite — Moonglow Lounge. Exley passou na porta da Costumes — sinalizei para ele

entrar.

— Eu queria fazer umas perguntas.

— Faça, desde que não seja “O que você quer?”.

— Vamos tentar: “Por que só dois homens num caso pelo qual você obviamente sente tanto tesão?”

— Não. Próxima pergunta, e não pergunte “Por que eu?”.

— Vamos tentar: “O que vou ganhar com isso?”

Exley sorriu.

— Se você resolver o caso, exercerei uma prerrogativa de chefe de detetives raramente usada e o farei saltar para capitão sem alistamento no serviço civil. Vou passar Dudley Smith para a Costumes e dar a você o comando da Divisão de Roubos e Furtos.

O céu — não desmaie.

— Há alguma coisa errada, tenente? Eu esperava que você expressasse gratidão.

— Obrigado, Ed. Você acaba de balançar uma bela cenoura na minha frente.

— Pensando no que você é, eu diria que sim. Agora estou ocupado, então faça a próxima pergunta.

— Lucille Kafesjian é a chave de todo o negócio. Tenho a impressão de que a família sabe muito bem quem é o ladrão, e quero trazê-la para interrogatório.

— Não, ainda não.

Mudando:

— Dê-me o caso das peles do Hurwitz. Tire-o do Dudley.

— Não, e enfaticamente *não.* E não peça de novo. Agora vamos acabar com isso.

— Certo. Então deixe-me dar em cima do Tommy Kafesjian.

— Explique “dar em cima”, tenente.

— *Dar em cima. Pegar pesado.* Eu fodo com o Tommy, ele me diz o que queremos saber. Você sabe, métodos policiais escusos, como na época em que você atirou naqueles crioulos desarmados.

— Nenhuma abordagem direta à família. Afora isso, você tem carta branca.

Carta branca num trabalho de merda: grandes porras de distrações.

Simples:

Foto de Lucille/gravador/lista de motéis — levar tudo para o sul e fazer perguntas:

Você alugou quarto para ela?

Um homem requisitou um quarto perto do dela?

Mendigos/bebuns alugaram quartos ao lado do dela?

Pouca chance — digamos que o Red Arrow fosse seu único local para levar clientes.

Para o sul — Central Avenue até o final. Intriga da polícia, grande estilo:

Carros do Departamento de Assuntos Internos seguindo carros dos federais — discretos. Arrochos a mendigos — policiais da Vadiagem espalhados. Camburões andando atrás de putas.

Federais:

Verificações de placas de carros do lado de fora de bares e boates.

Acabando com um jogo de cartas na calçada.

Tocaiando um elegante puteiro de crioulas.

Federais de cabelos à escovinha e ternos cinza enchendo o bairro negro.

Parei na Delegacia da rua 77 e peguei um gravador emprestado. A fila de salas de suadouro estava apinhada: “esclarecimento” de 187s cometidos por crioulos contra crioulos. Federais do lado de fora com máquinas fotográficas — fazendo identificações de policiais.

Trabalho de merda agora:

Tick Tock Motel, Lucky Time Motel — não a todas as minhas perguntas. Darnell’s Motel, De Luxe Motel — não em cima de não. Handsome Dan’s Motel, Cyril’s Lodge — puro não. Hibiscus Inn, Purple Roof Lodge — NÃO.

Nat’s Nest — rua 81 com Normandie. “Quartos Sempri Limpus” — arrochar o recepcionista.

— Sim, senhor, conheço essa garota. Ela aluga por pouco tempo, e sempre pede o mesmo quarto.

Agarrei o balcão.

— Ela está registrada agora?

— Não, senhor, já faz uns seis ou sete dias.

— Sabe para que ela usa o quarto?

— Não, senhor. Meu lema é: “Não ver o mal, não ouvir o mal”, e sigo essa política a não ser quando eles fazem barulho demais fazendo o que estão fazendo.

— A garota pediu um quarto da frente, com visão da rua?

Chocado:

— Sim, senhor. Como sabe disso?

— Você alugou o quarto ao lado do dela para um homem branco e jovem? Um mendigo requisitou aquele quarto específico e se registrou nele?

Chocado a ponto de não conseguir falar — ele mergulhou atrás do balcão e pegou uma ficha de hospedagem.

— Veja, “John Smith”, o que na minha opinião é um nome falso. Veja, ele ainda tem dois dias pagos. Ele não está agora. Vi ele sair hoje de man...

— *Me mostre esses quartos.*

Ele saiu imediatamente, remexendo chaves. Duas portas se abriram depressa — totalmente apavorado com o policial.

Bangalôs separados — sem porta de ligação.

Captei tudo. Calma, agora — mantê-lo frio com uma nota de dez.

— Vigie a rua. Se o cara branco aparecer, não o deixe vir para cá. Diga que há um encanador no quarto dele, depois venha me chamar.

— Sim senhor, sim senhor — meio se ajoelhando em direção à rua.

Duas portas — sem acesso mútuo. Janelas laterais — o voyeur podia OBSERVÁ-la. Cerca viva abaixo, um caminho de pedras soltas.

Olhe:

Um fio saindo da janela DELE.

Entrando na cerca DELE, saindo, debaixo das pedras.

Agarrei-o e puxei...

Pedras voaram — o fio se esticou. Entrando no quarto DELA — debaixo do tapete, puxei — um microfone coberto de massa adesiva arrancado da parede.

Caminhar voltando no sentido do fio:

A janela DELE — forçar o batente — entrar. Puxar — *tchuc* — um gravador debaixo da cama.

Carretéis vazios.

De volta para fora, verificar as portas — nenhuma marca de arrombamento. Imaginar que ELE entrou pela janela DELA.

Fechei as duas portas e revistei o quarto DELE.

O armário:

Roupas sujas, mala vazia, gravador.

A penteadeira: roupas de baixo, discos de jazz — Champ Dineen, Art Pepper. Títulos iguais — duplicatas das bolachas de Tommy K. que foram quebradas.

O banheiro:

Navalha, creme de barbear, xampu.

Puxar o tapete:

Revistas de mulher pelada — *Transom* — três números. Fotos explícitas, texto: “confissões” de estrelas de cinema.

Nenhuma fita.

Tirar o colchão, socar o travesseiro — um ponto duro — rasgar, cortar...

Um carretel de fita — aprontá-lo para ouvir depressa...

Nervos — remexi a mercadoria, estraguei digitais potenciais. Mãos espasmódicas — passar a fita/apertar o *Play.*

Barulhos, tosses. Fechei os olhos e imaginei: amantes na cama.

Lucille: “Você não se cansa desses jogos?”

Homem desconhecido: “Me passe um cigarro” — pausa — “Não, não me canso. Você sem dúvida sabe como...”

Soluços — distantes — paredes de motel trancando *meu* homem do lado de fora.

Cliente: “... e você sabe que esses jogos de pai e filha têm poder duradouro. Verdade, dada a diferença de idades, é um jogo de cama bem natural.”

Uma voz culta — antítese de Tommy/J.C.

Soluços, mais altos.

Lucille: “Esses locais estão cheios de fracassados e de malucos solitários.”

Nenhuma suspeita/nenhum reconhecimento/nenhum medo de vigilância.

Clic — talvez um rádio — “*...chanson d’amour, ratta-tat-tatta, play encore*”. Vozes turvas, *clic*, Cliente: “...claro, houve aquela coisinha que você me passou.”

“Coisinha”: gonorreia/sífilis?

Verifiquei os carretéis — a fita acabando.

Vozes sonolentas emboladas — *mais do que um simples cliente.* Fechei os olhos — por favor, mais um jogo.

Sibilar de fita silenciosa — amantes sonolentos. Estalo de dobradiça/“Meu Deus!” — perto demais, real demais — AGORA. Olhos abertos — um homem branco parado junto à porta.

Fodido pela visão turva — saquei, apontei, atirei. Dois disparos — o portal soltou lascas; mais um — pedaços de madeira explodindo.

O homem correu.

Corri apontando.

Gritos, berros.

Ziguezagues — meu homem se desviando do trânsito. Atirei correndo — dois disparos passaram longe. Apontei direito — um tiro limpo — o tremor: se você matá-lo, não saberá POR QUÊ.

Atravessando o tráfego, mirando naquela cabeça branca balançando. Buzinas, freios — rostos negros na calçada, meu alvo branco desaparecendo.

Tropecei, cambaleei, corri. Perdendo-o — negros ao meu redor.

Gritos.

Rostos negros apavorados.

Meu reflexo numa janela: um maluco aterrorizado.

Reduzi a velocidade. Outra janela — rostos negros — seguir os olhos deles:

Uma blitz junto ao meio-fio — federais e crioulos. Welles Noonan, Will Shipstad, gorilas do FBI.

Apanhado — gorilas federais com ternos cinza. Welles Noonan me deu um soco no peito: cuspe na minha cara. Sua frase de efeito:

— Isto é por Sanderline Johnson.

CAPÍTULO XVII

O Moonglow — cedo para Lester. Músicas de vitrola automática matavam o tempo.

Noonan, com música de fundo — a lembrança ainda com cheiro do seu cuspe:

Aqueles federais — vingança vagabunda. De volta ao Nat's Nest — radiopatrulhas aparecendo por causa dos disparos. Expulsei-as e guardei as evidências: revistas de sacanagem, gravador, fita.

Telefonemas em seguida:

Ordens para Ray Pinker: procurar digitais nos dois quartos, trazer um desenhista — fazer o recepcionista detalhar o rosto do voyeur. Verificar fotos da polícia depois — rezar por bons olhos.

Jack Woods, boas novas: ele viu Junior, seguiu-o por duas horas e o perdeu. Junior ocupado — três arrochos a vendedores de bagulho — Jack fez descrições e anotou números de placas.

Jack, ipsis litteris:

— Ele parecia completamente drogado e maluco pra cacete. Verifiquei o carro dele quando ele parou para comprar cigarro. Sabe o que eu vi no banco de trás? Um kit de seringa hipodérmica, seis latas vazias de atum e três espingardas de cano serrado. Não sei o que ele tem com você, mas, na minha opinião, você deveria apagar o cara.

A vitrola automática, inconfundível — *Harbor Lights* na voz de Lester Lake — e não por causa de alguma moeda minha.

Bingo — o próprio Lester, transpirando medo.

— Olá, Sr. Klein.

— Sente-se. Diga o que é.

— Diga o que é o quê?

— A sua cara e o motivo de colocar essa droga de música.

Sentando-se:

— Só para me tranquilizar. É bom saber que o tio Mickey mantém minha música nas Wurlitzes dele.

— Mickey deveria tirar as máquinas antes que os federais o peguem. O que é? Eu não te vejo tão assustado desde o negócio do Harry Cohn.

— Sr. Klein, o senhor conhece uma dupla dos rapazes do Sr. Smith chamados sargento Breuning e sargento Carlisle?

— O que é que têm eles?

— Bom, eles estão fazendo hora extra na rua 77.

— Anda, vá direto ao ponto.

Sem fôlego:

— Eles tão andando por lá e tentando resolver assassinatos de gente de cor contra gente de cor, dizem que é para impedir antecipadamente a boa publicidade para a tal investigação federal. Lembra que o senhor me perguntou sobre um vendedor de maconha chamado Wardell Knox? Lembra que eu disse que ele foi morto por alguém desconhecido?

Tommy K. dedurou Knox à Narcóticos — Dan Wilhite contou a Junior.

— Lembro.

— Então deve se lembrar que eu disse que o velho Wardell era maluco por boceta e tinha um milhão de inimigos. Ele estava comendo um milhão de donas diferentes, inclusive uma mulata chamada Tilly Hopewell, que eu também comia. Sr. Klein, ouvi dizer que os rapazes do Sr. Smith estavam me procurando por causa de um boato fajuto de que apaguei a porra do Wardell, e parece que eles estão me avaliando pra uma estatística rápida. Agora o senhor quer saber coisas sobre a porra dos Kafesjian e as porras dos conhecidos deles, e tenho uma boa pro senhor: ouvi dizer há pouco tempo que aquele maluco do Tommy Kafesjian apagou o velho Wardell por volta de setembro, uma espécie de vingança por causa de droga ou de sexo, porque na ocasião ele também tava comendo a bela Tilly Hopewell.

Ofegante/esforçando-se.

— Olha, vou falar com Breuning e Carlisle. Eles vão deixar você em paz.

— É, talvez isso seja verdade, porque o velho dono de cortiços Dave Klein conhece as pessoas certas. Mas o Sr. Smith odeia homens de cor. E não imagino vocês ligando a morte de Wardell Knox a Tommy K., a alcaguete encantadora de vocês.

— Você quer mudar o mundo ou se livrar desse negócio?

— Quero que o senhor me dê mais um mês de aluguel grátis em troca de todas as belas sujeiras que consegui sobre a porra da família Kafesjian.

Harbor Lights começou a tocar de novo. Lester:

— E, por falar nisso, ouvi dizer que a filha é uma tremenda puta semiprofissional. Ouvi dizer que Tommy e J.C. espancam a mamãe e ela como se fossem sacos de pancada. Ouvi dizer que Madge (é a mamãe) tinha um caso com Abe Voldrich, que é o chefe das operações de drogas deles e gerencia nas horas vagas uma das lavanderias deles. Ouvi dizer que Voldrich seca fardos

enormes de maconha nas secadoras que eles têm em todas as lavanderias. Ouvi dizer que o modo como eles mantêm as coisas nos trilhos com os traficantes rivais é cobrando uma percentagem dos independentes pequenos, que eles toleram, mas nenhuma organização de verdade tentaria infringir as regras no Southside, porque sabem que o DPLA baixaria com tudo só para manter felizes aqueles armênios escrotos. Ouvi dizer que os únicos que eles deduram pra vocês são os independentes que não pagam tributos a eles. Ouvi dizer que a família é unha e carne uns com os outros, mesmo não se tratando com muito respeito. Ouvi dizer que afora Voldrich e a tal dona de cor que Tommy K. anda comendo, a família só tem empregados e clientes, não tem a porra de um só amigo. Ouvi dizer que Tommy era amigo de um garoto branco chamado Richie, não sei o sobrenome, mas ouvi dizer que eles tocavam sax juntos, como se fingissem que tinham talento. Aquele roubo maluco que você me contou, os cachorros retalhados, a prataria roubada e aquela merda toda, não ouvi porra nenhuma sobre isso. Também ouvi você pensando em aumentar meu aluguel, de modo que eu...

Cortá-lo:

— E quanto a Tommy andar comendo Lucille?

— O quê? Não ouvi nada assim. Eu disse “unha e carne”, não pau e xota.

— E quanto a esse tal de Richie?

— Merda, eu já disse o que ouvi dizer, nada mais, nada menos. Quer que eu...

— Fique perguntando sobre ele. Ele pode estar ligado a esse curioso que estou caçando.

— É, você falou desse escroto que gosta de espiar, e sei improvisar a partir do que me dizem. De modo que andei perguntando sobre isso, e não ouvi nada. Agora, quanto ao aumento de aluguel...

— Pergunte por aí se os Kafesjian também andam procurando um curioso. Tenho a intuição de que eles sabem quem é o ladrão.

— E eu tenho o palpite que o senhor dos cortiços, Dave Klein, vai aumentar meu aluguel.

— Não, e vou manter você até janeiro. Se Jack Woods for cobrar, me avise.

— E quanto aos rapazes do Sr. Smith perseguindo o velho Lester?

— Eu cuido disso. Sabe o endereço de Tilly Hopewell?

— O meu pessoal sabe dançar? E eu não estive naquele ninho de amor mais do que algumas vezes?

— Lester...

— South Trinity, 8491, apartamento 406. Diga, aonde você vai agora?

— Ao boxe.

— Moore e Ruiz?

— Isso mesmo.

— Aposte no mexicano. Eu comia a irmã de Stevie Moore, e ela me disse que Stevie não aguenta porrada no estômago.

Usei o distintivo para chegar junto ao ringue — tarde.

Pausa no sexto assalto — as garotas das placas andando empertigadas. Coro dos espectadores: “Dodgers, vão embora! Ruiz se mande agora!” Vaias, gritos: *cucarachas* contra comunistas.

O gongo...

Reuben Dançarino circulando; Moore dando socos curtos de direita. *Clinch* no meio do ringue — Ruiz solto, o crioulo sem fôlego.

— Separar! Separar! — o juiz entrando e saindo.

Mais tocaia lenta — cotovelos altos, cintura aberta. Reuben Caçador de Cabeças — quase errando os ganchos, recuando.

Reuben preguiçoso, Reuben entediado.

Uma intuição rápida: marmelada.

Moore — sem fôlego, sem tutano. Ruiz — ganchos preguiçosos, direitas preguiçosas.

Moore indo em cima e arfando; Reuben engolindo socos bloqueáveis — o crioulo arreganhado.

Ruiz — um gancho de esquerda preguiçoso.

Moore ofegando, a guarda baixa.

Direto na cabeça — o homem errado caiu.

Aplausos *cucarachas.*

Vaias comunas.

Reuben — aquele olhar de ah, porra! — atrasando a contagem. Tempo de espera, ele foi lentíssimo até um canto neutro.

Seis, sete, oito — Moore de pé, cambaleando.

Ruiz devagar até o centro do ringue. Moore recuando — soco de merda. Distância de bombardeio, Reuben bombardeia — erra loucamente. Dez, doze, quatorze — de zumbir o ouvido.

Ruiz ofegando de mentira; braços cansados de mentira caindo mortos.

Moore mandou um soco débil.

Reuben Dançarino cambaleou.

Moore — socos débeis direita/esquerda.

Reuben foi à lona — olhos revirando, falsos. Sete, oito, nove, dez — Moore beijou Sammy Davis, Jr. junto ao ringue.

Ataque da arquibancada — contra os comunas — *cucarachas* jogando copos de cerveja cheios de mijo. Cartazes de propaganda como escudos — não adiantaram — os mexicanos vieram girando correntes de bicicleta.

Cheguei a uma saída — café no fim do quarteirão, deixar as coisas esfriarem. Vinte minutos, voltei — uma porrada de radiopatrulhas e comunas algemados.

De novo lá dentro — seguir o fedor de linimento. Vestiários, Ruiz sozinho — devorando um prato de taco.

— Bravo, Reuben. A melhor marmelada que já vi.

— Ei, e o tumulto também não foi muito ruim. Ei, tenente, o que achou daqueles ganchos enquanto eu recuava?

Fechei a porta — barulho no corredor — repórteres e Moore.

— Que você sabe divertir os poucos escolhidos.

Tomando cerveja:

— Espero que Hogan Kid Bassey tenha visto a luta, porque o trato era Moore ser eliminado nos pesos-galo e eu passar para os penas e lutar com ele. E vou chutar o rabo dele. Ei, tenente, nós não falamos assim desde aquela noite em que Sanderline pulou.

— Me chame de Dave.

— Ei, tenente, um crioulo e um mexicano pulam ao mesmo tempo de uma janela no sexto andar. Quem chega primeiro no chão?

— Já ouvi essa, mas conte assim mesmo.

— O crioulo, porque o mexicano precisa parar no caminho e pichar "*Ramón y Kiki por vida*" na parede.

Rá-rá — educado.

— Então, tenente, eu sei que você viu Will Shipstad me vigiando em Ravine. Deixe-me tranquilizar você e o Sr. Gallaudet dizendo que estou grato pelo que chamam de trabalho de relações públicas, isso que vocês me arranjaram, especialmente porque tirou o meu irmão de outra temporada na cadeia. De modo que, sim, sou de novo uma testemunha federal, mas Noonan só quer que eu testemunhe sobre um negócio velho, de um *bookmaker*, e jamais vou dedurar Mickey C. ou o seu colega Jack Woods.

— Sempre achei que você sabia jogar.

— Quer dizer jogar para os poucos escolhidos?

— É. Negócios são negócios, de modo que você fode seu próprio pessoal para se aproximar do próximo promotor.

Sorrindo legal:

— Tenho uma família com tendência a encrencas, e devo imaginar que eles são mais importantes do que os mexicanos em geral. Ei, eu puxo uns sacos, de modo que os... como é que vocês chamam eles? Senhores dos cortiços? De modo

que eles, como você e sua irmã, possam continuar bem alimentados. Sabe, *Dave*, a porra do Departamento de Terras e Sistema Viário andou verificando aqueles pardieiros em Lynwood. Parece que há o que vocês chamam de bordel adaptado, onde aqueles rapazes durões querem colocar meus pobres *hermanos* despejados, de modo que talvez você e sua irmã senhora dos cortiços possam comprar o andar térreo.

Pensar — sacanear a bravata dele.

— Você sabe um bocado a meu respeito.

— Ei, Dave Klein, "o Executor", as pessoas falam um bocado de você.

Mudando:

— Johnny Duhamel é veado?

— Está maluco? Ele é o maior caçador de xotas que existe.

— Andou se encontrando com ele recentemente?

— Nós mantemos contato. Por quê?

— Só estou verificando. Ele está no caso das peles do Hurwitz, e é uma grande tarefa para um policial inexperiente. Ele falou com você sobre isso?

Negativa com a cabeça — meio cauteloso.

— Não. Ele fala principalmente do serviço no Esquadrão Antigangues.

— Alguma coisa específica?

— Não, ele disse que não deve falar sobre isso. Ei, por que está me interrogando?

— Por que de repente você parece tão triste?

Ganchos, *jabs* — o ar zumbiu.

— Estive com Johnny há mais ou menos uma semana. Ele disse que estava fazendo uma coisa ruim. Ele, como vocês dizem, não aprofundou o assunto, mas disse que precisava de uma surra, como penitência. Nós calçamos luvas e ele me deixou dar uns socos. Lembro que ele estava com, como vocês dizem, bolhas nas mãos.

Serviço com mangueira de borracha — Johnny provavelmente odeia isso.

— Lembra-se do sargento Stemmons, Reuben?

— Claro, o seu parceiro no hotel. Belo corte de cabelo, mas, se você me perguntar, ele é maluco.

— Você o viu?

— Não.

— Johnny falou dele com você?

— Não. Ei, que história é essa sobre o Johnny?

Sorri.

— É só uma história.

— Claro, sujeito sutil. Ei, o que nasce do cruzamento de um mexicano com um crioulo?

— Não sei.

— Um ladrão preguiçoso demais pra roubar!

— É de matar de rir.

Acariciando uma cerveja:

— Você não está rindo tanto, e dá pra ver que está pensando: em Ravine, o Reuben Dançarino disse que nós precisávamos falar.

— Então fale.

Puro *cucaracha* — o sujeito arrancou a tampinha da garrafa com os dentes e tomou um gole enorme.

— Ouvi Noonan falando de você com Will Shipstad. Ele odeia você como se fosse um cachorro. Ele acha que você empurrou Johnson pela janela e fodeu com um cara chamado Morton Diskant. Ele tentou me obrigar a dizer que ouvi falar que você empurrou Johnson, e disse que vai acabar com a sua raça.

CAPÍTULO XVIII

Serviço de perícia — na escrivaninha da minha sala de estar.

Procurar digitais nas revistas, no gravador, nos carretéis — borrões e quatro impressões idênticas. Tirei minhas próprias impressões para comparar — isso confirmou minha falta de jeito fodendo com o negócio.

O telefone tocou...

— Sim?

— Ray Pinker, Dave.

— Você acabou?

— Acabou é a palavra certa. Primeiro, nenhuma impressão suspeita viável, e procuramos em cada superfície de toque nos dois quartos. Tiramos amostras para eliminação com o recepcionista, que também é o dono, com o zelador e a camareira, todos negros. Temos as impressões *deles* nos quartos, nada mais.

— Porra.

— Definição sucinta. Também pegamos as roupas masculinas e examinamos uns shorts manchados de sêmen. É O positivo de novo, com a mesma divisão celular; o seu ladrão, ou quem quer que seja, é um tremendo frequentador de motéis.

— Merda.

— Sucinto, mas tivemos mais sorte no retrato falado. O recepcionista e o desenhista montaram um retrato, que está esperando por você no Bureau. Agora...

— E quanto a fotos da polícia? Você disse ao recepcionista que vamos precisar dele para olhar algumas?

Ray suspirou — meio puto.

— Dave, o sujeito se mandou para Fresno. Deu a entender que o seu comportamento o deixou perturbado. Ofereci um reembolso do DPLA pela porta em que você atirou, mas ele disse que isso não cobriria os danos morais. Também disse para não procurá-lo, porque ele foi embora, sem aviso. Não pressionei para que ele ficasse, porque ele disse que daria parte por causa da porta que você destruiu.

— Merda, Ray, você verificou...

— Dave, eu estou bem na sua frente. Perguntei aos outros empregados se *eles* tinham visto o ocupante daquele quarto. Os dois disseram que não e acreditei.

Merda. Porra.

Meio rabugento:

— Um monte de encrencas por causa de um único 459, Dave.

— É, só não pergunte por quê.

Clic — meu ouvido zumbia.

Vá, continue procurando impressões.

Borrões nas capas — os sulcos dos discos não guardavam impressões. Champ Dineen na minha vitrola: *Sooo Slow Moods, The Champ Plays the Duke.*

Música de fundo — folheei a *Transom.*

Piano/sax/baixo — suava. Fotos de mulher pelada, fofoca: a sereia loura M.M. é louca pelo homossexual R.H. — ela é capaz de fazer qualquer coisa para consertá-lo. A ninfomaníaca J.M. — gigantescamente dotada — procura homens igualmente bem-dotados no Easton's Gym. De 25 centímetros para cima, por favor — J.M. anda com uma régua, para ter certeza. Conquistas recentes: F.T., o brutamontes dos filmes-B; o gângster M.B.; o lacônico astro dos filmes de faroeste G.C.

Sax sussurrante, contrabaixo no ritmo do coração.

Histórias — pérolas de caixeiro-viajante. Foto: devassas peitudas saindo de dentro da lingerie. Trinados de piano — belíssimos.

Um exemplar terminado, Dineen infiltrando-se. *Transom,* junho de 58:

M.M. e o jogador de beisebol M.M. — a tocha de seu J.D.M. empurrou-a para os rebatedores. O elegante Plaza Hotel — estadia de dez dias/dez noites.

Riffs de sax alto — Glenda/Lucille/Meg girando.

Anúncios: aparelhos para aumentar o pau, faculdade de direito por correspondência. *Mood Indigo à la* Dineen — metais tocando suaves.

Uma história de papai/filhinha — uma introdução com diálogos diretos. Fotos: uma morena com jeito de vagabunda, vestida de biquíni.

— Bom... você se parece com meu pai.

— Pareço? Bom, é, eu tenho idade para isso. Acho que um jogo é um jogo, certo? Posso ser o papai porque me ajusto ao papel.

— Bom, como diz a canção, "Meu coração pertence ao papai".

Ler superficialmente o texto:

A órfã Loretta é louca por um papai. O maligno Terry a deflorou — ela se arrasta atrás dele, ela odeia isso. Vende-se a homens mais velhos — um pastor a mata. Foto ilustrando: a vagabunda estrangulada com uma corda.

Champ Dineen rugindo — pensar nisso:

Loretta é igual a Lucille; Terry é igual a Tommy. Loretta “órfã” — não combina. Lucille é louca pelo papai J.C. — difícil engolir Lucille doida por aquele merda sebento.

Digamos que o diálogo tenha sido voyeurizado.

Digamos que o curioso fosse o “autor”.

Transom, julho de 58 — estritamente fofocas sobre estrelas de cinema. Verificar o cabeçalho da revista — um endereço no Vale — ir lá amanhã.

O telefone tocou — diminuir o volume — atender.

— Glen...

— É. Você tem poderes psíquicos ou só estava esperando?

— Não sei, talvez as duas coisas. Olhe, vou dar uma passada no set.

— Não. Sid Frizell vai rodar umas cenas noturnas.

— Vamos a um hotel. Não podemos usar sua casa ou a minha; é arriscado demais.

Aquele riso.

— Li no *Times* hoje. Howard Hughes e sua entourage foram para Chicago, para uma reunião no Departamento de Estado. David, o “domicílio para atrizes” de West Hollywood está disponível, e tenho uma chave.

Depois da meia-noite — deve ser seguro.

— Meia hora?

— É. Estou com saudade.

Desliguei o telefone e aumentei o volume. Ellington/Dineen — *Cottontail*. Estrada da Memória — 1942, o Corpo de Fuzileiros Navais. Meg — aquela música — dezesseis anos estragados. O telefone ali mesmo — fazer isso.

— Alô?

— Fico feliz por encontrar você, mas achei que estaria atrás do Stemmons.

— Eu precisava dormir um pouco. Olhe, feitor de escravos...

— Mate-o, Jack.

— Por mim, tudo bem. Dez?

— Dez. Apague-o e me garanta algum tempo.

CAPÍTULO XIX

As colinas — uma grande construção espanhola perto de Mulholland.

Luzes acesas, o carro de Glenda na frente. Uns vinte cômodos — o suprassumo da *garçonnière.*

Estacionei, faróis num Chevy 55. Horrendamente familiar: de Harold John Miciak.

Ter certeza, piscar os faróis altos — adesivos da Hughes Aircraft no para-choque traseiro.

Silêncio da noite — casas grandes e escuras, só uma com luz acesa.

Saí e ouvi. Vozes — dele, dela — abafadas.

Subir, experimentar a porta da frente — trancada. Vozes — a dele tensa, a dela calma. Circular a casa, ouvir:

Miciak: — ...você poderia se dar mal. Olha, trepe comigo, finja que é o Klein. Eu vi ele indo ver você no Griffith Park. Por mim, pode continuar dando pra ele; não sou possessivo e não tenho sócios. O Sr. Hughes nunca vai saber, você só trepa comigo e me consegue aquele dinheiro que eu quero do Klein. Sei que ele tem, porque é ligado nuns figurões da Máfia. O Sr. Hughes foi quem me disse.

Glenda: — Como vou saber que é só você?

Miciak: — Porque Harold John é o único paizão de L.A. que é homem bastante para mexer com o Sr. Hughes e com esse policial que se acha o máximo.

Circular até a janela da sala de jantar. Aberturas na cortina. Olhar:

Glenda recuando; Miciak pressionando, projetando os quadris.

Andando devagar — ambos — um faqueiro atrás de Glenda.

Experimentei a janela — não cedeu.

Glenda: — Como vou saber que é só você?

Glenda: uma das mãos indo para trás, uma das mãos voltando.

Glenda: — Acho que nós dois iríamos nos dar bem juntos.

Para os fundos, uma porta lateral — arrombei-a com o ombro e entrei correndo.

O corredor, a cozinha, ali...

Um *clinch*: as mãos dele agarrando, as dela pegando facas.

Atordoado em câmara lenta — eu *não conseguia* me mexer. Congelado pelo choque, olhar:

Facas cravadas — nas costas dele, no pescoço dele — retorcidas enterradas até o cabo. Estalos de ossos — Glenda cravava — duas mãos molhadas de sangue. Miciak sacudindo-se CONTRA ELA...

Mais duas facas agarradas — Glenda esfaqueando às cegas.

Miciak estendendo a mão para o faqueiro, subindo com um cutelo.

Cambaleei para perto — pernas entorpecidas — o cheiro do sangue...

Ele golpeou, errou, cambaleou contra o faqueiro. Ela esfaqueou — as costas dele, o rosto — Miciak morrendo ruidoso. Cabos de facas se projetando em ângulos estranhos — joguei-o no chão, torci-as, matei-o.

Glenda — sem gritos, aquele olhar: LENTO, eu já estive aí antes.

LENTO:

Apagamos as luzes e esperamos dez minutos — nenhuma reação do lado de fora. Planos então — sussurros baixos, abraçando-nos sangrentos.

Sem tapete na sala de estar — sorte. Tomamos banho e trocamos de roupa — Hughes mantinha um estoque masculino/feminino. Colocamos nossas coisas numa sacola, lavamos o chão, o faqueiro, as facas.

Cobertores num armário — enrolamos Miciak e o trancamos no porta-malas de seu carro. 1:50 da madrugada — saímos, voltamos — sem testemunhas. Saímos e voltamos de novo — deixamos *nossos* carros abaixo de Mulholland.

Um plano, um bode expiatório: o Fogo-fátuo dos Bêbados, o assassino à solta predileto de L.A.

Fui sozinho até o Topanga Canyon — dirigi o carro de Miciak. Acampamento infantil Hillhaven — defunto, área de pinguços. Verifiquei com uma lanterna as seis cabanas — nenhum mendigo residindo.

Deixei o carro fora das vistas.

Limpei-o.

Kabana Kougar Klub — desovar o corpo.

Enforquei o cadáver segundo o *modus operandi* do Fogo-fátuo.

Rolei-o em serragem para encher os ferimentos das facadas. Lógica da perícia: ferimentos impactados tornavam impossível fazer moldes das facas.

Lógica da esperança:

Howard Hughes não gostava de publicidade — talvez ele não pressionasse para encontrar o assassino de seu capanga.

Voltei andando à Pacific Coast Highway. Medo LENTO acelerando...

Alguém me seguindo esporadicamente.

Alguém me seguindo hoje significaria sofrimento eterno.

Glenda me pegou na PCH. De volta a Mulholland, dois carros até a minha casa, cama só para conversar.

Conversa *mole* — sua vontade feita. Trabalho de faca em CinemaScope/Technicolor — pressionei para saber que ela não gostava daquilo.

Soquei o travesseiro junto ao rosto dela.

Acendi a luz da mesinha de cabeceira nos olhos dela.

Disse a ela:

Meu pai atirou num cachorro/eu toquei fogo no barracão de ferramentas dele/ele bateu na minha irmã/atirei nele, a arma falhou/aqueles Dois Tonys escrotos machucaram minha irmã/eu os matei/matei mais cinco homens/peguei dinheiro — o que lhe dá o direito de bancar a cheia de estilo...

Socar o travesseiro, fazê-la falar — sem estilo, sem lágrimas:

Ela estava flutuando, trabalhando de garçonete de drive-in, aquela pretensa atriz. Estava dormindo com homens para conseguir o dinheiro do aluguel — um cara contou a Dwight Gilette. Ele lhe fez uma proposta: aceitar clientes dividindo meio a meio. Ela concordou, fez isso — principalmente umas figuras tristes. Georgie Ainge uma vez — sem violência da parte dele — mas surras regulares da parte de Gilette.

Ficou louca. Teve uma ideia de pretensa atriz: comprar um revólver com Georgie e assustar Dwight. Agora pretensa atriz com um adereço: um revólver de verdade.

Dwight a fez levar de carro as "sobrinhas" dele à casa de seu "irmão" em Oxnard. Foi divertido — criancinhas de cor, bonitas — uma semana depois, a foto delas na TV.

Duas crianças de dois anos deixadas sem comer, torturadas e estupradas — encontradas mortas num esgoto em Oxnard.

Pretensa atriz, garota de recados. Uma ideia de atriz de verdade:

Matar Gilette — antes que ele mandasse mais alguma criança para ser morta.

Fez isso.

Não gostou.

Você não sai patinando de coisas assim — você se arrasta cheia de estilo. Abracei-a.

Falei em ritmo de metralhadora sobre os Kafesjian.

Champ Dineen nos acalentou para dormir.

Acordei cedo. Ouvi Glenda no banheiro, soluçando.

CAPÍTULO XX

Harris Dulange — cinquenta anos, dentes ruins:

— Já que eu e a revista estamos limpos como um gato depois de comer um rato, vou lhe dizer como a *Transom* funciona. Primeiro nós contratamos putas ou aspirantes a atrizes na pior, para as fotos. O material escrito é deste seu criado, o editor-chefe, ou é rabiscado por universitários que escrevem suas fantasias em troca de exemplares gratuitos. É o que a *Hush-Hush* chama de "Insinuação". Nós colocamos as iniciais de estrelas de cinema nas histórias para que nossos leitores declaradamente débeis pensem: "Uau, será mesmo a Marilyn Monroe?"

Cansado — eu tinha ido cedo à Divisão para ver o desenho de Pinker. Exley disse para não distribuí-lo às delegacias — a noite de ontem me deixou mal demais para lutar com ele.

— Tenente, o senhor está sonhando acordado? Sei que este não é o escritório mais bonito do mundo, mas...

Peguei o exemplar de junho de 58.

— Quem escreveu esta história sobre pai e filha?

— Nem preciso olhar. É sobre morenas gorduchas loucas por um pai substituto, é Champ Dineen.

— *O quê*? Você sabe quem *é* Champ Dineen?

— *Era*, porque ele morreu faz algum tempo. Eu *sabia* que o cara estava usando pseudônimo.

Mostrei o desenho de Pinker. Dulange olhou-o inexpressivo.

— Quem é?

— A chance é de que seja quem escreveu esta história. Você o *viu*?

— Não. Só falamos pelo telefone. Mas é um desenho bonito. Surpreendente. Eu achava que o sujeito devia ser um monstrengo.

— Ele disse que o nome verdadeiro dele era Richie? Isso poderia ser uma pista para a identificação.

— Não. Nós só falamos uma vez ao telefone. Ele disse que se chamava Champ Dineen, e pensei: "Maravilha, e só acontece em L.A." Tenente, deixe-me perguntar. O tal de Champ tem um fetiche de voyeur?

— Tem.

Dulange — assentindo, espreguiçando-se:

— Há uns onze meses, por volta do Natal, esse pseudo-Champ me ligou vindo do nada. Disse que tinha acesso a um bom material do tipo publicado pela *Transom,* algo do tipo alguém espiando num bordel. Eu falei: “Ótimo, mande algumas amostras, talvez possamos negociar.” E então... ele me mandou duas histórias. O endereço do remetente era uma caixa postal, e pensei: “O que é isso? Ele é um foragido ou mora numa caixa postal?”

— Continue.

— E o material era bom. Bom *para dinheiro*; e raramente pago pelo texto, só por fotos. De qualquer modo, eram duas histórias sobre pai e filha, e os diálogos eram realistas, como se ele tivesse espiado aquele tipo de coisa acontecendo. As histórias não eram tão quentes, mas mandei uma nota de cem, por fora da contabilidade, e um bilhete: “Mantenha o fogo aceso, gosto do seu material.”

— Ele mandou as histórias escritas à mão?

— Foi.

— Você as guardou?

— Não, datilografei e depois joguei fora.

— Você fez isso todas as vezes em que ele mandou histórias?

— Sim. Champ aparece em quatro números, nas quatro vezes datilografei o material e joguei o original fora. Foi o de junho de 58 que você me mostrou, além disso Champ foi publicado em fevereiro de 58, maio de 58 e setembro de 58. Quer os exemplares? Posso pedir para o depósito mandá-los, talvez daqui a uma semana.

— Não pode ser antes?

— Com os imigrantes ilegais que trabalham lá? Para eles uma semana é só com o rato Ligeirinho.

Pus um cartão sobre a mesa.

— Mande para o meu escritório.

— Certo, mas você vai ficar desapontado.

— Por quê?

— O Champ só tem um assunto. É tudo material de pseudoincesto estrelado por morenas rechonchudas. Acho que vou começar a mexer no texto dele, fazer umas modificações. Rita Hayworth querendo trepar com pais substitutos é mais suculento, não acha?

— Claro. E quanto a um fichário de colaboradores?

Ele bateu na cabeça.

— Está aqui. Não temos espaço na elegante redação da revista *Transom.*

Cheio de comichões — pensando em Glenda.

— Você pagava ao sujeito em cheque?

— Não, sempre em dinheiro. Quando falamos pelo telefone ele disse que só aceitava dinheiro. Tenente, o senhor está ficando nervoso, de modo que vou lhe dizer. Verifique a caixa postal 5841 no correio principal do centro da cidade. Era para onde eu mandava a grana. Era sempre em dinheiro, e se está pensando em me dedurar ao imposto de renda, não faça isso, porque o tal de Champ está coberto por várias cláusulas que tratam de pequenas quantias.

Quente — o suor da manhã.

— O que você achou do sujeito na primeira vez em que falou com ele?

— Um escroto quadrado que sempre quis ser músico de jazz da pesada. Diga, você sabia que meu irmão mais novo foi suspeito no caso Dália Negra?

Tocaia na caixa postal? — consumiria tempo demais. Conseguir um mandado para pegar o conteúdo? — a mesma coisa. Arrombar a caixa? — sim — ligar para Jack Woods.

Moedas para o telefone:

Jack — ninguém atendeu. Meg — tirar dez mil em dinheiro de nossa conta das propriedades. Certo, nenhum "Por quê?", novidade: ela e Jack estavam juntos de novo. Resisti a um riso barato: dê a *ele* os dez — ele vai matar Junior para mim.

Tiro/facada/porretada — visualizando — Junior morto.

Miciak Almofada de Alfinetes — vendo/*sentindo*: lâminas de facas presas em sua coluna vertebral.

Mais telefonemas:

Mike Breuning e Dick Carlisle — a 77, a Divisão — sem sorte. Visualizei Lester Lake se cagando de medo — policiais querendo armar para cima dele.

Visualizar Glenda: "Merda, David, você me pegou chorando."

Fui até o bairro negro — uma passada dizendo nomes. Bares e boates de jazz abertas cedo — vamos lá.

Nomes:

Tommy Kafesjian, Richie — um velho amigo de Tommy? Tilly Hopewell — consorte — de Tommy e do falecido Wardell Knox. Meu curinga na manga: Johnny Duhamel — policial ex-boxeador.

Nomes falados com:

Garotas de programa, drogados, vadios, bebuns, barmen. As respostas: Richie — expressões vazias uma atrás da outra. Voyeurs brancos — a mesma coisa. Tilly Hopewell — papo de drogado — ela era ex-viciada, recém-saída de uma cura num hospital. Wardell Knox — "Ele está morto e não sei quem fez isso". Johnny Colegial — só identificações por causa do boxe.

O desenho do meu voyeur: identificações zero.

Crepúsculo — mais boates abertas. Mais nomes — resultados zero — por reflexo verifiquei o trânsito nas máquinas caça-níqueis. Uma equipe que trabalhava nas máquinas do Rick Rack — brancos/*cucarachas* — federais do outro lado da rua, câmeras a postos. Homens do Mickey captados em filme — Mickey Suicida.

Plymouths policiais a dar com pau — federais, DPLA. Tremores intermitentes — alguém me seguindo ONTEM A NOITE?

Parei num telefone público. Sem moedas — usei fichas.

Glenda — minha casa, a casa dela — ninguém atendeu. Jack Woods — ninguém atendeu. Fui ao Bido Lito's — falei nomes, falei merda — só consegui risinhos de desprezo.

Mínimo de duas doses — peguei um banco e pedi dois uísques. Olhos de vodu: crioulos de uma parede à outra.

Engoli a birita rapidamente — duas doses, não mais. Uísque quente, uma ideia: esperar Tommy K. e empurrá-lo para fora. Você fode com sua irmã/faz seu pai foder sua irmã — usar soco-inglês até ele vomitar a sujeira da família.

O barman já estava com a terceira dose pronta — falei não. Um conjunto se preparando — acenei para o homem do sax. Ele concordou: vinte dólares por um pot-pourri de Champ Dineen.

Luzes apagadas. Vibrafone/bateria/sax/trumpete — começando.

Temas — alto/rápido, baixo/lento. Baixo — o barman falava do mítico Champ Dineen.

Veja só:

Ele surgiu do nada. Parecia branco — mas corriam boatos de que sua linhagem sanguínea era mestiça. Tocava piano e sax baixo, compunha jazz e gravou alguns discos. Bonito, bem-dotado que nem um elefante: trepava em espetáculos para voyeurs em bordéis e nunca tiraram sua foto. Champ no amor: três irmãs ricas, a mãe delas. Quatro amantes — quatro filhos nascidos — um papai rico chifrudo matou o Champ a tiros.

Uma bebida no bar — engoli. *Meu* voyeur mítico — veja a história *dele*, só talvez:

Bisbilhotar em bordel é igual a *Transom*; intriga familiar é igual a KAFESJIAN.

Saí correndo — atravessei a rua até uma cabine telefônica. O número de Jack Woods, três toques.

— Alô?

— Sou eu.

— Dave, não pergunte. Ainda estou procurando por ele.

— Continue procurando, não é isso.

— O que é?

— São mais dois mil, se você quiser. Conhece o correio 24 horas no centro da cidade?

— Claro.

— Caixa postal 5841. Arrombe e traga o conteúdo. Espere até umas três horas, você vai conseguir fácil.

Jack assobiou.

— Você está com problemas com os federais, certo? Algum tipo de mandado judicial não vai funcionar, então...

— Sim ou não?

— Sim. Gosto de ver você encrencado. Você fica generoso. Ligue para mim amanhã, certo?

Desliguei. Minha memória dava saltos — *números de placa*. Trabalho de Jack — aqueles sujeitos que ele viu sendo arrochados pelo Junior. Peguei meu bloco e liguei para o Departamento de Trânsito.

Devagar — ler os números, esperar. O ar frio aliviou o efeito da birita e clareou minha cabeça. *Traficantes* vítimas de arrocho — potenciais dedos-duros contra Junior/Tommy.

Minha leitura:

Patrick Dennis Orchard, branco — South Hi Point, 1704 1/2; Leroy George Carpenter, negro, rua 71 oeste, 114; Stephen Wenzel, branco, S. St. Andrews, 1811 B.

Dois homens brancos — surpreendente. Pensar: Lester Lake me deu o endereço de Tilly Hopewell. Ali, pegar: South Trinity, 8491, 406.

Perto — cheguei rápido. Um prédio de quatro andares — estacionei junto ao meio-fio.

Sem elevador — subi. 406 — apertei a campainha.

Estalos no olho mágico.

— Quem é?

— Polícia.

Barulho de corrente, a porta aberta. Tilly: uma mulata com cerca de trinta anos, talvez meio branca.

— Srta. Hopewell?

— Sim — sem sotaque de crioula.

— São só umas perguntas.

Ela recuou para dentro — acovardada. A sala de estar: pobre, limpa.

— O senhor é da condicional?

Fechei a porta.

— DPLA.

Arrepios.

— Narcóticos?

— Delegacia de Costumes.

Ela pegou uns papéis sobre a TV.

— Estou limpa. Fiz meu exame hoje. Não detectaram nenhuma droga no meu organismo. Está vendo?

— Não me importo.

— Então...

— Comecemos com Tommy Kafesjian.

Tilly recuou, esbarrou numa cadeira, deixou-se cair.

— Que é que tem, seu po...lícia?

— Não vem com essa merda de que é que tem, seu polícia, você não é desse tipo de gente de cor. *Tommy Kafesjian.*

— Conheço o Tommy.

— E tem sido íntima dele.

— Sim.

— E foi íntima de Wardell Knox e Lester Lake.

— É verdade, e também não sou do tipo de gente de cor que acha isso um grande pecado.

— Wardell está morto.

— Sei disso.

— Tommy o matou.

— Tommy é mau, mas não digo que matou Wardell. E, se matou, ele é protegido do DPLA, de modo que não vou dizer nada que o senhor já não saiba.

— Você é uma garota inteligente, Tilly.

— Inteligente para alguém de cor, o senhor quer dizer.

— Inteligente é inteligente. Agora me dê um motivo para Tommy ter matado Wardell. Foi ciúme de você?

Empertigada — viciada mantendo postura de professora.

— Tommy e Wardell nunca ficam tão ligados assim numa mulher. Não estou dizendo que Tommy o matou, mas, *se* matou, foi porque Wardell estava atrasado com algum pagamento de droga. O que não significa nada para o senhor, considerando as cestas de Natal que o Sr. Kafesjian manda para o centro da cidade.

Mudando:

— Você gosta de Lester Lake?

— Claro que gosto.

— Você não quer vê-lo acusado de um crime que não cometeu, quer?

— Não, mas quem disse que isso vai acontecer? Qualquer idiota pode ver que Lester não é o tipo de homem que mataria alguém.

— Ora, você sabe que as coisas não acontecem assim.

Ficando nervosa — saída há pouco da cura de drogas.

— Por que o senhor se preocupa tanto com o Lester?

— Nós nos ajudamos.

— Quer dizer que o senhor é o dono de cortiço para quem Lester dedura? O senhor quer ajudá-lo, livrar as costas dele?

Mudando:

— Johnny Duhamel.

— Agora eu digo “que é que tem, seu polícia”, de verdade, Johnny o quê?

Jogando nomes:

— Leroy Carpenter... Stephen Wenzel... Patrick Orchard... Vamos experimentar um policial chamado George Stemmons, Jr.

Cigarros num cinzeiro perto — Tilly estendeu a mão trêmula.

Chutá-lo para longe, perturbá-la...

— Aquele Junior é um lixo! Steve Wenzel é meu amigo, e aquele lixo do Junior roubou uma grana preta e as bolinhas dele, e chamou ele de crioulo branquelo! Aquele tal de Junior ficou falando um papo maluco com ele! Eu vi aquele maluco do Junior engolindo bolas na frente de todo mundo, perto de uma boate!

Vislumbrando — *minha* grana preta.

— *Que papo maluco*? Vamos lá, você acabou de se curar, sabe que precisa de uma ajuda. *Vamos lá, que papo maluco*?

— Não sei! Steve só disse que foi um absurdo maluco!

— O que mais ele contou sobre o Junior?

— Mais nada! Só disse o que eu lhe contei!

— Patrick Orchard, Leroy Carpenter. *Você os conhece*?

— Não! Só conheço o Steve! E não quero ser dedo-duro!

Vinte, quarenta, sessenta — larguei a grana no seu colo.

— Tommy e Lucille, a irmã dele. Alguma coisa feia. Tommy nunca vai saber que você me contou.

Olhos de drogada agora — um medo fodido.

— Tommy disse que algumas vezes Lucille tira onda de puta. Disse que um homem da orquestra de Stan Kenton recomendou-a a um cafetão de Beverly Hills. Doug não-sei-das-quantas... Doug Ancelet? Tommy disse que Lucille trabalhou para o sujeito durante um tempo, há vários anos, mas ele a despediu porque ela passou gonorreia para uns clientes.

Coice de arma: Glenda, ex-garota do Ancelet. Minha fita do voyeur — o cliente para Lucille — “aquela coisinha que você me passou”.

Tilly: olhos de drogada, dinheiro novo.

Carpenter/Wenzel/Orchard — fiz um circuito de endereços sul/noroeste. Ninguém em casa — circuito pelo sul, abri os quebra-ventos — o ar frio limpou minha cabeça.

Considerar Junior morto ou morto em breve — denunciá-lo como veado depois da morte. Vazar sujeiras de veadagem à *Hush-Hush* — anular a sujeira dele sobre Glenda. Revirar de novo seu apartamento, pegar provas — pressionar suas vítimas de arrocho. Trabalhar no 459 de Kafesjian — e juntar a sujeira de Junior. Ponto de interrogação: o dossiê dele sobre Exley.

Circuitos cerebrais:

Exley revela meu pagamento pelo caso Kafesjian: comandante da Divisão de Roubos. É uma facada em Dudley Smith, o chefe do caso das peles — o criminoso é seu “protegido” Johnny Duhamel.

Johnny e Junior — parceiros no roubo?

Meu instinto: improvável.

Instinto reflexo: entregar Junior a Dud — desviar a facada de Exley, atrair os favores de Dud.

Sul, pisar no acelerador: dizem que Smith está trabalhando na 77. Fui até lá — jornalistas do lado de fora — um exibicionismo de capitão:

Ignorar 187s de negros contra negros — nunca!

Esperem para breve a justiça zelosa!

Guardas na porta mantinham repórteres do lado de fora: civis proibidos, cercados pelo ardor policial.

Mostrei o distintivo para entrar. A fila de salas de suadouro estava apinhada: suspeitos crioulos, duas equipes de policiais girando cassetetes.

— Garoto.

Smith na porta da cadeia. Fui até lá; ele me cumprimentou quase esmagando minha mão.

— Garoto, você veio me ver?

Desvio:

— Eu estava procurando Breuning e Carlisle.

— Ahhh, ótimo. Eles devem aparecer, mas enquanto isso tenha um colóquio com o velho Dudley.

Cadeiras ali mesmo — peguei duas.

— Garoto, nos meus trinta anos e quatro meses na polícia nunca vi nada como esse negócio federal. Você está no Departamento há quanto tempo?

— Vinte anos e um mês.

— Ah, ótimo, com o seu tempo de guerra incluído, claro. Diga, garoto, há alguma diferença entre matar orientais e brancos?

— Eu nunca matei um branco.

Dud piscou — ah, garoto.

— Nem eu. Os sete que matei no cumprimento do dever eram crioulos, forçando a barra dá para considerá-los humanos. Garoto, esse negócio federal é uma tremenda provocação, não é?

— É.

— Conciso. E nesse seu modo conciso de advogado, o que você acha que está por trás disso?

— Política. Bob Gallaudet pelos republicanos. Welles Noonan pelos democratas.

— É, estranhos companheiros de cama. E é irônico que o governo federal seja representado por um homem com tendências esquerdistas. Eu soube que esse homem cuspiu na sua cara, garoto.

— Você tem bons olhos aí fora, Dud.

— Visão vinte barra vinte, todos os meus rapazes. Garoto, você odeia Noonan? É seguro dizer que ele — piscadela — considera você negligente na questão do voo não programado de Sanderline Johnson.

Pisquei de volta.

— Ele acha que fui eu que comprei a passagem.

Ho, ho, ho.

— Garoto, você diverte bastante este velho. Por acaso foi criado como católico?

— Luterano.

— Ah, um protestante. A segunda linhagem da cristandade. Que Deus os abençoe. Você ainda é crente, garoto?

— Não desde que meu pastor entrou para o German-American Bund.

— Ah, Hitler, que Deus o abençoe. Meio indisciplinado, mas francamente eu o preferia aos comunistas. Garoto, a sua fé de segunda linha tem um equivalente à confissão?

— Não.

— Pena, porque neste momento nossas salas de interrogatório estão cheias de confessores e confessos. Esse belo costume está sendo utilizado para afastar a publicidade desfavorável que esse negócio federal pode gerar para o departamento. Coisa de chefão, garoto. Dan Wilhite me falou da fixação

potencialmente provocadora do chefe Exley pela família Kafesjian, com você como o agente provocador. Garoto, você confessa sua opinião sobre o que o sujeito deseja?

Desvio:

— Não gosto dele mais do que você. Ele conseguiu o cargo de chefe dos detetives passando por cima de você, e eu gostaria tremendamente que você tivesse ficado com o cargo.

— Ótimo sentimento, garoto, que eu compartilho, claro. Mas o que acha que o sujeito está fazendo?

Entregar-lhe — minha deduração preliminar sobre o Junior:

— Acho que talvez ele esteja sacrificando a Narcóticos aos federais. É uma divisão bastante autônoma, e *talvez* ele tenha certeza que a sindicância federal terá sucesso bastante para exigir um bode expiatório que proteja o resto do departamento *e* Bob Gallaudet. Exley é duas coisas: inteligente e ambicioso. Sempre achei que ele vai se cansar do trabalho na polícia e tentar a política, e sabemos como ele é ligado ao Bob. Acho que, *talvez,* ele tenha convencido Parker a deixar o Departamento de Narcóticos afundar; de olho em seu próprio futuro.

— Interpretação brilhante, garoto. E quanto ao roubo do Kafesjian, em si, e ao seu papel como investigador escolhido por Exley?

Enumerei os pontos:

— Você está certo, sou um agente provocador. Cronologicamente: Sanderline Johnson pula, e agora Noonan me odeia. A sindicância federal no Southside já está sendo falada, e o roubo do Kafesjian acontece na mesma ocasião. Coincidentemente a *isso,* faço um serviço com um político de esquerda que é apaixonado por Noonan. Bom, o roubo do Kafesjian não é nada; é o serviço de um pervertido. Mas os Kafesjian são a escória personificada, e unha e carne com a divisão mais autônoma e vulnerável do DPLA. A princípio pensei que Exley estava armando para cima do Dan Wilhite, mas agora acho que ele me colocou ali para atrair o fogo. Eu estou lá fora, essencialmente indo a lugar nenhum na investigação de um 459 sem valor, cometido por um pervertido. É um serviço de um... quero dizer, de *dois* homens, e se Exley *realmente* quisesse esclarecer o caso teria colocado meia dúzia de homens. Acho que ele está se aproveitando de mim. Está jogando com minha reputação e me usando.

Dudley, felicíssimo:

— Saudável, garoto; a sua inteligência, a sua articulação afiada de advogado. Agora, o que o sargento George Stemmons, Jr., acha do serviço? Minhas fontes dizem que ultimamente ele anda se comportando de modo meio instável.

Espasmos — não me abalar.

— Quer dizer a sua fonte Johnny Duhamel. Junior foi professor dele na Academia.

— Johnny é um bom garoto, e o seu colega Stemmons deveria cortar aquelas costeletas vergonhosas no tamanho regulamentar. Você sabia que cooptei Johnny para a investigação do caso Hurwitz?

— É, ouvi dizer. Ele não é meio verde para um caso assim?

— Ele é um excelente policial jovem, e ouvi dizer que você tentou conseguir o comando do serviço.

— A Roubos e Furtos está limpa, Dud. Estou de olho em muitos amigos que trabalham na Costumes.

Ho-ho, piscadela-piscadela.

— Garoto, sua capacidade de percepção acaba de lhe render a amizade imorredoura de um certo irlandês chamado Dudley Liam Smith, e estou francamente espantado em pensar que dois rapazes brilhantes como nós tenhamos permanecido como simples conhecidos em todos esses muitos anos.

DEDURAR DUHAMEL.

FAZER ISSO AGORA.

— Por falar de amizade, garoto, fiquei sabendo que você e Bob Gallaudet são bastante íntimos.

Barulho no corredor — grunhidos/pancadas/“Dave Klein é meu amigo!”.

Lester — na fila do suadouro.

Corri até lá — a porta número 3 estava se fechando. Verificar a janela — Lester algemado, cuspindo dentes — Breuning e Carlisle mandando ver com os cassetetes.

Pancada com o ombro — arrombei a porta.

Breuning — distraído — hein?

Carlisle — óculos turvos de sangue.

Sem fôlego, soltando a mentira:

— Ele estava comigo quando Wardell Knox foi morto.

Carlisle:

— Isso foi de manhã ou de tarde?

Breuning:

— Ei, Pai Tomás, tente cantar *Harbor Lights* agora.

Lester cuspiu sangue e dentes na cara de Breuning.

Carlisle fechou os punhos — chutei suas pernas. Breuning uivou, cego pelo sangue — bati nos seus joelhos com um cassetete.

Aquele sotaque:

— Garotos, vocês terão de soltar o Sr. Lake. Tenente, que Deus o abençoe por ter apressado a justiça com seu álibi esplêndido.

CAPÍTULO XXI

Caros Sr. Hughes e Sr. Milteer:

Nos dias 11/11, 12/11 e 13/11/58 Glenda Bledsoe participou ativamente da divulgação de atores atualmente sob contrato com a Variety International Pictures, uma clara infração de seu contrato com a Hughes Aircraft, Tool Company, Productions etc. Especificamente, a Srta. Bledsoe deixou-se ser fotografada e entrevistada com os atores Rock Rockwell e Salvatore Vecchio, o "Toque", para falar de suas carreiras fora dos confins da produção e publicidade para *O ataque do vampiro atômico*, o filme no qual os três estão envolvidos atualmente. Detalhes serão dados numa mensagem posterior, mas os senhores devem saber que o contrato da Srta. Bledsoe com a Hughes está legalmente rompido: ela pode ser processada num tribunal cível, cobrada por danos financeiros e impedida de aparecer em outros filmes a partir de várias cláusulas de seu contrato com a Hughes. Minha vigilância contínua à Srta. Bledsoe não revelou qualquer situação de roubo nos domicílios de atrizes; se estão faltando itens naquelas instalações, provavelmente foram roubados por jovens do local que obtiveram acesso através de janelas mal trancadas: esses jovens devem saber que esses domicílios eram ocupados intermitentemente, e a partir disso fizeram os roubos. Por favor, me informem se desejam que eu prossiga vigiando a Srta. Bledsoe; saibam que no momento os senhores têm informações suficientes para prosseguir com os procedimentos legais.

Respeitosamente,
David D. Klein

Madrugada — o trailer. Glenda dormindo; Lester enrolado do lado de fora, perto da espaçonave.

Saí; Lester estremeceu e tomou um gole de vinho barato. Confabulação: o fotógrafo e o diretor.

— Vamos, Sid, dessa vez o vampiro chefe *arranca* os olhos do sujeito.

— Mas Mickey receia que eu esteja fazendo as coisas repulsivas demais. Eu... não sei.

— Meu Deus, você pega o figurante e joga um pouco de sangue falso nos olhos dele.

— Willie, pare com isso! Deixe eu tomar um café antes de começar a pensar em gosma às seis e quarenta e cinco da manhã!

Lester veio cambaleando — cortado, machucado.

— Eu sempre quis ser astro de cinema. Talvez fique por aqui mais um ou dois dias e faça o vampiro negro.

— Não, Breuning e Carlisle vão estar procurando por você. Eles não o acusaram pela morte do Wardell Knox, mas vão arranjar alguma coisa.

— Não estou com muita vontade de ficar fugindo.

— *Faça isso.* Eu lhe disse ontem à noite: ligue para Meg e diga que falei para ela esconder você. Quer terminar morto por resistir à prisão numa noite em que você achar que eles já esqueceram disso?

— Não, acho que não. Diga, Sr. Klein, nunca pensei que veria o dia em que o Sr. Smith ia me dar uma folga.

Pisquei *à la* Dudley.

— Ele gosta do meu estilo, garoto.

Lester caminhou de volta até a sua garrafa. O diretor me espiou — caminhei até o trailer, indiferente.

Glenda estava lendo meu bilhete.

— David, isso poderia me matar... quero dizer, me queimar no meio cinematográfico.

— Nós precisamos dar alguma coisa a eles. Se acreditarem, não vão fazer acusações de roubo. E isso afasta a atenção do que aconteceu na *garçonnière.*

— Não saiu nada na TV ou nos jornais.

— Quanto mais tempo passar, melhor. Hughes pode declará-lo desaparecido, e o corpo será encontrado mais cedo ou mais tarde. De qualquer modo, nós podemos ser interrogados ou não. Conversei com ele, de modo que tenho probabilidade de ser suspeito pró-forma. Posso enfrentar isso, e sei que você também pode. Nós somos... ah, merda.

— Nós somos *profissionais*?

— Não seja tão cruel, é muito cedo.

Ela pegou minhas mãos.

— Quando *nós* poderemos revelar nosso caso?

— Talvez já tenhamos revelado. Eu não deveria ter ficado até tão tarde, e talvez devêssemos esfriar as coisas por um tempo.

— Até quando?

— Até estarmos limpos com relação ao Miciak.

— É a primeira vez que falamos o nome dele.

— Na verdade, não tocamos no assunto.

— Não, nós estivemos ocupados demais compartilhando segredos. E quanto a álibis?

— Para até duas semanas, você esteve em casa sozinha. Depois de duas semanas, você não lembra; ninguém se lembra de tanto tempo.

— Há alguma outra coisa incomodando você. Dava para ver ontem à noite.

Arrepios no pescoço — abri a boca:

— É o caso Kafesjian. Eu estava interrogando uma garota que conhece Tommy K., e ela disse que Lucille trabalhou como garota de programa para Doug Ancelet.

— Acho que não a conheci. As garotas nunca usavam os nomes de verdade, e se eu conhecesse alguém parecida com o que você descreveu sobre ela, teria lhe dito. Você vai interrogá-lo?

— Vou, hoje.

— Quando ela trabalhou para Doug?

— *Doug*?

Glenda riu.

— *Eu* trabalhei para Doug por pouco tempo, depois do que aconteceu com o Gilette. E você está perturbado porque eu fazia o que fazia.

— Não... eu só não queria você ligada a isso tudo.

Entrelaçando nossos dedos.

— Não estou ligada, a não ser por me preocupar com você. — Apertando com mais força. — Então *vá*. É a Premier Escorts, South Rodeo, 481, perto do Beverly Wilshire Hotel.

Beijei-a.

— Você torna as coisas piores, depois torna melhores.

— Não, é só que você gosta de encrenca em doses menores.

— Você me pegou.

— Não tenho tanta certeza. E tenha cuidado com o Doug. Ele costumava pagar à polícia de Beverly Hills.

Saí — de cabeça leve. Lester fazia serenata para os bebuns perto da espaçonave — *Harbor Lights* — versão com falha nos dentes.

Novidades ao telefone:

Woods tinha visto Junior no bairro negro — depois perdeu-o ao avançar um sinal vermelho. Jack — impressionado, voltando:

— Parece que ele está morando no carro. Estava com o distintivo preso no paletó, como se fosse uma porra de xerife do Velho Oeste, e eu o vi comprando

gasolina com duas automáticas enfiadas nas calças.

Ruim, mas:

Jack arrombou a caixa postal 5841 — verificar debaixo do capacho, pegar a chave, verificar sua caixa de correspondência.

— Quatro envelopes, Dave. Meu Deus, pensei que você estava me mandando pegar joias ou coisa parecida. E você me deve...

Desliguei e fui até lá. Ali: a chave, a caixa de correspondência, quatro cartas. De volta ao meu carro — correspondência de Champ Dineen.

Duas cartas lacradas, duas abertas. Abri as lacradas — ambas da *Transom* para Champ — postadas recentemente. Dentro: notas de cinquenta dólares, bilhetes: “Champ — obrigadão, Harris”; “Champ — brigado, meu chapa!”

Duas abertas — deixadas ali por segurança? — sem endereço de remetente, carimbos do Natal de 57. Guardadas há onze meses na caixa postal — por quê?

17 de dezembro de 1957

Meu filho querido,

Estou tão triste por ficar longe de você nesta época de festas! As circunstâncias não têm sido gentis para nos manter juntos já há vários anos. Os outros, claro, não sentem saudades de você como eu, o que me faz sentir ainda mais falta, e faz com que eu sinta falta da família fingidamente feliz que tivemos há anos.

Mas a vida estranha que você optou por levar é um estranho consolo para mim. Não sinto falta do dinheiro que era para despesas da casa e que mandei para você, e é como uma piada secreta quando o seu pai lê minha lista com grandes quantias destinadas a “gastos variados” e me recuso a explicar. Ele, claro, considera que você não passa de alguém que se esconde das verdadeiras responsabilidades da vida. Sei que as circunstâncias da vida de nossa família e da deles causou alguma coisa em você. Você não pode viver como as outras pessoas, e eu o amo por não fingir que pode. Seus interesses musicais lhe dão consolo, e sempre compro os discos que você me manda comprar, mesmo que a música não seja normalmente do tipo que eu aprecio. Seu pai e suas irmãs ignoram os discos e eu desconfio de que só os compro para estar em contato com você nessa sua ausência difícil, mas eles não sabem que são recomendações diretas! Só os ouço quando os outros estão fora, e com todas as luzes da casa apagadas. Todo dia intercepto o carteiro antes de ele chegar à nossa casa, para que os outros não saibam que você está fazendo contato comigo. Este é o nosso segredo. Somos novos neste tipo de vida, você e eu, mas mesmo que tenhamos de viver assim para sempre, como

correspondentes que se afastaram há muito apesar de viverem na mesma cidade, farei isso porque entendo as coisas terríveis que esta longa história de insanidade de nossas duas famílias lhe causaram. Entendo e não o julgo. Este é o meu presente de Natal para você.

Com amor
Sua mãe

Letra bonita, papel texturizado, não retém digitais. Sem confirmar Richie; "Longa história de insanidade/nossas duas famílias". Meu voyeur: mãe/pai/irmãs. "Circunstâncias da vida de nossa família e da deles causou alguma coisa em você."

24 de dezembro de 1957

Querido filho

Feliz Natal, mesmo eu não sentindo o espírito do Natal e apesar de os discos de jazz natalinos que me mandou comprar não terem me animado, porque as melodias eram muito estranhas para meu ouvido mais tradicional. Só me sinto cansada. Talvez meu sangue tenha pouco ferro, como nos comerciais de Geritol, mas acho que é mais como um acúmulo que me deixou fisicamente exausta. Sinto como se quisesse que isso tivesse acabado. Sinto, mais do que tudo, que não quero saber mais. Há três meses eu disse que estava perto de fazer isso, e provoquei você a fazer uma coisa temerária. Não quero fazer aquilo de novo. Algumas vezes, quando ouço uma das músicas mais bonitas dos discos que você me sugere, acho que o céu vai ser assim, e chego perto. Suas irmãs não servem de consolo. Desde que seu pai me passou o que aquela prostituta passou para ele, só consigo usá-lo pelo dinheiro. E, de qualquer modo, se eu tivesse escolha daria todo o dinheiro a você. Escreva-me. O correio fica atolado na época do Natal, mas vou vigiar o carteiro o tempo todo.

Com amor
Sua mãe

Irmãs/música/pai estribado.
Mãe suicida — chegou perto três meses antes — "eu provoquei você a fazer uma coisa temerária".
"Seu pai me passou o que aquela prostituta passou para ele."

A fita do voyeur, o Cliente falando para Lucille: “Aquela coisinha que você me passou.”

Doug Ancelet despede Lucille — “Ela passou gonorreia para uns clientes dele”.

Estalo:

O voyeur gravou Lucille e o *pai dele.*

“Insanidade.”

“Nossas duas famílias.”

“Circunstâncias da vida de nossa família e da *deles* causou alguma coisa em você.”

Fui para casa, troquei de roupa, peguei o gravador, desenhos extras e minha lista de clientes. Uma parada num telefone público, um telefonema para Exley — fui com tudo, sem explicação:

Leroy Carpenter/Steve Wenzel/Patrick Orchard — eu os quero. Mande homens do esquadrão para a rua — *quero aqueles traficantes detidos.*

Exley concordou — de má vontade. Concordou também: detenção na Delegacia de Wilshire. Suspeitou: por que não na 77?

Não dito:

Vou matar um policial/não quero Dudley Smith por perto — ele é muito próximo daquele policial ladrão de peles...

— Vou implementar isso, tenente. Mas quero um relatório completo de seus interrogatórios.

— Sim, senhor!

10:30 da manhã — a Premier Escorts deve estar aberta.

Para Beverly Hills — na Rodeo, perto do Beverly Wilshire. Aberta, uma suíte no andar térreo, uma recepcionista.

— Doug Ancelet, por favor.

— O senhor é cliente?

— Potencial.

— Posso perguntar quem o recomendou?

— Peter Bondurant — puro blefe; um tremendo caçador de putas.

Atrás de nós:

— Karen, se ele conhece Pete, mande-o entrar.

Entrei. Um belo escritório — madeira escura, gravuras de golfe. Um sujeito velho, vestido para o golfe, sorriso de relações-públicas.

— Eu sou Doug Ancelet.

— Dave Klein.

— Como vai o Pete, Sr. Klein? Não o vejo há séculos.

— Ele anda ocupado. Com o trabalho para Howard Hughes e para a *Hush-Hush,* ele está sempre em movimento.

Pseudocaloroso:

— Meu Deus, as histórias daquele sujeito. Você sabe, Pete tem sido cliente há muitos anos *e* caçador de talentos em busca de companheiras para o Sr. Hughes. De fato, apresentamos o Sr. Hughes a várias jovens damas que assinaram contrato de atriz com ele.

— Pete sabe das coisas.

— Se sabe. Meu Deus, ele é o homem que verifica a veracidade das histórias obscenas daquela publicação escandalosa. Ele explicou como a Premier Escorts funciona?

— Não em detalhes.

Ensaiado:

— A divulgação é exclusivamente boca a boca. Pessoas conhecem pessoas e elas nos recomendam. Atuamos num princípio de relativo anonimato, e todos os clientes usam pseudônimo e nos ligam quando querem um encontro. Assim, não temos os nomes reais ou os números de telefones arquivados. Temos arquivos de fotos das moças que mandamos nos encontros, e elas também usam pseudônimos adequadamente sedutores. Com a exceção de alguns clientes como Pete, creio que não conheço meia dúzia de meus clientes e de minhas garotas pelos nomes verdadeiros. Os arquivos de fotos das garotas também listam os pseudônimos dos homens com quem elas se encontraram, para nos ajudar a fazer recomendações. *Anonimato.* Só aceitamos pagamento em dinheiro, e eu lhe asseguro, Sr. Klein: já esqueci o seu nome.

Cutucá-lo:

— Lucille Kafesjian.

— Perdão?

— Outro cliente a mencionou para mim. Uma morena sensual, meio cheinha de corpo. Francamente, ele disse que ela era fantástica. Infelizmente também disse que o senhor a despediu por ter passado doença venérea para o seu cliente.

— Infelizmente, despedi algumas garotas por causa disso, e uma delas usava sobrenome armênio. Quem foi o cliente que a mencionou?

— Um homem da orquestra de Stan Kenton.

Encarando-me — agora sabendo que eu era policial.

— Sr. Klein, o que faz para viver?

— Sou advogado.

— E isso que está carregando é um gravador?

— Sim.

— E por que está portando um revólver num coldre de ombro?

— Porque comando a Divisão de Costumes do Departamento de Polícia de Los Angeles.

Com excesso de floreados:

— Pete Bondurant lhe deu o meu nome?

Mostrar o desenho do voyeur, captar sua reação:

— *Ele* lhe deu o meu nome? Nunca o vi antes, e pelo desenho ele parece mais jovem do que a maioria dos meus clientes, Sr....

— Tenente.

— Sr. Tenente Não-Sei-Das-Quantas, fora de sua Jurisdição: deixe esta sala imediatamente!

Fechei a porta. Ancelet teve um rubor de ataque cardíaco — tratá-lo como bebê.

— Você tem ligações com Mort Riddick, da DP de Beverly Hills? Fale com ele, ele vai informá-lo a meu respeito. Blefei falando do Pete B. para entrar. Então ligue para Pete e pergunte a meu respeito.

Ficando vermelho-beterraba/púrpura. Havia uma garrafa sobre sua mesa — servi-lhe uma dose.

Ele engoliu e balançou a cabeça pedindo mais. Servi uma dose pequena — ele engoliu-a junto com comprimidos.

— Seu filho da puta! Usando um cliente meu como subterfúgio, seu filho da puta!

Mais uma dose — dessa vez *ele* se serviu.

— Alguns minutos do seu tempo, Sr. Ancelet. O senhor seria um contato valioso para o DPLA.

— Filho da puta imprestável — perdendo o fôlego.

Mostrei a lista de clientes.

— Esses são nomes de clientes de prostitutas, que peguei num dossiê policial.

— *Não identificarei nenhum nome ou pseudônimo dos meus clientes.*

— Ex-clientes, então; é só o que estou pedindo.

Franzindo a vista, examinando com o dedo.

— Ali, “Joseph Arden”. Ele foi cliente há vários anos. Lembro porque minha filha mora perto da Indústria de Laticínios Arden, em Culver City. Esse homem procura garotas comuns nas ruas?

— Isso mesmo. E os clientes sempre mantêm os mesmos apelidos. Esse homem saiu com a garota de sobrenome armênio de quem você falou?

— Não lembro. E lembre-se do que eu lhe disse: não mantenho fichas de clientes, e meu arquivo de fotos daquela puta que passava gonorreia é estritamente história antiga.

Escroto mentiroso — gavetas de arquivos empilhadas de parede a parede.

— Escute uma fita. Vai levar dois minutos.

Ele bateu no relógio.

— *Um minuto.* Eu estou sendo esperado para o golfe no Hillcrest.

Rápido: colocar os carretéis, apertar *Play.* Guincho, *Stop*, *Play*, ali:

Lucille: “Esses locais estão cheios de fracassados e de malucos solitários.”

Stop, *Play*: “Chanson d’Amour”, o cliente: “...claro, houve aquela coisinha que você me passou.”

Apertei o Stop. Ancelet, impressionado:

— É Joseph Arden. A garota parece um pouco familiar também. Satisfeito?

— Como pode ter certeza? Você só ouviu por dez segundos.

Mais batidinhas no relógio.

— *Escute*, faço a maior parte dos negócios pelo telefone, e eu reconheço vozes. Agora, siga esta linha de raciocínio: eu tenho asma. Aquele homem tinha um leve chiado. Lembrei que ele me ligou vindo do nada, há vários anos. Ele chiava, e nós falamos de asma. Ele disse que ouviu dois homens num elevador falando do meu serviço e conseguiu o número da Premier Escorts nas Páginas Amarelas de Beverly Hills, onde anuncio abertamente meu serviço de acompanhantes mais legítimo. Marquei alguns encontros para o sujeito e *foi só isso.* Satisfeito?

— E você não se lembra que garotas ele escolheu.

— Isso mesmo.

— E ele nunca veio ver seu arquivo de fotos.

— Correto.

— E, claro, você não mantém um arquivo de pseudônimos dos seus clientes.

Mais batidinhas.

— Correto. E, meu Deus, agora eles vão começar o jogo sem mim. Bom, Sr. Policial Amigo de Pete a Quem Atendi Para Além do Ponto da Cortesia, por favor...

Na cara dele:

— Sente-se. *Não se mexa. Não pegue o telefone.*

Ele cedeu — retorcendo-se e soltando fumaça, vermelho-escuro. Arquivos — nove gavetas — ver...

Destrancadas, envelopes de papel pardo, etiquetas laterais. Nomes de homens — velho cafetão escroto e mentiroso. Ordem alfabética: “Armour, Phil”, “Anon, Dick”, “Arden, Joseph”...

Pegá-lo:

Sem nome verdadeiro/sem endereço/sem número de telefone.

Ancelet:

— Isso é invasão de privacidade!

Encontros:

— 14/7/56, 1/8/56 — Lacey Kartoonian — digamos que seja Lucille. 4/9/56, 11/9/56 — Susan Ann Glynn, uma nota de rodapé: “Fazer essa garota usar um pseudônimo: acho que ela quer que os clientes possam localizá-la pelos canais normais para evitar o pagamento de comissão.”

— Eles já devem estar no segundo buraco!

Puxei gavetas — uma, duas, três, quatro — só nomes de homens. Cinco, seis, sete — pastas com iniciais, fotos de putas nuas.

— Saia agora, seu voyeur de pau duro, antes que eu ligue para o Mort Riddick!

Pegando pastas — nada de L.K., nenhuma foto de Lucille...

— Karen, ligue para Mort Riddick na delegacia!

Puxei o telefone *dele* pelo fio — olhe o rosto dele latejando. Meus latejamentos: foda-se L.K., encontre G.B.

— Sr. Ancelet, Mort está vindo!

Nada de L.K., dossiês terminando. Ali, sujeira sobre G.B. — “Gloria Benson” entre aspas. O nome cinematográfico de Glenda — ela disse que o havia escolhido.

Peguei a pasta, peguei o gravador e saí. Do lado de fora, meu carro — parti cantando pneus — para a minha jurisdição.

Olhe:

Duas fotos nuas, datadas de 3/56 — Glenda parecendo embaraçada. Quatro “encontros” listados, uma anotação: “Garota cabeça-dura que voltou a trabalhar como garçonete de drive-in.”

Rasguei tudo.

Liguei minha sirene com uma alegria do cacete.

CAPÍTULO XXII

Uma Susan Ann Glynn listada no Departamento de Trânsito — Ocean View Drive, Redondo Beach.

Vinte minutos ao sul. Uma casa velha e feia, de tábuas — uma mulher grávida na varanda.

Estacionei e fui até lá. Loura, vinte e poucos anos — as características do Departamento de Trânsito, na mosca.

— Você é Susan Ann Glynn?

Ela deu um tapinha num lugar, indicando que eu sentasse. Esperando: cigarros, revistas.

— Você é o policial de quem Doug falou?

Sentei-me.

— Ele *alertou* você?

— É. Disse que você olhou um fichário antigo, de clientes, que tinha o meu nome. Disse que talvez viesse me ver e criasse encrenca, como fez com ele. Eu disse: claro, espero que ele chegue antes das três e meia, quando meu marido vem para casa.

Meio-dia agora.

— Seu marido não sabe o que você fazia?

Uma criança berrando lá dentro — ela acendeu um cigarro por reflexo.

— É. E aposto que, se eu cooperar, você não vai contar a ele.

— Isso mesmo.

Ela tossiu, sorriu.

— O bebê chutou. Agora, bom, o Doug disse que o cliente era Joseph Arden, por isso coloquei meu chapéu pensador. Isso não é por causa de um assassinato ou algo do tipo, é? Porque aquele homem se comportava como um cavalheiro.

— Estou investigando um roubo de residência.

Tosse, testa franzida.

— Sabe, lembro de ter gostado do sujeito. Lembro bem dele porque Doug disse para ser boazinha porque uma outra garota do serviço passou gonorreia pra ele, e o cara teve de fazer tratamento.

— O homem disse qual era o seu nome verdadeiro?

— Não. Usei *meu* nome verdadeiro no serviço durante um tempo, mas Doug me acusou de tentar recrutar clientes particulares, por isso parei.

— Como era Joseph Arden?

— Bonito. Parecia culto. Pouco menos de cinquenta anos. Parecia que tinha dinheiro.

— Alto, baixo, gordo, magro?

— Cerca de um metro e oitenta. Acho que você diria que ele tem compleição mediana. Olhos azuis, acho. Creio que se pode chamar o cabelo dele de castanho-médio.

Mostrei o desenho.

— Isso se parece com ele?

— Esse homem é novo demais. Mas o queixo lembra um pouco.

Barulho dentro — Susan se encolheu. Verifiquei suas revistas: *Photoplay*, *Bride's*.

— Você já viu fotos de polícia?

— Já, na TV. Fotos de criminosos?

Suave:

— Você poderia...?

— Não — movimentos de cabeça, enfáticos. — Moço, aquele homem não era criminoso. Eu poderia olhar as fotos até esse meu bebê novo fazer dezesseis anos e não ver a cara dele.

— Ele falou de um filho chamado Richie?

— Não conversamos muito, mas acho que no segundo encontro ele disse que a mulher tinha tentado se matar. A princípio não acreditei, porque um monte de homens conta coisas tristes sobre as mulheres, para você sentir pena e fingir que gosta mais do negócio.

— Você disse que a princípio não acreditou nele. O que a convenceu?

— Ele contou que a mulher e ele tinham brigado algumas semanas antes, e que ela começou a chorar e pegou uma lata de Drano e começou a beber. Ele disse que fez ela parar e chamou um vizinho médico, pra não ter de levar a mulher pro hospital. Acredite, a história era tão medonha que eu soube que ele não tinha inventado.

— Ele disse que ela se hospitalizou para fazer um tratamento em seguida?

— Não. Disse que o vizinho médico cuidou de tudo. Disse que estava satisfeito porque assim ninguém sabia como a mulher era maluca.

Uma pista sem saída.

— Ele disse o nome da mulher?

— Não.

— Ele falou o nome de algum outro membro da família?

— Não, certamente não.

— Ele mencionou alguma outra garota que trabalhava para Doug Ancelet?

Confirmação de cabeça, ansiosa.

— Uma garota com um daqueles nomes estrangeiros com I-A-N. Parece que ele tinha...

— Lacey Kartoonian?

— Iiiisso.

— O que ele falou sobre ela?

— Que ela adorava o negócio. Isso é uma coisa ótima para os clientes de garotas de programa. Eles acham que são os únicos que podem fazer você gostar.

— Seja mais específica.

— Ele disse: “Faça como a Lacey.” Eu disse: “Como é?” e ele disse: “Goste do negócio.” Foi só isso que ele disse, tenho certeza.

— Ele não disse que foi ela quem passou a doença?

— Não, foi só isso que ele disse. E nunca encontrei a tal garota, e ninguém mais falou dela comigo. E se ela não tivesse um nome de guerra tão engraçado eu nem lembraria.

Elos cronológicos:

Natal de 57: a mãe do voyeur *de novo* com ímpetos suicidas. Susan Glynn/Joseph Arden — encontros em 9/56. A Sra. Arden, bebedora de Drano — tratamento particular. As agências policiais lacravam fichas de suicídios. Arden, rico — *se* sua mulher tivesse se matado, ele compraria um sigilo legal *extra.*

Elos:

Cartas, fitas do voyeur, Ancelet.

Citações:

Joseph Arden para Lucille: “Aquela coisinha que você me passou.”

Mamãe para Champ/voyeur: “Seu pai me passou o que aquela prostituta passou para ele.”

Conclusivo:

O voyeur espiava o próprio pai comendo Lucille.

Susan:

— Um centavo por seus pensamentos.

— Você não quer saber.

— Me faça uma pergunta.

Experimentar:

— Quando você trabalhou no serviço, conheceu uma garota chamada Gloria Benson? O nome verdadeiro dela é Glenda Bledsoe.

Sorrindo, satisfeita:

— Lembro dela. Abandonou o Doug para virar estrela de cinema. Quando li que ela foi contratada pelo Howard Hughes fiquei tão feliz!

CAPÍTULO XXIII

Delegacia de Wilshire — esperar, trabalhar.

Procurei digitais nos envelopes da mamãe para o voyeur — duas impressões surgiram. Verifiquei a ficha de Jack Woods na Costumes — combinavam — Jack palmeou a mercadoria.

Nenhuma carta guardada na caixa depois do Natal — por quê?

Liguei para Sid Riegle: verificar tentativas de suicídio/suicídios de mulheres brancas depois do Natal de 57. Presumir sigilo na ficha do legista; inquirir de delegacia em delegacia — Município/Condado. Procurar: meia-idade/rica/marido/filho/filhas. Sid disse eu ajudo você em meio expediente — *você* nunca aparece — *eu* estou comandando a Costumes implicitamente.

Liguei para a Laticínios Arden — um tiro no escuro a partir do apelido de Joseph Arden. Tiro na água: nenhum dono ou empregado com sobrenome Arden; o fundador morto, sem herdeiros.

Liguei para a Delegacia da Universidade — quatro horas — reunião do turno da noite acontecendo. Pelo rádio:

Algum dos seus homens fichou um branco cliente de puta com o apelido de Joseph Arden?

Uma resposta positiva — "Eu *acho* que fichei esse apelido" — sem nome verdadeiro, sem lembrança de descrição ou de veículo.

Joseph Arden — morto por enquanto.

Uma verificação de teletipo: nada sobre o 187 em Topanga Canyon — Miciak Almofada de Alfinetes se decompondo.

Jantar: barras de chocolate de uma máquina. Pegar uma sala de suadouro, esperar.

Inclinei uma cadeira para trás — ondas de sono me atacaram. Meio sonhando: Meu Lado Oculto diz olá!

O Red Arrow Inn — o voyeur arromba a porta de Lucille. Marcas de arrombamento *na porta do voyeur* — diferentes. O 459 do Kafesjian: cães de guarda trucidados e cegos — olhos enfiados pelas gargantas.

O voyeur soluçando, ouvindo:

Lucille com vários clientes — e com o pai dele.

O voyeur parecia passivo.

O ladrão parecia brutal.

Prataria roubada, encontrada: a cama do voyeur esfaqueada e rasgada. Presumido: o próprio voyeur. Meu novo instinto: terceira pessoa/arrombador = ladrão/esfaqueador de cama =

Um bandido separado.

Meio sonhando — gárgulas-bandidos tarados me caçando. Meio desperto — "Partida dupla, tenente" — Zé-mané à paisana empurrando dois vagabundos para dentro.

Um branco, um de cor. O paisana algemou-os a cadeiras, as mãos comprimidas contra as ripas.

— O louro é Patrick Orchard e o negro é Leroy Carpenter. Meu parceiro e eu verificamos a casa de Stephen Wenzel, e parecia que ele tinha limpado tudo às pressas.

Orchard — magro, espinhas. Carpenter — terno púrpura, o crioulo nos trinques.

— Obrigado, policial.

— Fico feliz em ajudar — sorriso — Fico feliz em ganhar uns pontos com o chefe Exley.

— Verificou se os dois tinham algum mandado?

— Claro que sim. Leroy não paga a pensão dos filhos, e Pat violou a condicional do condado de Kern.

— Se eles cooperarem, deixo irem embora.

Ele piscou.

— Claro que sim.

Eu pisquei.

— Verifique a listagem da cadeia amanhã, se não acreditar.

Orchard sorriu. Leroy falou:

— O que é que foi?

O paisana — hã? — recuou dando de ombros.

Hora do show.

Estendi a mão sob a mesa — Bingo — um cassetete preso com fita adesiva.

— Falei a sério, e isto não tem *nada* a ver com vocês. Tem a ver com um policial chamado George Stemmons, Jr. Ele foi observado arrochando vocês dois e um cara chamado Stephen Wenzel, e só quero que vocês contem como foi.

Orchard — lábios molhados — ansioso para dedurar.

Leroy:

— Não fode, seu escroto, conheço os meus direitos.

Tratei-o com o cassetete — braços, pernas — e derrubei sua cadeira. Ele bateu de lado no chão — sem gritos — boa cepa.

Orchard, frenético para dedurar:

— Ei, eu conheço o tal de Junior!

— E?

— E ele me arrochou pra pegar a minha grana!

— E?

— E ele roubou minha... minha...

— Ele roubou sua droga criminosa. *E*?

— E ele estava completamente drogado!

— *E*?

— E ele veio com um papo de “eu sou um gênio do crime”!

— *E*?

— E ele usou o meu bagulho! Engoliu as bolas ali, ao ar livre, perto do Alabam Club!

Tilly Hopewell confirmada.

— *E*?

— E...e...e...

Bati com o cassetete na cadeira.

— *E*?

— E...e...e... eu conheço Steve Wenzel. St-St-Steve d-disse que J-Junior f-falou uma merda maluca com ele!

Outra confirmação de Tilly. Verifiquei Leroy — quieto demais — olhar os dedos dele...

Sondando a cintura, sub-reptício.

Levantei sua cadeira para cima e puxei seu cinto — papelotes de heroína saltaram da calça.

Improvisar:

— Pat, não encontrei esse material no Sr. Carpenter, encontrei em você. Agora, você tem mais alguma coisa a dizer sobre Junior Stemmons, Steve Wenzel e você mesmo?

Leroy:

— Cara pirado! — Olha só o crioulo.

— E, Sr. Orchard?

— E...e...e St-Steve d-disse que ele fez um t-trato com o Junior m-maluco. J-Junior p-prometeu uma grana p-preta ao Steve pra comprar uma p-porrada de heroína. Há d-dois dias o Steve me disse isso. Ele d-disse que J-Junior p-precisava de vinte e quatro horas pra conseguir a grana.

Leroy:

— Veado dedo-duro entreguista filho da puta.

Junior maluuuuco — MATE-O, JACK.

Girando meu cassetete:

— Posse de heroína com intenção de vender. Conspiração para distribuir narcóticos. Agressão contra um policial, porque você acabou de tentar me dar um soco. *E*, Sr. Orch...

— Certo! Certo! Certo!

Bati na mesa.

— E?

— E o Junior m-maluco me fez ir com ele ao Alabam Club. V-você conhece aquele p-polícia b-boxeador?

— *Johnny Duhamel*?

— C-certo, que g-ganhou as Luvas de Ouro. J-Junior começou a incomodar o-o-o...

Língua travada demais — desalgemá-lo, dar-lhe corda.

Leroy:

— Está com medo de soltar as *minhas* mãos, seu polícia?

Orchard:

— Porra, assim está melhor.

— E?

— E J-Junior estava enchendo o saco do cara das L-Luvas de Ouro.

— O que Duhamel estava fazendo no Alabam?

— Parecia que estava vigiando uns caras numa sala fechada com cortina, que eles têm lá.

— Que caras? O que estavam fazendo?

— Parecia que eles estavam anotando números de umas máquinas caça-níqueis.

— *E*?

— Cara, você não para de falar isso!

Bati com mais força na mesa, com o cassetete — ela saltou do chão.

— E porque Junior Stemmons levou você ao Alabam?

Orchard, de mãos para o alto, implorando:

— Certo certo certo. Junior não sei das quantas tava doidão demais. Ele foi pra cima do cara das Luvas de Ouro e começou a levar um papo maluco fantasioso de que eu tinha uma grana preta pra comprar casacos de visom. O polícia boxeador quase ficou pirado tentando fazer o Junior falar baixo. Eles quase se socaram, e vi uns *outros* dois polícias que eu meio conheço de vista olhando aquele negócio parecendo interessados de verdade.

— Descreva os outros dois policiais.

— Merda, parecem maus. Um louro gordo e um cara magro e de óculos.

Breuning e Carlisle — avançar a partir disso:

Duhamel vigiando serviço nas caça-níqueis — serviço do Esquadrão Antigangues? Gorilas vigiando *ele* — suspeito do roubo das peles?

Orchard:

— Cara, não tenho mais "e" pra você. Pode me ameaçar com o que quiser, a partir de agora só vou falar besteira.

Trabalhar o crioulo:

— *Entregue,* Leroy.

— Entregue é o cacete, eu não sou dedo-duro.

— Não, você é um traficantezinho independente.

— E daí?

— E daí que esta heroína é pagamento de um mês para você.

— E se eu tiver um encarregado de pagar minha fiança e um legítimo advogado judeu para me defender? Digamos que você me fiche, digamos que eu dê o meu telefonema. E daí, merda?

Eu o desalgemei.

— Tommy Kafesjian alguma vez o arrochou, Leroy?

— Tommy K. não me assusta.

— Claro que assusta.

— Babaquice.

— Ou você está pagando a ele por proteção, ou está dedurando para ele ou servindo de avião para ele.

— Babaquice.

— Bom, eu não acho que dedurar seja o seu estilo, mas acho que está olhando um bocado por cima do ombro, esperando que algum cara do Kafesjian note você.

— Talvez seja verdade. Mas talvez os Kafesjian não continuem controlando o tráfico no Southside por muito mais tempo.

— Junior Stemmons lhe contou isso?

— Talvez tenha contado. Mas talvez seja só papo furado por causa daquele grande negócio federal no Southside. E, de qualquer modo, não vou dedurar.

Macaco durão.

— Leroy, por que não me conta por que Junior Stemmons te arrochou?

— Não fode.

— Por que não conta do que vocês dois falaram?

— Vá foder sua mãe.

— Sabe, se você cooperar comigo, talvez eu ajude a derrubar os Kafesjian.

— Vá se foder. Eu não sou dedo-duro.

— Leroy, conhece um traficante de maconha chamado Wardell Knox?

— Foda-se, se eu conhecer.

— Ele foi assassinado.

— Não fode, Sherlock.

— Você sabe, está havendo um grande esforço para esclarecer esses homicídios de negros.

— Não fode, Dick Tracy.

Durão e estúpido.

Levei Orchard até a sala ao lado e o algemei bem preso. De volta a Leroy...

— Entregue o que aconteceu com você e Junior Stemmons, ou levo você até a rua 77 e digo a Dudley Smith que você matou Wardell Knox e molestou um punhado de criancinhas brancas.

Golpe de misericórdia — coloquei a heroína sobre a mesa.

— Vá em frente, eu nunca vi isso.

Leroy pegou seu bagulho de volta. Zum — cooperação instantânea:

— Aquele maluco do Junior e eu *só* falamos. Na maior parte ele falou e eu ouvi, porque ele me arrochou para pegar minha grana e um pouco de bagulho, e eu sabia que o distintivo que ele me mostrou não era fajuto.

— Ele falou de Tommy Kafesjian?

— Nada específico sobre o Tommy.

— De Lucille, irmã de Tommy?

— Hã-hã.

— Um voyeur espiando Lucille?

— Isso aí, ele só disse que a família Kafesjian estava indo pro brejo, ia ser fodida pelo tal negócio federal. Disse que o Departamento de Narcóticos do DPLA ia ser neutralizado pelos federais, e que ele ia ser o novo rei das drogas no Southside...

MATE-O.

— ...aquele policialzinho de nariz ranhento, chinfrim, doidão com uma porrada de bagulho. Disse que sabia coisas sobre os Kafesjian, e que tinha acesso à investigação de roubo do chefe dele, que estava cheio de sujeiras pra chantagear J.C. Kafesjian...

MATE-O.

— ...e disse que ia expulsar os Kafesjian e roubar o território deles, e naquela hora eu estava mordendo a língua pra não gargalhar. Depois ele disse que sabia coisas sobre os irmãos que trabalham pra Mickey Cohen. Disse que eles vão fazer chantagem sexual contra estrelas de cinema...

As fichas de Investigação de Campo de Junior — o serviço sexual dos Vecchio...

— ...e a maior piada é que o pequeno Junior disse que vai se apossar do reino de Mickey Cohen, que, pelo que entendo, não é mais um reino tão grande.

— E?

— E eu estava acabando de pensar que o dinheiro e a droga que perdi compensavam para acabar com a festa daquele maluco escroto.

A vigilância de Woods — Junior, Tommy e J.C. no Bido Lito’s. Entreouvido: ele iria protegê-LOS de MIM. Junior agente duplo — dar-lhe o tiro de misericórdia.

— Devolva a droga.

— Cara, você disse que eu podia ficar com ela.

— Devolva.

— Vá se foder, seu escroto mentiroso.

Baixei-lhe o cassetete, quebrei seus pulsos, arranquei o bagulho.

CAPÍTULO XXIV

“A festa daquele maluco escroto.”

A porta de Junior — seis cadeados — novas precauções de maluco. O imbecil usou material do DPLA — minhas chaves mestras liberaram a entrada.

Acender as luzes...

Flocos de cereal no chão.

Cordas de piano esticadas na altura do tornozelo.

Portas fechadas e pregadas; ratoeiras sobre os móveis.

MALUUUUCO.

Revistar devagar agora — da última vez o baú me distraiu.

Abri os armários — dentro só restos de comida.

Flocos de milho e tachinhas no chão da cozinha.

Sujeira na pia — óleo de motor, lascas de vidro; fita adesiva lacrando a geladeira. Arrancar...

Bolotas de nitrito de amila numa bandeja de gelo.

Baseados numa caçarola.

Sorvete de chocolate — plástico enfiado numa embalagem de meio litro. Virá-la, arrancar...

Uma câmera de espionagem Minox — sem filme.

O corredor — fios na altura do pescoço — passar por baixo. O banheiro — ratoeiras, um armário de remédios trancado com cola. Quebrá-lo para abrir — gel K-Y e duas notas de cem numa prateleira.

Um cesto com tampa — pregado — arrancar, puxar...

Seringas ensanguentadas — agulhas para cima — uma armadilha. Jogar no chão — embaixo um pequeno cofre de aço.

Trancado — arrombei-o jogando contra a parede.

Butim:

Uma caderneta de conta corrente do Banco de Hollywood — 9.183,40 dólares.

Duas chaves de cofre de banco, um cartão de instrução. Porra: “O acesso ao cofre exige senha e/ou confirmação visual.”

Vejamos:

Furos nas evidências — cautela de Junior pré-MALUUUUCO total.

Lógica:

Depoimentos sobre Glenda/Klein guardados LA — e arma que Georgie Ainge vendeu a Glenda.

Encontrar a senha.

Revirei o quarto — camada grossa de vidro espalhado sobre o tapete — o baú tinha sumido. As gavetas — pura merda — pedaços de papel com algaravia rabiscada.

Virei o colchão, a cama, as cadeiras — nenhum rasgo, nenhum buraco para guardar. Desmontei a TV — ratoeiras estalaram. Aquele trecho da parede em que eu atirei — coberto com massa.

Nenhuma senha. Nenhuma ficha de Investigação de Campo. Nenhum depoimento. Nada dos dossiês de Exley/nem de Duhamel.

Estalos variados — flocos de cereal no chão.

O telefone *trriiiim*...

A extensão do corredor — pegar.

— Hã, sim?

— Sou eu, Wenzel. Hã, Stemmons... Olha, cara... não quero nada com você.

Imitei a voz de Junior:

— Vamos nos encontrar.

— Não... Vou devolver o seu dinheiro.

— Anda, vamos falar sobre...

— Não, você é pirado! — *clic,* digamos: Junior comprou droga de Wenzel; mais tarde, Wenzel pensou melhor.

Cadernetas de banco, chaves de cofre — minhas agora. Levei os cadeados mexidos — mate-o, Jack.

Fui até a casa de Tilly. Subi quatro andares — bati — ninguém atendeu.

Espiar pelo olho-mágico, ouvir — luz, risos na TV. Uma pancada com o ombro arrombou a porta.

Tilly mudando de canal — esparramada no chão, sonhando drogada.

Papelotes numa cadeira — digamos que totalizando meio quilo.

Mudando de canal — Perry Como, boxe, Patti Page. Tilly de cara frouxa, no sétimo céu.

Tranquei a porta. Tilly trocou de estação, olhos de pateta: Lawrence Welk, Spade Cooley. Peguei-a, arrastei-a...

Agarrando, chutando — bom. O banheiro, o chuveiro, água com força total.

Frio — encharcar as roupas dela, congelá-la até ficar sóbria. Eu também molhado — foda-se.

Congelando-a; tremores enormes, arrepios tamanho jumbo. Dentes batendo tentando implorar comigo — dar-lhe um suadouro.

Água quente — lutando agora — deixei-a socar, chutar, se retorcer. De volta ao gelado — "Certo! Certo!" — sem engrolado de droga.

Puxei-a para fora, fiz com que se sentasse no vaso.

— Acho que Steve Wenzel deixou aquela droga para você guardar. Ele ia dá-la àquele policial Junior Stemmons de quem falamos na outra noite, e Junior já pagou a ele. Agora ele quer devolver o dinheiro a Junior porque Junior está maluco e está apavorado. *Agora você me diga o que sabe sobre isso.*

Tilly tremia — tremores espasmódicos. Joguei-lhe toalhas e liguei o aquecedor.

Ela se enrolou.

— Você vai contar à Condicional?

— Não se você cooperar comigo.

— E quanto àquela...

— Aquela merda na sua sala que vai lhe garantir uma temporada numa cadeia cheia de fanchonas se eu decidir pegar pesado?

Suando frio agora:

— É.

— Não vou tocar naquilo. E sei que você quer se aplicar, de modo que quanto mais rápido falar comigo, mais rápido vai poder fazer isso.

O aquecedor com resistências vermelhas, calor. Tilly:

— Steve ouviu dizer que Tommy Kafesjian partiu pra matar ele. Tem um traficante chamado Pat Orchard, que conhece Steve, e ele foi preso hoje de manhã. Um tal policial arrochou ele...

— Fui eu.

— Não me surpreende, mas deixe eu dizer. De qualquer modo, segundo o Steve, o tal policial que acho que era você fez um monte de perguntas ao Pat Orchard sobre o tal policial Junior. Você soltou ele, e ele foi procurar Tommy Kafesjian e dedurou o tal de Junior e Steve. Disse que Steve vendeu uma partida grande ao Junior, e que o tal de Junior andava com aquele papo de rei das drogas. Steve disse que ele se mudou de casa e que ia tentar devolver o dinheiro ao Junior, porque ouviu dizer que Tommy saiu atrás dele.

— E Wenzel deixou o bagulho dele para você guardar.

Ansiosa — espremendo-se nas toalhas.

— Isso mesmo.

— Eu soltei Orchard no máximo há três horas. Como ficou sabendo de tudo isso tão depressa?

— Tommy veio aqui antes de Steve. Ele me contou, porque sabe que conheço Steve, e achava que eu podia saber onde ele tinha se escondido. Não falei que tinha conversado com você na outra noite, e disse que não sei onde Steve anda, o que é a verdade. Ele foi embora, depois Steve apareceu e deixou o carregamento dele. Eu disse: “Fuja daquele maluco, o Tommy, e daquele maluco, o Junior.”

Steve telefona para Junior — e fala comigo.

— Do que mais você e Tommy falaram?

Calor demais vindo das resistências — Tilly pingava suor.

— Ele queria transar comigo, mas eu disse que não, porque você me disse que ele matou Wardell Knox.

— O que mais? Quanto mais rápido eu for embora, mais rápido você vai poder...

— Tommy disse que está procurando um cara que espiona a irmã dele, Lucille. Disse que está ficando maluco procurando o tal espião.

— O que mais ele falou sobre o sujeito?

— Nada.

— Disse que o nome dele era Richie?

— Não.

— Disse que ele era músico?

— Não.

— Disse que tinha pistas sobre onde o sujeito estava?

— Não. Disse que o espião era que nem a porra de um fantasma, e que não sabia onde ele estava.

— Ele falou de um outro homem, alguém espiando o espião?

— Não.

— Mencionou *algum* nome ao falar do espião.

— Não.

— Champ Dineen?

— Acha que sou estúpida? Champ Dineen era um compositor que morreu há anos.

— O que mais Tommy falou sobre Lucille?

— Nada.

— Ele mencionou o nome Joseph Arden?

— Não. Por favor, eu preciso...

— Tommy falou que *ele* estava comendo Lucille?

— Moço, o senhor tem uma curiosidade maligna sobre essa garota.

Rápido: para a sala de estar, de volta com a droga.

— Moço, isso pertence ao Steve.

Abri a janela, olhei para baixo — um jogo de baralho no beco bem embaixo.

— Moço...

Joguei um papelote — na mosca em cima do pano do jogo.

— O que mais Tommy falou sobre Lucille?

— *Nada.* Moço, por favor!

Gritos lá embaixo — droga caindo do céu.

Mais dois papelotes.

— Moço, eu preciso disso! — quatro, cinco... delírio no beco.

— TOMMY E LUCILLE — seis, sete, oito.

Nove, dez.

— É errado pensar o que você está pensando. Você faria isso com sua irmã?!

Desvarios no jogo de baralho — Jesus seja louvado.

Onze, doze — joguei para Tilly.

Centro da cidade — Departamento de Pesquisa e Informações — em busca da ficha e das fotos de Steve Wenzel — duas prisões por porte de droga, feio que nem o diabo: branco xexelento com queixo comprido. Nenhum conhecido ou esconderijo citado — mudei para ELES.

Uma passada junto à casa deles — luzes acesas, carros na frente. Estacionei, observei as janelas.

Caminhei pela entrada de veículos — escura — atento a novos cães. Pular a cerca, espiar em volta — Madge cozinhando, nada de Lucille. Quartos escuros, o escritório — J.C., Tommy e Abe Voldrich.

Agachei-me. Janelas fechadas — nenhum som. Olhar:

J.C. balançando papéis; Tommy rindo. Voldrich — ler as mãos dele — fique calmo.

Gritos abafados — o vidro da janela zumbia.

Forcei a vista; J.C. continuava balançando os papéis. Ele chegou mais perto — porra — formulários da Delegacia de Costumes.

Não havia como ler as letras pequenas.

Provavelmente material de Klein para Exley — pistas do voyeur. Roubadas, vazadas — talvez Junior, talvez Wilhite.

“Tommy ficando maluco procurando o tal espião.”

Voltei ao meu carro. Vigilância de voyeur — *meus* olhos na janela *dela.* Quarenta minutos — pronto — Lucille casualmente nua. Suas luzes se apagaram rápido demais, porra — vigiei a porta da frente ainda faminto para olhar.

Dez minutos, quinze.

Bam! — os três homens saíram correndo — para carros separados. O Merc de Tommy raspou a calçada soltando faíscas.

J.C. e Voldrich foram para o norte.

Tommy — direto para o sul.

Segui-*lo*.

La Brea para o sul, Slauson para o leste — carango púrpura de crioulo. *Bem* para o leste, Central Avenue para o sul.

Área de voyeur.

Tráfico ralo — ficar para trás, seguir aquela máquina de crioulo. Bem para o sul — Watts — em direção ao leste.

Tommy, luzes de freio acesas — Avalon com 103 — fileiras de boates abertas para festas até tarde.

Paraíso do criouléu.

Duas casas de cômodos, de madeira, ligadas — no terceiro andar, janelas abertas, acesso por escada de incêndio.

Tommy estacionou. Segui em frente, dei marcha a ré, vigiei-o:

Ele foi até o prédio do lado direito.

Subiu pela escada de incêndio e pisou na prancha.

Tommy se esgueirando — madeira bamba, corrimões de corda.

Tommy se agachando.

Tommy espiando a janela do lado esquerdo.

Algo tremendamente errado: Tommy só olhando.

Saí do carro, subi pela escada do lado esquerdo. Nenhum vigia no saguão — correr.

Três andares — leões de chácara na porta. Olhares: quem é esse polícia? Porteiros leões de chácara instantâneos — entrei.

Paredes imitando zebra, gente dançando — brancos, de cor. Música, barulho de festa.

Examinei a sala — ninguém parecido com o desenho do voyeur, nada do Tommy.

Verificar a janela — brancos fãs de jazz/crioulos nos trinques — difícil se mexer.

Fumaça de maconha perto — Steve Wenzel, queixo pontudo, passando um baseado.

Bêbados separando-nos.

Tommy atrás dele, mãos no casaco.

Mãos saindo — uma espingarda de cano serrado sendo engatilhada.

Gritei...

Algum crioulo apertou um interruptor — o quarto ficou negro.

Barulho de espingarda — carga total — um estouro comprido. Chumbo se espalhando/tiros aleatórios de revólver/gritos — clarão de arma iluminou Steve Wenzel, sem rosto.

Gritos.

Passei correndo entre eles, saí pela janela.

Arrastei-me pela prancha, vidro e miolos no cabelo.

CAPÍTULO XXV

Harbor Freeway em direção ao norte, guinchos no rádio do carro:

— Código 3 todas as unidades nas vizinhanças da 103 com Avalon homicídios múltiplos na South Avalon 10342 terceiro andar ambulâncias a caminho repetindo todas as unidades 187s múltiplos South Avalon procurar o superintendente do prédio...

Respirando sangue — minha capa de chuva me limpou — limpo, mais ainda sentindo o cheiro.

— Repetindo todas as unidades quatro mortos South Avalon 10342 Código 3 ambulâncias a caminho.

Choque pior do que Saipan — a estrada turva.

— Unidades de tráfego nas vizinhanças da 103 com Avalon Código 3 ver o sargento Disbrow Código 3 urgente.

Rampa de saída da rua 6, indo para o Mike Lyman's — lugar onde Exley costuma jantar tarde. Segurei um garçom: chame o chefe *agora.*

Pessoas felizes em volta de mim — gárgulas.

— Tenente, aqui, por favor!

Segui o garçom. Um reservado nos fundos — Exley de pé, Bob Gallaudet esparramado — o que é isso?

Exley:

— Klein, o que é isso?

Bancos junto ao balcão, perto — fiz um gesto para irmos até lá. Bob — sensores empoleirados, fora do alcance da audição.

— Klein, o que *é* isso?

— Lembra daquela ordem de apreensão que você emitiu hoje de manhã?

— Sim. Três homens para serem detidos na delegacia de Wilshire. Você me deve uma explicação sobre isso, então comece...

— Um dos homens era um traficante independente chamado Steve Wenzel, e há meia hora Tommy Kafesjian atirou nele com uma espingarda numa daquelas boates em Watts. Eu estava lá, eu vi, o negócio está no rádio da polícia. Quatro mortos até agora.

— *Explique isso.*

— Tudo tem a ver com Junior Stemmons.

— *Explique.*

— Porra... ele está completamente pirado... porra, ele está se drogando, está arrochando traficantes. Ele é bicha, está extorquindo outras bichas no Fern Dell Park, acho que está entregando aos Kafesjian os relatórios do 459 que mando para você, ele anda pelo bairro negro que nem um maluco, falando que é o novo...

Segurando-me:

— E você vem tentando cuidar disso sozinho.

Eu me soltei.

— Isso mesmo. Junior comprou a droga de Wenzel para, abre aspas, se estabelecer como o novo rei das drogas do Southside, fecha aspas. Um dos outros homens que estavam naquela ordem de apreensão, *a quem eu interroguei amplamente sobre Stemmons e Wenzel,* dedurou os dois a Tommy K. Segui Tommy até Watts, e estava lá quando ele apagou Wenzel.

Puro gelo de membro da nobreza:

— Vou mandar uma equipe do DAI lá para lacrar esses homicídios. Os mortos foram Wenzel e inocentes que estavam perto?

— Isso.

— Então vou me certificar de que a identidade *dele* não chegue à imprensa, o que impedirá que a ordem de apreensão volte para nos assombrar.

— Se você não quer que os federais tomem conta disso, é melhor jogar um cobertor sobre a imprensa agora mesmo.

— Klein, você sabe que não pode abordar...

— Eu não vou chegar perto do Tommy Kafesjian — *por enquanto* — mesmo tendo-o visto matar um homem, mesmo você não me dizendo por que está me usando para operar aquela família.

Nenhuma censura, nenhuma resposta.

— Onde está o Stemmons agora?

— Não sei — MATE-O, JACK.

— Você acha que eles...

— Eu não *creio* que eles vão apagá-lo. Eles podem colocar o Dan Wilhite nisso, mas não creio que vão apagar um homem do DPLA.

— Quero um relatório confidencial detalhado sobre isso dentro de vinte e quatro horas.

Parti para cima dele — Bob G. Olhando.

— *Nada em papel*, você está maluco, porra? E enquanto estamos aqui, você deveria saber que Junior é apaixonado por Johnny Duhamel. Na próxima vez em que vir o Dudley, diga que ele tem um devorador de corações de veados trabalhando para ele.

Exley piscou — a simples fofoca o deixou abalado.

— Deve haver um motivo para você não ter me dito essas coisas sobre o Stemmons antes.

— Você não inspira conversas amigáveis.

— Não, mas você é esperto demais para passar por cima da autoridade quando ela pode garantir o que você quer.

— Então me ajude a conseguir um mandado de busca para um banco. Junior tem droga guardada em cofres de banco. Me ajude a conseguir antes que isso deixe o departamento em maus lençóis.

— É altruísmo seu ficar tão preocupado, mas *você* é o advogado, mandados de busca em bancos são negócio federal, e Welles Noonan é o promotor federal aqui.

— Você poderia fazer petição a um juiz federal.

— Não.

— Não, *e*?

— *Não*, e por enquanto quero que você vá à casa do tal de Wenzel e procure provas das negociações entre ele e Junior Stemmons. Se encontrar alguma, destrua. *Isso* seria um serviço para o departamento.

— Chefe, deixe que *eu* cuido do Stemmons.

— Não. Vou convocar todos os homens do Departamento de Assuntos Internos. Vou lacrar esse tiroteio em Watts, encontrar Stemmons e sequestrá-lo para onde os federais não possam encontrá-lo.

Junior dedurando Glenda — em tela panorâmica/Vista Vision/3-D...

— Você vai anular *qualquer* coisa incriminadora que surja sobre mim ou gente ligada a mim?

— Vou. Mas não esconda suas motivações pessoais com relação ao Departamento. Dado quem você é, isso é lamentavelmente transparente.

Mudando:

— O pessoal do Departamento de Assuntos Internos vem me seguindo esporadicamente desde o negócio do Johnson?

— Não. Se você está sob vigilância, são os federais. Eu perdoei você por *aquele* assassinato, lembra?

Olhos de raios X — o escroto me fez piscar.

— Limpe-se, tenente. Você está fedendo a sangue.

Passei na frente da casa de Wenzel — o carro de J.C. estava estacionado do lado de fora. Digamos: ligações potenciais com Tommy limpadas rapidamente.

Imagens de choque:

Os federais pegam Junior vivo. Ele propõe uma barganha: a denúncia da veadagem anulada em troca de Dave Klein. Junior, sabedor das provas — todas as minhas mortes, todas as minhas cobranças, item por item.

Ir — revirar mais uma vez o covil do maluco...

Fui, destranquei seis cadeados para entrar. Luzes acesas, novo horror:

Cartuchos de espingarda no forno.

Cabeças de negro enfiadas numa torradeira.

Giletes atulhando um duto de aquecedor.

Fazer o seguinte:

Pegar a máquina fotográfica de espionagem.

Pegar as algaravias rabiscadas.

Revirar a mobília de novo — quatro poltronas — costuras frouxas. Rasgar, enfiar a mão...

Dinheiro escondido — 56 dólares.

Cópias a carbono da morte de Gilette — roubadas da Homicídios.

Um novo relatório sobre Glenda/Klein — mais detalhes:

> ANTES DE ESFAQUEAR E ATIRAR EM GILETTE, A SRTA. BLEDSOE DISPAROU DOIS TIROS, SEM ACERTAR, COM O REVÓLVER 32, MENCIONADO ANTERIORMENTE, QUE ELA HAVIA COMPRADO DE GEORGE AINGE. (VER RELATÓRIO DE BALÍSTICA Nº 114-55 ANEXO AO DOSSIÊ DO CASO NO ESQUADRÃO DE HIGHLAND PARK PARA DETALHES SOBRE AS BALAS TIRADAS DO CORPO DE GILETTE E ENCONTRADAS NAS PAREDES DE SUA SALA DE ESTAR.) ESSE REVÓLVER ESTÁ AGORA EM SEGURANÇA COMIGO, AINGE DEIXOU-O COMIGO ANTES DE PARTIR DE LOS ANGELES. MANDEI TESTAR SEIS BALAS DISPARADAS POR ELE, E A ANÁLISE DE BALÍSTICA INDICA QUE SÃO *IDÊNTICAS* ÀS BALAS RETIRADAS DO CORPO E DA SALA DE GILETTE. A ARMA ESTÁ EMBRULHADA EM PLÁSTICO, E O CABO DE MADREPÉROLA LISO TEM IMPRESSÕES DOS POLEGARES DIREITO E ESQUERDO QUE COMBINAM EM ONZE PONTOS DE COMPARAÇÃO COM A FICHA DA PRISÃO DE GLENDA BLEDSOE NA ADOLESCÊNCIA POR ROUBO EM LOJA.

Rasguei, joguei pela privada e dei descarga.

“Segurança”/“embrulhada”/digitais analisadas = guardada num cofre.

Bati nas paredes — nenhum lugar oco.

Abri o zíper de almofadas — ratoeiras armadas com salgadinho de queijo estalaram para mim.

Puxei uma tábua do piso, solta — um Jesus de painel de carro, elétrico, brilhou iridescente.

Gargalhei...

Junior 99% MALUUUUUCO — 1% são. Evidências de sanidade — metódico, lógico, conciso, sucinto, plausível — presumir planos de morte prontos — pensando em mandar as evidências concisas, lógicas, plausíveis, sucintas ao seu herdeiro mais lógico e potencialmente vingativo: Howard Hughes, caralho.

Rindo — difícil de respirar — flocos de cereal estalando no chão. Vozes no apartamento ao lado — por que aquele gentil Sr. Stemmons está gargalhando tão MALUUUCO?

Peguei o telefone, disquei.

— Alô, Dav...

— É, sou eu.

— Onde você está? O que aconteceu com Doug?

Ancelet — tempo desviado — assunto velho.

— Eu conto quando nos encontrarmos.

— Então venha para cá agora.

— Não posso.

— Por quê?

— Estou esperando num lugar. Há uma chance de que o cara que mora aqui possa aparecer.

— Então deixe um bilhete e ligue para ele da minha casa.

Não rir.

— Não posso.

— E você está parecendo muito estranho.

— Eu conto quando me encontrar com você.

Silêncio — estalo na linha — Miciak pairou.

— David, você...

— Não diga o nome dele, e se ainda não saiu nos jornais ou na TV, imagine que não.

— E quando for sim, eu sei o que fazer.

— Você sempre sabe o que fazer.

— E você sempre vai pegar no meu pé para saber onde aprendi.

— Eu sou detetive.

— Não, você é um homem que implementa coisas. E nada em *mim* pode ser explicado.

— Mas eu vou...

— Mas você sempre vai tentar, então venha e tente agora.

— Não posso. Glenda, conte alguma coisa. Me distraia.

Ouvir — fósforo se acendendo, exalação.

— Bom, Herman Gerstein veio ao set hoje e armou a maior confusão com Mickey. Parece que ele viu uns trechos de copião e ficou com medo de que Sid Frizell esteja fazendo o filme nojento demais. Além disso, abre aspas: “Esse negócio de incesto de vampiro pode colocar aquela porcaria da Legião de Decência no nosso pé”, fecha aspas. Para completar, Toque me disse que Rock passou chato para ele, e que Sid está fazendo tomadas extras do tal filme de sacanagem que ele está rodando em Lynwood. Não são os artistas mais bonitos do mundo, mas parece que a equipe está gostando.

Verifiquei uma janela — a madrugada chegando.

— Eu deveria manter essa linha livre.

— Esta noite, então?

— Eu ligo para você.

— Tenha cuidado.

— Sempre.

Desliguei, peguei uma poltrona e escorri para algum lugar. Vampiros lá: Tommy, Papai caçando Meg com a braguilha aberta. Sono vazio, mãos em mim.

— É, ele é o chefão da Costumes.

— Tenente, acorde.

Dois protótipos do Departamento de Assuntos Internos, armas apontando.

— Senhor, Junior Stemmons está morto.

CAPÍTULO XXVI

Código 3 para o Bido Lito’s — dois carros — sem explicação. Assustado: Jack disse que iria esconder o corpo.

Ruas secundárias: lá:

Repórteres, radiopatrulhas, Plymouths — federais tirando fotos com lentes zoom. Civis apinhados em volta — ainda sem cordões de isolamento.

Estacionei e fui atrás de uma equipe do necrotério. Federais falando — chegar perto, ouvir:

— ...e as fotos deles não estavam nos nossos dossiês do serviço de informação. Eram desconhecidos, mais provavelmente bandidos de fora da cidade que foram vistos trabalhando nas máquinas caça-níqueis aqui e em uma dúzia de outros lugares no Southside.

— Frank...

— Por favor, só escute. Ontem Noonan recebeu uma dica anônima sobre uma garagem aqui. Fomos lá e encontramos uma porrada de caça-níqueis. *Mas* — era só uma garagem separada numa ruazinha suja, e não conseguimos descobrir quem são os donos, de jeito nenhum.

Intriga de caça-níqueis — foda-se...

Corri para dentro. Figurões da pesada: Exley, Dudley Smith, o inspetor George Stemmons, pai. Um enxame de peritos, Dick Carlisle, Mike Breuning.

Olhos de vodu me bombardearam — o salvador de Lester Lake. Eles cruzaram dedos rígidos sub-repticiamente — Breuning beijou o dele.

Estalos de flashes. Stemmons gritando, à beira das lágrimas.

Funcionários do necrotério passaram empurrando uma maca. Fui atrás deles — passando pelo palco, corredores dos fundos — uma sala de caça-níqueis.

PORRA...

Junior morto — enrolado em posição fetal no chão.

Drogado — um torniquete no braço — dentes trincados num cordel.

Uma seringa se projetando de uma veia; olhos arregalados. Mangas curtas — marcas de picadas e cicatrizes nas veias expostas.

Um policial uniformizado, espiando:

— Verifiquei os bolsos. Ele tinha uma chave da porta da frente.

Um homem do laboratório:

— O zelador chegou cedo e o encontrou. Meu Deus, essa encrenca bem no meio do negócio federal.

O legista, leitor de mentes:

— Ou é uma overdose legítima ou uma armação muito bem-feita. Aquelas marcas são prova do vício do sujeito. Meu Deus, um policial de Los Angeles!

Jack Woods — nunca.

Ray Pinker me cutucou.

— Dave, o chefe Exley quer ver você lá nos fundos.

Fui em tempo recorde até o estacionamento. Exley estava parado perto do carro de Junior.

— Interprete isso.

— Interprete uma merda. É real ou foram os Kafesjian.

— O Departamento de Assuntos Internos encontrou você dormindo no apartamento de Stemmons.

— Isso mesmo.

— O que estava fazendo lá?

— Fui até a casa de Steve Wenzel e encontrei o carro de J.C. na frente. O apartamento de Junior fica perto e pensei em passar lá. O que aconteceu com o caso de Watts?

— Cinco mortos, e nenhuma testemunha ocular. Estava escuro quando Tommy Kafesjian disparou, correto?

— É, ele mandou algum crioulo apagar as luzes. Você...

— Wenzel foi a única vítima branca, e o estado do corpo impediu uma identificação rápida. Aparentemente, os tiros de espingarda provocaram uma reação de vários homens armados na boate. Bob Gallaudet e eu fomos lá e amaciamos a imprensa. Dissemos que todas as vítimas eram negros e prometemos passes para os despejos de Chavez Ravine se eles aliviassem a história. Claro que eles concordaram.

— É, mas você pode apostar que os federais estavam monitorando nossas chamadas pelo rádio.

— Eles estiveram lá tirando fotos, mas até agora só sabem que foi algum tipo de discussão violenta entre negros.

— E como eles nos estão acusando de pegar leve nas investigações de crimes de crioulos, você mandou uma dúzia de detetives da Homicídios lá, para manter as aparências.

— Correto, e Bob e eu falamos com um influente pastor negro. Ele tem aspirações políticas, e prometeu falar com os entes amados das vítimas. Enquanto estiver fazendo isso, o pastor vai insistir para que eles não falem com os federais.

O carro de Junior — janelas sujas, imundície.

— O que você encontrou aqui?

— Drogas, comida enlatada e literatura homossexual. O Departamento de Assuntos Internos está apreendendo tudo.

Barulho dentro da boate. Verificar a janela: Stemmons, pai, chutando cadeiras.

— E quanto ao Junior?

— Bom, diga à imprensa que foi morte acidental. O Departamento de Assuntos Internos vai investigar, muito discretamente.

— E ficar longe dos Kafesjian.

— Vou lidar com eles na hora certa. Você acha que a Narcóticos pode ter feito isto?

Stemmons soluçando.

— Klein...

— Não. Certo, eles poderiam armar um caso assim, mas não creio que sejam eles. Inclino-me a acreditar numa overdose legítima.

— Por quê?

— Um patrulheiro disse que Junior tinha uma chave da porta da frente no bolso. Ele era um escroto maluco e drogado, e este lugar é um conhecido ponto de drogas e esconderijo de Tommy K. Se fossem matá-lo, não deixariam o corpo aqui.

— Em que estado você encontrou o apartamento dele?

— Você não acreditaria se eu contasse, e deveria me deixar fazer o trabalho de perícia. Tirei nota máxima em perícia, na faculdade, e revistei o lugar e provavelmente deixei impressões digitais em tudo que é canto.

— Faça isso, depois limpe tudo. E ligue para a Pacific Bell e faça com que lacrem os registros telefônicos dele. Agora, ontem à noite você disse que Stemmons tinha droga guardada em cofres de banco.

— É.

— Sabe em que bancos?

— Estou com as cadernetas e as chaves de banco dele.

— Bom, e você é advogado, de modo que vou engolir sua fantasia de “droga guardada” e mandá-lo estudar seus livros de direito e imaginar uma estratégia para passar por cima de Welles Noonan e conseguir um mandado de apreensão bancária.

— *Fantasia*?

Suspirando:

— Stemmons tinha sujeira sobre você. Provavelmente está guardada nessas caixas. Ele o estava extorquindo em algum nível, caso contrário você teria lidado

com ele no seu estilo inimitável de pegar pesado antes que essa loucura do sujeito fugisse ao controle.

AGORA, DESEMBUCHAR:

— Ele tinha um dossiê de recortes sobre *você*. Estava escondido com alguns formulários pessoais sobre Johnny Duhamel. Ontem à noite fiz um comentário idiota sobre Duhamel que fez sua pressão sanguínea subir uns vinte pontos, de modo que não venha com essa porra de condescendência para cima de mim.

— Descreva o dossiê — sem reação, puro gelo.

— Todos os seus casos no Bureau. Meticuloso... Junior era o melhor homem que já vi para cuidar de papeladas. Eu invadi o apartamento dele na semana passada e encontrei o material. *Ontem à noite* tudo havia desaparecido.

— Interprete.

Pisquei, estilo Dudley.

— Digamos que é bom saber que meu bom amigo Ed também tem um interesse pessoal nisso. E não se preocupe com a investigação do 459 dos Kafesjian; estou enfiado demais nisso para parar.

Visão de janela — papai Stemmons lamentando.

— Você deveria acalmá-lo, Eddie. Não queremos que ele foda com esse nosso negócio pessoal.

— Ligue para mim depois de sua perícia — meia-volta, volver, olhá-lo ir.

Visão da janela:

Exley valsando até Stemmons — sem aperto de mão, sem abraço. Abertura na janela, ouvir:

— O seu filho... proíbo você de interferir ou falar com a imprensa... poupar a você a dor de tornar públicas as tendências pervertidas dele.

Stemmons balançando, louco de sofrimento.

CAPÍTULO XXVII

Rádio do carro, indo para o centro:

KMPC: Policial Encontrado Morto em Boate de Jazz do Southside — o DPLA Diz que Foi Ataque Cardíaco.

KGFJ: Tiroteio Tarde da Noite! Cinco Negros Mortos!

Cobertor sobre a imprensa — Exley trabalhando rápido.

Nada sobre Harold John Miciak.

Verificação na faixa da polícia — policiais de merda identificando Junior pelo nome.

A Divisão, minha sala — procurar roupas limpas. Fazer a barba no vestiário e tomar um banho — agitado, exausto.

Pelo corredor até o Departamento de Pessoal — requisitei as impressões de Junior. Furtivo: peguei as de Johnny Duhamel.

O laboratório — peguei um kit de coleta de provas e uma máquina fotográfica. Uma ligação para a PC Bell — falei o nome de Exley.

Façam o seguinte:

Compilem todas as ligações de Gladstone 4-0629 até vinte dias atrás.

Listem todos os nomes e endereços de todas as pessoas que receberam os telefonemas.

Guardem todos os registros de George Stemmons, Jr. — esperando a ordem judicial do chefe Exley.

Liguem para *mim* naquele número — com todos os resultados — dentro de quatro horas.

Rádio do carro na volta:

Mortes em Watts — pastor negro culpa o álcool — “que escraviza o nosso povo”.

Exley, fantasia pré-vazamento:

Durante uma perseguição dentro de uma boate fechada no Southside o sargento George Stemmons, Jr., sofre um ataque cardíaco fatal. O ladrão escapa; não será feita autópsia — isso viola a religião do policial morto.

Nada de Miciak.

Nada do negócio federal.

Uniformizados guardando a porta de Junior — tranquei-os do lado de fora e trabalhei.

Tirei fotos:

Armadilhas/pilhas de flocos de milho/sujeira.

Ensaquei fibras, listei objetos.

Em seguida procurar digitais — tedioso, lento. Consegui do Junior — múltiplos conjuntos — combinando em dez pontos com a ficha. Sala de estar/corredor/cozinha — algumas impressões, com cicatrizes. Uma identificação fácil — eu — papai me pegou roubando e queimou meus dedos.

Depois de três cômodos — limpei-os bem. O portal, do lado de dentro, uma identificação: Duhamel, oito pontos de comparação. Extrapolei: Johnny com medo de entrar.

Limpei-as. O telefone tocou — a PC Bell, respondendo.

Anotei:

28/10/58 — BR 6-8499 — Sr. e Sra. George Stemmons, Dresden, 4129, Pasadena.

30/10/58 — BR 6-8499 — idem.

2/11/58 — MA 6-1147 — Divisão Central de Costumes, DPLA.

2/11/58 — Mamãe e papai.

3/11/58, 3/11/58, 4/11/58, 4/11/58 — Central de Costumes.

5/11/58, 5/11/58, 6/11/58 — GR 1-4790 — John Duhamel, Oleander, 10477, Eagle Rock.

6/11/58, 6/11/58, 7/11/58, 9/11/58, 9/11/58 — AX 4-1192 — Victory Motel, Gardena.

9/11/58 — MU 8-5888 — telefone público, rua 8 com Central — Los Angeles.

9/11/58 — MU 7-4160 — telefone público, 79 com Central — Los Angeles.

9/11/58 — MU 6-1171 — telefone público, 67 com Central — Los Angeles.

9/11/58 — Victory Motel.

9/1158 — idem.

9/11/58 — casa de Duhamel.

10/11/58 — WE 5-1243 — telefone público, Olympic/La Brea — Los Angeles.

10/11/58 — Victory Motel.

10/11/58, 10/11/58, 11/11/58, 12/11/58-KL 6-1885 — telefone público, Aviation/Hibiscus — Lynwood.

16/11/58 — HO 4-6833 — Glenda Bledsoe, N. Mount Airy, 2489 1/2, Hollywood.

Cãibra de escritor — interpretar os dados:

Mamãe-papai/trabalho — nada demais. Em seguida ligações para Duhamel — Junior ficando maluco. O Victory Motel — quartel-general do Esquadrão Antigangues — local de arrocho usado pelo Smith/Johnny de serviço.

Depois telefones públicos — no bairro negro — digamos que negócio de drogas, talvez conversas com Steve Wenzel. Uma cabine telefônica que aparentemente não tinha a ver — Olympic com La Brea — a casa dos Kafesjian seis quarteirões ao sul. Junior Maluco — ELES disseram para não ligar para a casa.

12/11 a 16/11 — nenhum telefonema, Junior INSANO. 16/11 — *meu* telefonema tardio para Glenda.

Lógico, mas:

Ligações para telefone público em Lynwood = ????

Morto de exaustão — procurei digitais na guarda da cama.

Porra...

Marcas de mãos entrelaçadas — dedos cruzados apertando. Manchas de suor, impressões viáveis: e *nenhum* ponto do Johnny. Óbvias impressões de Junior ligadas a impressões desconhecidas: algum veado de mãos fortes.

Limpá-las — *trrrim trrrrim* — pegar o telefone, esquecer da cama.

— Exley?

— É Johnny Duhamel.

— *Que diab... Como você sabia que eu estava aqui*?

— Ouvi uma comunicação pelo rádio, sobre o Stemmons. Passei pela casa dele e os patrulheiros me disseram que você estava dentro. Eu... Olhe, eu preciso falar com você.

ADRENALINA — minha cabeça zumbia.

— Onde você está?

— Não... Vamos nos encontrar à noite.

— Qual é, *agora*?

— Não, às oito horas. Spindrift, 4980. Fica em Lynwood.

— *Por que lá*?

— Provas.

— Johnny, diga...

Clic — tom de discagem — bater no botão — Exley, rápido.

NÃO.

Não — ele está curioso com relação ao Johnny — só talvez.

Ligação opcional — disquei para MA 4-8630.

— Sala do promotor distrital.

— Dave Klein, para falar com Bob Gallaudet.

— Sinto muito, senhor, o Sr. Gallaudet está numa reunião.

— Diga a ele que é urgente.

Estalos de transferência.

— Dave, o que posso fazer por você?

— Um favor.

— Diga, você me fez alguns recentemente.

— Preciso olhar uma ficha pessoal do Departamento de Assuntos Internos.

— Esta é uma inovação do Ed? O Departamento de Assuntos Internos está mais na área dele.

— É, é coisa do Exley. Quando um homem entra para a Divisão de Detetives o Departamento de Assuntos Internos faz uma investigação completa, e preciso de mais coisas sobre ele. É sobre o problema do bairro negro, e você poderia olhar a ficha sem que fizessem perguntas.

— Você está fazendo isso pelas costas do Exley.

— É, como aqueles relatórios sobre os Kafesjian que entreguei a você.

Uma pausa — segundos tiquetaqueando.

— *Touché*, me ligue de novo daqui a algumas horas. Não posso sair da Divisão, mas posso lhe passar uma sinopse. Qual é o nome do homem?

— John Duhamel.

— Johnny Colegial? Eu perdi uma grana na estreia dele como profissional. Poderia me esclarecer mais?

— Quando terminar, Bob. Obrigado.

— Bom, uma mão lava a outra, por enquanto. E na próxima vez em que eu vir você, deixe-me falar sobre o encontro que eu e Ed tivemos com o tal pastor negro. Estranhos companheiros de cama, não é?

Aquela cama — mãos entrelaçadas.

— Estranhos pacas.

CAPÍTULO XXVIII

Excesso de adrenalina — impeliu-me a xeretar os Kafesjian.

Tocaiei a casa deles a uma distância de três casas — sem show de striptease na janela do quarto. Ninguém bisbilhotando — três carros no gramado.

Matador de tempo na tocaia: meu rádio do carro:

Junior elogiado — o capelão do DPLA Dudley Smith:

“Ele era um grande garoto. Era um dedicado lutador contra o crime, e é um cruel capricho do destino um homem tão jovem sofrer ataque cardíaco enquanto caçava um ladrão comum.”

Welles Noonan na KNX:

“...e não estou dizendo que a morte surpreendente de um jovem policial supostamente saudável está ligada às outras cinco mortes que ocorreram nas últimas vinte e quatro horas no Southside de Los Angeles, mas parece curioso que o Departamento de Polícia de Los Angeles esteja tão ansioso para explicar tudo e se livrar do assunto.”

Noonan esperto — a merda atrai moscas.

Quatro horas — o sax de Tommy buzina — minha deixa para ir embora. Minha própria música me instigando — eu estava perto de ALGUMA COISA.

Crepúsculo cedo — nuvens, chuva. Uma parada num telefone público — sai Bob, entra Riegle. Nenhuma novidade na verificação das delegacias — nenhum suicídio que parecesse da MÃE DO VOYEUR.

Para o set — chuva forte — nenhuma filmagem acontecendo. Sorte: o trailer dela com luz acesa. Uma corrida — até a porta evitando poças.

Glenda estava fumando, distraída. Esparramada na cama — sem pressa para me tocar.

Fácil de adivinhar:

— Miciak?

Ela assentiu.

— Bradley Milteer apareceu. Parece que ele e Herman Gerstein se conhecem independentemente do trabalho dele para Hughes. Ele disse a Herman que o corpo e o carro de Miciak foram encontrados, e que todos os contratados de

Hughes vão ser discretamente interrogados. Mickey ouviu-o dizer a Herman que detetives da delegacia do xerife de Malibu virão falar comigo.

— Foi só isso que você ouviu?

— Não. Mickey disse que o pessoal do xerife está mantendo a investigação sob sigilo para evitar embaraços para Howard.

— Ele mencionou a delegacia de Hollywood, do DPLA? Um assassino chamado de Fogo-fátuo dos Bêbados?

Glenda soprou anéis de fumaça.

— Não. Eu pensei... quero dizer, *nós* pensamos que Hughes simplesmente empurraria o negócio para baixo do tapete.

— Não, nós *queríamos* isso. E não há provas de que Miciak foi morto na...

— Na *casa de encontros* onde Howard Hughes costumava me *foder* e onde o homem que matei queria me *foder*?

Fazer com que ela pare/fazer com que ela pense.

— Você comprou, e agora está pagando. Agora seja atriz e saia disso.

— Me dirija. Diga alguma coisa para tornar isso fácil.

Toque-me, diga coisas.

— Diga que estava sozinha em casa naquela noite. Não tente flertar com os policiais nem seduzi-los. Deixe escapar sutilmente que Hughes é um devasso e você pode se dar bem. Procure qualquer coisa que você não quer me contar e que lhe deu coragem para... ah, merda, Glenda.

— Certo — assim, tranquila — Certo.

Beijei-a — pingando.

— Há um telefone que eu possa usar?

— Perto do trailer de Mickey. Você sabe, se eu pudesse abrir a torneira do choro quando quisesse, eu choraria.

— Não, por favor.

— Você está indo embora?

— Preciso encontrar um sujeito.

— Mais tarde, então?

— E, eu passo na sua casa.

— Não vou esperar muito. Você parece que não dorme há uma semana.

Chovendo a cântaros — entrei debaixo do toldo do trailer de Mickey. O telefone estava funcionando — disquei para o número particular de Gallaudet.

Ele próprio atendeu.

— Alô?

— Sou eu, Bob.

— Dave, oi, e uma mão lavou a outra. Está ouvindo?

— Manda ver.

— John Gerald Duhamel, vinte e cinco anos. Nas fichas do Departamento de Assuntos Internos não há grande coisa; verifiquei algumas outras para fazer comparação.

— E?

— E afora a combinação interessante de um diploma de engenharia com honra ao mérito e uma carreira no boxe amador, nada de muita importância.

— Família?

— Filho único. Parece que os pais eram ricos, mas morreram num acidente de avião e deixaram o garoto falido enquanto ainda estava na faculdade, e entre os conhecidos dele temos o um tanto perigoso Reuben Ruiz e seus irmãos de dedos grudentos, mas claro que agora Reuben está do nosso lado. Parece que o garoto tem um apetite indiscriminado por crioulas, coisa que eu também tinha aos vinte e cinco anos. Correram boatos, sem confirmação, de que houve marmelada em sua única luta profissional, e é só isso que tenho de interessante.

Nenhum sino de alerta.

— Obrigado, Bob.

— Eu nunca vou esnobá-lo, meu filho, lembro muito bem daquelas colas na faculdade.

— Obrigado.

— Cuide-se, filho.

Desliguei, respirei fundo, corri...

— Dave! Aqui!

Um raio iluminou a voz — Chick Vecchio debaixo de uma lona. Mendigos atrás dele, mamando vinho barato.

Fui lá — tempo para matar.

Chick:

— Mickey está em casa hoje.

Glenda — meio a meio que ele sabia.

— Eu devia saber. Porra, essa chuva.

— O *Herald* disse que são cinco centímetros. O *Herald* também disse que aquele garoto, o seu parceirinho, teve um ataque cardíaco. Por que será que não acredito no *Herald*?

— Porque o seu irmãozinho te disse que o meu parceirinho deu-lhe um arrocho no Fern Dell Park.

— É, e eu não imagino um extorsionário de vinte e nove anos tendo um ataque cardíaco.

— *Ora*, Chick.

— Certo, certo. Toque me disse que contou a você sobre o que aconteceu com o Stemmons no Fern Dell, mas há uma coisa que ele não contou.

Ultrapassá-lo:

— Você, Toque e Pete Bondurant estão planejando montar um negócio de chantagem. É sexo, e é pagar ou a *Hush-Hush* fica com as fotos. Stemmons arrancou isso de Toque, de modo que agora você está com medo de que *nós* saibamos.

— Ei, *você* sabe.

Menti:

— Stemmons me contou. O Bureau não tem a menor ideia, e se eles soubessem iriam esconder, para proteger a reputação do garoto. Seu negócio está coberto.

— Maravilha, mas ainda não engulo um ataque cardíaco.

— Extraoficialmente?

— Isso, e na moita, como a *Hush-Hush.*

Sussurrei entre as mãos em concha:

— O garoto estava fazendo merda com J.C. e Tommy Kafesjian. Estava se aplicando com heroína, e teve uma overdose ou armaram uma pra cima dele. É um negócio sujo, e está sendo posto na lavanderia.

Chick sussurrou entre as mãos em concha:

— Digamos que não dá para sacanear os rapazes da família K.

— Digamos que estou começando a pensar que Ed Exley vai acabar com aqueles sacanas dois segundos depois de os federais esfriarem a sindicância.

— O que pode demorar um tempo, pelo jeito como andam as coisas.

Vento, chuva.

— Chick, o que está acontecendo com o Mickey? Eu vi uns caras novos tirando caça-níqueis do Rick Rack, com os federais do outro lado da rua batendo fotos.

Chick deu de ombros.

— Mickey é Mickey. Ele é um judeu cabeça-dura, que na metade do tempo a gente não consegue entender.

— O negócio todo parecia estranho. Dois dos caras que estavam com as máquinas eram mexicanos, e Mickey nunca contrata *cucarachas.* Eu dei a dica sobre os federais a ele, antes, mas mesmo assim ele não tirou o material.

— Toque e eu estamos ficando de fora desse negócio do Southside. Parece que o Mickey está contratando serviço autônomo.

Bebuns mijando na espaçonave.

— É, e talvez barato, como sua equipe aqui. Ele está precisando tanto assim de dinheiro? Eu sei que Mickey tem costas quentes, mas cedo ou tarde os

federais vão tirar aquelas máquinas dele.

— Extraoficialmente?

— Claro.

— Então digamos que Mickey está pagando um empréstimo do sindicato com as percentagens das máquinas, de modo que ele precisa fazer com que elas rendam mais um pouco. Acho que ele sabe que é arriscado, mas está embromando.

— É... ele é um sovina, e os sovinas sempre conseguem resultados.

— Falou e disse.

— E ele acha que vai conseguir uma franquia de jogo no distrito.

— Imagine que aquela lei passe.

— Imagine que a promotoria esteja sob o comando de Bob Câmara de Gás Gallaudet. Você o imagina dando uma franquia a *Mickey Cohen*?

Dando um risinho:

— Imagino que você não veio aqui para ver o Mickey.

Chão molhado — a espaçonave tombou — mendigos aplaudiram.

— Espero que esse filme dê dinheiro.

— Mickey também. Ei, aonde você está indo?

— Lynwood.

— Um encontro da pesada?

— É, com um policial bonito e valentão.

— Vou contar ao Toque; ele vai ficar com ciúme.

Adrenalina — a chuva levou-a ao auge.

CAPÍTULO XXIX

Lynwood — vento, chuva — ruas se cruzando em ângulo reto e diagonal. Escuro — difícil enxergar; Aviation com Hibiscus — o telefone público na esquina.

Risos de túmulo — o telefone de Jack reprisado:

— Ele partiu ao natural ou foi apagado por alguém? Anda, deixe eu me redimir. Digamos: Welles Noonan pelos mesmos dez?

Casas de estuque — quase favela; quintais vazios. Chuva levada pelo vento — o quarteirão 4-900 — fui espiando os números.

24, 38, 74. 4980: uma construção de estuque, de dois andares, abandonada.

Uma luz acesa — andar de baixo, à esquerda, a porta aberta.

Subi.

Uma sala vazia — teias de aranha, chão empoeirado — Johnny Colegial parado ali, calmo.

Sem paletó, coldre vazio — confie em mim.

Confiar uma merda — vigiar as mãos dele.

— Você está sofrendo pelo Junior, Johnny?

— O que você sabe sobre Stemmons e eu?

— Sei que ele descobriu sobre você e o roubo das peles. Sei que a outra coisa não conta.

"Outra coisa" o fez piscar. A três metros de distância — vigiar as mãos dele.

— Ele tinha provas sobre você também. Ele sentia coisas terríveis por algumas pessoas, e colecionava evidências sobre elas, para deixar as coisas empatadas.

— Podemos fazer um trato. Eu não me importo com o negócio das peles.

— Você não sabe nem a metade — olhos se agitando maluuuucos.

Passos atrás de mim.

Minhas mãos presas/minha boca coberta — sufocado/minhas mangas enroladas para cima/furado.

Andando no ar — visão de túnel — grama periférica. Comichões/arrepios na virilha/morno.

Portas laterais, sapatos, pernas de calças passando.

Cotovelo apoiado, sapatos no concreto, virada à direita...

Uma porta se abriu — ar quente, luz. Paredes espelhadas, padronagem espinha de peixe bem perto. Alguém me esticou de barriga para cima.

Luz no alto — borrões de flocos de neve.

Trrr, clic, clic — barulho de cilindro, como uma máquina fotográfica. Deslizando para ficar de joelhos — papel parafinado, branco, debaixo de mim.

Virado para cima.

Tiras de fita adesiva nos meus olhos — grudada pegajosa cego.

Alguém me bateu.

Alguém me cutucou.

Alguém me queimou — chiado quente/frio no meu pescoço.

Sem tanta comichão/morno — sem arrepios subindo pela virilha.

Alguém tirou a fita adesiva — sangue vermelho pegajoso nos meus olhos.

Clic clics de cilindro.

Levantado sobre papel parafinado. Alguma coisa na minha mão direita, pesada e brilhante: MINHA espada japonesa de suvenir.

Empurrado, focalizado em:

Johnny Duhamel nu, segurando a MINHA arma.

Queimado: quente/frio — meu pescoço, minhas mãos.

Queimado em carne viva — Johnny ajoelhado, olhos vítreos, me provocando.

Queimado — vapor no meu rosto — Johnny me provocando — olhos azuis repuxados.

Pegá-lo, cortá-lo — movimentos loucos, errando.

Johnny balançando — a arma baixa, golpes com as duas mãos. Erro, acerto, erro — pele pálida rasgada, tatuagens jorrando sangue. Acerto, rasgo — um braço se foi, jorro saindo do cotoco. Johnny dando *jabs* cantarolando em japonês, olhos azuis repuxados...

Erro, erro — Johnny japonês de barriga para cima, retorcendo-se loucamente. Visão de — aquela tatuagem no peito — parti-lo, parti-lo...

Erro, erro — papel parafinado se rasgando.

Acerto, golpe brusco para baixo — estalos de espinha/arrastar da lâmina/puxão — vermelho EM TODA PARTE.

Ofegando — difícil respirar — sangue na minha boca.

Alguém me golpeou — senti comichões/calor/arrepios na virilha. Escurecimento: lança-chamas queima legal, rendição de japonês.

Flutuando morno preto. *Tic tic* em algum lugar — um relógio — contei segundos. Seis mil — apagando — dez mil e quatrocentos.

Zeros japoneses voando baixo, vozes:

Meg: Papai nunca tocou em mim — David, não machuque ele. O voyeur: Papai, papai. Lucille: Ele é o *meu* pai.

Zeros japoneses bombardeando o bairro negro. *Tic tic* — uns quatorze mil.

Preto morno.

Turvo: padronagem espinha de peixe cinza, sapatos.

Espelhos de parede revirados; zeros japoneses. Tentei balançar — estúpido — os braços presos com fita adesiva não deixavam.

Uma cadeira — grudado aconchegado.

Estalos de projetor.

Luz branca, uma tela branca.

Hora de cinema — papai e Meg? — não deixar que ele a acaricie.

Sacudi-me — inútil — fita pegajosa, não cedia.

Uma tela branca.

Corta para:

Johnny Duhamel nu.

Corta para:

Dave Klein dando golpes com uma espada.

Zoom se aproximando — o cabo da espada: SSGT D.D. Klein USMC Saipan 24/7/43.

Corta para:

Johnny implorando — “Por favor” — som mudo.

Corta para:

Dave Klein sacudindo-se — golpeando, errando.

Corta para:

Um braço decepado retorcendo-se sobre papel parafinado.

Corta para:

Dave Klein, movimentos de estripar — Johnny D. tossindo entranhas.

Corta para:

Lentes pingando vermelho; um dedo tirando lascas de coluna vertebral da superfície.

Gritei...

Uma pontada de agulha me emudeceu.

Apagando — em movimento — noite — borrão de para-brisa.

Bairro negro — South Central.

Dores no peito, dores no pescoço. Barba crescida, sem coldre.

Cambaleando.

Sirenes *uuup uuup.*

Dores de queimadura.

Fedor de desinfetante — alguém me lavou.

Onde/o quê/quem — Johnny Duhamel implorando.

Não.

Não mesmo.

ELES me obrigaram a fazer isso.

Por favor — eu não gostei.

Sirenes, chamas adiante.

CAPÍTULO XXX

Carros de bombeiro, radiopatrulhas. Barba crescida — digamos que de um dia. Fumaça, fogo — o Bido Lito's chamejando para o céu.

Um bloqueio de rua — virar para a direita — subi no meio-fio. Cinegrafistas de terno cinzento ali — monstros.

Barulho de para-choque, um letreiro: "Com o Profeta Maomé a Autodeterminação É Sua".

Descansando agora — um painel bom e macio. Escurecimento: "Aquele é o Klein. Pegue-o."

— Acho que ele teve uma concussão.

— Ele parece drogado.

— Não acho que isso esteja dentro da lei.

— É arriscado, mas está dentro da lei. Nós o encontramos apagado perto de uma cena de incêndio criminoso, e ele é um dos principais suspeitos em nossa investigação geral. O Sr. Noonan tem uma fonte no Departamento Médico-Legal. O sujeito disse a ele que o parceiro de Klein morreu de overdose de heroína, e olhe só o estado deste homem.

— Jim, para o registro escrito, no caso de isto ir a juízo.

— Manda ver.

— Certo. São três e quarenta da madrugada, 19 de novembro de 1958, e sou o agente especial Willis Shipstad. Comigo estão os agentes especiais James Henstell e William Milner. Estamos no Prédio Federal do Centro da Cidade com o tenente David Klein, do Departamento de Polícia de Los Angeles. O tenente Klein foi apanhado em estado de choque há uma hora, na esquina da rua 67 com a Central Avenue, no sul de Los Angeles. Estava inconsciente e desalinhado. Nós o trouxemos aqui para garantir que receba atenção médica adequada.

— Isso é uma piada.

— Jim, corte o comentário de Bill. Retomando, o tenente Klein, que nossos registros indicam ter quarenta e dois anos, talvez tenha sofrido ferimentos na cabeça. Suas mãos e o pescoço foram queimados, as marcas são consistentes com queimaduras causadas por gelo seco. Há manchas de sangue em sua camisa

e fita adesiva grudada no paletó. Ele não está armado. Nós estacionamos adequadamente seu veículo policial Plymouth 1957 na esquina onde o encontramos. Antes da investigação o tenente Klein receberá atenção médica.

Colocado numa cadeira de espaldar reto.

Federais.

— Jim, mande datilografar isso e veja que o Sr. Noonan receba uma cópia.

Uma sala de suadouro. Will Shipstad, dois federais. Uma mesa, cadeiras, equipamento de estenografia.

Shipstad:

— Ele está voltando a si. Jim, chame o Sr. Noonan.

Um federal saiu. Eu me espreguicei — sensações estranhas e dores da cabeça aos pés.

Shipstad:

— Você me conhece, tenente. Nós nos conhecemos no Embassy Hotel.

— Eu lembro.

— Este é o meu parceiro, o agente especial Milner. Você sabe onde está?

Minha espada japonesa — tela larga/em cores.

— Quer um médico?

— Não.

Milner — gordo, perfume barato.

— Tem certeza? Você está meio desconjuntado.

— Não.

Shipstad:

— Seja testemunhado que o Sr. Klein recusou atendimento médico. E quanto a um advogado? Como você é advogado, sabe que temos o direito de detê-lo para interrogatório.

— Abro mão.

— Tem certeza?

Johnny — santo Deus.

— Tenho certeza.

— Bill, seja testemunhado que o Sr. Klein recusou aconselhamento legal.

— Por que estou aqui?

Milner:

— Olhe para você. A pergunta deveria ser onde você esteve.

Shipstad:

— Nós o pegamos na 67 com Central. Pouco tempo antes disso a boate Bido Lito’s foi incendiada. Tínhamos agentes nas imediações, fazendo uma vigilância geral, e um deles ouviu uma testemunha falando com detetives do DPLA. A testemunha disse que estava passando pelo Bido Lito’s pouco antes de a boate

fechar e viu uma janela da frente quebrada. Segundos depois, o lugar pegou fogo. Isso certamente me parece a descrição de uma bomba incendiária.

Milner:

— Três pessoas morreram no incêndio. Até agora estamos presumindo que eram os donos da boate e o faxineiro. Tenente, sabe fazer um coquetel Molotov?

Shipstad:

— Não estamos sugerindo que *você* incendiou o Bido Lito's. Francamente, o estado em que o pegamos sugere que você seria incapaz de acender um cigarro. Tenente, olhe só para isso. Há duas noites cinco pessoas foram mortas tarde da noite numa boate em Watts, e uma fonte bastante confiável nos disse que Ed Exley e Bob Gallaudet fizeram grande pressão para encobrir os detalhes. *Agora,* na manhã seguinte o seu colega, o sargento George Stemmons, Jr., é encontrado morto no Bido Lito's. O chefe Exley conta um papo furado à imprensa sobre um ataque cardíaco, mas ouvimos dizer que foi provavelmente uma overdose de heroína autoinfligida. *Agora,* umas quarenta e oito horas depois *disso,* o Bido Lito's é incendiado, e *você* passa por ali pouco depois num estado que indica intoxicação induzida por narcóticos. Tenente, o que acha disso tudo?

Armação dos Kafesjian. Johnny D. gorgolejando sangue...

Milner:

— Klein, você está acompanhando?

— Sim.

— Você usa narcóticos rotineiramente?

— Não.

— Ah, só ocasionalmente?

— Nunca.

— Que tal se submeter a um exame de sangue?

— Que tal me liberar com um mandado de evidência *prima facie*?

Milner:

— Ei, ele cursou a faculdade de direito.

Shipstad:

— De onde você vinha quando o pegamos?

— Recuso-me a responder.

Milner:

— Certo, baseado na suposição de que isso poderia incriminá-lo.

— Não, baseado na revelação de informações não incriminatórias como está detalhado em *Indiana versus Harkness, Bodine, et al.,* 1943.

— Ei, ele cursou a faculdade de direito. Tem alguma coisa a acrescentar a isso, figurão?

— Sim, você é um merda gordo e sua mulher trepa com o Rin-Tin-Tin.

Vermelho sangue — o escroto gordo. Shipstad:

— *Basta*. Tenente, onde você estava?

— Recuso-me a responder.

— O que aconteceu com o seu revólver de serviço?

— Recuso-me a responder.

— Pode explicar as condições em que o encontramos?

— Recuso-me a responder.

— Pode explicar o sangue na sua camisa?

Johnny implorando...

— Recuso-me a responder.

Milner:

— Lembrando alguma coisa, figurão?

Shipstad:

— Onde você estava?

— Recuso-me a responder.

— Você *incendiou* o Bido Lito's?

— Não.

— Sabe quem fez isso?

— Não.

— O DPLA fez isso como vingança pela morte de Stemmons?

— Não, você está maluco.

— O inspetor George Stemmons, pai, ordenou o incêndio?

— Eu não... não, você está maluco.

— *Você* incendiou o Bido Lito's para se vingar da morte do seu parceiro?

— Não — ficando com a cabeça leve.

Milner:

— Não sentimos cheiro de álcool no seu hálito.

Shipstad:

— Você estava sob influência de narcóticos quando nós o encontramos?

— Não.

— Você usa narcóticos?

— Não — luzes de alto-falante na parede — alguém ouvindo em algum lugar.

— Alguém lhe administrou narcóticos à força?

— Não — uma boa adivinhação — JOHNNY ASTRO COADJUVANTE. A porta se abriu — Welles Noonan entrou.

Milner saiu. Noonan:

— Bom dia, Sr. Klein.

Cabelo de Jack Kennedy — fedendo a fixador em spray.

— Eu disse “Bom dia”.

JOHNNY IMPLORANDO.

— Klein, está me ouvindo?

— Eu ouvi.

— Bom. Eu tinha umas perguntas antes de o liberarmos.

— Faça.

— Farei. E estou ansioso para lutar com você. Eu me lembro daquele precedente que você citou para o agente especial Milner, de modo que acho que estamos empatados.

— Como você consegue deixar o cabelo assim?

— Não estou aqui para compartilhar segredos de cabeleireiro com você. Agora, vou...

— Seu escroto, você cuspiu na minha cara.

— Sim. E você foi no mínimo criminosamente negligente na morte de Sanderline Johnson. Até agora, estas são...

— Dez minutos ou ligo para Jerry Geisler pedindo habeas.

— Ele nunca vai encontrar um juiz.

— Dez minutos ou contrato Kanarek, Brown e Mattingly para impetrar declarações de danos que impliquem em apresentação imediata ao tribunal.

— Sr. Klein, você...

— Me chame de “tenente”.

— Tenente, até que ponto você conhece a história do Departamento de Polícia de Los Angeles?

— Vá ao ponto, não me induza.

— Muito bem. Quem iniciou o que descrevo eufemisticamente como o “acordo” entre o DPLA e o Sr. J.C. Kafesjian?

— Que “acordo”?

— Ora, *tenente.* Você sabe que os despreza tanto quanto nós.

Induzi-lo, dar-lhe corda.

— Acho que foi o chefe Davis, o chefe anterior a Horrall. Por quê?

— E isso foi por volta de 1936, 37?

— Por aí, acho. Entrei para o Departamento em 38.

— Sim, e espero que o fato de sua aposentadoria estar segura não tenha lhe dado um falso sentimento de invulnerabilidade. Tenente, o capitão Daniel Wilhite é a ligação entre a família Kafesjian e a Divisão de Narcóticos, não é?

— Recuso-me a responder.

— Entendo, lealdade a um colega policial. Wilhite cooperou com os Kafesjian desde o início do arranjo de vocês?

— Pelo modo como entendo, o chefe Davis trouxe os Kafesjian e os operou até Horrall assumir como chefe, no final de 39. Dan Wilhite só entrou para o departamento em meados de 39, de modo que não poderia ser o operador original deles, se é que ele de fato, *algum dia,* foi a porra do operador deles.

Falso aristocrata:

— Ora, tenente. Você sabe que Wilhite e os Kafesjian são aliados antiquíssimos.

— Recuso-me a comentar. Mas continue perguntando sobre os Kafesjian.

— Sim, ouvimos dizer que eles atraíram o seu interesse.

JOHNNY IMPLORANDO.

Shipstad:

— Você está parecendo esquisito. Quer um gole de...

Noonan:

— Você disse a Mickey Cohen para retirar as máquinas caça-níqueis dele? Ele foi negligente, você sabe. Temos fotos dos homens dele trabalhando nas máquinas.

— Recuso-me a responder.

— Nós conseguimos uma testemunha importante recentemente, você sabe.

Não engolir.

— Uma testemunha *importante*.

— Seu relógio está correndo.

— É, está. Will, você acha que o Sr. Klein incendiou o Bido Lito’s?

— Não senhor, não acho.

— Ele não sabe ou não quer dizer onde estava.

— Senhor, não tenho certeza se ele sabe quem ele é.

Levantei-me — as pernas quase cederam.

— Vou pegar um táxi até o meu carro.

— Absurdo, o agente especial Shipstad vai levá-lo. Will, estou curioso em saber onde o tenente passou as últimas vinte e quatro horas.

— Senhor, o que acho é que foi uma tremenda mulher ou uma briga com um urso cinzento.

— Muito bem dito, e o sangue na camisa dele sugere a última hipótese. Sabe como acho que nós podemos descobrir?

— Não, senhor.

— Vamos monitorar as denúncias de homicídio no Southside e ver qual delas Edmund Exley tentará ocultar.

— Gosto disso, senhor.

— Achei que gostaria. É empiricamente válido, já que nós dois sabemos que o Dave aqui assassinou Sanderline Johnson. Acho que é um empreendimento

familiar. Dave faz o trabalho subalterno, a irmã Meg investe o dinheiro. Que tal isto como um ditado: “A família que mata unida permanece...”

Saltei para cima dele — minhas pernas cederam — Shipstad me segurou. Polegares na minha carótida, arrastado pelo corredor apagando...

Trancado, voltando rápido — totalmente desperto depressa. Um espaço de um e meio por dois metros — paredes acolchoadas — sem cadeira, sem mesa. Uma saída de alto-falante na parede e abertura espelhada para olhar — acesso à sala anexa.

Uma cela acolchoada/posto de observação — examiná-la:

Vidro arranhado — alguma distorção. Guincho de áudio — bati no alto-falante — melhor. Verificar o espelho: Milner e Abe Voldrich na sala ao lado.

Milner:

— ...o que estou dizendo é que ou J.C. e Tommy serão indiciados, ou a publicidade que eles terão quando disponibilizarmos as minutas do júri de instrução para a imprensa irá arruiná-los. A Narcóticos será cortada nos joelhos, e acho que Ed Exley sabe disso, porque não tomou qualquer medida para protegê-la ou para ocultar provas. Abe, sem a Narco os Kafesjian não passam de um punhado de estúpidos administrando um negócio de lavanderias pouco lucrativo.

Voldrich:

— Eu... não... sou... informante.

Milner:

— Não, você é um refugiado lituano de cinquenta e um anos com um visto de permanência que podemos revogar a qualquer momento. Abe, você quer viver atrás da Cortina de Ferro? Sabe o que os comunistas farão com você?

— Eu não sou dedo-duro.

— Não, mas gostaria de ser. Você está dando sugestões. Você me disse que secou fardos de maconha numa das secadoras da E-Z Kleen.

— Sim, e eu disse que J.C., Tommy e Madge não sabiam disso.

Fumaça de cigarro — rostos borrados.

Milner:

— Você sabe que J.C. e Tommy são escória. Você sempre se esforça para diferenciar Madge deles. Ela é uma boa mulher, e você é essencialmente um homem decente que se misturou com pessoas ruins.

Voldrich:

— Madge é uma mulher muito boa que por muitos motivos... Bem, ela simplesmente precisa de Tommy e J.C.

Milner:

— Tommy matou um motorista bêbado que matou a filha de um policial da Narcóticos?

— Reivindico aquele negócio da Quinta Emenda.

— Você e a porra do mundo inteiro; jamais deveriam ter transmitido pela TV as audiências do Kefauver. Abe...

— Agente Milner, por favor, me acuse ou me solte.

— Você teve o seu telefonema, e escolheu ligar para a sua irmã. Se tivesse ligado para J.C. ele teria encontrado um advogado esperto para soltá-lo com um mandado. Acho que você quer fazer a coisa certa. O Sr. Noonan explicou-lhe o acordo de imunidade e prometeu uma recompensa por serviço prestado ao governo federal. Acho que você quer isso. O Sr. Noonan quer levar três testemunhas importantes ao júri de instrução, e uma delas é você. E a coisa boa é que se vocês três testemunharem, todo mundo que poderia lhes fazer mal será indiciado e condenado.

— Não sou informante.

— Abe, Tommy e J.C. mataram o sargento George Stemmons, Jr.?

— Não — rouco.

— Ele morreu de overdose de heroína. Tommy e J.C. poderiam ter armado uma coisa dessas.

— Não... quero dizer, não sei.

— Qual das duas coisas?

— Quero dizer que não, não creio.

— Abe, sua cara não é impossível de se ler. Agora, seguindo por aí, nós sabemos que Tommy toca sax no Bido Lito’s. Ele tem alguma ligação com aquele lugar?

— Quinta Emenda.

— Isso para você é televisão. Garotos quebram uma janela e reivindicam a Quinta Emenda. Abe, até que ponto os Kafesjian conheciam Junior Stemmons?

— Quinta Emenda.

— Stemmons e o tenente David Klein estavam incomodando-os por causa de um roubo que aconteceu na casa deles há duas semanas. O que sabe disso?

— Quinta Emenda.

— Eles tentaram chantagear os Kafesjian?

— Não... quero dizer, Quinta Emenda.

— Abe, você é um livro aberto. Ora, o Stemmons era um drogado, e Klein é o policial mais sujo que existe.

Voldrich tossiu — o alto-falante captou estática.

— *Não. Quinta Emenda.*

Milner:

— Vamos mudar de assunto.

— Que tal política?

— Que tal Mickey Cohen? Você o conhece?

— Nunca me encontrei com ele.

— Talvez não, mas você é um velho capanga do Southside. O que sabe sobre o negócio de caça-níqueis que ele tem lá?

— Não sei bulhufas. Sei que as caça-níqueis atendem a quem anda atrás de tostões, e isso explica a atração que exercem em crioulos estúpidos.

Milner:

— Vamos mudar de assunto.

— Que tal os Dodgers? Se eu fosse mexicano, ficaria feliz em sair de Chavez Ravine.

— Que tal Dan Wilhite?

— Quinta Emenda.

— Nós olhamos as declarações de imposto dele, Abe. J.C. deu a ele vinte por cento da lavanderia E-Z Klein da Alvarado.

— Quinta Emenda.

— Abe, todo homem que trabalha para a Narcóticos tem bens que não poderia comprar, e achamos que foi J.C. quem deu a eles. Fizemos auditoria nas devoluções de imposto de renda, e quando os chamarmos para explicarem esses bens e dissermos: “Contem onde conseguiram isso ou vocês vão se dar mal”, J.C. estará afundado em vinte e quatro acusações de suborno e fraude fiscal.

— Quinta Emenda.

— Abe, vou lhe dar um conselho: *sempre reivindique a Quinta Emenda.* Respostas casuais misturadas com a Quinta simplesmente servem para destacar as respostas que indicam conhecimento culpado.

Silêncio.

— Abe, você está com a papada meio verde.

Sem resposta.

— Abe, ouvimos dizer que Tommy anda procurando um cara chamado Richie. Não sabemos o sobrenome, mas ouvimos dizer que ele e Tommy tocavam jazz juntos e roubavam residências.

Encostei-me no vidro — fumaça, distorção.

— Quinta Emenda.

— Abe, você jamais ganharia um tostão no pôquer.

Apertando-me — forçando a vista, orelha encostada.

— Você realmente quer ajudar, Abe. Assim que admitir isso você vai se sentir muito melhor.

Barulhos na porta — afastei-me da parede.

Dois federais flanqueando Welles Noonan. Ataquei primeiro:

— Você quer me transformar numa testemunha.

Noonan ajeitou o cabelo.

— Sim, e minha mulher está defendendo você. Ela viu sua foto nos jornais e ficou toda apaixonada.

— Uma mão lava a outra?

— Você está bastante desesperado, mas experimente.

— Richie Não-sei-das-quantas. Diga-me o que sabe sobre ele.

— Não, e terei de censurar o agente Milner por ter deixado esse alto-falante ligado.

— Noonan, nós podemos fazer um trato com relação a isso.

— Não, você ainda não está preparado para implorar. Cavalheiros, acompanhem o Sr. Klein até um táxi.

CAPÍTULO XXXI

Bido Lito’s — alvorecer.

Entulho incendiado, o palco bem no meio. Montes de cinzas, estilhaços de vidro.

Telefones na calçada intactos. Uma moeda no meu bolso — esteja lá, por favor.

Seis toques.

— Alô? — voz sonolenta.

— Sou eu.

— *Onde você está*?

— Estou bem.

— Não perguntei isso... David, onde você *esteve*?

Comichões — só de ouvi-la.

— Eu não posso... Olhe, você foi interrogada?

— Sim, dois homens do xerife. Eles disseram que era rotina, que todas as atrizes contratadas pelo Hughes estavam sendo interrogadas. Eles não pareciam saber que Howard tinha me posto sob vigilância, porque não conseguiram estabelecer quando Miciak morreu. Eles...

— Não diga nomes.

— Por quê? De onde você está telefonando?

— Um telefone público.

— David, você parece amedrontado. Onde *esteve*?

— Eu lhe digo se... quero dizer, quando isso acabar.

— É o negócio dos Kafesjian?

— Como soube disso?

— Eu soube. Há coisas que você não me conta, por isso...

— Há coisas que você não me conta.

Silêncio.

— Glenda?

— Sim, e há coisas que não vou contar.

— Então fale comigo.

— Venha para cá.

— Não posso, preciso dormir.

— Que tipo de coisa devo falar?

— Não sei, coisas boas.

Voz macia, sonolenta:

— Bom, na época em que eu me encontrava com H.H. pedi umas dicas sobre ações e comprei na baixa. Agora essas ações estão subindo, de modo que acho que consegui um bom lucro. Quando você me deu o bolo anteontem, fui jantar com Mickey. Ele ainda está apaixonado por mim e me fez criticar o estilo de interpretação dele, algo a ver com um discurso importante que ele vai ter de fazer em breve. Meu carro está com a embreagem frouxa e eu...

— Olhe, isso vai ficar bem.

— *Tudo* vai ficar bem?

— Claro.

— Você não parece convencido.

— Eu ligo para você quando puder.

Vândalos pegaram minhas calotas. Tempo de cinema, ainda:

“POR FAVOR, NÃO ME MATE.”

“POR FAVOR, NÃO ME MATE COMO MATOU TODOS OS OUTROS.”

Loja de bebidas Happytime, logo adiante.

Entrei, comprei uma garrafa de uísque. De volta ao carro — três goles rápidos.

Estremecimentos — nada de arrepios mornos.

Joguei o resto fora — birita era para pervertidos e covardes.

Meg me ensinou.

CAPÍTULO XXXII

Minha casa: arrumada e limpa. Coloquei no coldre minha mercadoria de substituição. O 45 da época de fuzileiro naval.

Um grito então:

Minha espada japonesa numa estante — manchada de sangue.

Cinco mil ao lado.

Sono — JOHNNY IMPLORANDO.

Meio-dia — acordei estendendo a mão para o telefone. Um telefonema rápido, por reflexo: Prefeitura de Lynwood.

Inquirir:

Spindrift 4980 — um prédio de quatro apartamentos, vazio — a quem pertence? Um funcionário virando páginas, a notícia:

A prefeitura de Lynwood executou a hipoteca — o dono morreu por volta de 46. Abandonado há doze anos, hipótese de reconstrução: poderia ser usado para os despejados de Chavez Ravine. Uma busca aos títulos? — impossível — enchentes no porão destruíram aqueles registros.

Lynwood — por que marcar o encontro lá?

Duhamel: “Provas.”

Saí para comprar os jornais, de volta para o café. Quatro diários de L.A. cheios de notícias do bairro negro:

O tiroteio tarde da noite — cinco mortos, sem pistas, sem suspeitos. Quatro crioulos identificados — o “Negro” Steve Wenzel excluído. Exley: “Experientes detetives da Delegacia de Homicídios estão trabalhando nesse caso em tempo integral. É alta prioridade do DPLA.”

Um clarão:

Hora do cinema — paredes espelhadas — *meio* familiar...

O *Herald*:

— Três Mortos em Incêndio de Boate: Policiais Consideram o Incêndio “Acidental”. Exley: “Acreditamos que o incêndio no Bido Lito’s não está ligado

de modo algum à trágica morte por ataque cardíaco do sargento George Stemmons, Jr., dois dias antes, naquele mesmo lugar.”

Instinto: Junior apagado por ELES.

Instinto: provas potenciais incendiadas.

O *Mirror-News* — tendendo para o escândalo:

Policial morto/inferno na boate — o que isso parece? Stemmons, pai, citado: “Bandidos negros mataram o meu filho!” A negativa de Exley: “Puro absurdo. O sargento Stemmons morreu de ataque cardíaco, puro e simples. O Departamento de Medicina Legal divulgará dentro de vinte e quatro horas o que descobriu. E a ideia de que o Departamento de Polícia de Los Angeles incendiou o Bido Lito’s como vingança pela morte do sargento Stemmons é simplesmente absurda.”

Junior, descanse em paz — um funeral católico sendo preparado. Oficiando: Dudley Smith, capelão leigo.

Sujeiras:

“Com uma sindicância federal acontecendo em ritmo acelerado no Centro-Sul de Los Angeles (e que se supõe estar destinada a desacreditar o Departamento de Polícia de Los Angeles), o chefe dos detetives Edmund J. Exley certamente está fazendo o máximo para esconder a atual onda de crimes no Southside dos membros da imprensa. Fontes locais dizem que há tantos agentes federais nas ruas quanto homens do DPLA, o que poderíamos achar que explica a diminuição na estatística dos crimes. Há alguma coisa fedendo aqui, e certamente não é a sopa de peixe que costumava ser servida na recém-incendiada boate Bido Lito’s.”

Exley, L.A. *Times*: “Sinto muito pelas autoridades federais que no momento tentam manufaturar uma investigação bem-sucedida em Los Angeles. Elas fracassarão, porque as medidas legais empregadas pelo Departamento de Polícia de Los Angeles vêm-se mostrando bem-sucedidas há anos. Aparentemente Welles Noonan escolheu a Divisão de Narcóticos do DPLA para indiciamentos, e faz pouco me perguntaram por que não afastei os homens que trabalham naquela divisão. Minha resposta? Simplesmente porque aqueles homens não têm o que esconder.”

GRANDE instinto — Narcóticos: isca federal.

O *Times*/*Herald*/*Mirror* — nenhum cadáver do sexo masculino encontrado. O *Examiner*: “Trabalhador Faz Descoberta Macabra no Esgoto.”

Ler superficialmente:

Um bueiro no limite entre Compton e Lynwood — área do xerife. Encontrado: um homem branco — alto, claro, oitenta quilos, sem cabeça, sem dedos, sem pés. Morto entre 24 e 36 horas atrás — EVISCERADO, COLUNA VERTEBRAL CORTADA.

“Nenhuma marca de identificação foi encontrada no corpo. Os detetives do xerife acham que o assassino — ou assassinos — decapitou a vítima e cortou as mãos e os pés para tornar impossível a investigação por parte dos legistas.”

“Se você tiver alguma informação sobre esse homem, Fulano de Tal nº 26-1958, Boletim de Homicídios do Condado nº 141-26. 1958, ligar para o sargento B.W. Schenkner, Delegacia do Xerife de Firestone, TU 3-0985.”

Eu poderia ligar para esse número. Poderia alegar:

Sem conhecimento da localização ou do momento exato — eu estava drogado e coagido.

Quem supostamente me coagiu: os Kafesjian. Coação feita por no mínimo dois homens — a logística obrigava.

ELES:

Acesso a drogas.

Um motivo — policiais corruptos orbitando — Duhamel ligado a Junior ligado a mim.

Eu poderia alegar detalhes:

Johnny e Junior — sujeira do roubo de peles — talvez mais. Junior — futuro “Rei das Drogas” — extorquindo ELES. Eu — aquele enlouquecido caçador de voyeur — ELES queriam ELE.

Eu poderia alegar provas:

Minha espada japonesa e cinco mil numa prateleira.

Meu pagamento pela morte — conhecimento interno comum.

Minha espada — conhecimento comum — matei uma porrada de japoneses com ela e ganhei a Cruz Naval.

Eu poderia alegar ligações:

Eu conhecia Junior/Junior conhecia Johnny/eu sacaneei os Kafesjian/Junior os sacaneou/Johnny os sacaneou direta ou indiretamente — direta ou indiretamente devido ao veado maluco Junior Stemmons/Johnny me ligou para alegar alguma coisa ou comprar uma saída, como estou alegando agora/os Kafesjian me fizeram matá-lo — eles fizeram de mim um astro de cinema.

Hora de filme em casa.

Hora de cortar e revelar — quem fez o serviço?

Dave Klein deixado vivo — assassino de cinema. Tempo tiquetaqueando, a coisa poderia acontecer de dois modos:

Coerção direta: desista do voyeur.

Sindicâncias federais/DPLA: abordagens incontáveis.

Eu poderia alegar teorias:

Digamos que Johnny me telefonou por alguma coisa legítima.

Digamos que *ele* manteve o encontro em segredo.

Eu falei a Bob Gallaudet sobre isso; falei a Chick Vecchio — obliquamente.

Chick conhecia meu preço para matar.

Chick conhecia minha espada.

Chick conhecia ELES — ou pessoas que os conheciam.

Chick sabia que Junior estava sacaneando os Kafesjian.

Chick dá a dica a ELES.

99% de certeza — fui coagido a matar Johnny Duhamel.

1% de dúvida — sou um assassino.

Minha alegação final:

Não gostei daquilo.

Fiz a barba e tomei banho. Abatido, novo cabelo grisalho — 42 anos, no duro. Comichões de queimadura ao me enxugar — gelo seco coagiu meu desempenho. Minha espada, cinco mil — tática do medo.

Investir aquele dinheiro...

Liguei para a Hughes Aircraft — Pete atendeu.

— Bondurant.

— Dave Klein, Pete.

Entendeu de primeira:

— Você *nunca* me liga para cá. Isso é trabalho, certo?

— Valendo cinco mil.

— Meio a meio?

— A sua parte.

— Então é serviço policial, como da última vez.

— Não, é um serviço de arrochar um garoto valentão.

— Você é bom nisso sozinho.

— É o Chick Vecchio, e sei daquele trato de chantagem que você está armando com ele e Toque. Quero me aproveitar disso.

— E não vai me contar como descobriu o negócio.

— Certo.

— E se eu disser não, você não vai estragar tudo para nós.

— Certo.

— E você achou que, se fosse sozinho, Chick poderia não se dobrar, mas se formos nós dois ele se dobraria.

— Certo.

Estalos dos nós dos dedos do outro lado — Pete pensando nas possibilidades.

— Suba para sete e responda algumas perguntas.

— *Sete.*

Pop, pop — coisa feia.

— Então qual é o negócio?

— Chick me colocou numa merda com os Kafesjian.

— Então apague ele. É mais do seu estilo.

— Preciso de um informante.

— Chick é um sujeito durão.

— Sete. Sim ou não.

Pop, pop, estática do telefone — mãos de matador.

— Sim, com uma condição, porque sempre achei o Chick essencialmente um escroto carcamano seboso, e porque Mickey mudou de ideia e disse a ele e ao Toque para não fazer esse serviço sexual. Eu acho que Mickey sempre foi legal comigo, de modo que vou fazer um favor que ele poderá pagar de volta se largar essa merda de magnata do cinema e começar a se comportar como homem branco de novo. Agora, como é o serviço?

— Arrocho comum, com sujeira sobre o próprio Chick; para o caso de ele correr pro Giancana. Chick é da Máfia, e a Máfia não gosta desse tipo de extorsão.

— Então você quer pegá-lo com a mão na massa. Eu levo minha máquina fotográfica, nós partimos daí.

— Certo. *Se* nós não precisarmos esperar demais.

Estalos de dedos...

— Pete, não vem com essa!

— Preciso de dois dias.

— Porra.

— Porra coisa nenhuma, Chick está marcado pra trepar com a porra da Joan Crawford. Por *isso* vale a pena esperar.

Estrelas de cinema/hora do cinema — Johnny implorando.

— Certo. Dois dias.

— Há uma condição, Klein.

— O quê?

— Se parecer que Chick está pensando em vingança, nós apagamos ele.

— Concordo.

Andando no ar — visão de túnel — grama periférica.

Portas laterais.

Paredes espelhadas.

Padronagem espinha de peixe, cinza — um sobretudo?

Fui para Lynwood — perto do limite de velocidade.

Primeiro Aviation com Hibiscus — aquele telefone público. Colocar moeda na fenda, usá-lo:

A PC Bell disse que telefonemas *a partir de* cabines públicas não eram registrados.

Sid Riegle disse que suas investigações sobre suicídio resultaram em zero.

Spindrift 4980 — ainda abandonado. O apartamento do térreo à direita — destrancado.

Quatro cômodos vazios — como se Johnny nunca tivesse aparecido ali.

Chovia naquela noite, ensolarado agora. Circulei pela rua — nada chamou a atenção. Quintais de bangalôs vazios — quarteirões inteiros assim.

Atravessando o ar naquela noite — como se estivesse sendo carregado. Grama, portas laterais, uma virada à direita.

Talvez: um cômodo à direita de um quintal — hora do cinema.

Molhado naquela noite, ensolarado agora — talvez pegadas secas na grama.

VÁ...

Seis quarteirões — uns trinta quintais. Grama epidêmica — seca e cheia de mato, sem pegadas. Portas do lado direito — pregadas com tábuas/trancadas — poeirentas, sem marcas recentes de entrada.

Johnny gargalhou: “Por que Lynwood, Dave?”

Mais circuitos pela rua — quintais vazios para sempre.

Porra.

Para o centro, até a Central de Registros. A sala de fichas de roubos a residências — fichas criminais remontando a 1950.

Agente Milner:

“Ouvimos dizer que Tommy andou procurando um sujeito chamado Richie. Não sabemos o sobrenome, mas ouvimos dizer que ele e Tommy tocavam jazz juntos e roubavam residências.”

A ficha de Tommy — sem dúvida expurgada. Richie não sei das quantas — talvez não.

VÁ...

Adultos do sexo masculino — em quatro fichários — nenhum caucasiano com derivação de “Richard”. Jovens — sete Richards — cinco negros, dois brancos — gordos com mais de 120 quilos.

Roubos de adultos ou jovens “não solucionados”. De 1950 para cá, má datilografia — fiquei com os olhos cansados. Um estalo: 6/11/51:

Moradia de Music Man Murray, N. Weyburn 983, Westwood Village. Trompetes roubados e recuperados: o roubo teria sido feito por dois jovens não identificados. Sem prisões, dois garotos suspeitos — “Tommy”, “Richie” — sem

sobrenomes. O detetive designado: Sargento M.D. Breuning, esquadrão de West L.A.

Mais três arquivos — nada sobre Tommy/Richie.

Fácil extrapolar:

O gorila Breuning trabalha num 459 estúpido. Resolve o caso e é cutucado: Tommy é o filho de J.C. Kafesjian.

Vá — engula sapos.

Liguei primeiro para a Delegacia de Roubos e Furtos — "Breuning saiu". O mesmo na 77 — tentar o Victory Motel.

— Esquadrão Antigangues, Carlisle.

— Sargento, é o Dave Klein.

Respiração alterada.

— Sim, o que é?

— Olha, desculpe o problema com Lester Lake.

— Claro. Você fica do lado de um crioulo contra dois... Merda, tudo bem, ele era seu informante. Olha, você quer falar com o Dudley? Ele não está.

— Breuning está?

— Está com o Dud. O que é?

— É um antigo caso de delinquência juvenil em que Breuning trabalhou. Novembro de 51. Peça para o Mike me ligar, certo?

— Mike? Claro, *Dave* — bam!/tom de discagem.

Sair.

Minha melhor possibilidade agora — vigiar ELES.

Minha pior possibilidade — eles me identificarem.

Meu melhor pesadelo: ELES ME abordam. Hora do cinema explicada: ameaças, ofertas — pelo menos eu saberia POR QUÊ.

Bairro negro por falta de opção melhor — ir, deixar as coisas acontecerem.

Familiar agora — sincronizado com a música na minha cabeça. Rostos familiares olhando de volta: negros, carrancudos. Seguindo devagar — barulho no rádio de comunicação do carro:

Chamadas do condado — nenhum papo sobre o Johnny Fulano de Tal. Nada sobre Miciak, nada sobre o Bido's — um certo conforto.

Bati no porta-luvas — nenhuma barra de chocolate — só droga guardada e esquecida. Sibilo, estalo — uma briga de gangues na escola Jordan High.

Norte — uma passada pela casa DELES — vigilância federal em cima. Barulho de sax — Will Shipstad usando protetores de ouvido.

Zumbido no rádio — minha trilha sonora para Johnny implorando. Para o norte, num jorro de instinto: Chavez Ravine.

Federais a rodo — fiquei no carro. Olhar a paisagem:

Papéis de despejo grudados de porta em porta. Um confronto direto: comunistas e *cucarachas*. Escavadeiras, caminhões de entulho — guardas do DPLA vigiando.

Mais:

A rua principal isolada: Reuben Ruiz dançando um samba. Fãs se comprimindo, mulheres de olhos molhados. Guarda-costas federais — enojados.

Alto no rádio:

— Código 3 todas as unidades nas vizinhanças de South ARDEN 249 repito South ARDEN 249 homicídios múltiplos South ARDEN 249 unidades de detetives informem suas localizações South ARDEN 249 chamando unidades de homicídio naquelas vizinhanças informem suas localizações!

CAPÍTULO XXXIII

Rodando em Código 3.

South Arden/Joseph Arden/nome da rua/nome do cliente. Um endereço em Hancock Park — lugar de ricos — um enfático talvez.

— Requisitando unidade de manejo de animais na South Arden 249. Todas as unidades estejam a postos.

Liguei o microfone:

— 4-ADAM-31 para base do Bureau urgente. Câmbio.

— Câmbio, 4-A-31.

— Urgente. Repito urgente. Tenente D.D. Klein procurando o chefe Exley. Câmbio.

Código improvisado:

— Urgente. Avisar ao chefe Exley: homicídios na South Arden 249 provavelmente ligados a um *caso importante.* Requisitando permissão para isolá-lo sob autonomia do Departamento de Assuntos Internos. É urgente que encontre o chefe Exley. Câmbio.

— Entendido, 4-A-31. Diga sua localização.

— Rua 3 com Mariposa, direção oeste. Câmbio.

Silêncio, acelerando...

— 4-A-31, por favor faça contato.

— Câmbio, aqui é o 4-A-31.

— 4-A-31, assuma o comando do South Arden 249, autonomia do Departamento de Assuntos Internos. Câmbio.

— 4-A-31, câmbio e desligando.

Rua 3 para o oeste — sirene perfurando os ouvidos. Boulevard Arden — virando à direita, ali:

Uma grande casa em estilo Tudor, cercada — radiopatrulhas, furgões do necrotério.

Multidão de civis na calçada — nervosos.

Furgões de sorveteria, crianças.

Esbarrei no meio-fio. Dois figurões da polícia na varanda, parecendo enjoados.

Corri até lá. Um tenente, um capitão — verdes. Uma cerca viva atrás deles pingando vômito.

— Ed Exley quer isto lacrado: nada de imprensa, nada da Homicídios do centro da cidade. Estou no comando e o Departamento de Assuntos Internos vai ficar com as evidências.

Confirmações de cabeça — enjoados — ninguém disse: “Quem é você?”

— Quem os encontrou?

O capitão:

— O carteiro. Ele tinha um pacote de entrega especial e quis deixar na porta do lado. Os cachorros não latiram como costumavam fazer, e ele viu sangue numa janela.

— Ele os identificou?

— Sim. É um pai e duas filhas. Phillip Herrick, Laura e Christine. A mãe já havia morrido; o carteiro disse que ela se matou no início do ano. Tampe o nariz quando...

Dentro — sinta o cheiro — sangue. Flashes espocando, ternos cinzentos — abri caminho.

O piso do saguão de entrada: dois pastores mortos, de barriga para cima, pingando espuma pela boca. Ferramentas perto — pá/tesoura de poda/forcado — ensanguentadas.

Trilhas de pedaços de carne/baba/vômito.

Cortados com a tesoura, a pá e o forcado — pilhas de entranhas encharcando uma passadeira.

Agachei-me e abri as mandíbulas — os peritos ficaram boquiabertos.

Trapos na boca dos bichos — encharcados de cloreto de stelfactiznide.

Combinando com o 459 dos Kafesjian.

Andar/olhar/pensar — os à paisana me deram espaço:

O corredor da frente — discos quebrados/capas jogadas. Jazz meloso natalino — confirmando as cartas da mamãe para o voyeur.

A sala de jantar:

Garrafas de birita e retratos espatifados — também combinando com o serviço aos K. *Fotos de família*: um pai e duas filhas.

Da mamãe para o voyeur: “Suas irmãs.”

Papo de suicídio/confirmação de suicídio.

Uma debandada de técnicos — segui-los — o escritório.

Três mortos no chão: um homem, duas mulheres.

Detalhes:

Tiros nos olhos — bochechas pretas de pólvora, borrifos de saída das balas.

Almofadas rasgadas numa poltrona — para abafar os tiros.

Tesoura de poda, motosserra, machado — ensanguentados, encostados num canto.

O tapete — encharcado e borbulhando.

As calças dele abaixadas.

Castrado — o pênis num cinzeiro.

As mulheres:

Cortadas/serradas/picadas com tesoura — membros pendendo em tiras de pele.

Paredes ensanguentadas, janelas borrifadas — crianças olhando para dentro.

Vermelhos devido ao jorro das artérias: o chão, o teto, as paredes. Policiais à paisana exsudando estado de choque.

Uma foto borrifada: papai bonito, filhas crescidas.

Parentela do voyeur.

— Puuuuta que o pariu.

— Meu Deus.

Ave-Marias. Rodeei o sangue e verifiquei o acesso.

Corredor dos fundos, porta dos fundos, escada — marcas de arrombamento, pedaços de carne, baba.

Um sapato alto logo na entrada.

Trabalhar nisso:

Ele arromba silenciosamente, joga a carne, espera do lado de fora.

Os cães sentem o cheiro, comem, ficam enjoados.

Ele entra.

Atira em Herrick.

Encontra as ferramentas, mata os cachorros.

As garotas chegam em casa, veem a porta, entram correndo. Um sapato perdido — ferramentas espalhadas — ele ouve.

MALUUUUCO atirando/mutilando — as janelas fechadas escondem o barulho.

Homicídio/destruição simbólica — ele provavelmente não roubou.

Salto de adivinhação: as garotas apareceram inesperadamente.

Olhei para fora — árvores, arbustos — esconderijos. Nenhuma gota de sangue — digamos que ele roubou roupas limpas.

Policiais uniformizados e um carteiro fumando — arrochá-los.

— Os Herrick tinham um filho?

O carteiro assentiu.

— Richard. Ele escapou de Chino mais ou menos em setembro do ano passado. Tinha sido preso por causa de drogas.

Mamãe — “correspondentes/mesma cidade” — Richie fugitivo da lei explicava isso. “Provoquei você/coisa temerária” — ele se mandou da prisão de Chino, de segurança mínima.

O blues do nervosismo golpeando: Richie apanhado/condenado/morto na câmara de gás — o suspeito instantâneo deles.

Richie assassino? — NÃO — pense bem:

O Red Arrow Inn — local de voyeurismo de Richie arrombado. A cama dele rasgada — e com a prata dos Kafesjian. Certeza total — este assassino/aquele ladrão — um homem — confirmação através de garrafa quebrada/discos partidos/cães mortos. Richie — voyeur passivo — alguém o vigiando e pressionando. Tommy K. caçando-o, flertar com a ideia: Tommy maluco de pedra, Tommy faz um quebra-quebra na própria casa, agora ISTO.

De volta para dentro:

Pingos de sangue — escuro, desbotando — o corredor principal saindo do escritório. Segui-os escada acima — de vermelho para rosa, um banheiro — parada.

Água no chão — a privada cheia — uma faca flutuando em mijo. Água cor-de-rosa no boxe do chuveiro, tufos de cabelo ensanguentado.

Reconstruindo:

Roupas ensanguentadas tiradas e descartadas — o vaso sanitário entope. Um banho de chuveiro, então? — verificar as toalhas — uma delas encharcada.

Recente — assassinados em plena luz do dia.

Verifiquei o corredor — marcas de pés molhados no tapete. Rastro fácil — direto para um quarto.

Gavetas abertas, roupas espalhadas. Uma carteira no chão — revirada, sem dinheiro.

Uma carteira de motorista: Phillip Clark Herrick, nascido em 14/5/06. Foto: o “Me fode, papai” beleza gentil.

Divisões da carteira — uma foto — Lucille nua. Uma carteira de motorista falsa: Joseph Arden — características físicas de Herrick, endereço falso.

Verifiquei a janela: a South Arden estava isolada. Um cordão de policiais uniformizados mantinha os repórteres afastados.

Outros quartos...

Um corredor, três portas. Duas abertas — quartos de moça — não mexidos. Uma porta trancada — arrombei com o ombro.

Identificação no ato: o quarto de Richie preservado.

Arrumado, fedendo a naftalina.

Cartazes de jazz.

Livros: biografias de músicos, teoria de sax.

Pinturas de aparência infantil: Lucille suavizada, recatada.

Uma foto de formatura: Richie, idêntico ao desenho do voyeur.

Portas batendo — olhar a janela — pessoal do Departamento de Assuntos Internos entrando em bando.

Lucille — idealizada, uma santa.

Livros: todos de jazz.

Engraçado — nenhum material técnico — e Richie *sabia* montar grampos.

Passos correndo — Exley na minha cara, recuperando o fôlego.

— Você deveria estar lá embaixo. Ray Pinker me colocou a par, mas eu queria primeiro sua interpretação.

— Não há o que interpretar. É Richie Herrick ou o cara que invadiu o quarto dele no motel. Verifique meus primeiros relatórios, eu falei dele.

— Estou lembrado. E você andou me evitando. Eu lhe disse para telefonar depois de fazer a perícia no apartamento de Stemmons.

— Não havia o que relatar.

— Onde você esteve?

— As pessoas vivem me perguntando isso.

— Isso não é resposta.

Pontas das asas ensanguentadas — ele chegou perto.

— E agora, o que vamos fazer? Isto é uma pergunta.

— Vou impetrar um mandado de busca para Richard Herrick.

— Pense bem primeiro. Eu não *acho* que foi ele.

— Você obviamente quer que eu o instigue. E *então*, tenente?

— E então acho que devemos partir para cima do Tommy K. Recebi uma informação quente de que ele está procurando Richie Herrick. Richie é tremendamente bom em se esconder, mas Tommy o *conhece*. Ele tem mais chance de encontrá-lo do que nós.

— Nenhuma abordagem direta aos Kafesjian. E estou impetrando aquele mandado; porque os Kafesjian estão sob vigilância federal, o que de certa forma os impede de procurar Herrick. Além disso, estas mortes são notícia de primeira página. Herrick vai ler a respeito e se movimentar ainda mais furtivamente. Só podemos controlar a imprensa até certo ponto.

— É o que realmente deve irritar você.

— Francamente, irrita. Agora me surpreenda ou se antecipe a mim. Diga alguma coisa que eu não saiba.

Dei um soco em seu colete, com força.

— Johnny Duhamel está morto. Ele é um não identificado no Departamento do Xerife, perto de Compton, e acho que vocês dois estão sujos juntos. Você está me controlando no negócio dos Kafesjian, e a coisa tem a ver com Duhamel.

Nesses dias eu não ando pensando direito, e estou chegando ao ponto em que vou foder com você por causa disso.

Exley deu um passo atrás.

— Você está destacado para a Homicídios e chefiando esta investigação. Pode fazer o que quiser, menos abordar os Kafesjian.

Sinetas tocando na rua — furgões de sorvete.

CAPÍTULO XXXIV

Rua 3, indo para a Divisão. Um sinal fechado na Normandie — Plymouths me cortaram e me bloquearam.

Quatro carros — federais empilhados apontando espingardas. Microfone alto:

— Você está preso. Saia com as mãos para cima.

Desliguei o motor, puxei o freio de mão, obedeci. Devagaaaar: segurar o teto, braços abertos.

Envolvido, revistado, algemado — os merdas de cabelo à escovinha adorando aquilo.

Milner me cutucou.

— Reuben Ruiz disse que você jogou Johnson pela janela.

Três homens revistaram meu carro. Um magrelo verificou o porta-luvas.

— Milner, olhe. Pó branco!

Ruiz mentiroso dedo-duro escroto.

Heroína jogada na minha cara.

Para o centro da cidade — prédio do FBI — algemado escada acima. Empurrado para uma sala.

Quatro paredes cobertas de papel — linhas de gráficos visíveis por baixo.

Noonan e Shipstad esperando.

Milner me sentou; Shipstad tirou minhas algemas. Minha droga foi passada de federal para federal — assobios ao redor.

Noonan:

— Que pena Junior Stemmons estar morto. Ele poderia ser seu álibi para o Johnson.

— Quer dizer que você *sabe* que Ruiz está mentindo? Você *sabe* que ele estava dormindo quando Johnson pulou?

Shipstad:

— Não há etiqueta de evidência neste saco de pó branco, tenente.

Milner:

— Acho que ele é viciado.

Seu parceiro:

— Stemmons era, com certeza.

Noonan ajeitou a gravata — os lacaios esperaram.

Shipstad:

— Quer examinar o mandado de prisão, Sr. Klein?

Noonan:

— Teremos de emendá-lo para incluir violação de estatutos federais relativos a narcóticos.

Lancei uma adivinhação:

— Você montou o mandado com um juiz amigo. Você mandou Ruiz mentir, depois se retratar quando você me pegasse. Disse ao juiz o que estava fazendo. É um mandado federal sobre alguma violação de direitos civis forjada, não é um documento de homicídio em primeiro grau do estado da Califórnia, porque nenhum juiz da Corte Suprema iria assiná-lo.

Noonan:

— Bom, isso atraiu sua atenção. E é claro que temos evidências comprometedoras.

— Solte-me.

Noonan:

— Eu disse *comprometedoras.*

Shipstad:

— Pouco depois de nós o libertarmos hoje de manhã, Abe Voldrich foi solto para cuidar de negócios pessoais. Ele foi encontrado morto esta tarde. Deixou um bilhete de suicida, que um grafólogo examinou e disse ter sido escrito sob coação física. Voldrich havia concordado em falar como testemunha federal em todas as questões relativas à família Kafesjian, e sobre esta investigação de roubo, talvez tangencial, na qual você e o falecido sargento Stemmons estavam envolvidos. Um agente passou na casa de Voldrich para pegá-lo para mais um interrogatório e o encontrou.

Noonan:

— O agente Milner fez entrevistas na vizinhança. Um cupê Pontiac 1956 azul-pólvora foi visto estacionado perto da casa dele, aproximadamente na hora da morte.

Shipstad:

— Você o matou?

Noonan:

— Você tem um automóvel azul, não é?

— Você sabe que não o matei. Sabe que foi Tommy e J.C. Sabe que tenho um Dodge 55 azul-escuro.

Shipstad:

— Os Kafesjian têm um álibi excelente para a hora da morte de Voldrich.

Noonan:

— Eles estavam em casa, sob vigilância federal, durante vinte e quatro horas por dia.

— Então eles contrataram alguém.

Shipstad:

— Não, o telefone deles estava grampeado.

Noonan:

— E *já estava* grampeado desde antes de termos pegado Voldrich.

— Do que mais eles falaram pelo telefone?

Shipstad:

— Questões não relacionadas. Nada a ver com o tal Richie, em quem você parecia tão interessado ontem à noite.

Por fora — desatualizados quanto ao Herrick — sem ideia da chacina na South Arden.

— Vá em frente. Siga para as “evidências comprometedoras”.

Noonan:

— Primeiro sua avaliação da situação, Sr. Klein.

— Você quer três testemunhas para o júri de instrução. Eu sou uma, outra acabou de morrer, uma é o que chamamos de grande testemunha surpresa. Você é um homem baixo, de modo que está apostando dobrado em mim. Esta é a minha avaliação, *então ouçamos a sua oferta.*

Noonan:

— Imunidade na morte de Johnson. Imunidade em *todas* as acusações potenciais de crimes que possam vir. Uma garantia por escrito de que nenhuma investigação de impostos será feita contra você, caso seja revelado que tem ganhos não declarados em resultado direto de conspirações criminosas de que participou. Em troca você concorda em ficar sob custódia federal e testemunhar em júri aberto o que sabe sobre a família Kafesjian, a história deles com o DPLA e, mais importante, sua própria história de relações com o crime organizado, *excluindo* Mickey Cohen.

Lâmpada acendendo — Mickey Grande Testemunha.

Tremor reflexo — nunca.

— Você blefou, eu pago pra ver.

Shipstad puxou a cobertura das paredes. Papel rasgado em pilhas — colunas de gráficos por baixo.

Levantei-me. Escritas em negrito — fácil de ler.

Coluna um: nomes e datas — meus golpes com a Máfia.

Coluna dois: minhas transações imobiliárias detalhadas. Datas correspondentes — com propinas para o Departamento de Imóveis — cinco mil dólares cada — meus pagamentos pelas mortes canalizados.

Coluna três: lista de quem recebeu as propinas. Detalhados: cortiços oferecidos a mim a preço de banana. Datas correspondentes: escrituras de promessa de venda.

Coluna quatro — declarações de imposto de renda de Meg, 1951 a 1957. Sua grana *não declarada* listada e rastreada: até os avaliadores e fiscais subornados.

Coluna cinco — números de testemunhas — uns sessenta recebedores de propina listados.

Nomes e números — pulsando.

Noonan:

— Muitos dos dados relativos a você são circunstanciais e sujeitos a interpretação. Só listamos os homens cujas mortes são creditadas a você pelos boatos do submundo, e aqueles cinco mil dólares que vieram em seguida são circunstancialmente sedutores e não muito mais. O importante é que você e a sua irmã são indiciáveis em sete tópicos de fraude federal.

Shipstad:

— Convenci o Sr. Noonan a estender o acordo de imunidade para cobrir sua irmã. Se você concordar, Margaret Klein Agee permanecerá longe de qualquer acusação federal.

Noonan:

— Qual é a sua resposta?

Shipstad:

— Klein?

Tique-taques de relógio, batidas cardíacas — alguma coisa entrando em curto-circuito dentro de mim.

— Quero um prazo de quatro dias antes de entrar em custódia, e quero um mandado federal para me permitir acesso aos cofres bancários de Junior Stemmons.

Shipstad, pegando a isca:

— Ele lhe devia dinheiro?

— Isso mesmo.

Noonan:

— Concordo, desde que um agente federal vá com você ao banco.

Um contrato na minha cara — letras miúdas pulsando.

Assinei.

— Você parece resignado.

— Essa coisa tem vida própria.

— O que quer dizer que...

— O que quer dizer que você deveria me contar coisas.

— Você não menciona certas coisas. Você me liga de telefones públicos para não ter de mencionar.

— Primeiro quero resolver tudo.

— Você disse que a coisa está se ajeitando por si.

— É, mas estou ficando sem tempo.

— Você ou nós*?*

— Só eu.

— Não comece a mentir para mim. Por favor.

— Eu só estou tentando botar as coisas nos devidos lugares.

— Mas mesmo assim não vai me dizer o que está fazendo.

— É essa encrenca em que meti você. Deixei chegar a esse ponto.

— Eu mesma me meti na encrenca... você me disse isso.

— Agora parece resignada.

— Aqueles homens do xerife apareceram de novo.

— E?

— E um cinegrafista disse que nós dois estávamos dormindo juntos no meu trailer.

— Eles sabem que fui contratado para seguir você?

— Sabem.

— O que disse a eles?

— Que sou livre, branca e tenho vinte e nove anos, e que durmo com quem quiser.

— E?

— E Bradley Milteer disse a eles que você e Miciak andaram conversando. Eu disse que conheci Miciak através do Howard, e que era fácil não gostar dele.

— Bom, isso foi inteligente.

— Isso significa que somos suspeitos?

— Significa que eles conhecem minha reputação.

— Que reputação?

— Você sabe o que eu quis dizer.

— Aquilo*?*

— Aquilo.

— ...Ah, merda, David.

— É, “ah, merda”.

— Agora você parece cansado.

— Estou cansado. Diga...

— Eu sabia que isso ia acontecer.

— E?

— E meu pânico ainda está sob controle, e Mickey me pediu em casamento. Ele disse que “me libertaria” em cinco anos e me transformaria numa estrela, e ele anda se comportando de modo tão evasivo quanto David Douglas Klein em seus momentos mais reservados. Ele está com uma espécie de comichão para bancar o ator e fica falando de sua “deixa” e de sua “chamada ao palco”.

— E?

— Como você sabe que há mais?

— Dá para ver.

— Homem esperto.

— E*?*

— E Chick Vecchio tem dado em cima de mim. É quase como se...

— Toda a atitude dele tivesse mudado da noite para o dia.

— Homem esperto.

— Não se preocupe, vou cuidar disso.

— Mas não vai me dizer o que *está acontecendo?*

— Só espere mais uns dias.

— Porque tudo está se ajeitando?

— Porque ainda há uma chance de eu poder forçar as coisas para o nosso lado.

— E se não puder?

— Então pelo menos saberei.

— Você parece resignado de novo.

— É só uma questão de tempo, posso sentir.

L.A. *Herald-Express*, 21/11/58

CHACINA EM HANCOCK PARK CHOCA A CIDADE

O assassinato do rico engenheiro químico Phillip Herrick, 52 anos, e de suas filhas Laura, 24, e Christine, 21, continua a chocar o sudoeste e a confundir o Departamento de Polícia de Los Angeles com sua brutalidade descarada.

Na tarde de 19 de novembro a polícia ficou sabendo que um homem invadiu o confortável lar em estilo Tudor onde o viúvo Phillip Herrick vivia com as duas filhas. Peritos legistas deduziram que o invasor entrou por uma porta dos fundos mal trancada, envenenou os dois cães da família, em seguida atirou em Phillip Herrick e usou ferramentas de jardinagem encontradas na casa para mutilar abominavelmente o Sr. Herrick e os animais. Evidências indicam que Laura e Christine voltaram para casa nesse momento e surpreenderam o assassino, que as trucidou de modo semelhante, tomou banho para se livrar do sangue e vestiu roupas do Sr. Herrick. Ele saiu andando ou de carro, tendo cometido os assassinatos bestiais praticamente em silêncio. O carteiro Roger Denton, tentando entregar uma encomenda especial, viu sangue nas janelas do escritório e imediatamente chamou a polícia a partir de uma casa vizinha.

"Eu fiquei chocado", disse Denton aos repórteres do *Herald,* "porque os Herrick são pessoas boas que já tinham tido seu quinhão de tragédia."

TRAGÉDIA NÃO ERA ESTRANHA À FAMÍLIA

Enquanto a polícia começava a fazer entrevistas pela vizinhança, procurando possíveis testemunhas, e os peritos isolavam a casa para procurar pistas, vizinhos reunidos do lado de fora num estado de confusão horrorizada contaram ao repórter Todd Walbrech sobre acontecimentos trágicos na família.

Durante muitos anos os Herrick pareceram desfrutar uma vida feliz no próspero bairro de Hancock Park. Phillip Herrick, químico de profissão e dono de uma empresa de produtos químicos que fornecia solventes industriais para lavanderias e estabelecimentos de lavagem a

seco do sudoeste, era ativo no Lions Club e no Rotary; Joan (Renfrew) Herrick fazia obras de caridade e organizava grupos que ofereciam jantares festivos de ações de graças para indigentes. Laura e Christine cursaram a Marlborough Girl's School e a UCLA, e o filho Richard, agora com 26 anos, frequentou escolas públicas e tocava nas bandas dessas escolas. Mas nuvens negras pairavam: em agosto de 1955 "Richie" Herrick, 23 anos, foi preso em Bakersfield: ele vendeu maconha e "bolas" de heroína e cocaína para um policial disfarçado. Julgado pelo crime, foi condenado a quatro anos na prisão de Chino, uma sentença dura para um réu primário, impetrada por um juiz ansioso em estabelecer uma reputação de seriedade.

Vizinhos declararam que a prisão de Richie partiu o coração de Joan Herrick. Ela começou a beber e a negligenciar as obras de caridade, e passava muitas horas sozinha ouvindo discos de jazz que Richie lhe recomendava em longas cartas mandadas da prisão. Em 1956 ela tentou suicídio; em setembro de 1957 Richie Herrick escapou da prisão de segurança mínima de Chino e continua foragido, sem jamais ter entrado em contato com a mãe, pelo que a polícia acredita. Joan Herrick entrou no que vários conhecidos descreveram como "estado de fuga", e em 14 de fevereiro deste ano cometeu suicídio com uma overdose de comprimidos para dormir.

Disse o carteiro Roger Denton: "É uma tremenda vergonha tanta coisa ruim ter acontecido com uma família tão boa. Eu lembro de quando o Sr. Herrick pôs aquelas janelas grossas com armação de chumbo. Ele odiava barulho, e agora a polícia diz que as janelas ajudaram a abafar o barulho daquele assassino fazendo o serviço. Vou sentir falta dos Herrick e rezar por eles."

EXPRESSÕES DE CHOQUE ENQUANTO A INVESTIGAÇÃO POLICIAL SE AMPLIA

Ondas de choque se espalharam por Hancock Park e até mesmo por todo o sudoeste, e um serviço religioso em memória de Christine e Laura Herrick atraiu centenas de pessoas ao Occidental College, onde as duas estudavam. Chaveiros de toda a cidade relatam um enorme crescimento nos negócios; as vendas de cães de guardas duplicaram no local. Estão sendo consideradas patrulhas de segurança particular em Hancock Park, e

enquanto isso a polícia está guardando zelosamente as informações sobre a investigação.

A investigação do caso Herrick está sendo comandada pelo tenente David D. Klein, comandante da Divisão de Costumes do Departamento de Polícia de Los Angeles. Recentemente o tenente Klein esteve no noticiário quando uma testemunha federal que ele estava guardando cometeu suicídio em sua presença. O tenente Klein destacou meia dúzia de homens do Departamento de Assuntos Internos para trabalhar sob seu comando, junto com seu auxiliar, o policial Sidney Riegle.

O chefe dos detetives Edmund Exley defende a escolha do tenente Klein, de 42 anos, policial há vinte e sem experiência na Divisão de Homicídios. “Dave Klein é advogado e um detetive muito inteligente”, disse ele. “Trabalhou num caso de roubo que pode ter alguma ligação, e é muito bom em manter as evidências em sigilo. Eu quero este caso resolvido, e por isso escolhi os melhores homens possíveis para alcançar esse objetivo.”

O tenente Klein falou aos repórteres na Divisão dos Detetives do DPLA. “Esta investigação está evoluindo rapidamente, e temos feito progressos. Muitos conhecidos da família Herrick foram interrogados e eliminados como suspeitos, e entrevistas amplas ao redor do local do assassinato não resultaram em testemunhas que tenham visto o assassino entrar ou sair da casa dos Herrick. Eliminamos roubo e vingança como motivos, e, mais importante, eliminamos o filho de Herrick, Richard, um fugitivo de Chino, como suspeito. Ele era nosso principal suspeito no início, e tínhamos impetrado um mandado de busca para auxiliar em sua captura, mas agora cancelamos esse mandado, mesmo que Richard Herrick seja um fugitivo e desejássemos muito falar com ele. Agora estamos centralizando nossa busca num psicopata sexual que supostamente foi visto perto de Hancock Park pouco antes das mortes. Ainda que as três vítimas não tenham sido agredidas de modo especificamente sexual, o crime tem as características de ter sido perpetrado por um tarado. Pessoalmente, estou convencido de que esse homem, cujo nome não posso revelar, é o assassino. Estamos fazendo todos os esforços para prendê-lo.”

E enquanto isso o medo sitia o sudoeste. As patrulhas policiais em Hancock Park foram duplicadas e continua o boom atual na busca de medidas de segurança doméstica.

O serviço fúnebre para Phillip, Laura e Christine Herrick acontecerá hoje na Igreja Episcopal St. Basil, em Brentwood.

L.A. *Times*, 21/11/58:

ONDA DE CRIMES NO SUL DA CIDADE LEVANTA SUSPEITAS

Citando estatísticas criminais e boatos, o promotor federal Welles Noonan declarou hoje que o sul de Los Angeles “ferve com intrigas violentas” que podem muito bem estar “conectadas num nível ainda não determinado”.

Noonan, que lidera uma sindicância federal muito divulgada, centrada no centro-sul de Los Angeles, falou aos repórteres em sua sala.

“Durante os últimos quatro dias oito mortes violentas aconteceram num raio de cinco quilômetros no sul de Los Angeles. Isso é o *dobro* da média de qualquer mês em qualquer ano desde 1920. Acrescente-se o curioso ataque cardíaco de um jovem policial supostamente saudável numa boate que depois foi incendiada, e acrescente-se como curioso o corpo mutilado de um homem não identificado, encontrado três quilômetros mais ao sul na fronteira entre Compton e Lynwood. Coletivamente, vocês têm assunto para especulações muito mais interessantes.”

Noonan aprofundou o assunto: “Há três noites aconteceu um tiroteio não explicado numa boate ilegal em Watts. Dois homens e três mulheres da raça negra foram mortos, apesar de persistirem boatos de que uma das vítimas era branca. Na manhã seguinte um jovem policial do DPLA chamado George Stemmons, Jr., foi encontrado morto, supostamente de ataque cardíaco, numa sala dos fundos da boate de jazz Bido Lito’s. Apenas um dia e meio depois o Bido Lito’s foi totalmente incendiado. Agentes federais ouviram uma testemunha dizer aos detetives do DPLA que ouviu uma explosão parecida com um coquetel Molotov momentos antes de o Bido Lito’s pegar fogo, mas o esquadrão de investigação de incêndios criminosos do DPLA atribuiu o fogo, que consumiu três vidas, a um cigarro largado aceso.”

Repórteres interromperam com perguntas a entrevista coletiva improvisada. Foi enfatizado repetidamente: a sindicância federal está especificamente orientada para desacreditar as medidas tomadas no sul da cidade pelo Departamento de Polícia de Los Angeles; será que o promotor federal não está assumindo uma posição adversária baseado em informações incompletas?

Noonan respondeu: “Admito que o corpo não identificado encontrado na jurisdição do xerife do condado de L.A. pode não ter qualquer relação com os outros crimes, mas peço que vocês considerem o seguinte:

“Um: lembrem-se do que eu lhes disse sobre a testemunha do incêndio no Bido Lito’s. Dois: considerem que o pai do jovem policial que faleceu de suposto ataque cardíaco no Bido Lito’s — ele próprio um oficial de alta patente na polícia de Los Angeles — declarou pensar que seu filho foi assassinado. Esse homem foi suspenso do serviço devido às críticas abertas ao modo como o chefe Ed Exley lidou com o caso, e correm boatos de que ele está em casa descansando sob sedativos.”

Os repórteres pressionaram: será que o embaraço surgido entre os federais e o DPLA não está se resumindo a uma batalha entre dois lutadores contra o crime respeitados nacionalmente, ele próprio e o chefe dos detetives do DPLA, Edmund Exley?

Disse Noonan: “Não. Eu não deixarei que as personalidades ou as ambições políticas determinem o empenho de minha investigação. O que sei de fato é: boates ilegais têm permissão de abrir e funcionar tarde da noite em Watts, sob sanção não oficial do DPLA. Cinco cidadãos negros morreram em consequência disso, e apesar de ter designado doze policiais para o caso, Ed Exley não conseguiu realizar uma única prisão. Ele enfiou para debaixo do tapete a morte suspeita de um policial de Los Angeles e deliberadamente distorceu os fatos num caso de incêndio criminoso que resultou em triplo homicídio.”

Noonan recusou-se a comentar o boato persistente de que os policiais da Divisão de Narcóticos do DPLA serão chamados para interrogatório em breve, ou se Abraham Voldrich, uma suposta testemunha federal recém-falecida, foi assassinado ou cometeu suicídio.

“Sem comentários para estas perguntas”, disse ele. “Mas, por falar em testemunhas, deixem-me dizer que, quando chegar a hora de apresentar evidências ao Júri de Instrução Federal, virei com uma grande testemunha surpresa, com cacife extraordinário, e outra preparada para dar um testemunho espantoso.”

Edmund Exley respondeu às acusações do promotor federal: “Welles Noonan é um político inescrupuloso com credenciais liberais espúrias. Ele não percebe a situação no sul de Los Angeles, e sua campanha de difamação contra o DPLA baseia-se em mentiras, boatos e insinuações. A sindicância federal é uma frente com motivações políticas destinada a estabelecer Noonan como candidato viável para o governo federal. Isso

fracassará porque ele subestimou perversamente a retidão moral do Departamento de Polícia de Los Angeles.”

Hora da obrigação/tempo se esgotando — CORRER.

O 187 CP de Herrick — seis homens do Departamento de Assuntos Internos e Sid Riegle cooptados. Quarenta e oito horas de trabalho:

Nenhuma testemunha, nenhum veículo identificado. Nenhuma impressão digital, nenhuma carta de Richie para mamãe.

Verificação de passado:

Laura e Christine Herrick — boas garotas. Boas alunas, namorados tradicionais — quase esposas de Hancock Park.

Joan Renfrew Herrick — biriteira em segredo. Tentativas de suicídio, suicídio. Um médico vizinho me contou:

Joanie se queimou e implorou por morfina. Foi prescrito Demerol; as queimaduras autoinfligidas continuaram aparecendo. Matrona zumbi — o dia inteiro à base de jazz, viajando doidona.

"Ela bebia *desinfetante, tenente. O suicídio definitivo foi inevitável, e um alívio misericordioso para as pessoas que se importavam com ela."*

Richie Herrick — garoto tímido, músico chinfrim. Um amigo — "Aquele bandido, o Tommy", "Como óleo e água, ele e Tommy — acho que Richie tinha uma paixonite pela irmã de Tommy ". O choque da vizinhança expresso: o tímido Richie traficante de drogas. O DP de Bakersfield questionado: Richie foi apanhado em flagrante, caso aberto e fechado. Nenhum corréu, nenhum Tommy envolvido — pena de três a quatro anos em Chino.

O dossiê de Richie na prisão — desaparecido. Posto em lugar errado? Mal arquivado? Roubado? — possível suspeito Dan Wilhite — só uma intuição.

Auxiliares do diretor da prisão procurando: eu queria descobrir quem eram os conhecidos de Richie em Chino.

Relatório da fuga em 9/57 — adiós, *Richie — sem detalhes, sem pistas.*

Mike Breuning — nenhum telefonema dele ainda — minha pista do roubo a residências não rendeu coisa alguma.

Phillip Herrick:

Sem registros, sem fichas nos Esquadrões de Costumes do município ou do condado.

Químico.

Fabricante de produtos químicos.

PH Solvents, Inc. — material para lavagem a seco.

Cloreto de stelfactiznide — feito na empresa.

Distribuído para todo o estado — para lavanderias a seco e industriais.

NÃO era cliente: E-Z Kleen/J.C. Kafesjian.

Verificação de passado cruzada entre as duas famílias.

Phillip Herrick — DN 14/5/06 — Scranton, Pensilvânia.

John Charles Kafesjian — DN 15/1/03 — Scranton, Pensilvânia.

Nenhuma ficha criminal da Pensilvânia/verificação de emprego na Polícia Estadual:

1930-32 — Balustrol Chemicals, Scranton. Phillip Herrick: analista de solventes; J.C. Kafesjian: operário/misturador.

Verificação no Departamento de Veículos da Califórnia:

6/32 — os dois homens conseguem carteiras de motorista.

Verificação de certidões de nascimento:

1932-37: Tommy/Lucille, Richie/Laura/Christine nascem.

Tempo tiquetaqueando — CORRER — a custódia chegando.

Correndo separados — Exley e Noonan — atrás de mandados de busca em banco.

Noonan movendo-se para o leste — furtivo — fazendo petição ajuízes federais. Exley mantendo-se no leste — mais devagar, sem conexões.

Chamemos tudo isso de: o caso Kafesjian/Herrick.

Partindo agora — vontade MALUUUUCA.

Informações malucas e falsas para a imprensa — ideia minha.

Anunciamos um falso boletim de procura-se, depois voltamos falsamente atrás. Um falso suspeito passado para a imprensa: um psicopata anônimo. Isca: para acalmar Richie e atrair Tommy até ele.

Uma ajuda: a foto de Richie na primeira página — pouco parecido, desenho do voyeur imperfeito.

Um obstáculo: federais cercando a casa DELES.

Exley, beliscões na primeira página:

“Dave Klein é um detetive muito inteligente.”

“Ele trabalhou num caso de roubo que pode ter alguma ligação.”

Isca: empurrá-LOS na direção de Richie/empurrá-LOS na minha direção.

Um problema: a vigilância constante dos federais sobre os Kafesjian.

CORRER...

O enterro de Junior — comparecimento obrigatório para o pessoal da Divisão. Exley lá para fazer RP, Dudley Smith sombrio. Stemmons, pai, ainda perturbado, bombeado por sedativos.

Despedida pai-filho: tristonhas leituras da Bíblia. Trinta anos desde que a Primeira Igreja Luterana Holandesa captou o ponto essencial: piedade para os doentes e os loucos.

CORRER — caçadores de homicídio do xerife — perguntas de "rotina", duas sessões inteiras:

Você foi contratado para seguir Glenda Bledsoe?

Você ficou íntimo dela?

Ela roubava das casas de hóspedes de Howard Hughes?

Sim, sim, não — um policial dando um risinho.

Você discutiu com Harold John Miciak?

Sim — aquele escroto que odiava policiais. Empatia instantânea, um desfecho do sujeito do risinho: você não acha que o Sr. Hughes pode tentar foder com você por pegar o dinheiro e a namorada dele?

Correndo comigo — Sid Riegle/seis homens do Departamento de Assuntos Internos: verificações de passado/entrevistas/trabalho de merda. Meg trabalhando numa busca de documentos — Spindrift 4980/"Por que marcar o encontro lá?" Minha própria irmã: procurando registros, rastreando dinheiro — a fortuna de Phillip Herrick, encontre sujeiras...

Kafesjian/Herrick — Mamãe para Richie: "Longa história de insanidade, nossas duas famílias."

Richie assassino — não.

Tommy assassino — dúvidas.

Inclinando-me para: Sr. Terceira Opção maluco.

Homens da Narco apavorados — boatos persistentes na Divisão. Desapossamento em massa de policiais: presentes de Kafesjian jogados fora. Boatos falavam de Dan Wilhite implorando a Exley: diga alguma coisa, faça alguma coisa.

Exley, sem se envolver; boatos federais: dezenove intimações indo na direção da Narcóticos.

Minhas intimações esperando — através de extorsão federal. Testemunha-chave Dave Klein, passível de ser comprometida: se aquele filme aparecesse na mesa de Noonan. Digamos que "se" é mais um desejo do que a realidade — eu ficava esperando a entrega — o tempo tiquetaqueando devagar.

Correndo, pensando:

ELES fizeram o filme — Chick Vecchio o homem de frente deles. Fazer com que ele dedure: ELES coagiram meu papel de astro.

Indiciamentos de conspiração potencialmente pendentes — "talvez" uma testemunha corrupta escorregue.

Talvez seja apenas desejo.

Correndo, vigiando:

A casa DELES — vigilância noturna, estacionado a três casas de distância. Federais na frente, federais nos fundos. Brigas familiares dentro — minha trilha sonora da nostalgia...

Os Dois Tonys — espirro de brilhantina de dois tiros na cabeça, à queima-roupa. "Não, meus filhos" — uma vítima de apagamento chorando. Um estuprador da pesada — tiro de espingarda deixou um crioulo sem cara.

Vestidos de seda para Meg — presentes de penitência. Meg com Jack Woods agora — seu próprio matador. Meg segurando dez mil — Jack travado, caso contrário, Junior morto. Um pensamento casual: Abe Voldrich apagado, um carro visto. O carro de Jack: aquela *marca*, aquele *modelo.*

Música para ficar vigiando: bop *no rádio do carro na noite um. Noite dois — Champ Dineen direto.*

Baixo: Richie e Lucille, talvez amantes. Baixo, Glenda me afastando de uma encrenca, toda aquela coragem.

Champ Dineen — meu rádio do carro, baixo. Ecoando pela janela de Lucille — a mesma estação.

Lucille na janela — sem maquiagem, cabelo novo — fotos do quarto de Richie em tamanho real.

Uma camisola — quase pudica.

Federais na rua — perto da família.

Johnny implorando — refrões constantes — inabaláveis.

Dois dias passados, dois dias faltando para a custódia. Dois fins de noite com Glenda.

Ela disse: "Nós poderíamos não falar."

Eu disse: "Você vai falar."

Ela disse: "Você está cansado."

Eu disse: "Você quer confessar."

Parte 4

NA SELVA DO DINHEIRO

CAPÍTULO XXXV

— Bom, esse mandado *parece* estar em ordem. Mas o que é este carimbo na parte de baixo?

Agente Henstell:

— É um carimbo de rotina. O promotor federal daqui mandou a papelada para um juiz do Leste.

— Havia motivo para isso?

Para passar por cima dos juristas amigos de Exley — abra o cofre, seu merdinha oficioso.

— Não, o Sr. Noonan simplesmente sabia que o juiz federal deste distrito estava ocupado demais para redigir um mandado.

— Sei. Bem, eu acho que...

Pressionei-o:

— Esse mandado é válido, então vamos em frente.

— Não há necessidade de ser grosseiro. Por aqui, *cavalheiros.*

Gaiolas dos caixas, posto do guarda, o cofre. Destrancado — um Pinkerton em posição de descansar. Henstell:

— Antes de entrarmos, quero recapitular as instruções do Sr. Noonan.

— Estou ouvindo.

— Um: você pode ficar com todo o dinheiro que possa encontrar. Dois: você tem permissão de examinar qualquer documento pessoal que possa encontrar, sozinho, num cubículo de exame aqui no banco. Depois de examiná-los, eles devem ser entregues a mim, para que sejam fichados como evidência federal. Três: qualquer item de contrabando como narcóticos ou armas de fogo será tomado imediatamente como evidência.

“Armas de fogo” — pontadas gélidas.

— Concordo.

— Certo, então. Sr. Welborn, depois do senhor.

Marcha rápida — Welborn na frente. Corredores de metal cinzento — caixas de depósito do chão ao teto. Virando à direita, virando à esquerda, parando.

Welborn, balançando chaves:

— 5290 e 5291. Há uma sala de exame ali no canto.

— E o senhor vai me deixar sozinho com o agente Henstell.

— Como quiserem.

Duas caixas na altura dos joelhos; quatro fechaduras. Arrepios — enfiei minhas chaves.

Welborn — enfiando as chaves mestras — estalos simultâneos.

Lenços dentro das minhas mangas.

Welborn, afetado:

— Bom dia, senhores.

Rápido agora — Henstell tirando uma cutícula, entediado.

Puxei levemente as gavetas — pilhas de papel atulhando as caixas. ALI MESMO, no topo:

Um revólver — evidência embalada. Impressões destacadas com pó preto no cabo e no tambor.

Henstell limpando o nariz com o dedo.

Rápido:

Desembrulhar o revólver — enterrá-lo — coberto pela pilha de papéis.

Henstell:

— O que achou até agora?

— Até agora pastas e papelada.

— Noonan quer tudo, e eu não me incomodaria em sair daqui na hora do almoço.

Baixei as mãos: os lenços caíram. Bloquear a visão dele — limpar a arma...

Três vezes — Glenda — ter certeza.

Entreguei-a.

— Henstell, olhe isto.

Ele girou a arma e fingiu sacar rápido — tremendo *déjà vu*.

— Coronha de pérola — esse tal de Stemmons devia ter um fetiche de caubói. E olhe só, sem números no tambor.

Puxei as gavetas.

— Quer olhar isso para ver se encontra drogas?

— Não, mas Noonan quer tudo quando você terminar. Ele disse que eu deveria revistar você depois, mas isso não faz meu estilo.

— Obrigado.

— Você vai ficar sob custódia federal. Noonan vai servir-lhe bife todo dia no almoço.

Grunhidos falsos:

— Não quer me dar uma mão com isto aqui?

— Qual é? Isso não pode ser *tão* pesado assim.

Valeu — parti para o serviço — levei para um cubículo no canto. Uma mesa, uma cadeira, sem fechadura interna — enfiei a cadeira debaixo da maçaneta.

Virar as gavetas, verificar o conteúdo:

Pastas, fotos, papéis avulsos — empilhei-os sobre a mesa.

Quatro chaves numa bolsinha — “Chaveiros Brownell, Avenida Wabash, 4024, East Los Angeles.

Recortes de jornal soltos — alisei os amassados.

Vá — folheie tudo:

Depoimentos datilografados — Glenda Bledsoe/Dwight Gilette — assassinato em primeiro grau. Minha supressão de evidência — detalhada por extenso.

A declaração de George Ainge: original datilografado e cinco cópias a carbono.

Ampliações de fotos: as impressões de Glenda tiradas na juventude e as impressões tiradas da arma. Um relatório de análise de impressões; fotos brilhantes com pontos de comparação verificados.

Relatório de Depoimento de Testemunha:

“O Sr. Ainge atualmente vive sob nome falso num local não revelado da área de São Francisco. Tenho acesso telefônico a ele e dei dinheiro para que ele possa se esconder e escapar de potenciais represálias por parte do tenente David D. Klein. Ele permanece disponível a mim para o caso de ser convocado como testemunha no processo do condado de Los Angeles contra Glenda Louise Bledsoe.”

Meu detector de mutretas foi acionado — Ainge se mandou por conta própria — eu apostaria dinheiro nisso.

Páginas escritas a mão — rabiscos, algaravias — hieróglifos meio legíveis:

(Ilegível)/“Eu tenho uma trilha trabalhada em papel”/(ilegível)/“Ele gastou uma fortuna operando o policial John Duhamel” — borrões — “Mas claro, ele é um policial riquinho cujo pai morreu (abril de 1958) e deixou milhões”.

Rabiscos/desenhos de pênis — Junior homossexual drogado. “Riquinho” Exley — fácil de identificar — operando Johnny D. — nenhuma surpresa gigantesca. Rabiscos/desenhos de revólveres/algaravia indecifrável. “Operando um cara em cuja história você não acreditaria.” Manchas de café/borrões/desenhos de paus/“Ver dossiê marcado como Evidência nº 1”.

Verificar a pilha — ali — uma pasta:

Recortes de jornal: meados de abril de 58. Besteirada de interesse humano:

Johnny Duhamel vira profissional — seus pais “ricos” morreram sem um tostão e a USC exigiu suas propriedades como pagamento de dívidas. Johnny: cursando faculdade, três empregos — nenhum plano de lutar como profissional. A USC não dá refresco: pague suas dívidas na faculdade ou caia fora.

Aquela matéria — o L.A. *Times,* 18/4/58. Três recapitulações — no *Herald*/*Examiner*/*Mirror* — 24/4, 2/5, 3/5.

Estranho:

Quatro diários de L.A./quatro histórias — nenhum fato novo exposto, nenhum ângulo novo sondado. A verificação de arquivos feita por Gallaudet confirmada: os pais de Duhamel morreram falidos.

Mais "Evidência nº 1": fotos de documentos numeradas. Voltei em pensamento ao apartamento de Junior — aquela máquina fotográfica Minox.

Fotos 1, 2, 3: formulários do Security First National Bank. Conta corrente e de poupança abertas: Walton White, N. Edgemont 2750, Los Angeles. Dois depósitos de trinta mil parecendo esquisitos: a Edgemont parava no número 2400.

Anotações no verso:

Nº 1 — "O gerente descreveu 'Walton White' como 'um tanto familiar', 1,87m, 77kg, cabelo louro grisalho, óculos, quase quarenta anos."

Nº 2 — "O gerente declarou que 'Walton White' (E.E.) requisitou cheques imediatamente para que pudesse começar a realizar transações."

Quente agora — comecei a suar.

Fotos 4, 5, 6 — cheques de "Walton White" cancelados. Quatro mil, quatro mil, cinco mil — 23/4, 27/4, 30/4/58.

Emitidos para:

Fritzie Huntz, Paul Smitson, Frank Brigantino.

Bingo: os autores daqueles artigos fajutos.

Foto nº 7 — um cheque cancelado. Onze mil e pico pagos para: o Fundo de Débito dos Alunos da USC.

"Então ele gastou uma fortuna operando o policial Johnny Duhamel."

"Operando um cara em cuja história você não acreditaria."

Repórteres subornados.

Johnny comprado.

Junior examinando registros bancários — habilidade de intimidação e charme pré-MALUUUUCO.

Suando — pingando no monte de dossiês.

Recortes das lutas de Johnny.

Um depoimento — Chuck Chamales, "o Grego" — organizador de lutas, Olympic Auditorium.

"Revelou sob a ameaça de expor sua ligação com Lurleen Ruth Cressmeyer, quatorze anos":

Johnny D. participou de marmelada em sua única luta profissional.

Ed Exley pagou-lhe para isso.

Duhamel contou isso a Chamales “uma noite quando estava bêbado”, o Grego para Junior, ipsis litteris: “Ele não foi específico. Só me contou, na moita, que aquele tal de Exley tinha um trabalho especial para ele.”

Páginas soltas restando — rabiscos/algaravia. Uma folha em letras de fôrma:

ADENDO:

Como ex-professor de evidências da Academia fui convidado à festa de aposentadoria do sargento Dennis Payne em 16 de outubro. Falei sobre minha recente promoção a sargento e minha transferência para a Costumes ao capitão Didion, que me disse que meu pai tinha feito o velho chefe interino Green colocar Dave Klein, apenas um tenente, no comando da Costumes parcialmente como um modo de lubrificar as coisas para que eu acabasse ocupando um cargo lá. Durante meia hora o capitão Didion contou histórias a Dave, “o Executor”, e só ouvi porque queria estar a par dos boatos em busca de informações sobre Johnny. O capitão Didion me disse que Exley requisitou pessoalmente que Johnny se formasse mais cedo (o ciclo de 10/7/58) para preencher uma vaga potencial na patrulha de Wilshire, o que não fazia sentido para ele. Além disso, Dennis Payne confirmou o que suspeitei quando Johnny foi retirado antes do tempo de minha turma de evidências: que Exley insistiu para que aquelas tarefas sigilosas fossem designadas pessoalmente a ele, pedindo ao capitão Didion que ele fosse designado para elas enquanto ainda era tecnicamente um cadete.

Exley e Duhamel — parceiros operacionais — operando QUEM?

Suspeitos:

Os Kafesjian.

Narcóticos.

“Um cara em cuja história você não acreditaria.”

“Um cara” — no *singular.* Um erro semântico — talvez sim, talvez não.

Suspeitos no singular:

Tommy K.

J.C.

Dan Wilhite.

Forçado — eu não conseguia ligá-los diretamente a Johnny.

Entreabrir a porta — Henstell no corredor, andando de um lado para outro. Empurrar a cadeira de volta, fechar a maçaneta, pronto...

Risquei um fósforo e incendiei uma página do dossiê: obra de arte de veado pegando fogo. Mais fósforos, mais páginas — um incêndio contido ali mesmo na

mesa.

Fumaça saindo pela fresta do chão...

Henstell bateu na porta.

— Klein, que merda, que diabo está fazendo?

Chamas, papel queimado, fumaça. Chutei a mesa, apaguei o incêndio com o pé.

— Klein, que merda!

Abrir a porta de súbito, empurrá-lo para trás, tossindo fumaça...

— Diga a Noonan que era pessoal. Diga que ainda sou testemunha dele, e que agora devo uma a *ele.*

Para East L.A., de cabeça leve — leve inalação de fumaça. Faltando 47 horas para a custódia — dois dias para PEGAR o negócio:

"LONGA HISTÓRIA DE INSANIDADE, NOSSAS DUAS FAMÍLIAS."

Olympic para leste — nuvens de chuva misturando-se à poluição. Caçando/caçado/emparceirado/fodido pelo parceiro:

O dossiê de Richie em Chino continuava sumido — os auxiliares do diretor da prisão reviravam depósitos atrás dele. Sid Riegle estava por aí caçando Richie — Bairro negro/Hancock Park — sem pistas.

Seis homens do Departamento de Assuntos Internos trabalhando: nenhuma ligação nova entre Herrick/Kafesjian. Ligações existentes: Pensilvânia/trabalho em indústria química/chegadas a L.A. em 31-32. Casamentos no fim de 31: Joan Renfrew, Madge Clarkson — sem fichas criminais — cidades natais investigadas.

Meg procurando documentos imobiliários: busca à escritura de uma casa na Spindrift. Zero até agora, Meg insistindo.

Os Kafesjian em casa, com febre de reclusão — federais na frente, federais nos fundos. Família-emparceirada-comprimida — não havia como dizer a eles:

Vocês e os Herrick — imundície conjunta. Garrafas de bebida quebradas/cachorros cegados/música estraçalhada — assassinato/suicídio/castração — posso sentir o GOSTO da coisa. Vocês vão me contar, vão contar a alguém — tenho um parceiro forte no caminho para o fundo do poço.

Forte e sujo: Exley.

Forte/cauteloso/captando: Noonan.

Usar ambos: lutar/sacudir-me/mentir/implorar/manipulá-los.

Exley: Johnny D. como minha alavanca. Os federais — ainda sem alavanca — aquele fogo fritou meu ímpeto. Henstell: "Você sabe, o Sr. Noonan *estava*

começando a achar que você seria uma testemunha muito boa.”

Estava/poderia ser/seria: NO DEVIDO TEMPO. Junior anulado agora — Glenda em segurança — pegando meu novo ingresso para o sofrimento: FEDERAL.

Nenhum testemunho pré-tribunal tomado por enquanto — custódia significava interrogatório. Noonan — cauteloso/captando — dando telefonemas despertadores para mim:

“Você está comandando um caso de homicídio... que estranho.”

“Será que Richard Herrick é o tal Richie em quem você parecia tão interessado? O homem com quem Tommy Kafesjian parece estar tão preocupado? O chefe Exley disse ao *Herald* que você trabalhava num caso de roubo que poderia ter conexão tangencial com os assassinatos. Nós *precisamos* discutir isso depois de você entrar sob custódia.”

“Entendo o seu dilema, David. Você pode achar que consegue dissimular conosco e não ser totalmente acessível em relação às suas ligações com o crime organizado, poupando-se assim de uma sentença de morte decretada pelo Sindicato. Claro que você receberá proteção federal depois do testemunho no júri de instrução, mas deve saber que mentiras e mentiras por omissão não serão toleradas.”

Escroto esperto.

Segurando informações — pode apostar que sim. Meu grande medo: aqueles federais me seguindo depois do Johnson. Probabilidade distante, difícil de afastar: Abe Voldrich morto, um Pontiac azul avistado. Jack Woods — no mínimo nove contratos de morte — *meu* matador predileto. Jack Woods, orgulhoso dono de um Pontiac 56 azul-cobalto.

Centro da cidade, ponte da rua 3, Boyle Heights. Para o leste, em direção a Wabash — Chaveiros Brownell...

Um quiosque num estacionamento.

Quatro chaves — três numeradas — talvez rastreáveis.

Estacionei, buzinei. Um homem ali, sorriso para o cliente.

— Posso ajudar?

Mostrei o distintivo e a bolsinha de chaves.

— 158-32, 159-32, 160-32 e uma sem marca. Para quem você fez?

— Nem preciso verificar minhas fichas, porque esse código 32 é de uma empresa de armários de aluguel. Faço todas as chaves para eles.

— Então você não sabe quem alugou esses armários específicos?

— Está certo. A chave sem marca é para a porta da frente, as numeradas são de armários. E não faço duplicatas a não ser que o gerente dê sinal verde.

— Que lugar é?

— O Lock-Your-Self, no North Eco Park Boulevard, 1750, que fica aberto vinte e quatro horas, caso o senhor não saiba.

— Você é bem rápido nas respostas.

— Bem...

— Ande, me conte.

— Bem...

— Bem, nada; eu sou policial.

Gemendo, lisonjeando.

— Bem, odeio bancar o dedo-duro, porque gostei um pouco do cara.

— Que cara?

— Não sei o nome, mas era um mexicano pequeno, que na época lutava de peso-galo no Olympic.

— Reuben Ruiz?

— Isso mesmo. Ele veio ontem e disse que queria duplicatas das chaves com esses números, como se *tivesse visto* as chaves mas não pudesse pôr as mãos nos dois jogos originais que fiz. Eu disse: “De jeito nenhum, nem que você fosse o próprio Rocky Marciano.”

— Você fez *dois* jogos originais para o Lock-Your-Self?

— Um original para o cliente, um original para o gerente. O gerente mandou um cara pegar um segundo jogo original, porque o pessoal que tinha alugado queria duplicatas.

Jogo número um — Junior. Jogo número dois — talvez Johnny D. — colega de Reuben.

— Sr. Policial, aquelas fechaduras e as chaves são trocadas continuamente para impedir roubo. De modo que se falar com Bob, o gerente, diga-lhe que estou fazendo a minha parte mantendo as coisas...

Apertei o acelerador — o chaveiro comeu fumaça de escapamento.

Echo Park ao pôr do sol — um grande armazém. Um estacionamento, sem guarda na porta — *minha* chave da porta me deixou entrar.

Gigantesco: corredores entrecruzados, cheios de armários. Um mapa na frente, com números de código.

Os códigos 32 eram marcados como “Jumbo”. Seguir o mapa — dois corredores adiante, esquerda, parar:

Três armários do chão ao teto, 1,80m de largura.

Arranhados — marcas de gazua.

Enfiar as chaves, entreabrir as portas.

158-32: casacos de visom pendurados até dois metros e meio de profundidade, 1,80m de largura. Sete cabides vazios.

159-32: estolas e peles avulsas — empilhadas até a altura dos ombros.

160-32: casacos de raposa/visom/guaxinim — uma porrada pendurados/jogados/empilhados/dobrados/jogados.

Johnny/Junior/Reuben.

Dudley Smith, chefão do roubo das peles — passado para trás/enganado/ferrado.

Exley e Duhamel — supervisionando QUEM?

Visom — toque, sinta o cheiro. Cabides vazios — o striptease de Lucille com casaco de pele? Johnny tentando vender peles para Mickey Cohen??

Reuben Ruiz: ladrão de residências/irmãos ladrões.

Sua tentativa direta de conseguir as chaves — sem saída.

Arranhões de arrombamento/sem guarda na porta/Lock-Your-Self: aberto 24 horas.

Estalos de chaves/estalos de fechaduras/estalos de cérebro — peguei meu bloco e a caneta. Três armários — coloquei três bilhetes idênticos dentro:

> Quero negociar sobre Johnny Duhamel, Junior Stemmons e qualquer pessoa ligada a isto. Isto é por dinheiro, independente de Ed Exley.
>
> D. Klein

Trancar as portas — estalos de fechadura/estalos de cérebro — procurar um telefone.

Encontrei uma cabine do outro lado da Sunset. Para a Costumes, dois toques.

— Riegle.

— Sid, sou eu.

— Você quer dizer que é você e que quer alguma coisa.

— Acertou.

— Então diga. Mas eu digo a *você* agora que este trabalho para a Homicídios está me desgastando.

— Quer dizer que...

— Quero dizer que Richie Herrick não está em lugar nenhum. Primeiro Exley emite um boletim de procura-se, depois rescinde, e *ainda assim* nós não conseguimos localizar um único homem branco frequentador de áreas de negros.

— Sei disso, e nossa melhor aposta é deixar Tommy Kafesjian encontrá-lo para nós.

— O que não parece muito provável, com aqueles dois armênios entocados com a vigilância federal do lado de fora da casa. Meu Deus...

— Sid, anote o seguinte.

— Certo, estou ouvindo.

— Depósito de armários de aluguel na North Echo Park, 1750.

— Certo, anotei. E agora?

— Agora pegue o seu carro civil e fique de tocaia na entrada e no estacionamento. Anote as placas de todo mundo que entrar. A cada cinco ou seis horas, passe os números para o Departamento de Trânsito, e continue até amanhã de manhã e me ligue.

Gemidos forçados.

— Aí você vai explicar?

— Isso mesmo.

— É o caso Herrick?

— É a porra toda.

CAPÍTULO XXXVI

Reuben Ruiz — conversa, arrocho — o que for necessário.

O Departamento de Pesquisas e Informações me passou o endereço dele: South Loma, 229. Não muito longe — uma corrida rápida — o irmão Ramon na varanda.

— Reuben está em Ravine, bancando o puto para o município de Los Angeles.

Outra corrida rápida — Chavez Ravine.

Apinhado agora — despejos iminentes. “Estacionamento da Polícia” — um terreno sujo mais adiante. Carros policiais grudados, traseiras com focinhos: do xerife, do DPLA, dos federais.

Morros dando na rua principal; garotos mexicanos jogando pedras. Radiopatrulhas arranhadas e amassadas.

Uma ladeira de acesso — estreita, poeirenta. Subi a pé, cheguei ao topo, captei a vista:

Agitadores furando a barreira dos policiais uniformizados — a rua principal isolada. Ruas, morros, becos com barracos de ambos os lados — cheios de ordens de despejo. Equipes de cinegrafistas filmando de porta em porta. Federais e um *sombrero* balançando.

Veja só: moradores dos barracos apinhados em volta daquele chapéu.

Desci até lá; os uniformizados me fizeram passar pelo cordão. Captando a vista: Shipstad, Milner, Ruiz vestido de toureiro.

Reuben:

Passando dinheiro, *cucarachas* quase o afogando.

— *Dinero*!

— *El jefe Ruiz*!

Tremendo palavrório chicano — incompreensível.

Milner de olhos arregalados: O que *é* isso?

Abri caminho, acenei — Shipstad me viu. Trêmulo e ruborizado. Henstell provavelmente falava mais do que devia.

Ele abriu caminho na minha direção. Colidimos; mãos nos paletós por instinto.

— *Gracias el jefe Reuben*! — Ruiz jogando dinheiro.

Um quintal sujo perto da rua — Shipstad apontou para lá. Fui atrás dele — sombra de árvore, um letreiro: “Ordem de Despejo”.

— Justifique aquele show do incêndio antes que Noonan revogue sua imunidade e mande prendê-lo.

Imã ocular: Reuben distribuindo verdinhas.

— Olhe para mim, Klein.

Para ele, cascata de advogado:

— Eram evidências incriminadoras não tangenciais. De modo nenhum tinham a ver com a família Kafesjian ou com qualquer foco de sua investigação ou com meu potencial testemunho ao júri de instrução. Noonan já tem muita coisa a meu respeito do jeito que está, e não quero dar a ele mais informações passíveis de indiciamento.

— De advogado para advogado: como você consegue viver do jeito que vive?

Língua presa...

— Estamos tentando ajudar você a sair disso vivo. Estou desenvolvendo um plano para remanejá-lo depois do testemunho e, francamente, Noonan não acha que eu deveria estar me esforçando tanto.

— Isto significa que...

— Que desgosto dele ligeiramente mais do que desgosto de você. O que significa que ele está a dois segundos de prendê-lo e colocá-lo em exposição como testemunha hostil, e depois soltá-lo e deixar que seja morto por Sam Giancana ou qualquer outro.

Meg na cadeia/brutalizada/morta — Technicolor.

— Você vai reinstalar minha irmã?

— Isso é impossível. Esta última travessura custou a sua credibilidade com Noonan, a reinstalação da sua irmã não estava incluída no seu contrato, e não há precedente de mafiosos fazendo mal aos bem-amados de testemunhas fugitivas.

CONSEGUIR DINHEIRO.

Ruiz jogando dinheiro fora.

— Você é nossa única esperança. Vou resolver as coisas com Noonan, mas tem que estar no prédio do FBI às oito da matina, depois de amanhã, caso contrário iremos achá-lo, prender sua irmã e começar com os procedimentos de cobrança de impostos.

Barulho da multidão, poeira. Reuben nos olhando.

Balancei as chaves. Luz do sol no metal — ele assentiu.

Shipstad:

— Klein...

— Estarei lá.

— Oito da manhã.

— Já ouvi.

— É a sua única...

— O que Ruiz está fazendo?

Ele olhou.

— Expiação de culpa ou algum conceito do tipo. Você pode culpá-lo? Tudo isso em troca de um estádio de beisebol?

Reuben se aproximou.

— Você veio se encontrar com *ele*? E o que são essas chaves?

— Dê-me um tempo com ele.

— É pessoal?

— É, é pessoal.

Shipstad se afastou; Ruiz passou por ele e piscou. Reuben Nana-neném: roupa de toureiro, riso.

— Ei, tenente.

Sacudi as chaves.

— Você começa.

— Não. Primeiro você me diz que somos só dois colegas testemunhas batendo papo, depois me diz que acusar pesos-galos mexicanos de roubo não lhe dá tesão.

Máquinas de terraplenagem mais adiante na rua — um barraco esmagado.

— *Chaves,* Reuben. Você viu as originais, memorizou os números e tentou conseguir que aquele chaveiro fizesse duplicatas, e há marcas de ferramenta nos armários daquele depósito.

— Não ouvi você falar nada do tipo “somos apenas dois caras que gostariam que o outro ficasse fora de encrenca falando”.

Gemido de engrenagens/estalo de madeira/pó — o barulho me fez encolher.

— Não estou em condições de prender pessoas.

— Foi o que mais ou menos pensei, a partir do que os federais andam dizendo.

— Reuben, *desembuche*. Tenho uma certa noção de que você quer.

— Pagar penitência, talvez. Desembuchar, não sei.

— Você tirou umas peles daqueles armários?

— O máximo que eu e meus honestos colegas ladrões pudemos carregar. E eles se foram, para o caso de você querer um visom para sua irmã, a senhora dos cortiços.

Flores brotando perto de ervas daninhas; fumaça passando.

— Então você pegou umas peles, vendeu e deu dinheiro para seus irmãos explorados.

— Não, dei uma pele de raposa-prateada para a Sra. Mendoza, que mora ali adiante, porque tirei o cabaço da filha dela e não me casei, *depois* vendi as peles, *depois* tomei um porre e distribuí o dinheiro.

— Assim, sem mais nem menos?

— É, e esses estúpidos ali provavelmente vão gastar tudo em ingressos para os Dodgers.

— Reuben...

— Foda-se, tudo certo. Eu, Johnny Duhamel e meus irmãos invadimos o armazém Hurwitz. Você provavelmente estava indo no caminho certo quando o vi no meu vestiário, então agora me diga o que *você* sabe antes que eu fique sóbrio e de saco cheio com esse negócio de penitência.

— Vamos tentar Ed Exley operando Johnny.

Fumaça — Reuben tossiu.

— Você pegou um tópico bom pra caralho.

— Eu imaginei que se Junior tivesse falado com alguém, seria você.

— Imaginou certo.

— Ele contou a você sobre isso?

— A maior parte, acho. Olhe, isso é... você sabe, extraoficial?

Assenti — fácil agora — encurtar suas rédeas.

Tic tic tic tic.

Sacudir as rédeas:

— Reuben...

— É, certo, acho que foi na primavera passada, mais ou menos em abril. Exley leu uma matéria no jornal sobre Johnny. Você sabe, aquilo que eles chamam de história de interesse humano: olha só esse cara na faculdade, trabalhando feito um cão, ele era uma promessa no Luvas de Ouro, mas agora vai ter de virar profissional mesmo não querendo, porque os pais bateram as botas e ferraram com ele e com a faculdade, e agora ele está falido. Está me acompanhando até agora?

— Continue.

— Certo, então o Exley abordou o Johnny e, como vocês chamam, manipulou o cara. Deu dinheiro ao Johnny e pagou o empréstimo da faculdade, e pagou as dívidas que os pais de Johnny deixaram. Exley é uma espécie de policial riquinho com uma herança enorme, e deu a Johnny uma porrada de grana e pagou a uns repórteres para escrever umas outras... você sabe, matérias de jornal, dizendo que ele foi obrigado a virar profissional por necessidade financeira.

— E Exley fez Johnny mutretar a única luta profissional que teve.

— Isso aí.

— E as matérias de jornal e a luta de marmelada se destinavam a estabelecer Johnny como um garoto que teve um azar na vida, de modo que parecesse realista quando ele se candidatasse ao DPLA.

— Isso aí.

— E Exley facilitou o caminho de Johnny na Academia?

— Certo.

— E tudo isso se destinava a colocar Johnny trabalhando em serviços sigilosos.

— É, para se aproximar de umas pessoas ou umas coisas que interessavam ao Exley, mas não me pergunte quem, porque não sei.

ELES/Dan Wilhite/Narco — misture-os, combine-os...

— Vá em frente.

Desvios, fintas — Reuben jorrava suor.

— Então o Exley deu ao Johnny um serviço externo enquanto ele estava na Academia, um serviço onde ele, como vocês dizem, se infiltrou no meio de uns fuzileiros navais que estavam espancando e roubando veados ricos. Aquele maluco do Stemmons, você sabe, aquele seu ex-parceiro, foi professor de Johnny na academia, e leu um relatório que Johnny escreveu sobre o serviço com os arrochadores de veados.

— E?

— E o Stemmons era ao mesmo tempo, você sabe, atraído e, como vocês dizem, repelido pelos homossexuais. Ele sentia tesão pelo Johnny, o que deixava Johnny todo sem jeito, porque ele é maluco por uma boceta. De qualquer modo, Johnny acabou com o negócio de arrocho aos veados, e a polícia dos fuzileiros navais conseguiu, você sabe, condenações para os caras. Johnny se formou na Academia e foi designado de cara para a Divisão de Detetives, porque o serviço dos veados fez ele parecer muito bom. E ter sido campeão do Luvas de Ouro dava um tremendo prestígio. De qualquer modo, aquele irlandês, você sabe, Dudley Smith, gostou do Johnny e conseguiu que ele fosse designado para o Esquadrão Antigangues porque queria um ex-lutador para o serviço de arrocho que eles fazem.

Ligações estalando — ainda sem surpresas.

— E?

— *E*, de algum modo, Stemmons descobriu que Exley estava, como vocês dizem, operando o Johnny, *e* partiu para cima dele dando uma de bicha louca. Isso enojou o Johnny, mas ele não espancou aquele veado, idiota, porque Stemmons era um figurão, um professor de evidências que podia foder com Johnny na porra da armação que ele tinha com Exley.

Dando pequenos socos, jorrando suor — pequenos movimentos sincronizados com a história que estava contando.

— E?

— *E* vocês, tiras, vivem com essa de "e?" para fazer as pessoas falarem.

— Então vamos tentar "e daí".

— *E daí* eu acho que foi mais ou menos nessa época que Johnny se embolou com o serviço das peles. Ele disse que teve ajuda de dentro, e que só contratou a mim e meus irmãos para o transporte. Ele estava fazendo outras coisas, como vocês dizem, feias. Aí achei que era serviço de arrocho no Esquadrão Antigangues, mas Johnny disse que era muitíssimo pior, tão ruim que ele tinha medo de contar ao colega Exley. A porra do Stemmons estava falando com Johnny aquele papo de rei do crime e, não sei não, mas de algum modo ele ficou sabendo do Johnny e do roubo das peles.

Ruiz comedor de merda rindo — parecendo que levou um soco, sem fôlego.

— Quando foi que Johnny lhe contou tudo isso?

— Depois do roubo das peles, quando calçamos luvas e ele me disse para lhe dar uma surra de penitência.

— E mais ou menos nessa época Stemmons tentou meter a mão na parte do Johnny no roubo das peles.

— Certo.

— Qual é, Reuben? Certo, *e*?

— E Johnny me contou que o roubo das peles era uma armação do Exley desde o início. Era parte do que vocês chamam de cobertura. E Exley estava nisso com o tal de Sol Hurwitz. Hurwitz era um jogador que estava totalmente ferrado, e a porra do riquinho do Exley comprou todas as peles e disse ao Johnny para armar o roubo.

AUDACIOSO.

Elos faltando.

Roubo de Exley/investigação de Smith — por que Exley designou alguém tão bom?

Cronologia de ligações — puro chute:

Johnny oferece peles a Mickey Cohen.

Dud descobre a pista de Cohen e faz Mickey se cagar de medo.

Exley intercede.

Exley opera Mickey — *com que objetivo*?

Mickey, comportamento esquisito — magnata do cinema, pondo as coisas a perder no bairro negro — ele *ainda* não queria tirar suas máquinas do Southside.

Chick Vecchio — ligado ao Mickey.

Chick — dedo-duro — hora do cinema com os Kafesjian.

Mickey e Chick — ligados com:
ELES/a Narco/Dan Wilhite.
Ligações:
Faltando/ocultas/obscuras/retorcidas de modo MALUUUCO...
Reuben — parecendo que levou um soco, rindo:
— *E daí,* acho que tudo isso fica só entre nós, colegas testemunhas.
— Tudo bem.
— Johnny está morto?
— Está.
— Uma pena ele nunca ter se casado. *Mea culpa,* caralho. Eu poderia colocar um belo visom na viúva dele.
Barulho alto — outro barraco desmoronou.

CAPÍTULO XXXVII

Pertinho: de Chavez Ravine para Silverlake. Para a casa de Jack Woods — o carro dele do lado de fora.

Azul-pólvora brilhando: a menina dos olhos de Jack.

A porta da frente estava escancarada — bati antes.

— Estou no chuveiro! Está aberta!

Entrei — Jack descarado — listas de telefone e apostas à vista. Uma foto na parede: Jack, Meg e eu — no Mocambo, 1949.

— Lembra daquela noite? Meg ficou de porre com *Alexanders* de conhaque.

Meg sentada entre nós — difícil dizer garota de quem.

— Você está viajando na estrada da memória rápido demais, parceiro.

Virei-me.

— Você matou um cara para o Mickey há dois dias. Você estava cheio de grana, por isso pagou a conta.

Jack amarrou o roupão.

— É o roto falando do esfarrapado?

— Você apagou Abe Voldrich?

— Sim, apaguei, você se importa?

— Não exatamente.

— Então você só passou para lembrar os velhos tempos.

— Tem a ver com Meg, mas eu não gostaria de dar explicação.

Jack acendeu um cigarro.

— Chick Vecchio comprou a morte para o Mickey. Disse que a Narco e Dan Wilhite queriam. Voldrich era o entregador de dinheiro da família Kafesjian para o DPLA. Chick disse que foi ideia de Mickey, que os federais haviam cooptado Voldrich como testemunha, e Mickey queria que as conexões dele com os Kafesjian fossem apagadas. Dez mil, parceiro. Meu prêmio de consolação por aquele escroto do Stemmons morrer fora da minha mão.

— Não sei se engulo isso.

— E daí? Negócio é negócio. E Mickey e aqueles armênios têm um monte de jogadas no bairro negro.

— Tem alguma coisa estranha. Mickey parou de matar pessoas, e não tem dez mil na mão nem para salvar a própria vida.

— Então foi direto dos Kafesjian, ou de Dan Wilhite, através do Chick. Olhe, o que importa quem...

— Wilhite não conhece Chick pessoalmente, posso apostar.

O amante da minha irmã — entediado.

— Olhe, Chick deu a entender que sabia que nós dois somos amigos. Disse que Voldrich poderia dedurar você aos federais, de modo que eu quis ganhar dez mil para ajudar um amigo. *Agora*, você quer me dizer como descobriu que fiz o serviço?

Ligações: obscurecidas/ocultas/fodidas com...

— Dave...

— Os federais viram um carro igual ao seu perto da casa de Voldrich. Não pegaram o número da placa, caso contrário você já teria tido notícias deles.

— Então foi somente uma dedução.

— Você é o único matador que conheço com um carro azul-pólvora.

— E quanto a Meg?

— Primeiro diga como estão as coisas entre vocês dois.

— Ela está pensando em largar o marido e arranjar um lugar para morar comigo.

— Um esconderijo? Um antro de jogatina?

— Há anos arruinamos a possibilidade de ela se dar bem com um homem honesto, então não aja como se ela não soubesse das coisas.

Aquela foto — uma mulher, dois matadores.

— Os federais me pegaram de calça arriada. Vou entrar em custódia depois de amanhã, e se eles tentarem sacanear meu trato de imunidade Meg pode se dar mal. Quero que você diga a ela para tirar nosso dinheiro do banco, e quero que a esconda em algum lugar seguro até eu telefonar.

— Certo.

— Só “certo”?

— Certo, mande postais de onde os federais o esconderem. Tenho a sensação de que você já está ferrado há algumas semanas.

Aquela foto...

Jack sorriu.

— Meg disse que está fazendo uma busca de títulos de propriedade para você, e que cada vez que você fala no telefone se parece menos com um valentão.

— E mais com um advogado?

— Não, mais com um cara que está tentando comprar uma saída.

— Cuide dela.

— Escreva quando puder, doutor.

Telefonema de uma cabine pública para a Homicídios. Notícias de merda — nem sinal da ficha de Richie Herrick em Chino. Um recado — encontre-se com Pete Bondurant — oito horas, no Smokehouse, Burbank.

O serviço do Vecchio — pairando feio.

Tempo a ser matado. Pertinho: de Silverlake para o Griffith Park. Subi pela estrada do leste até o observatório.

Névoa clareando, uma vista: Hollywood, aponta para sul. Telescópios que funcionam com moedas, junto à entrada: giro de 180 graus.

Tempo para matar, troco no bolso — apontei um para o set de filmagens.

Borrão do vidro, asfalto, morros. Carros estacionados, para cima, para além: a espaçonave.

Ajustar as lentes, forçar a vista — pessoas.

Sid Frizell e Wylie Bullock conversando: talvez o papo padrão sobre coisas gosmentas. Borrão, girar as lentes: bêbados dormindo no mato ralo.

Olhe:

Um abraço na porta de um trailer: Toque e Rock Rockwell. À direita: Mickey C. falando com os figurantes. Brilho de metal — o trailer de Glenda, Glenda.

Sentada nos degraus, as pernas dobradas. O vestido de vampira ficando feio — desbotado, puído.

Borrão do vidro, riscas de sol. Gente passando — obstruções escuras. Difícil de ver, fácil de imaginar:

A respiração dela contida, guiando-me.

Suor fazendo seu cabelo ficar um pouco mais escuro.

Tocando as cicatrizes — os olhos implícitos: o horror me deu a vontade — e não vou lhe dizer como.

Brilhos de sol, cansaço na vista. Girar o telescópio — uma briga de bêbados — quedas de bunda no chão, gargantas sendo esganadas.

A lente escureceu com um estalo — meu tempo estava acabado. Meus olhos doíam — fechei-os e só fiquei ali. Imagens me metralharam.

Dave Klein, fura-greves — dentes no meu porrete.

Dave Klein, cobrador de apostas — trabalho com bastão de beisebol.

Dave Klein, matador — com ressaca de pólvora e fedor de sangue.

Meg Klein, soluçando: “Não quero que você me ame daquele jeito.”

Joan Herrick: “Longa história de insanidade em nossas duas famílias.”

Alguém, por favor, me dê uma última chance de saber.

CAPÍTULO XXXVIII

— ...então o Sr. Hughes está puto. Algum psicopata apagou Harold Miciak e ele esperava que o caso fosse aberto e encerrado, mas agora o pessoal do xerife de Malibu está achando que não é o tal Fogo-fátuo dos Bêbados. Está achando que alguém esfaqueou e estrangulou Miciak para fazer com que parecesse o Fogo-fátuo, e a ex-mulher de Miciak está incomodando o Sr. Hughes para colocar detetives particulares no serviço, como se ele devesse gastar *dinheiro* nessa coisa. *Então*, por cima disso *tudo*, Bradley Milteer descobre que *você* está comendo Glenda Bledsoe e que ela andou roubando as *garçonnières* do Sr. Hughes. Mas *você* nunca informou isso.

Indo para o sul — no carro de Pete. Armado com bônus: soco-inglês e cassetete.

— Consegui para você o serviço da Glenda. O Sr. Hughes não confiava em mim para fazer, porque sabe que sou suscetível a xotas. Pensei: dê o serviço para o velho Executor, porque ele é bastante estoico no departamento feminino.

Espreguicei-me — estalos no pescoço, nervos abalados.

— Estou pagando sete mil a você por isso.

— É, e você me pagou um churrasco e uma cerveja, o que, francamente, o Sr. Hughes nunca fez. O que estou dizendo é que o Sr. Hughes está puto contigo, e essa é uma chateação que estou dispensando.

Normandie, para o sul — Pete fumando — abrir a janela. Repassar: meu telefonema para Noonan.

— Você queimou possíveis provas federais. Tem sorte por eu não revogar sua imunidade imediatamente, e agora quer esse favor enorme.

— POR FAVOR.

— Gosto do tremor na sua voz.

— *POR FAVOR.* Tire a vigilância aos Kafesjian amanhã. É meu último dia inteiro antes da custódia, e quero ver se posso descobrir algumas coisas antes de entrar nela.

— Acho que isso tem a ver com os Kafesjian procurando o tal de Richie, que pode ser Richard Herrick, daquele estranho caso de homicídio triplo no qual você está trabalhando.

— Está certo.

— Bom. Aprecio a honestidade, e faço isso se você depuser formalmente suas informações sobre o Richie durante as entrevistas anteriores ao júri de instrução.

— Concordo.

— Então está combinado. Vá com Deus, irmão Klein.

"Irmão" Klein — menino de coro luterano — punhos/cassetete/soco-inglês...

Pete me cutucou.

— Chick vai se encontrar com Joan Crawford no Lucky Nugget. Ela vai estar disfarçada, e eles vão jogar pôquer ou alguma coisa assim, e de lá vão para a casa de encontros. Eu vou tirar umas fotos na moita, depois Chick vai me dar o sinal. Vamos segui-los até o local, deixar que se aconcheguem e continuamos a partir daí.

Ar frio, luzes de faróis oscilando. Um cartaz: "O Estádio dos Dodgers é o *Seu* Sonho! Apoie a Lei Chavez Ravine!"

Pete:

— Sete mil pelos seus pensamentos.

— Estou pensando que Chick deve ter dinheiro escondido em algum lugar.

— Se está pensando em pegar o dinheiro, significa que vamos ter de apagar o sujeito.

— É só uma ideia.

— E, em termos de ideia, não é má. Meu Deus, você com uma atriz ex-garçonete de drive-in. Ela...

— É, ela vale a encrenca.

— Eu não ia perguntar isso.

— Sei.

— Assim, sem mais nem menos, não é?

— Assim.

Direto para o sul — Gardena — Pete fofocando:

Fred Turentine, técnico de grampos da *Hush-Hush*: serviço de escândalos em troca de dinheiro extraoficial. Freddy Biriteiro, ausente sem autorização: de clínicas de recuperação e de seu serviço dando aulas na cadeia. Pressão federal, crioulos inquietos — não era possível conseguir mulher boa ou putas crioulas de jeito nenhum.

Gardena — o quarteirão dos palácios do pôquer pulsando em néon. O Lucky Nugget — com o Caddy de Chick no estacionamento, bem ali.

Paramos atrás dele — prontos para a perseguição. Ação no banco da frente — Joan Crawford e Chick num tremendo sarro.

— Abaixe-se — disse Pete —, eles vão vê-lo.

Encolhi-me e ouvi — portas de carro bateram. De novo sentado — os passarinhos foram andando.

Pete saiu.

— Tire um cochilo ou faça alguma coisa. Não ligue o rádio, vai esgotar a bateria.

Entrando: estrela de cinema, bandido, chantagista. Girei o mostrador do rádio: notícias, merda religiosa, jazz *bop*.

Corrida da memória: enchendo a cara em Gardena, na época do colégio. De *bop* para baladas, estrada da memória — fechando muito devagar o zíper do vestido da formatura de Meg.

Foda-se — poupar a bateria — desliguei a música e cochilei. Pete junto à porta:

— Acorde, eles estão indo.

O Caddy saiu, teto conversível fechado. Pete foi atrás — não muito perto.

Leste, norte — o ar frio me acordou. Fácil acompanhá-los — tudo combinado — Pete dirigia tranquilo. Um braço saindo na janela da mulher, sem saber de nada: a porra da Joan Crawford.

Para o norte — Compton, LYNWOOD — área de dar arrepios.

Chick lá na frente: virando à direita, à esquerda — Spindrift Drive.

48, 4900 — placas junto ao meio-fio pulsando esquisito/maluco/estranho. 4980 — Johnny D. — “Por que marcou o encontro aqui?”

Difícil respirar — baixei a janela.

Virando à esquerda, virando à direita.

Quintais vazios.

Arrepios de gelo seco: quentes e frios.

Pete:

— Meu Deus, nunca imaginei que você gostasse tanto de ar puro.

Chick parou — luzes de freio piscando, parecendo sinal.

Estrada da memória:

Uma agulha fincando.

Pinicando morno, drogado.

Chick e Joanie, caminhando envoltos pelo amor:

Para um quintal vazio, subindo pelo caminho da DIREITA.

Depois:

Transportado, bracejando no ar.

Virando à DIREITA — um quarto nojento — HORA DO CINEMA.

Agora:

Sugando o ar — difícil respirar — as reprises de Johnny zumbindo em mim.

Pete parou junto ao meio-fio.

— Chick me passou um bilhete. Ele conhece uns caras que fazem filmes pornôs aqui, por isso pensou que Joanie gostaria do local. As estrelas de cinema nunca param de me espantar.

Estalos de memória — brutalmente tarde:

Glenda disse que Sid Frizell estava fazendo filmes de sacanagem.

“Numa casa abandonada.”

“Lá em LYNWOOD.”

— Ei, Klein, você está bem?

Verificação de armas: 45, cassetete curto, soco-inglês.

— Vamos lá.

Pete colocou o filme na máquina.

— Está tudo armado. Entramos no “Neném, está bom demais”. Pronto: os dentes do soco-inglês raspando meu anel de advogado.

Pete:

— Agora.

Fomos correndo: casas como cubos de estuque, caminhos, grama.

Identificando aqui e agora: hora do cinema, Johnny implorando: “POR FAVOR, NÃO ME MATE.”

Grunhidos de sexo — uma casa no meio do caminho. Indo na ponta dos pés, ouça:

Gemidos sujos, Chick:

— Neném, está bom demaaais.

Pete com a máquina a postos.

Olhares, confirmações com a cabeça, chutes — arrombamos a porta.

Escuridão de breu por meio segundo.

Estalos de flash: Joan Crawford engolindo Chick até as amígdalas.

Velocidade:

Estalos de flash — Joanie correndo pela porta de bunda de fora, guinchando.

Chick apertando um interruptor na parede — luzes acesas.

Uma Magnum sobre a mesinha de cabeceira — peguei-a e examinei o quarto:

Paredes espelhadas.

Chão de linóleo — manchas marrons — sangue seco.

Chick na cama, fechando a braguilha.

Soco-inglês/coronha da arma — rápido...

Bati na cara dele, esmaguei seus bagos, quebrei seus braços. Que nem uma jarra de ossos nas minhas mãos — Chick se apertou numa bola.

Uma sombra na cama — Pete me contendo.

— *Calma*. Eu dei umas roupas e algum dinheiro a Crawford. *Temos tempo para fazer isso.*

Chick dobrou-se, guinchando, por boa causa: dois punhos gigantescos se flexionando para ele.

Número ensaiado — Pete cheio de alegria:

— O esquerdo é o hospital, o direito a morte. O direito rouba a sua vida e o esquerdo rouba o seu fôlego. Estas mãos são o vodu e o bicho-papão, são os dentes do demônio que desliza fogo abaixo.

Chick levantou-se — sangrando, tremendo.

— Eu sou da Organização. Eu sou mafioso. Vocês dois estão mortos por causa disso.

Pete:

— Dave, faça uma pergunta ao sujeito.

— Você armou pra cima de mim. Eu lhe disse que ia me encontrar com "um policial bonito" em Lynwood. Agora, para começar, você me diz a *quem* você contou, e como eles tiveram aquela ideia de filme caseiro.

— Imagine que eu não conte nada.

Pete agarrou-o pelo pescoço. Num estalo: cem quilos voando no ar. Chick bateu na parede mais distante — vidro espelhado se espatifou.

Chick boneca de trapos — aquele ar de "hein?".

Pete ali em cima — pou, pou — dedos se partindo debaixo dos calcanhares dele. Chick mostrou colhões: sem sofrimento audível.

Eu me ajoelhei.

— Você armou pra mim com os Kafesjian.

— Vá se foder.

— Chick, nós nos conhecemos há muito tempo. Isto aqui não precisa ficar feio.

— Você *é* feio.

— Você me dedurou para os Kafesjian. Admita isso e prossiga a partir daí.

— Eu não disse a ninguém que você ia se encontrar com o tal policial. Se você entrou numa fria, que merda, eles puseram você numa fria. Eu sabia que eles armaram pra você, mas isso foi depois do que aconteceu.

— Você disse "eles". Quer dizer os Kafesjian?

— Quero dizer que é uma porra de figura de linguagem. Você entrou numa fria porque nasceu para isso, com toda a merda que aprontou e acabou se saindo bem. Armaram pra cima de você, mas não fui eu.

Pete:

— Eu não sabia que você conhecia os Kafesjian. Pensei que você era estritamente um homem do Mickey.

— Foda-se. Você é um cafetão de merda do Howard Hughes. Eu comi sua mãe. Meu cachorro comeu sua mãe.

Pete gargalhou.

Chick — dedos quebrados, palidez de choque.

— Imaginem que já fui arrochado antes. Imaginem que dei uma resposta introdutória de graça para vocês, mas a partir daqui vocês não vão ter merda nenhuma.

Pingos de sangue no chão — Johnny implorando.

— Você disse “eles”. Quer dizer os Kafesjian? Sei que você andou abrindo as pernas para o Welles Noonan.

Aquele bandido escorregadio — suando o perfume de Joan Crawford.

— Entregue os sacanas. Dê os detalhes.

— Aqui o detalhe — um dedo médio esmagado girando. — Chupe isso, seu alemão escroto...

Agarrei sua mão — uma tomada de parede perto — enfiei aquele dedo do foda-se no...

Fagulhas/fumaça — Chick se retorcendo — choques do fio vivo me sacudindo.

Pete me sacudiu:

— PARE, VOCÊ VAI MATAR O CARA!

Chick se libertou: movimentos bruscos nos joelhos, ficando verde.

Rápido:

Pete jogou-o na cama. Travesseiros, cobertores, lençóis — um malandro mumificado em segundos.

As sacudidas diminuindo, o tom verde se desbotando.

Johnny Duhamel implorando — NESTE QUARTO.

Agarrei a Magnum e girei o tambor. Seis balas — tirei cinco.

Pete assentiu: *acho* que ele está bem.

Mostrar a arma, mostrar o tambor — girá-lo, travar.

Chick — ler os olhos dele — “Você não faria”.

Apontei à queima-roupa — minha arma, a cabeça dele.

— Você disse “eles”. Quer dizer a família Kafesjian?

Sem resposta.

Puxei o gatilho — *clic* — câmara vazia.

— Como você se juntou aos Kafesjian? Eu não sabia que você conhecia os caras.

Sem resposta.

Puxei o gatilho — *clic* — câmara vazia.

— Sei que você deu a Jack Woods o contrato para apagar Abe Voldrich, e Jack disse que foi Mickey quem mandou. Não acredito, então diga quem mandou de verdade.

Chick, rouco:

— Vá se foder.

Puxei o gatilho — duas vezes — câmaras vazias.

Pete uivou.

— Puta que o pariu!

Chick arco-íris ficando cinza/verde/azul.

Puxar o percussor, soltaaar o gatilho beem devagaaaar...

— Certo, certo POR FAVOR!

Recuei a arma. Chick tossiu, cuspiu catarro e falou:

— Recebi uma ordem para contratar a morte do Abe Voldrich. Acho que eles pensaram que eu era conhecido demais no Southside para fazer sozinho, por isso pensei: "Dave Klein, ele poderia ser queimado com esse negócio dos federais", e "Jack Woods, ele cobra para fazer esse tipo de serviço, ele é chapa do Dave, ele vai querer poupar encrenca para o Dave". Assim, convenci o sujeito, não que ele não tenha me cobrado os olhos da cara.

Rouco ficando ainda mais rouco:

— Então, bem... *falei* com Voldrich. Os federais deixaram ele de lado para cuidar de outras coisas durante mais ou menos um dia, e eu queria saber o que ele sabia antes de mandar o Jack fazer o serviço. Agora, agora, agora — febre de dedo-duro —, escute só.

Pete estalando os dedos — alto, como estalos de percussor.

Chick, sacudindo-se nas cobertas:

— Voldrich disse que os federais estavam loucos para transformar você em testemunha. Disse que tinha escutado Welles Noonan e o tal de Shipstad, do FBI, falando. Eles disseram que tinham grampeado a sua casa, e que têm uma fita onde você fala umas coisas amorfas sobre seus serviços para a Máfia, e Glenda Bledsoe dizendo que apagou um cafetão crioulo chamado Dwight Gilette. Imagina só, Davey: Noonan disse a Shipstad que ia oferecer imunidade a você, conseguir uma porrada de informações, depois violar o acordo a não ser que você testemunhasse contra Glenda na acusação de assassinato. Shipstad tentou convencer Noonan a não furar o acordo, mas Noonan te odeia tanto que disse que nunca iria concordar.

Imagine:

A cama girando.

O quarto girando.

A arma girando...

— Quem são “eles”?

— Davey, por favor. Eu sempre estive do seu lado.

— Há alguma coisa estranha aqui. Os Kafesjian não mandariam você apagar Abe Voldrich. Agora, quem armou para que eu matasse Johnny Duhamel?

— Davey, *por favor.*

Tudo girando...

— Por favor, Davey...

Acertei-o — golpes com a coronha da arma — seus cobertores amorteceram o impacto. Puxei-os para baixo — trabalho nas costelas — a cama girou.

— Quem armou pra cima de mim?

Nada de deduragem.

— O que há com o Mickey? Por que aqueles caras de fora da cidade estão trabalhando com as caça-níqueis dele, enquanto os federais andam por aqui?

Nada de deduragem.

— Você está com os Kafesjian? É unha e carne com eles? *Porra, diga o que sabe sobre Tommy estar caçando um cara chamado Richie Herrick.*

Nada de deduragem — trabalho nas costelas — o cabo do revólver se partiu. Pete me fez um sinal: VA COM CALMA.

Girei o tambor de novo.

— Sid Frizell está fazendo filmes de sacanagem aqui?

Sem resposta.

Puxei o gatilho — *clic* — câmara vazia.

Chick se encolheu numa bola, guinchando...

Puxei o gatilho — *clic* — câmara vazia.

Guinchando/olhos de dedo-duro implorando:

— Eles disseram que precisavam de um lugar para um arrocho, por isso falei para pegar este, Sid e a equipe estavam montando o filme pornô deles, de modo que este lugar estava vazio.

— Eles disseram que iam fazer um filme?

— Não! Disseram “lugar para um arrocho”! Foi só isso que disseram!

— Quem revelou o filme? Alguém da equipe de Mickey ajudou no serviço?

— Não! Frizell e o pessoal dele são uns palhaços de merda! Eles não conhecem ninguém além de mim!

— Quem está por trás de você?

— Não, Davey, por favor!

Encostei a arma no colchão — perto da cabeça dele.

— Quem são ELES?

— NÃO! NÃO POSSO! NÃO VOU!

Puxei o gatilho — *clic*/*clic*/*blaam* — o clarão do cano incendiou seu cabelo.

O grito.

A mão enorme apagando as chamas — esticando-se enorme para impedir aquele grito.

Um sussurro:

— Vamos colocá-lo num dos seus prédios. Você faz o que for preciso e eu o vigio. Vamos armar uma saída para o dinheiro dele e cedo ou tarde ele vai abrir o bico.

Fumaça. Pedaços do colchão se assentando.

Chick incendiado meio careca.

TUDO GIRANDO.

CAPÍTULO XXXIX

De volta a L.A. — o carro de Pete sozinho — paradas em telefones públicos na rota.

Falei com Glenda: você foi identificada no negócio do Dwight Gilette. Ela disse “Ah, merda” e pensou num plano: iria de ônibus para Fresno, esconder-se com uma velha amiga dos tempos de garçonete. O pânico do grampo telefônico me acertou — falei com ela sobre o procedimento de verificação. Glenda puxou fios e verificou diodos — nenhum grampo na linha dela.

Seu adeus:

— Nós somos bonitos demais para perder.

Jack Woods — três tentativas sem resposta — o mesmo com Meg. Uma cabine perto da Divisão, sorte — Jack tinha acabado de entrar em casa. Eu lhe disse que os federais foderam comigo: pegue Meg, pegue o nosso dinheiro, VÃO.

— Certo, Dave — sem adeus.

Corri para cima, para a Costumes. Um papel deixado por um funcionário na minha mesa: “Ligar para Meg. Importante.”

Minha caixa de entrada, minha caixa de saída — nenhum relatório novo sobre Herrick. Verifiquei minha mesa — o dossiê do caso Kafesjian/Herrick havia sumido.

O telefone tocou...

— Sim?

— Chefe, é Riegle.

— Sim?

— Qual é? Você me mandou numa campana, lembra? O local de armários de aluguel, você me disse...

— É, eu lembro. Isso é rotina ou alguma coisa boa?

Trombudo:

— Tenho doze horas de homens honestos, garantidos pelo Departamento de Trânsito, e uma coisa interessante.

— Então diga.

— *Então* um cara entrou, depois voltou correndo para o carro, parecendo assustado. *Então* anotei a placa dele e verifiquei, e achei que ele parecia meio

familiar. *Então,* é Richard Carlisle, conhece? É do DPLA, e acho que trabalha para Dudley Smith.

Estalos baixos.

— Chefe, você está...

Desliguei o telefone, estalos baixos aumentando:

Dick Carlisle — detetive investigando o roubo das peles.

Dick Carlisle — parceiro de Mike Breuning.

11/1951 — Breuning encerra um roubo a residência praticado por adolescentes. Ladrões óbvios: Tommy K., Richie Herrick.

Meu dossiê do caso Kafesjian/Herrick, sumido.

Fui pelo corredor até o Departamento de Pessoal. Fichas de requisição de dossiês na mesa do funcionário — somente para comandantes de divisão.

Arrochei o funcionário:

Michael Breuning, Richard Carlisle — pegue as pastas deles.

— Sim, senhor — dez minutos, pastas à mostra — não podem sair da sala.

Carlisle — emprego anterior — nenhum estalo.

Breuning — estalo cinematográfico — Wilshire Film Processing, técnico de revelação — 1937-39 — pré-DPLA.

Estalo — baixo, circunstancial.

Uma da madrugada — de volta à Costumes. Pensamentos desgarrados: Pete vigiando Chick no meu apartamento vago em El Segundo.

Chick:

— ELES.

Com medo de dizer “Kafesjian”.

Com medo de dedurá-los/ELES/quem?

Aquele recado: “Ligar para Meg. Importante.”

Circunstancial — arrepios nos meus cabelos curtos.

Meg na casa de Jack — vale uma tentativa. Três toques — Jack, irritado:

— Sim?

— Sou eu.

Ruído de fundo: saltos altos. Jack falou:

— Ela está aqui. Está recebendo a coisa bastante bem, talvez só um pouco nervosa.

— Vocês vão embora amanhã?

— Isso. Vamos aos bancos cedo, tirar a grana. Depois vamos para Del Mar, abrir umas contas novas e arranjar um lugar. Quer falar com ela?

Toc toc — Meg andando de um lado para o outro — os saltos altos faziam com que as costuras das meias dela se enrugassem.

— Não. Diga que por enquanto é só adeus, e pergunte o que era o recado.

Toc toc, vozes baixas, Jack:

— Meg disse que conseguiu uma informação parcial sobre aquela construção em Lynwood.

— E?

— Ela encontrou alguns relatórios de avaliação de propriedade naquele depósito do porão na prefeitura. O que ela conseguiu foi um relatório de 1937 dizendo que Phillip Herrick e um tal de Dudley L. Smith estavam fazendo uma oferta pela casa na Spindrift 4980. Ei, você acha que era *o* Dudley Smith?

Mãos suadas — larguei o telefone.

Diga:

Ed Exley versus Dudley Smith.

CAPÍTULO XL

Números do COMANDO DE EMERGÊNCIA — o cartão na mesa. Chefe dos Detetives (Casa) — discar.

Exley, uma da madrugada, alerta:

— Sim? Quem é?

— É o Klein. Acabo de deduzir que você está trabalhando o Dudley Smith.

— Venha para cá, agora. Meu endereço é South McCadden 432.

Uma casa estilo Tudor, cheia de treliças — luzes acesas, porta escancarada. Entrei sem ser convidado.

Uma sala de estar parecendo exposição de móveis, perfeita para catálogo. Exley de terno e gravata — às duas da madrugada, porra.

— Como você descobriu?

— Consegui um mandado bancário antes de você e abri os cofres do Junior Stemmons. Ele tinha anotações sobre você operando Duhamel, e Reuben Ruiz preencheu algumas lacunas sobre o roubo das peles. Descobri que Dudley e Phillip Herrick entraram juntos na compra de uma propriedade em 37. Herrick e J.C. Kafesjian vieram para L.A. alguns anos antes, e estou apostando que foi Dudley quem juntou J.C. ao DPLA.

Parado ali, de braços cruzados.

— Continue.

— A coisa se encaixa. Meus dossiês sobre Kafesjian e Herrick foram roubados, e os registros da prisão de Richie estão desaparecidos. Dudley poderia ter apanhado os dois facilmente. Ele adora ter protegidos, por isso você empurrou Johnny Duhamel na cara dele.

— Continue.

Chocá-lo:

— Eu matei Johnny. Dudley me drogou, me provocou e filmou tudo. Existe uma porra de um *filme.* Acho que ele espera me usar para alguma coisa.

O “choque” de Exley — uma veia do pescoço pulsando.

— Quando você disse que Duhamel estava morto, eu sabia que tinha de ser o Dudley, mas esse negócio do filme me surpreende.

— *Me* surpreende. Conte o seu lado da história.

Ele puxou cadeiras.

— Diga o que acha do Dudley Smith.

— Ele é brilhante e obcecado com a ordem. É cruel. Ocorreu-me algumas vezes que ele é capaz de qualquer coisa.

— Além de suas imaginações mais delirantes.

Arrepios no couro cabeludo.

— *E*?

— E ele está tentando se colocar em posição de controlar o crime em L.A. durante anos.

— E?

— E em 1950 ele adquiriu um carregamento de heroína roubado de uma reunião de trégua entre Mickey Cohen e Jack Dragna. Ele contratou um químico que passou anos desenvolvendo compostos com o material, para produzir a droga de modo mais barato. Seu projeto era conseguir lucros com a venda, utilizá-la para manter criminosos negros sedados e depois partir para outras áreas de ação. Seu objetivo definitivo era algo no estilo do crime organizado "contido". Ele queria perpetuar os empreendimentos ilegais dentro de zonas específicas, mais especificamente a região sul de Los Angeles.

— Vamos às coisas específicas.

Devagar — me provocando:

— Em 53 Dudley se envolveu numa tentativa de controlar uma quadrilha de pornografia. Foi marcada uma reunião no Café Nite Owl. Dudley mandou três homens com espingardas. Foi forjado um roubo e seis pessoas foram mortas. Dud foi fundamental na tentativa de acusar três bandidos negros pelos assassinatos. Eles escaparam da cadeia e se esconderam e, como você sabe, eu os matei a tiros, junto com o homem que os estava escondendo.

O quarto girava...

— O caso estava supostamente fechado. Como você sabe, mais tarde um sujeito se apresentou e deu um álibi válido para os homens que matei, o que provocou a reabertura do caso. Sei que você conhece a maior parte da história, mas bastarão dois fatos: os pistoleiros foram mortos durante a reabertura da investigação, e eles não deixaram sequer uma prova apontando para Dudley Liam Smith.

Girando — tentar agarrar fiapos:

Dudley — produzindo pornografia? — HORA DO CINEMA. Sid Frizell fazendo filmes de sacanagem naquela casa — sem conexão com Smith.

— Dud tem novos planos de assumir o controle; estritamente no Bairro Negro.

— Bravo, tenente.

— Ele está controlando Mickey Cohen?

— Continue.

— Mickey está empacado desde que saiu da prisão. Quatro dos homens dele desapareceram no início deste ano; Dudley matou-os. Tudo que resta a Mickey é aquele estúpido filme de terror que ele está bancando, e que não creio que tenha a ver com tudo isto.

— Continue.

— Mickey vem agindo estranho desde que a investigação dos federais começou. Ele não quis tirar as caça-níqueis do Southside, e eu o alertei uma dúzia de vezes. Ele tem uns caras de fora da cidade trabalhando nas máquinas à vista de todo mundo, com os federais ali, tirando fotos. Falei disso com Chick Vecchio, que me veio com uma baboseira sobre Mickey estar pagando um empréstimo do sindicato com as percentagens das caça-níqueis. Chick está de armação com Dudley. Dudley apagou aqueles quatro caras do Mickey e abordou o Chick. Chick é a ligação entre Dud e Mickey. Aquele trabalho nas caça-níqueis na frente dos federais é algum tipo de armação.

Exley *sorriu*, caralho.

— Você juntou tudo, exatamente como fiz.

— Vamos ao Johnny. Diga como você o operava.

— Não, fale primeiro das evidências do Stemmons.

Fui enumerando itens:

— Sei daquelas contas bancárias que você armou. Sei que pagou àqueles repórteres para escrever matérias sobre Johnny. Sei que pagou as dívidas dele, conseguiu que ele mutretasse aquela luta e o colocou na Academia. Você mesmo armou o roubo das peles, e acho que montou as pistas para fazer com que Dudley *descobrisse* que Johnny era o ladrão. Você *sabia* como Dudley adora criar “protegidos”, por isso colocou uma porra de um petisco na frente do nariz dele.

— Continue.

— Breuning e Carlisle; eles estão com Dudley.

— Correto.

— Você arranjou para Johnny aquele serviço disfarçado na Academia.

— Seja mais específico.

Guiando-me/empurrando-me/elogiando-me — aquele tímido controlador de marionetes.

— Você o treinou para reagir exageradamente. Dudley gosta de rapazes durões, por isso você se certificou de que Johnny estabelecesse credenciais de arrochador.

— Bravo, tenente — jogando um osso para o cachorro.

— Você gosta de controlar gente, tanto quanto o Dudley. Deve ficar irritado ao saber que ele é melhor nisso.

— Tem certeza?

— Não, seu escroto, não tenho. Mas *sei* que você deve ter de olhar no espelho para ver o Dudley.

A "raiva" de Exley — um sorrisinho tenso.

— Continue.

— Não, você me dê uma cronologia. Dudley mordeu a isca, e conseguiu que Johnny fosse designado para o Esquadrão Antigangues. Ele é comandante da Divisão de Roubos, por isso pegou *pró-forma* o roubo das peles. Você plantou pistas para levar Dudley na direção de Johnny. E depois o quê?

— Então Johnny tornou-se um gorila oficial para o Esquadrão Antigangues. É um serviço brutal, tenente. Eu sempre achei que você era bem adequado para isso.

Punhos apertados — meus dedos doíam.

— Reuben Ruiz disse que Johnny estava fazendo "umas coisas muito ruins". Dudley começou a trabalhar *nele,* não foi? Ele descobriu que Johnny tinha feito o roubo e *gostou* disso. Ficou impressionado, por isso deixou Johnny entrar em seus planos.

— Você está no rumo. Continue.

— Continue uma merda; que "coisas muito ruins"?

— Dudley mandou Johnny aterrorizar bandidos de fora da cidade, para quem ele tinha planos. Johnny me disse que estava com dificuldades para fazer isso.

— Então você deveria tê-lo tirado do negócio.

— Não. Eu precisava de mais.

— Você acha que os caras de fora da cidade eram os que trabalhavam nas máquinas do Mickey? Acha que isso tem a ver com o Dudley controlando o Mickey?

— Acho. Não tenho certeza total, mas acho possível.

Sua cadeira — fita adesiva pendendo de uma ripa.

— Termine a história.

Exley limpou os óculos — seus olhos pareciam suaves sem eles.

— Johnny começou a perder o respeito de Dudley. Era frouxo demais com os homens de fora da cidade, e me disse que Carlisle e Breuning o estavam vigiando de vez em quando, aparentemente porque Dudley começou a suspeitar dele, por instinto. Nesse ponto o Junior Stemmons voltou à vida de Johnny, acidentalmente. Ele e Johnny estavam trabalhando na área do centro-sul, e de algum modo Stemmons conseguiu que Johnny admitisse a participação no roubo

das peles. Parece que o Johnny não me ligou ao caso, mas Stemmons sentiu que ele estava sendo operado. Dudley percebeu como Stemmons era perigosamente instável, e *acho* que suspeitou que ele estava tentando extorquir Johnny. *Sei* que Dudley tentou conseguir um mandado bancário para pegar provas potenciais guardadas pelo Stemmons, e estou presumindo que ele torturou Johnny para saber a extensão dos conhecimentos de Junior antes de fazer você matá-lo. Eu já tinha ido a um funcionário da justiça federal, conhecido meu, e ele bloqueou o mandado de Dudley enquanto eu tentava conseguir um. Você chegou primeiro aos cofres, e acho que Welles Noonan deve ter ajudado.

Aquela fita pendurada — só talvez.

— Ele fez isso.

— Você vai ser testemunha federal?

— Supostamente.

— Mas está pensando em não testemunhar?

Glenda — potenciais indiciamentos federais à vista.

— Estou pensando principalmente em fugir.

— O que o impede?

— O serviço Kafesjian/Herrick.

— Está esperando algum tipo de recompensa?

— Não. Só queria saber por quê.

— É só isso que você quer?

— Não. Quero que você me dê um café e quero saber por que me designou para o roubo aos Kafesjian.

Exley se levantou.

— Você acha que Dudley matou Junior Stemmons?

— Não, ele teria escondido o corpo para ter mais tempo para chegar aos cofres do banco.

— Você acha que foi uma overdose legítima?

— Não. Aposto em Tommy K. Acho que Junior pegou pesado e Tommy ficou puto. O negócio aconteceu *no* Bido Lito's, de modo que Tommy deixou o corpo lá. Os Kafesjian incendiaram o lugar para destruir provas.

— Você pode estar certo. Espere. Vou pegar o seu café.

Ele saiu. Sons na cozinha — peguei a fita adesiva.

Bingo, combinação de cofre: 34L-16R-31L. Pensamento de otário: todo panaca rico fazia isso na cadeira, para lembrar. Apertei a fita de volta e examinei a sala: fria, cara.

Exley trouxe café numa bandeja. Servi uma xícara, só para constar.

— Você me colocou no roubo dos Kafesjian para servir de isca para o Dudley.

— Sim. Ele procurou você?

— Indiretamente, e eu lhe disse de cara que você estava me usando como algum tipo de agente provocador. Ele deixou a coisa por aí.

— E comprometeu você com o tal filme.

"POR FAVOR, NÃO ME MATE."

— Vá ao ponto. Dudley e os Kafesjian.

Ele se sentou.

— O roubo em si foi só uma coincidência, e simplesmente capitalizei o fato de que Dan Wilhite o mandou para amaciar as coisas com J.C. Suspeito que o roubo e a morte da família Herrick, que *estão* conectados, são conectados pelo menos tangencialmente ao Dudley. Em essência, depois da reabertura do Nite Owl, comecei a interrogar policiais aposentados sobre o Dudley. Fiquei sabendo que ele, e não o chefe Horrall, subornou os Kafesjian para colaborar com o DPLA há uns vinte anos. Foi *ele* quem iniciou a ideia da venda contida de drogas em troca de uma certa ordem no Southside e de informações e, claro, muitos anos depois ele ficou maluco com a ideia de contenção em geral.

— E quanto a Phillip Herrick?

— Sua pista sobre a posse da propriedade é minha primeira indicação de uma ligação entre Smith e Herrick. Veja só, eu só queria distrair o Dudley. Sabia que ele estava preparando coisas no centro-sul, e sabia que estava recebendo uma percentagem discreta de J.C. Kafesjian. Eu queria que os Kafesjian fossem dedurados, e esperava que sua reputação levasse o Dudley a abordá-lo.

— E então você iria me operar.

— Sim.

Alvorada chegando — meu último dia de liberdade.

— Eu queimei as provas do Junior. Ele tinha anotações, seus cheques cancelados para aqueles repórteres, tudo.

— Todos os meus acordos com Duhamel foram verbais. Você acaba de me garantir que não existem provas de minha operação.

— É reconfortante saber que você vai se sair dessa.

— Você também pode.

— Não sacuda a minha coleira. Não me ofereça proteção, e não fale de poupar o Departamento.

— Você já pensou em como vai ficar depois disso tudo?

Luz da alvorada — meus olhos ardiam.

— Eu estou fodido, pura e simplesmente.

— Então me peça um favor. Eu faço.

— Consegui que Noonan tirasse a vigilância aos Kafesjian. Eles vão estar livres de tocaia só hoje, e acho que vão atrás do Richie Herrick. Quero uma

dúzia de homens para segui-los, em carros civis com rádios e uma frequência especial para monitorar as chamadas. É um golpe contra o Dudley, o que deveria agradar infinitamente a você.

— Está presumindo que Richie possa preencher algumas lacunas sobre Dudley e os Kafesjian?

— Estou presumindo que ele saiba de tudo.

Exley estendeu a mão: Dave, meu chapa.

— Vou montar uma central de rádio na Delegacia da Newton. Esteja lá às dez e meia. Vou estar com seus homens atualizados e a postos.

Aquela mão, persistente — ignorei-a.

— Você vai deixar a Narcóticos afundar. O departamento precisa de um bode expiatório, e são eles.

Aquela mão desapareceu.

— Tenho dossiês detalhados sobre cada policial da Narcóticos. Na época apropriada, vou presenteá-los a Welles Noonan, como um modo de reaproximação. E, por falar nisso, Dan Wilhite cometeu suicídio ontem à noite. Deixou um bilhete que incluía uma rápida menção aos subornos que recebia, e vou mandar em breve um memorando a Noonan falando disso. Ele obviamente estava com medo de ter seus segredos mais exóticos revelados, algo que você deve considerar caso decida testemunhar contra o departamento.

Péssima luz da manhã — ofuscante.

— Já superei isso tudo.

— Não superou a necessidade de mim. Posso ajudar a satisfazer sua curiosidade com relação àquelas famílias, portanto não esqueça que seus interesses são idênticos aos meus.

Péssima luz da manhã — restando um dia.

CAPÍTULO XLI

Dez e meia — Delegacia da Newton Street. Uma sala de reuniões — cadeiras viradas para mim.

Não dormi — o trabalho telefônico me manteve acordado. Recapitulação: manhã cedo, hospedei-me no Wagon Wheel Motel.

Aqueles bilhetes junto às peles: Dudley sabia que eu sabia/Dudley sabia onde eu morava.

Telefonemas:

Glenda disse que estava em segurança em Fresno.

Pete disse que estava com Chick V. guardado, com Fred Turentine vigiando-o. Seguro: no *meu* cortiço, com proprietários de fachada, impossível de ser rastreado.

— Quando ele melhorar um pouco, vou partir para cima. Ele tem dinheiro escondido em algum lugar, eu sei.

Implícito: roubá-lo, matá-lo.

Welles Noonan tinha notícias sobre os Kafesjian:

Segundo nossa barganha: toda a vigilância federal foi retirada, só hoje. Desinformações foram plantadas pela TV: “Sindicância cancelada por ordem judicial.”

— Espero que nossos amigos pensem que o DPLA está resolvendo as coisas e retomem sua vida externa. Velocidade nessa sua missão, irmão Klein — e ligue no Canal 4 ou na KMPC às duas e quarenta e cinco desta tarde. Verdade, você vai gostar tremendamente.

Escroto traiçoeiro e mentiroso.

Os homens da minha vigilância entraram e sentaram-se. Grupo variado: ternos e gravatas, mal-ajambrados. Doze homens — olhos em mim.

— Senhores, sou Dave Klein. Estou comandando o caso do homicídio dos Herrick e, segundo ordens do chefe Exley, os senhores farão uma vigilância de vinte e quatro horas a J.C., Tommy, Lucille e Madge Kafesjian. Esperamos que um deles nos leve a Richard Herrick. O chefe Exley e eu queremos interrogá-lo como testemunha material dos 187s dos Herrick.

Pequenas confirmações de cabeça — Exley já fizera uma exposição prévia.

— Senhores, essas pastas nas suas mesas contêm fotos dos quatro Kafesjian, tiradas pela Divisão de Informações, junto com fotos de Richard Herrick, de sua ficha estadual e um retrato falado mais recente. Conheçam esses rostos. Memorizem. Vocês irão em grupos de três para vigiar cada membro da família, tanto em veículos quanto a pé, e não quero que os percam.

Pastas se abrindo, fotos sendo apanhadas — profissionais.

— Vocês são vigilantes experimentados, caso contrário o chefe Exley não iria escolhê-los. Vocês têm carros civis com rádios, e a Divisão de Comunicações colocou-os na faixa 7, que é absolutamente à prova de interceptação pelos federais. Estão ligados carro a carro, de modo que possam falar entre si ou me contatar aqui na base. Todos vocês sabem lidar com suspeitos, e há microfones de longo alcance do lado de fora da casa dos Kafesjian. Há um homem num carro na escuta, e assim que assumirem seus postos no perímetro, ele dirá quando os suspeitos saírem. Alguma pergunta até agora?

Nenhuma mão se levantou.

— Senhores, se virem Richard Herrick, prendam-no vivo. Na pior das hipóteses ele é um voyeur, e tanto o chefe Exley quanto eu acreditamos que um homem que anda vigiando-o é o verdadeiro assassino da família Herrick. Se for abordado, duvido que reaja com violência ou resista à prisão. Ele pode tentar fugir, caso em que vocês devem persegui-lo e pegá-lo *vivo,* usando qualquer meio necessário. *Caso vejam um dos Kafesjian, especificamente Tommy ou J.C., tentando matar ou causar qualquer mal a Richard Herrick, matem-nos.* Se o próprio Tommy descobrir que vocês o estão seguindo e tentar fugir, persigam-no. Se ele fizer *qualquer* gesto agressivo para vocês, *matem-no*.

Assobios, sorrisos.

— Vão, estão dispensados.

Grampos nas minhas paredes, grampos no meu telefone. Grampos xeretando Glenda, bisbilhotando Meg. Fred Turentine — o “Rei dos Grampos” — vigiando Chick.

Grampos nos meus prédios — mais de trezentas unidades residenciais. Inquilinos sendo ouvidos: conserte o telhado, mate os ratos. Grampos tocando *bop* — crioulos depredando meus cortiços.

— Senhor? Tenente Klein?

Acordei apontando a arma — feliz com o gatilho.

Um policial uniformizado — apavorado.

— S-s-senhor, o sujeito da escuta entrou em contato. Disse que os dois homens da família Kafesjian estão em movimento, e disse que eles estavam falando de Richie Herrick.

CAPÍTULO XLII

Relatórios da vigilância — faixa 7, guincho contínuo:

11:14: Madge e Lucille em casa. J.C. e Tommy indo para o leste — carros separados.

11:43: J.C. na biblioteca pública do centro da cidade. Vigilantes seguindo-o a pé — informações por walkie-talkie:

A sala de música — J.C. arrochando bebuns. “Ei! Você conhece Richie Herrick, ele costumava ler aqui! Ei, você viu Richie, diga!”

Nenhuma confirmação sobre Richie.

12:06: J.C. em movimento, para o leste.

12:11: Madge e Lucille em casa.

Dores no ouvido — meus fones estavam apertados.

12:24: J.C. num cinema poeira.

“Ele fica apontando uma lanterna para os vagabundos que estão dormindo. Não está conseguindo nada, e está ficando furioso.”

12:34: J.C. andando — interrogatório na Missão Jesus Salva.

12:49: Tommy andando — pelo submundo.

12: 56: Tommy numa banca de revistas de mulher pelada.

12:58: Tommy falando com um vendedor.

Ligação?

Revista *Transom* — Richie Herrick, escritor.

1:01: Tommy arrochando o vendedor. Walkie-talkie da Unidade 3-B67: “O cara está implorando com o Tommy. Se Tommy sacar uma arma eu entro.”

1:01: J.C. numa barraca de cachorro-quente.

1:03-1:04: Tommy indo para o norte.

1:06: Unidade 3-B67, walkie-talkie:

“Falei com o otário que Tommy arrochou, e ele disse que Richie comprava revistas lá. Disse que Richie falou alguma coisa sobre um cafofo em Lincoln Heights, e ele contou ao Tommy para tirá-lo do seu pé.”

1:11: Tommy — Pasadena Freeway em direção ao norte.

1:14: Tommy — na rampa de saída para Lincoln Heights.

1:19: J.C. almoçando: cinco cachorros-quentes com chucrute, Bromo Seltzer.

1:21: Lucille saindo em seu Ford Vicky.

1:23: Tommy circulando pela North Broadway, Lincoln Heights.

1:26: Madge em casa.

1:34: J.C. comendo a sobremesa: *doughnuts* de geleia e cerveja.

1:49: Tommy circulando por ruas secundárias, Lincoln Heights.

1:53: Lucille — Pasadena Freeway em direção ao norte.

1:56: Lucille — pista de saída para Lincoln Heights.

1:59: 3-B67/3-B71 — conversa cruzada:

Lucille circulando por Lincoln Heights.

Tommy circulando por Lincoln Heights.

Ziguezagues pelo norte/sul/leste/oeste — sem que um encontre o outro.

Suposição:

Dois caçadores de Richie caçando Richie — objetivos cruzados.

Talvez Lucille tenha recebido uma dica por telefone — talvez o vendedor da banca de revistas de sacanagem.

2:00-2:04: Todas as unidades de J.C./Tommy/Lucille:

Ninguém viu Richie Herrick.

Estática no transmissor. Girei o mostrador — guinchos, palavras soltas: “múltiplo”, “talvez execução da Máfia”, “Watts”.

Um funcionário bateu no meu ombro.

— Desculpe, tenente, um Código 3 ferrou com as linhas.

— O que é?

— Homicídios em Haverford Wash. Talvez espingardas, talvez coisa de gângsteres.

Meus pelos se eriçaram.

— Monitore a faixa 7, estou indo.

Watts — Código 3, juntar-me à multidão: radiopatrulhas, furgões de laboratório, carros federais. No *fundo* de Watts — rural — campos, casebres espalhados.

Uma ribanceira — carros da polícia na beirada. Derrapei e rabeei pertinho.

Homens olhando para baixo — federais e DPLA misturados. Abrir caminho, espiar:

Um valão de concreto — seis metros de profundidade.

Água de esgoto até a altura dos tornozelos — peritos chapinhando.

Manchas de sangue na margem esquerda.

Quatro corpos encharcados de lixo logo abaixo.

Cimento íngreme — deslizei até lá. Peritos tirando fotos — flashes refletindo na água sangrenta.

Olhei para cima:

Árvores junto à margem — boa cobertura.

Olhei para baixo:

Cartuchos de espingarda no meio da sujeira.

Digamos:

Emboscada com a cobertura das árvores — os tiros jogaram-nos embaixo.

Fui chapinhando — um enxame de técnicos — mais sirenes lá em cima. Quatro mortos de cara para o fundo — as costas rasgadas do cóccix às costelas.

Vozes emboladas no topo do barranco: Noonan, Shipstad, Exley. Técnicos virando os corpos, ficando mais sujos de gosma.

Quatro defuntos agora virados para cima — dois brancos, dois mexicanos. Identifiquei três: capangas que trabalhavam nas caça-níqueis de Mickey C.

Saltando à conclusão:

Emboscada de Dudley — NENHUM TIRO NA CARA — as vítimas trabalhavam nas caça-níqueis do bairro negro.

Saltando à teoria:

Mortes encenadas para os federais — algum ônus jogado sobre gangues de fora da cidade. Uma charada de Dudley Smith — DE ALGUM MODO.

Olhe:

Exley chutando a água — as bainhas encharcadas.

Noonan mais perto — calças enroladas, usando ligas, caralho.

Papo de técnicos, embolado:

Revólveres com os defuntos.

Cartuchos disparados lá em cima — fiapos grudados — os assassinos usavam coletes à prova de bala.

Homens do laboratório cercando Exley, segurando-o lá atrás. Noonan em cima de mim, me espirrando água.

Acenando com fotos — dos homens mortos — em pânico mortal.

— Ah, Deus, ah, não. Nós identificamos estes...

Levei-o para longe de Exley. Noonan chutava a água — cartuchos de espingarda saltaram.

— Nós identificamos estes homens. Mickey Cohen passou as máquinas caça-níqueis do Southside para eles. Eles pertencem a um sindicato do Meio-Oeste... Mickey disse que foram eles que mataram aqueles homens que tinham desaparecido há um tempo. Mickey não tem mais estômago para crimes... Vendeu o negócio de caça-níqueis para sair dessa.

Besteira — Mickey ator — Glenda criticou seu “estilo”.

Noonan:

— Nós cooptamos Mickey como testemunha. Garantimos imunidade e prometemos uma Medalha de Serviço Federal. Ele acha que isso irá ajudá-lo a

garantir uma franquia de jogo no distrito, o que é absurdo, já que essa lei nunca vai passar na Câmara Estadual.

Sr. Promotor Federal — usando ligas xadrez.

— Klein, *você* sabe alguma coisa sobre isto?

Mickey "Grande Testemunha" — confirmado. Um clarão: Bob Gallaudet apoiava o jogo no distrito.

Exley vigiando-nos.

— Klein...

— Não, não sei.

— Isso pode nos prejudicar. Mickey ia testemunhar contra estes homens.

"Nos" — Glenda sacaneada a nível federal.

— Quero mais um dia antes de entrar em custódia.

— De jeito nenhum. Não peça de novo, e nem pense em implorar favores adicionais. Este é o seu último dia para resolver a curiosidade com relação aos Kafesjian, e a partir de amanhã essas curiosidades se tornarão assunto de testemunho federal.

Sr. Promotor Federal — camisinhas usadas grudadas nos tornozelos.

— Quem o senhor acha que matou esses sujeitos?

— Eu diria que foram mafiosos da Costa Leste. Diria que o boato de que Mickey vendeu as máquinas caça-níqueis se espalhou, e que alguns homens da Costa Leste estão tentando tomar os pontos.

O panaca sem a menor pista.

"Confie em MIM, garoto" — Dudley Smith na minha cabeça.

Gritos lá de cima:

— Sr. Noonan! Sr. Noonan, ele está no rádio!

Noonan foi espadanando morro acima; Exley apontou um dedo na minha direção.

Guiá-lo — barranco acima lutando contra os tremores. Carros federais, federais: Shipstad, Noonan, Milner e o caralho a quatro.

Mickey Cohen na KMPC:

— ...Este é um anúncio público feito com verdadeira sinceridade, portanto direi agora: estou cortando minhas ligações com o crime organizado. É um *mitzvah* e uma boa ação de expiação, e estou me apresentando para ajudar à sindicância federal que atualmente é realizada no bairro dos criou... quero dizer, no Southside de Los Angeles. Faço isso com grande *tsuris* pessoal, o que significa o mesmo que agonia para vocês, os muitos espectadores e ouvintes de Los Angeles que não entendem iídiche. Estou fazendo esse corte porque bandidos malignos do Meio-Oeste mataram quatro dos meus homens há alguns meses, e agora estão ameaçando matar minha ex-esposa. E deixem-me declarar

que aqueles boatos dizendo que ela me abandonou por causa de um preto cantor de calipso são falsos. Estou fazendo esse corte porque é a coisa moral a fazer, como ensina a Bíblia, aquele maravilhoso best-seller perene com muitas lições maravilhosas para gentios e judeus. Vendi minhas máquinas no bairro dos criou... quero dizer, no Southside, para os bandidos do Meio-Oeste com o objetivo de salvar vidas. Agora estou preparado para ajudar o meu caro amigo, o promotor federal Welles Noonan, e seu corajoso...

Mickey arengando.

Shipstad rindo.

Noonan tremendo — pés molhados, fúria.

— ...e a sindicância federal é realizada segundo princípios esposados pela Bíblia, um daqueles capítulos *goyishe* que servem como base de filmes inspiradores como *Sansão e Dalila,* ou talvez o cintilante *Os Dez Mandamentos.*

Noonan:

— O testemunho de Mickey é meio um anticlímax agora. Eu gostaria de culpar os Kafesjian por essas mortes, mas as caça-níqueis nunca foram do interesse deles. Às oito da matina, amanhã, irmão Klein. Traga informações sobre os Kafesjian, e nem pense em pedir um adiamento.

“Confie em MIM, garoto” — Dudley Smith doce como Jesus.

CAPÍTULO XLIII

4:09: J.C. e Madge em casa.

4:16: Lucille andando — Lincoln Heights — bares, bancas de jornais.

4:23: Tommy andando — Lincoln Heights. Unidade 3-B67: “Acho que ele está verificando galerias de tiro ao alvo. Entrou em quatro desses lugares nas últimas duas horas, e parecem pontos de drogas.”

4:36: Lucille andando.

4:41: Tommy andando.

3-B67: “Liguei para o Esquadrão de Highland Park perguntando sobre os lugares onde Tommy entrou. Confirmaram como pontos de drogas. Ele e Lucille ainda não se encontraram, o que me espanta demais.”

4:53-4:59, todas as unidades: Ninguém viu Richie Herrick.

5:02: Base para as unidades de J.C./Madge: seguir para Lincoln Heights e intensificar a busca a Richie Herrick.

5:09: Lucille no Kwan’s Chow Mein Pagoda. 3-B71: “Ela entrou direto na cozinha, e eu *conheço* este lugar. O tio Ace Kwan vende heroína, de modo que aposto que Lucille não parou para comer um chop-suey.”

5:16: Lucille saindo do restaurante. 3-B71: “Ela parece nervosa, e está carregando um saco de papel pardo.”

Estranho — Lucille viciada? — improvável.

Richie drogado — igualmente.

Tommy circulando em pontos de drogas — ????

5:21: Tommy mijando na rua à vista de crianças. 3-B67: “Meu deus, que pau! Esse cara deve ter o recorde dos homens brancos!”

Um funcionário me cutucou; tirei o fone de ouvido.

— O que é?

— Um chefão quer ver o senhor. No estacionamento, o mais rápido possível.

Exley.

Ir — passar pelo esquadrão — rádio civil a todo volume: Assassinatos no Reino das Gangues! Mickey Cohen se Regenera! Lá fora — Dudley.

Encostado numa radiopatrulha.

Breuning e Carlisle junto à cerca — fora do alcance de audição. Breuning usando um paletó espinha de peixe — padronagem do TEMPO DE CINEMA.

— Olá, garoto.

Não se abale, não se mexa rápido demais, não trema.

— Estou com suas anotações, garoto.

Cheguei mais perto. Cheire só: colônia vagabunda.

— Espero que tenha pegado uma esplêndida estola de visom para aquela sua linda irmã. Ela ainda está amasiada com Jack Woods?

— Estou com Chick Vecchio guardado. Ele dedurou você pelo roubo das peles, por estar controlando Mickey e por aqueles caras das caça-níqueis que você matou em Watts.

— Eu diria que você está fingindo. Diria que os boatos de Exley são sua única fonte de informação. Você está presumindo que contei ao Chick coisas que não contei e, francamente, duvido que ele fosse indiscreto, mesmo sob a pressão mais severa.

— Tente encontrá-lo.

— Ele está morto ou temporariamente indisposto?

— Está vivo, e vai falar para continuar assim.

Breuning e Carlisle olhando-nos arregalados.

— Eles não podem nos ouvir, garoto.

Não pisque. Não trema...

— Garoto, suas anotações dizem que você queria agir independentemente de Edmund Exley. Achei isso encorajador, e sua menção a dinheiro ainda mais.

— Breuning pôs aquela espada na minha mão. Eu troco o seu Vecchio por ele, o filme e cinquenta mil.

— Mike não foi o diretor de sua estreia no cinema.

— Só digamos que ele deve pagar.

— Garoto, você me surpreende. Eu tinha pensado que suas tendências homicidas eram estritamente motivadas pelo lucro.

— Acho que terá simplesmente de aceitar esse novo aspecto da minha personalidade.

Dudley gargalhou.

— Garoto, o seu senso de humor é mais do que saudável, e concordo com sua oferta.

— Esta noite, então. Num local público.

— Sim, foi exatamente o que pensei. Que tal às oito horas, no estacionamento do Hollywood Ranch Market?

— Certo.

— Vou mandar Mike levar os cinquenta. Ele vai pensar que é uma missão de pagamento, e direi que ele deve acompanhá-lo para pegar o Vecchio. Leve-o, e quando as coisas estiverem resolvidas, ligue para mim no AXminster 6-4031

para dizer onde Chick pode ser encontrado. E, garoto, Mike vai estar usando colete... Você deve saber disso e mirar de acordo.

— Estou surpreso... Você e Mike têm um passado.

— Sim, garoto, mas você e eu temos um futuro. E, por falar nisso, como você avalia a extensão dos conhecimentos de Edmund Exley?

Selar o trato — tocá-lo. Aquela colônia, não engasgar.

— Garoto...

Passei o braço pelos seus ombros.

— Ele sabe de tudo que eu sei, e tudo que Johnny Duhamel lhe contou. Não há nada no papel, e as evidências que ele tem sobre Duhamel são só por ouvir dizer, impossíveis de ser comprovadas. Exley me colocou contra você no roubo dos Kafesjian, e meu único arrependimento é de que ele é grande demais para ser morto.

— Está dizendo que nossas transgressões podem não ser punidas em resultado da falta de provas?

— Estou dizendo que você vai se livrar... *se* cortar seus planos com o Mickey.

— E você, garoto? Será que ouso dizer a palavra “lealdade”?

— É o Exley, os federais, ou você. Você é o único com dinheiro vivo.

Abraçando-me — Dudley Liam Smith.

— Fez uma escolha sensata, garoto. Falaremos do Exley mais tarde, e não insultarei sua inteligência com a palavra “confiança”.

CAPÍTULO LXIV

6:16: J.C. e Madge em casa.

6:21: Tommy circulando por pontos de drogas — Lincoln Heights.

6:27: Lucille circulando por bares — Lincoln Heights.

6:34, todas as unidades: ninguém viu Richie Herrick.

6:41: Tommy jantando: Kwan's Chow Mein Pagoda.

3-B67, walkie-talkie: "Não sei ler lábios, mas dá para ver que o tio Ace está dizendo a Tommy que Lucille comprou heroína com ele. Tommy está fumegando. Epa, ele está saindo. 3-B67 para a base, câmbio e desligo."

6:50: Tommy circulando por Lincoln Heights — ziguezagues aleatórios.

6:54: Lucille andando — Lincoln Park — conversando com mendigos.

6:55, 6:56, 6:57, 6:58 — Mike Breuning visualizado morto de cem maneiras.

NÃO...

CAPÍTULO XLV

— ...e eu vou sacanear o Dudley. Não vou entregar o Vecchio; e Dudley acha que vou matar Breuning. *Nós* acusamos Breuning da morte de Duhamel, e *eu* vou testemunhar que vi Tommy K. apagando Steve Wenzel, o que nos dá uma vantagem sobre os Kafesjian. Breuning vai cagar nas calças quando eu PRENDÊ-LO, e então vamos...

— Klein, quer se acalmar?

— Acalmar é o caralho! Sou advogado, me escute você.

— Klein...

— Não, escute. Breuning dedura Dudley, depois Gallaudet monta um júri de instrução especial para levantar provas. Nós entregamos aos federais a Narcóticos e a parte dos Kafesjian que tem a ver com Dudley, e eu testemunho sobre o assassinato de Duhamel e todas as conspirações dos Kafesjian, de Dan Wilhite, da Narcóticos, de Smith, Mickey Cohen, meus serviços para o crime organizado, tudo. Sou policial, sou advogado, vou ser o bode expiatório, vou testemunhar quando os julgamentos começarem, os federais vão ser sacaneados, você vai se dar tão bem que Welles Noonan vai se encolher e morrer, e o Bob Câmara de Gás vai saltar dos julgamentos para o cargo de governador e...

— Klein...

— Exley, POR FAVOR, deixe-me fazer isso. Dudley sabe que sou matador, e ele acha que está *me* operando com relação ao Breuning. Agora, se eu trouxer Breuning para dentro, ele vai abrir o bico; sem Dudley ele não tem coragem. Exley, POR FAVOR.

Tic tic tic tic tic — segundos/um minuto...

— Faça.

Suores na cabine telefônica — encharcado — entreabri a porta para receber uma brisa.

— E não quero nenhum homem de apoio no Ranch Market; Breuning poderia ver.

— Concordo. Faça isso.

De telefone público para telefone público — precauções por medo de grampo. Interurbano — vinte moedas de dez centavos — da Delegacia da Newton para o Mel's Drive Inn, Fresno.

Glenda falou em ritmo de metralhadora:

Toque disse a Mickey que ela foi para Tijuana fazer um aborto. Imagine quem é a nova substituta dela — Rock Rockwell, travestido. Imagine o que foi o testemunho de Mickey para os federais na TV — cascata de Vampiro.

Glenda afoita — conte tudo.

Agora ela estava trabalhando de garçonete no drive-in: patins, roupas de vaqueira. Fugitiva dos federais — foda-se — derramou um leite maltado num promotor de Fresno — e adorou. *Boas gorjetas, ficando boa nos patins — movimentos muito boooons com a bandeja. Glenda cheia de estilo, Glenda forte — conte QUALQUER COISA.*

Sua fala entrecortada foi diminuindo; sua personagem de garota forte sumindo rouca. Glenda apavorada — fumando um cigarro atrás do outro para acalmar os nervos.

Eu lhe disse:

Você me apavorou.

Você me afastou de uma mulher que eu não deveria amar.

CAPÍTULO XLVI

Hollywood Ranch Market — esquina de Fountain com Vine.

Entrada aberta, estacionamento. Carros, compradores, carregadores empurrando carrinhos de compras.

8:02 da noite — parado junto ao meio-fio. Suando, inquieto — meu colete à prova de balas era apertado.

Breuning andando na minha direção — atravessando o estacionamento numa diagonal.

Segurando uma pasta.

Gordíssimo — o colete *dele* se repuxando nos quadris.

Luzes do estacionamento: compradores iluminados cheios de tédio. Ninguém parecendo estar de apoio.

Fui até lá. Breuning se travou — escroto de pescoço gordo.

— Mostre o dinheiro.

— Dud disse que primeiro você deveria entregar o Vecchio.

— Só mostre.

Ele abriu a mala — só uma fresta. Pilhas de dinheiro — cinquenta mil, fácil.

— Satisfeito?

Um carregador passou empurrando um carrinho de compras, mãos no avental. Uma peruca, familiar...

Breuning encarou-o — qual é?

Familiar, em preto e branco brilhante — foto de vigilância às caça-níqueis...

Breuning tentou sacar a arma...

Sua pasta bateu no chão.

Peguei minha 45 que estava no colete.

O carregador atirou por trás do avental, com as duas mãos — Breuning levou dois balaços limpos na cabeça.

Gritos.

Uma brisa — dinheiro voando.

Liberei minha arma; o carregador girou na minha direção — as duas mãos para fora.

À queima-roupa: três tiros bateram no meu colete e me jogaram para trás. Fumaça de revólver nos olhos dele — atirei através dela.

À queima-roupa — não havia como errar — uma peruca sangrenta arrancada, meu Deus, caralho...

Gritos.

Compradores pegando dinheiro.

Breuning e o carregador embolados mortos.

Outro “carregador” — encostado num capô de carro, apontando para mim.

Gente correndo/juntando-se/abraçando-se/comendo o calçamento.

Joguei-me no chão. Tiros — barulho de fuzil.

Atiradores no telhado.

Aquele carregador misturando-se às outras pessoas — escudos humanos brotando em todo lado.

Atiradores — apoio de Exley.

Atirando em direção ao carregador — errando por muito.

Megafone amplificado:

— Cessar fogo! Refém!

Levantei-me. “Refém”: o carregador arrastando uma velha para trás.

Cotovelos sacudindo-se, gadanhando-o — resistindo ferozmente.

Clarão de lâmina — o sujeito cortou a garganta dela, até a traqueia.

Rugido de megafone:

— Peguem-no!

Tiros de fuzil atravessaram a velha — o carregador chegou à calçada, arrastando peso morto.

Correr...

Atravessando direto em diagonal — pelo lado cego dele.

— NÃO ATIRE, ELE É NOSSO! — alguém/em algum lugar.

Em cima dele, o sujeito com o escudo erguido — aquela coisa boquiaberta, de pescoço cortado. Atirei através do rosto dela e separei os dois; identifiquei seu rosto como mais um homem das fotos dos federais, morto.

CAPÍTULO XLVII

“Continua a onda de crimes que deixam perplexas as autoridades locais. Há menos de uma hora quatro pessoas foram mortas a tiros no exótico Hollywood Ranch Market, duas delas identificadas como criminosos do Meio-Oeste que se fingiam de empregados do supermercado. Um policial do DPLA também foi morto, bem como uma mulher inocente tomada como refém por um dos criminosos. Milhares de dólares que caíram de uma pasta se espalharam no pandemônio que se seguiu, e quando se calcula que em Watts, hoje cedo, também houve quatro mortes, a Cidade dos Anjos começa a parecer a Cidade dos Demônios.”

Meu quarto de motel, noticiário da TV. Consideremos *real*:

Apoio de Exley, alvos de Smith: Breuning e eu. Uma charada de Dudley: policial corrupto morto, dinheiro de suborno encontrado. Tempo de cinema pairando: minha reputação *post mortem* ainda mais execrável.

“...O chefe dos detetives do DPLA, Edmund J. Exley, falou com repórteres no local.”

Recapitulação — meu telefonema para a Newton Street.

“Tommy e Lucille ainda estão andando por Lincoln Heights, e *ainda* não se encontraram. E... bem... senhor? Seu colega, o policial Riegle, ligou... e... bem... ele mandou dizer que o chefe Exley emitiu um boletim de busca contra o senhor, porque o senhor saiu da cena do tiroteio sem dizer a ninguém.”

Exley na TV:

“Por enquanto estamos mantendo em segredo a identidade das vítimas por motivos legais. Não confirmarei nem refutarei a especulação feita por uma emissora de televisão rival sobre a identidade do policial falecido, e desta vez só posso declarar que ele foi morto no cumprimento do dever, tentando colocar uma armadilha para um criminoso e usando dinheiro marcado pelo DPLA.”

Flashback: aquele homem das caça-níqueis comendo o cérebro da velha.

Liguei para El Segundo. Trim, trim — “Alô, quem é?” — Pete Bondurant.

— Sou eu.

— Ei, você estava no Ranch Market? Um cara disse que Mike Breuning foi morto e que um policial se mandou.

— Chick sabe do que aconteceu com o Breuning?

— Sabe, e está se borrando de medo. Ei, *você estava lá*?

— Estarei aí dentro de uma hora e lhe conto. Turentine está aí?

— Está.

— Peça para ele aprontar um gravador e pergunte se tem equipamento para monitorar rádios da polícia. Diga que quero captar a faixa 7 da delegacia da Newton Street.

— E se ele não tiver o material?

— Diga para ir arranjar.

CAPÍTULO XLVIII

O esconderijo — *minha* unidade residencial de aluguel barato.

Pete, Freddy T; Chick Vecchio algemado a um tubo do aquecedor. Um gravador e um rádio de ondas curtas — captando a faixa 7.

Unidades móveis ligando para a Newton. Transmitindo da base para os carros: o próprio Exley.

Captando:

Tommy e Lucille circulando separados — Lincoln Heights, Chinatown, indo para o sul.

O sujeito na escuta perto da casa dos K.:

"Ouvi pelo microfone. Parece que J.C. acabou de meter porrada em Madge. Para complicar mais, tem carros federais passando discretamente de hora em hora, mais ou menos."

Unidade 3-B71:

"Lucille está andando por Chinatown e fazendo perguntas. Está parecendo meio perturbada, e aquele último lugar onde entrou — o Kowloon — me pareceu fachada para um ponto de drogas."

Pete — comendo costeletas.

Fred — acalentando um uísque.

Chick — hematomas roxos, metade do couro cabeludo queimado.

Fred serviu-se de mais bebida.

— Os Kafesjian e você. Não entendo.

— É uma longa história.

— Claro, e eu não me importaria em ouvir outra coisa além dessas porcarias de chamadas pelo rádio.

— Não conte merda nenhuma a ele — alertou Pete. — Vai acabar na *Hush-Hush.*

— Só estou pensando que doze carros numa tocaia e o próprio Ed Exley monitorando as chamadas significa que é alguma coisa grande, e que talvez Dave deva ser mais específico. Como, por exemplo: quem esses tais de Tommy e Lucille estão procurando?

Luz se acendendo:

Richie “Voyeur” Herrick — preso em Chino/com conhecimento de grampos. Fred Turentine, motorista bêbado — ensinando eletrônica em Chino.

— Freddy, quando foi que você ensinava eletrônica em Chino?

— No início de 57, até que enchi o saco e violei a condicional há uns seis meses. Por quê? O que isso tem a ver com...

— Havia um garoto chamado Richie Herrick na turma?

— Havia. Lembro dele porque era um garoto tímido e ficava tocando discos de jazz enquanto a turma fazia os trabalhos.

— E?

— E só isso. Havia um outro garoto branco que em colega dele, mas não acho que fosse coisa de veado.

— Lembra o nome dele?

— Nãão, não consigo lembrar.

— Descrição?

— Merda, não sei. O tipo branco xexelento comum em prisão, com corte de cabelo estilo rabo de pato. Nem lembro por que ele estava em cana.

Alguma coisa?/nada? — difícil dizer. Fichas de Chino desaparecidas...

— Dave, o que é que isso tudo tem...

Pete:

— Deixe o Klein em paz, você está sendo pago para isso.

Faixa 7:

Tommy em movimento — Chinatown.

Lucille em movimento — Chinatown perto de Chavez Ravine.

Diminuí o volume e peguei uma cadeira. Chick recuou sua cadeira.

Na cara dele:

— DUDLEY SMITH.

— Davey, por favor — rouquidão seca.

— Ele está por trás de toda a encrenca no bairro negro e acabou de mandar o Mike Breuning para a morte. Abra o bico sobre ele e eu solto você e lhe dou algum dinheiro.

— E se eu não falar?

— Então mato você.

— Davey...

Pete sinalizou para mim: dê-lhe álcool.

— Davey... Davey... por favor.

Entreguei-lhe o copo de Freddy.

— Vocês não conhecem o Dudley. Não sabem o tipo de coisa que ele faria comigo.

Mistura forte, três dedos de bebida.

— Beba, você vai se sentir melhor.

— Davey...

— *Beba.*

Chick engoliu. Pegar o copo, encher de novo, olhá-lo engolindo.

Ousadia instantânea de birita:

— Então de quanto dinheiro você está falando? Você sabe, eu tenho gostos caros.

— Vinte mil — pura cascata.

— Para mim é mixaria.

Pete interveio:

— Fale com o Klein ou *eu* mato você, porra.

— Certo, certo, certo — gestos pedindo para encher o copo.

Enchi.

— Chick, *entregue.*

— Certo, certo, certo — bebendo devagar.

Levei o gravador para perto de sua cadeira e apertei o botão de gravar.

— *Dudley,* Chick. As peles, Duhamel, os Kafesjian, toda a história de assumir o controle.

— Acho que você sabe a maior parte. Imagino que Dudley goste de falar, porque ele acha que todo mundo tem medo demais dele para abrir o bico.

— *Vá ao ponto.*

Coragem de birita:

— Eu digo que Domenico "Chick" Vecchio sabe quando falar e quando fechar o bico. Eu digo fodam-se todos eles, menos seis, para servirem como carregadores de caixão.

— Quer falar, *por favor*? Porra! — disse Pete.

— Certo, certo, imagine o Dudley, ele era o chefão da Divisão de Roubos e Furtos. O Exley é louco para acabar com ele, porque descobriu um monte de coisas sobre Dud no correr dos anos...

— Como o caso Nite Owl?

— É, como o Nite Owl. De qualquer modo, Dudley sempre pegou para si os casos de roubos mais interessantes, porque é assim que ele é. Então Exley mandou o caso das peles para a Roubos e Furtos, e Dud agarrou-o e conseguiu umas pistas que mais tarde descobriu que foram plantadas pelo Exley, e as porras das pistas levavam ao seu próprio protegido, Johnny Duhamel.

Freddy e Pete comendo costeletas — fascinados.

— Continue.

— Certo, bom, o Dudley tinha recrutado o Johnny Colegial para o Esquadrão Antigangues, você sabe como ele adora rapazes durões. E quando Johnny estava

na Academia do DPLA mostrou uma certa maldade que agradou realmente ao Dud. Por isso ele ficou no Esquadrão Antigangues, mas aí o Dudley viu que ele era um tremendo ladrão, o que lhe agradou infinitamente. Então Dudley acusou Johnny pelo roubo. Ele admitiu, mas se recusou a dedurar os parceiros, o que também impressionou Dud. Então, imagine, Dudley deixou o Johnny escapar do caso das peles e entregou a ele algumas de suas próprias armações criminosas, o que significava que até então a armadilha de Exley estava funcionando.

Chiado da fita. Chick, agora dedurando lindamente:

— Então imagine que Dudley pegou as peles do Johnny e guardou numa firma de armários de aluguel. Algumas foram tiradas porque Dudley pediu ao Johnny para ficar perto de Lucille Kafesjian quando Exley designou você e o maluco do Stemmons para trabalhar naquela invasão de residência. O Johnny tinha um certo tesão por Lucille, e deu uma a ela.

— Dudley mandou Johnny ficar íntimo de Lucille?

— É, como uma espécie de salvaguarda para o caso de você começar a pegar muito pesado com os Kafesjian.

— E aí?

— Aí aquele desgraçado do Stemmons entrou com tudo. Ele foi professor de Johnny na academia, e na época Johnny percebeu que ele era um veado enrustido. Então o Junior viu um striptease que Lucille fez com o casaco de pele que Johnny tinha dado para ela, acho que ele estava no Bido Lito’s, trabalhando no caso da invasão de domicílio. Johnny estava lá, e os dois conversaram, o que acendeu de novo aquela paixão de veado que Stemmons sentia pelo Johnny.

— Então a princípio Junior chegou como amigo.

— Isso, e imagine que todo aquele serviço de gorila para o Esquadrão Antigangues não era realmente o estilo do Johnny, era só o papel que o Exley mandou representar. De qualquer modo, Johnny estava muito tenso e se sentindo péssimo, e contou ao Stemmons como o serviço era brutal, e Junior começou a achar que alguém o estava controlando em segredo. Johnny nunca entregou Dudley direto a ele, mas contou sobre os “testes” que Dudley estava fazendo, sem citar nomes.

— Que “testes”?

— Dud estava trazendo uns caras de fora da cidade. Precisava deles para trabalhar nas máquinas do Southside, e *queria* que os federais vissem os sujeitos. Mais tarde Dud falou que Johnny descobriu que os caras iam ser mortos quando Mickey divulgasse que iria testemunhar para os federais.

Haverford Wash — quatro mortos.

— Mas Johnny não contou *isso* ao Junior.

— Certo.

— E os homens das caça-níqueis eram só uns otários colocados ali para serem mortos mais tarde?

— Certo.

— E quanto aos “testes”, em si?

— Dudley contou aos forasteiros que eles tinham de merecer o direito de trabalhar para ele. Disse que isso significava suportar dor. Pagou a eles para deixar Johnny machucá-los enquanto ficava assistindo e falava umas merdas filosóficas. Dick Carlisle disse que Dud dobrou-os e os transformou em escravos.

— Puta que o pariu — disse Pete.

— Não acredito — disse Freddy.

— Quem apagou os caras das caça-níqueis?

— Carlisle e Breuning. Quer ouvir um belo toque do Dudley? Ele mandou que os dois enfiassem os cartuchos de espingarda em veneno de rato e depois carregassem as armas.

— Volte ao Johnny.

Chick se espreguiçou — a corrente da algema fez barulho.

— Dud mandou Johnny monitorar os caras; você sabe, vigiar enquanto eles trabalhavam nas máquinas. Provavelmente estava fazendo isso numa noite, e Dick Carlisle viu Junior chegar perto dele e começar um papo maluco. Carlisle teve a sensação de que Johnny podia ter sido plantado, e contou ao Dudley, que mandou Carlisle e Breuning ficarem grudados nele. Bom, não sei quem matou Stemmons; provavelmente Tommy ou J.C. Kafesjian. Mas na época em que Carlisle começou a suspeitar, J.C. disse ao Dudley que Stemmons estava agindo de modo maluco, arrochando traficantes, arrochando ele e Tommy e dizendo aos dois que eles podiam estragar a *sua* investigação da invasão de residência. E aquele veado maluco do Junior estava falando em assumir o controle no bairro negro. Na minha opinião, o próprio Dud iria matá-lo, se ele não tivesse tido uma overdose ou sido morto pelos Kafesjian.

— E aí?

— E aí o Dud recebeu uma dica dizendo que Johnny ligou para *você*, para marcar um encontro; *e eu não contei a ele.* De modo que agora ele *sabia* que o Johnny era uma porra de um traidor, uma isca ou alguma coisa do tipo.

A reunião: Chick sabia. Bob Gallaudet sabia.

— E aí?

— Aí o Johnny falou para você se encontrar com ele naquele lugar em Lynwood. Dud era dono da casa há anos, por isso acho que Johnny só queria se encontrar com você em algum lugar perto do bangalô onde... você sabe.

Mudando:

— Phillip Herrick.

— Quem é esse?

— Ele foi assassinado em Hancock Park na semana passada. Dudley era dono da casa da Spindrift 4980 junto com ele.

— E?

Fácil notar: nenhum conhecimento sobre Herrick.

— Então Johnny disse para eu me encontrar com ele lá, e a sua locaçãozinha de cinema ficava perto. O que acha que ele queria me mostrar?

— Talvez a locação dos filmes de sacanagem.

— Talvez, mas você me disse que Sid Frizell não estava ligado a nenhum dos planos de Dudley.

— Não está, mas Dudley *adora* pornografia, e quando ficou unha e carne com Mickey, este contou a ele sobre o filme de terror que estava bancando, e de como Sid Frizell queria fazer filmes de sacanagem, mas não conseguia arranjar um local. Dud mandou Mickey dizer ao Frizell para usar um dos bangalôs daquela quadra. Sid fez isso, mas imagine que tenho certeza que ele nem conhece o Dudley.

ALGUMA COISA — alguma CONEXÃO — me cutucando.

— Dudley é dono daqueles bangalôs?

— Imagine que sim, ele é, usando sócios de fachada. Imagine que ele tem uns vinte outros lugares abandonados, comprou barato pra cacete da prefeitura de Lynwood.

— E?

Inclinando-se para mim, totalmente bebum:

— E imagine que Dudley Liam Smith não sente tesão por garotas, garotos ou cachorros. Imagine que ele gosta de olhar. Imagine as paredes espelhadas daquele cafofo onde você me arrochou, e imagine que ele tem uma porrada de outros lugares assim. Imagine que ele teve a ideia de fazer aqueles filmes de sacanagem onde nem quem come nem quem é comido têm ideia de que estão sendo observados. Imagine que ele propôs ao Departamento Territorial e Viário para abrigar os *cucarachas* expulsos de Chavez Ravine nesses cafofos e na casa da Spindrift. Imagine que Dudley vai filmar todos aqueles *chicanos* fodendo e vender os filmes para malucos que nem ele, que adoram essa merda de voyeurismo.

Boatos:

Sid Frizell fazendo filmes de sacanagem em LYNWOOD.

Alocação de *cucarachas* em LYNWOOD talvez em vias de acontecer.

Aquela ALGUMA COISA — *clic.*

Vampiro atômico.

Gosma cinematográfica: incesto/olho furado/cegueira.

O 459 dos Kafesjian — cachorros cegos.

O 187 dos Herrick — três vítimas com órbitas dos olhos explodidas.

Sid Frizell — cara de ex-presidiário.

Sem conexão com Dudley — Chick me convenceu.

Sem *clic*: ALGO faltando.

Falei:

— Dudley e Mickey.

— Quer dizer, o que está acontecendo com a bandidagem do Mickey?

Jorro súbito em ondas curtas:

— Chinatown, Chinatown, Chavez Ravine.

— Certo.

— Bom, imagine a palavra "refreamento". Essa é a grande palavra do Dud, e o que ele quer é construir um império no Southside, talvez estendendo-se até Lynwood, onde tem todas aquelas propriedades. Ele só vai vender drogas para crioulos, e vai administrar putas e pornografia na moita, e vai administrar todo o equipamento de caça-níqueis que Mickey supostamente vendeu. Aparentemente, o grande negócio vai ser o jogo oficial no distrito, tendo Mickey como testa de ferro. Imagine que ele matou todos os capangas do Mickey, menos eu e Toque, e imagine que manipulou Mickey para se mancomunar com os federais. Agora o Mick é um herói, é um trambiqueiro simpático, e Dud acha que ele pode comprar mais propriedades em Lynwood e começar a, como ele diz, "refrear" a economia por lá, depois colocar Mickey como testa de ferro na franquia de jogos do distrito, tudo na legalidade.

— O jogo distrital não vai passar na Câmara estadual.

— Bom, imagine que Dudley pensa o contrário. Imagine que ele tenha no bolso um político com muito tutano, para garantir que a lei passe.

Bob Gallaudet, o Câmara de Gás: apoiando o jogo no distrito.

A dica do encontro com Duhamel.

Arrepios: minhas queimaduras de gelo seco começaram a coçar.

— Então Dud descobriu que você ia se encontrar com o Johnny. Breuning e Carlisle nocautearam e drogaram você, e Dud torturou Johnny antes de você cortá-lo. Eles o obrigaram a admitir que Exley o estava controlando, como isca, e que ele tinha umas contas bancárias falsas e o dinheiro dessa operação guardados num cofre em casa. Johnny disse que ficou tentando sair do trato porque sabia que os caras das caça-níqueis provavelmente iriam jogar a merda no ventilador, mas Exley continuava mandando-o para descobrir mais.

Zumbido no rádio: Tommy em movimento, Lucille em movimento.

Pete e Freddy aparvalhados — puta que o pariu/caralho!

— Por que Dudley fez aquele filme? Por que simplesmente não me matou e matou o Johnny?

— Ele disse que queria comprometer você e usá-lo. Disse que ia lhe oferecer um serviço como elemento de ligação e coletor de dinheiro para o DPLA. Disse que podia usá-lo para derrubar Ed Exley. Disse que você era provavelmente um advogado muito bom, e disse que você poderia ensinar-lhe coisas sobre manutenção de propriedades.

Pete exalando ondas cerebrais: mate o carcamano e pegue o dinheiro dele.

Freddy exalando ondas cerebrais: a *Hush-Hush* adoraria ISSO.

Vampiro atômico — INCESTO/GOSMA.

— Chick, o que você sabe sobre o Sid Frizell?

— Imagine que não sei quase nada.

— Ele já cumpriu pena?

— No condado, por não pagar pensão alimentícia. Não faz o gênero presidiário empedernido, se é o que está pensando.

Para Freddy:

— *Sid Frizell*. É um cara alto, magro, cerca de trinta e cinco anos. Tem sotaque de caipira de Oklahoma.

— Não imagino. Eu deveria conhecê-lo?

— Pensei que talvez ele pudesse ter sido da sua turma em Chino.

— Não, não creio. Quero dizer, sou especialista em grampos, por isso ouço as pessoas falarem. Desculpe, mas não havia sotaque de Oklahoma na minha turma.

ALGUMA COISA FALTANDO.

Peguei o telefone e falei com uma telefonista — Chino na linha.

O subdiretor atendeu. Vá, diga a ele:

Compilar uma lista para mim — prisioneiros de Chino na mesma época de Richie Herrick. É para passar a mensagem? Não, eu ligo de volta, contato verbal.

Duas da madrugada — a custódia se aproximando. Barulho no rádio, *pop*/*pop* — Pete estalando os dedos. Chick bebum, cabelo incendiado — danos que eu provoquei.

Cheiros — comida rançosa, fumaça. Uma vista da janela: latas de lixo transbordando. *Meu* prédio — nove mil por ano de lucro líquido.

Pensar: informantes, fora de cogitação.

Tentativas finais.

Welles Noonan — rival de Gallaudet.

Pensar em barganhas: Glenda em troca de Bob G. e Dudley.

O telefone do quarto — mãos trêmulas no disco. MA 4-0218 — Noonan.

— Promotoria federal, agente especial Shipstad.

— É o Klein.

— *Klein, este telefonema não aconteceu* — baixo, furtivo.

— O quê?

— Noonan recebeu uma lata de filme, por entrega especial. É você cortando um cara, e *eu* sei que é armação, mas *ele* não se importa. Um bilhete dizia que cópias iriam para a imprensa se você testemunhar para nós, e Noonan disse que seu acordo de imunidade está cancelado. Ele emitiu um mandado federal de prisão contra você, e *este telefonema não aconteceu.*

CLIC...

Cadeiras/prateleiras/mesas — joguei-as, chutei-as e derrubei-as. Soquei as cortinas; a exaustão me fez cambalear, de cabeça leve.

Guincho no rádio:

“Madge saiu de casa sozinha. O carro da escuta está atrás dela.”

“Lucille está entrando em Chavez Ravine. Está dirigindo de modo desorientado, raspando em árvores.”

CAPÍTULO XLIX

Faróis se entrecruzando, ruas de terra — Chavez Ravine.

Escuro — sem luzes nas ruas — só luzes da polícia. Luzes nos tetos, faróis, lanternas — homens na perseguição em automóveis ou a pé.

Para-choque esmagado numa árvore: o Ford de Lucille, abandonado.

Mandados de busca contra mim.

Saí do carro e fui subindo pela rua de acesso. Lanternas em ziguezague lá embaixo: uma busca de barraco em barraco.

— Garoto.

Escuro, só a voz dele. Apontei para ela, apertando o gatilho até a metade.

— Garoto, ouça-me antes de agir com precipitação.

— Você mandou o filme para Noonan.

— Não, foi o Bob Gallaudet. Eu disse a ele que você estava com o Chick escondido, aí o Bob presumiu que Chick iria se comportar de modo covarde e informar a nosso respeito. Garoto, Bob entregou você a Noonan. Ele ameaçou tornar pública uma segunda cópia do filme se você testemunhasse para os federais, presumindo que o seu testemunho iria acabar com ele e com este velho irlandês que sente um carinho rancoroso por você. Noonan ficou furioso, claro, e Bob, sensatamente, recuou para um ritmo mais judicioso: disse que a ameaça do filme estava mantida, mas que não entraria na disputa para a promotoria se Noonan prometesse que não haveria menção a ele no tribunal. Noonan é um garoto inteligente, com isso eu concordo.

— Gallaudet dedurou *você* ao Noonan?

— Não, que Alá seja louvado. Ele simplesmente fingiu pânico e falou nebulosamente de complexas conspirações criminosas. Tenho certeza que Noonan me considera apenas um policial idoso, com dom para a linguagem e reputação de sério.

Gritos lá embaixo. Faróis desgarrados captaram Dudley sorrindo benigno.

— Quem deu a cópia do filme ao Bob?

— Mike Breuning. Ele teve medo de que nossos empreendimentos estivessem correndo risco, por isso deu uma cópia ao Robert, para conseguir um trato pessoal. Infelizmente, Mike confessou o que tinha feito antes que eu o

mandasse para se encontrar com você, e foi por isso que armei tão duramente contra ele.

— Gallaudet?

— Está sob o abrigo de Alá, garoto. Belamente esquartejado e impossível de ser encontrado. Mate Vecchio, se já não fez isso, e só restará Exley, sem provas concretas.

— Chick me disse que Duhamel dedurou Exley.

— É, isso é verdade.

— Disse que Exley tinha dinheiro num cofre.

— É, Chick está certo.

— Dentro da casa dele?

— Sim, garoto, isso seria lógico.

— Muito dinheiro?

— Sim, está correto. Garoto, vá ao ponto, você está me hipnotizando.

— Posso abrir aquele cofre. Vou matar Vecchio e roubar o dinheiro de Exley. Nós rachamos.

— Você é muito generoso, e estou surpreso por não ter expressado rancor pelas minhas maquinações no Ranch Market.

— Quero que você goste de mim. Se eu fugir, não quero que vá atrás das pessoas que eu deixar aqui.

— Percebe-se que está presumindo a minha sobrevivência.

— O dinheiro?

— Eu aceito metade de bom grado.

Comoção embaixo do morro: policiais chutando portas de barracos.

— Chick contou a você o alcance dos meus planos, não é, garoto?

— Sim.

— E deduziu que gosto de espiar?

— Sim.

— Vejo isso como uma concessão pela grande obra de refreamento que estarei fazendo. Vejo como um modo de tocar a imundície sem sucumbir a ela.

FLASH: Lucille nua.

— Você é um observador, garoto. Você tocou suas próprias capacidades sombrias, e agora quer a cessação da simples observação.

FLASH: janelas dos motéis de putas.

— Simpatizo com suas curiosidades, garoto.

FLASH — fitas do voyeur — fotos sincronizadas com sons.

— Agrada-me que os Kafesjian e os Herrick pareçam ter provocado essas curiosidades. Garoto, eu poderia lhe contar muitas grandes histórias sobre aquelas duas famílias.

FLASH — janelas luminosas se abrindo — CONTE-ME COISAS.

— Garoto, você sente a base de um entendimento começando a se formar? Está começando a nos ver como duas almas gêmeas, irmãos na curiosi...

Gritos, lanternas convergindo...

Corri para baixo — tropeçando e cambaleando. Barracos amontoados uns contra os outros — luzes fixas numa porta.

Os homens da tocaia apinhados do lado de fora — abrir caminho, olhar:

Lucille e Richie Herrick — mortos.

Amarrados com torniquetes/veias inchadas/bocas imobilizadas, abertas.

Entrelaçados numa colcha de visom.

Papelotes de heroína, seringas e Drano sobre uma pele de raposa.

CAPÍTULO L

8:01 da manhã — fugitivo federal.

Moradia de fugitivo, carro de fugitivo — um Chevy 51 comprado num ferro-velho. Telefonemas de fugitivo:

Glenda em segurança — estilo versus medo — o estilo vencendo.

Sid Riegle, em pânico — os homens de Exley arrochavam meus homens.

Papo do Bureau: Lucille e Richie morreram de coquetéis de heroína com Drano. Sid: "Ray Pinker disse que ela aplicou a droga nele e depois se matou. O Dr. Newbarr disse que de jeito nenhum foi assassinato e depois suicídio — tudo estava muito arrumadinho."

Mais papo:

Tommy e J.C. — arrochados pelos federais e soltos às quatro da madrugada. Madge K. foi para local desconhecido — o homem da escuta perdeu-a.

Um telefonema para o Pete — encontre aquela mulher, ela pode me CONTAR coisas.

Rota de fugitivo: pelo Cahuenga Pass em direção ao sul. Olhadas de pânico pelo retrovisor — tudo parecia estranho e errado.

Notícias no rádio: Onda de Crimes em L.A! Mickey Cohen é Testemunha Federal! Promotor Gallaudet Não Comparece a Conversa no Café da Manhã — Jornalistas Reunidos Ficam Perplexos!

Ontem à noite — o adeus de Dudley:

— Vou exigir comprovação no caso do Chick. A mão direita dele basta; tem uma tatuagem bem reconhecível.

Para provocar o cérebro:

Gosma de *vampiro*/o caso Kafesjian-Herrick — quem?/por quê?

Sul: Hollywood, Hancock Park. Virada à esquerda — South McCaden 432.

Virgem — nenhum carro no meio-fio ou na entrada de veículos.

Fui até lá e bati na porta. Ninguém vigiando — enfiar o canivete na fechadura, trabalhar a tranca.

Dentro.

Fechar a porta, trancar — luzes acesas, vá.

Verifiquei as paredes da sala de estar: nenhum quadro, nenhum painel falso.

Verifiquei o escritório — fotos emolduradas — Dudley Smith, rei dos brindes no Bureau. Puxá-las, olhar atrás...

Nenhum cofre.

No andar de cima — três quartos — mais paredes, mais fotos:

Dudley Smith como Papai Noel — uma enfermaria para crianças com pólio, 1953.

Dudley Smith, orador convidado — Cruzada Anticomunista Cristã.

Dudley Smith numa cena de crime: espiando um crioulo morto.

Três quartos — vinte fotos de Dudley Smith — combustível para o ódio de Exley.

Nenhum cofre.

De volta ao andar de baixo — verificar a cozinha — nada.

Verificar os carpetes — todos lisos. Andar de cima — tapetes no corredor — puxá-los...

Um painel com dobradiça debaixo de um persa vermelho.

Dentro um fecho giratório e maçaneta.

Trêmulo — 34L-16R-31L — duas passadas, *tlac*/*tunc* — puxar a maçaneta.

Sacos de banco fechados com cordel. Cinco. Nada além.

Notas de cem, cinquenta, vinte. Notas velhas.

Fechei a tampa, girei o fecho e ajeitei os tapetes. Para baixo, a cozinha...

Instrumentos cortantes. Peguei um cutelo — tremores e arrepios — Chick.

CAPÍTULO LI

— Davey... por favor.

Alucinado: implorando dois segundos depois de eu entrar. Uma tatuagem na mão direita: “Sally 4-Ever”.

— Davey, por favor.

683 mil e o cutelo. Pete fora, caçando Madge, Fred dormindo no quarto.

Chick, algemado — pânico aumentando:

A gente se conhece há muito tempo, a gente riu junto, desculpe por ter dado em cima de Glenda, mas como você pode me culpar? A gente riu junto, a gente ganhou dinheiro, Pete quer me matar, ele é uma porra de um letreiro de néon...

— Davey, por favor.

Travesseiros para abafar tiros. Cortinas como um sudário improvisado.

— Davey... meu Deus... Davey.

Cansado — sem colhões para fazer isso — ainda.

Defunto falando:

Eu vou desaparecer... pode confiar em mim... Glenda é fantástica... Sid Frizell disse que ela vai ser estrela. Frizell... que idiota... não tem ideias... aquele cara da câmera, o Wylie Bullock, é duas vezes mais inteligente, e ele não seria capaz de dirigir o trânsito em Marte. Você e Glenda... eu desejo o melhor para vocês... Davey, eu sei o que você planejou, dá para ver nos seus olhos...

Cansado.

Sem colhões para isso — ainda.

O telefone tocou — atendi.

— Sim?

— É o Pete.

— E?

— E eu encontrei Madge Kafesjian.

— *Onde*?

— No Skyliner Motel, esquina de Lankershim com Croft, em Van Nuys. Está no quarto 104, e o recepcionista disse que ela está chorando sem parar.

— Você está de tocaia?

— Estou na sua folha de pagamento, e vou vigiar o quarto até você dar outra ordem.

— *Fique aí.* Vou sair logo e...

— Olhe, falei com o Sr. Hughes. Ele disse que o xerife encontrou uma testemunha que viu Glenda na *garçonnière* de Hollywood Hills mais ou menos na noite em que Miciak foi apagado. Eles acham que ela é suspeita, e estão procurando. Parece que ela saiu da cidade, mas...

— *Apenas fique no motel.*

— Estou na sua folha de pagamento, chefe. Como vai o Chick...

Desliguei e disquei direto para Chino.

— Escritório do subdiretor Clavell.

— Ele está? É o tenente Klein, do DPLA.

— Ah, *sim*, senhor. O Sr. Clavell me deixou uma lista de nomes para ler para o senhor.

— Leia primeiro os nomes dos internos que foram soltos.

— Os endereços atuais também?

— Primeiro os nomes, quero ver se algum atrai minha atenção.

— Sim, senhor. — Devagar, de modo preciso:

Altair, Craig V.... Allegretto, Vincent W.... Anderson, Samuel... Basset, William A.... Beltrem, Ronald D.... Bochner, Kurt... Bonestell, Chester W.... Bordenson, Walter S.... Bosnitch, Vance... Bullock, Wylie D....

Tic/*clic*/*snap* — ALGUMA COISA faltando/ALGUMA COISA ali:

Wylie Bullock.

Câmera do *Vampiro.*

O homem das ideias — pressionando gosma em cima de Sid Frizell.

— Burdstall, John C.... Cantrell, Martin...

— Volte a Wylie Bullock. Dê a data da condicional e o último endereço conhecido.

— Hmmm... ele saiu sob condicional em 9 de novembro de 1957, e o endereço citado é o Acampamento de Trailers Larkview, esquina de Arroyo com Brand, em Glendale.

Freddy no corredor — bocejando.

— Senhor, quer o resto dos nomes?

Desliguei o telefone.

— Havia um sujeito chamado Wylie Bullock na sua turma em Chino?

— É... siiim... era o cara que andava atrás do Richie Herrick.

Adrenalina — *zuuuum.*

Chick:

— Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco.

Adiamento da execução: sorte de carcamano idiota.

CAPÍTULO LII

Departamento de Informações/Departamento de Trânsito:

Bullock, Wylie Davis — DN 16/7/25. Olhos e cabelos castanhos, 1,77m, 75kg. Preso em 3/56 — divulgação de pornografia — de 3 a 5 anos em Chino.

Ocupação: fotógrafo-câmera. Veículo: Packard Clipper 54, branco e salmão, placa da Califórnia GHX 617.

Vias expressas até Glendale — meu calhambeque arrotava fumaça. Wylie/Madge/Dudley — CONTEM-ME COISAS.

Pista de saída para Arroyo, em direção ao sul até Brand — o Acampamento de Trailers Larkview.

Estacionamento: e nenhum Packard de duas cores. Um mapa na frente: “W. Bullock” — três filas adiante, seis trailers abaixo.

Jardins de pedras, trailers ferrados, mulheres brancas miseráveis tomando sol. Minha ALGUMA COISA FALTANDO:

Confabulações entre Frizell e Bullock — Wylie afirmativo: Incesto! Arranque os olhos do vampiro!

Três adiante, seis abaixo — um Airstream cromado. Minha 45 sacada subrepticiamente — bati na porta.

Ninguém atendeu — sem surpresa — sem Packard. Experimentei a porta — trancada — muita gente à vista para tentar uma invasão.

O set de filmagens — ir.

Vias expressas de volta — meu carango rangia. Griffith Park, o set — sem o veículo de Bullock à vista.

Mickey perto da espaçonave — usando um solidéu de judeu.

— Os federais e o DPLA estiveram aqui procurando você. O pessoal do xerife de Malibu esteve procurando minha ex-estrela Glenda Bledsoe, com quem imagino você esteja brincando de afogar o ganso. Você parte o meu coração, seu bandoleiro bonito.

Nenhuma “equipe” — só o Mickey.

— Onde está todo mundo?

— Seu cara de *schmuck*, *O ataque do vampiro atômico*, no jargão da indústria de diversões, está “fechado”. Talvez Glenda pareça meio musculosa nos últimos momentos, já que Rock Rockwell fez o papel dela nos planos gerais, mas, afora isso, considero meu filme um marco no cinema.

— Onde está Wylie Bullock?

— Eu deveria saber? Deveria me importar?

— Sid Frizell?

— Foi pago e está no barco noturno para Não Sei Onde, pelo que me consta.

Solidéu, broche de bandeira na lapela — Mickey herói.

— Você parece feliz.

— Tenho um filme na lata e fiz amigos de persuasão federal. E não me julgue como um dedo-duro escroto, porque um certo promotor federal me disse que você também tem esse tipo de tendência.

O simpático *schmuck* de Dudley.

— Vou sentir falta de você, Mickey.

— Fuja, David. A *tsuris* que você causou busca retribuição. Fuja para as Galápagos e vá olhar tartarugas trepando ao sol.

O Cahuenga Pass — de volta tossindo fumaça. Lankershim com Croft — o Skyliner Motel.

Em forma de ferradura — cabanas baratas dando para a piscina. Pete de campana no meio-fio — cochilando com o banco reclinado.

Estacionei atrás dele. Dinheiro para o conte-me no porta-malas — enchi os bolsos.

Rodear a piscina — quarto 104. Bati — Madge abriu depressa.

Abatida — a maquiagem pesada piorava.

— Você é aquele policial. Nossa casa foi invadida... você apareceu...

“Chorando sem parar” — olhos molhados, rastros de lágrimas.

— Sinto muito pela sua filha.

— Foi uma morte misericordiosa para ambos. Você veio me prender?

— Não. Por que deveria...

— Se você não sabe, não vou contar.

— Eu só queria conversar com a senhora.

— Por isso encheu os bolsos de dinheiro.

Notas de cem transbordando.

— Achei que não faria mal.

— Dan Wilhite mandou você?

— Dan está morto. Ele se matou.

— Coitado — um suspiro curto.

— Sra. Kafesjian...

— Entre. Vou responder às suas perguntas se você prometer não difamar os filhos.

— Filhos de quem?

— Nossos. De quem quer que seja. Exatamente o que você...?

Fiz com que ela se sentasse.

— Sua família e os Herrick.

— O que quer saber?

— Conte tudo.

1932 — Scranton, Pensilvânia.

J.C. Kafesjian e Phillip Herrick trabalham na Balustrol Chemicals. J.C. é operário, Phillip analista de solventes. J.C. é grosseiro, Phil é culto — os dois são amigos — ninguém sabe por quê.

1932: os amigos se mudam juntos para Los Angeles. Namoram mulheres e se casam com elas: J.C. com Madge Clarkson, Phil com Joan Renfrew.

Cinco anos se passam: os homens trabalham em indústrias químicas. Cinco filhos nascem: Tommy e Lucille Kafesjian; Richard, Laura e Christine Herrick.

J.C. e Phil estão entediados, raivosos e pobres. O conhecimento de química inspira um esquema: fazer bebida em casa.

Eles fazem — e prosperam.

A Depressão continua; os pobres *precisam* de bebida barata. J.C. e Phil vendem barato — os homens dos campos de trabalho são a clientela principal. Os dois lucram e guardam suas partes.

J.C. e Phil — amigos e sócios.

J.C. e Phil — traindo-se mutuamente.

Nenhum dos dois sabe:

Dois casos assolam seus casamentos. Amantes: J.C. e Joan, Phillip e Madge. O adultério continua — cinco filhos nascem — não dá para saber quem é pai de quem.

J.C. abre uma lavanderia a seco; Phil investe numa fábrica de produtos químicos. Continuam o negócio de bebida feita em casa.

J.C. força Phil a cortar custos: solventes alcoólicos de baixa qualidade significam lucros maiores.

Phil concorda.

Vendem um lote a uns trabalhadores do CCC — doze homens ficam permanentemente cegos.

22 de junho de 1937:

Um homem cego entra com uma espingarda numa taverna.

Atira com a arma aleatoriamente — três pessoas são mortas.

Ele enfia o cano na boca e explode a cabeça.

O sargento Dudley Smith investiga. Fica sabendo a origem da cegueira do atirador; rastreia a bebida até Phil e J.C. Faz uma oferta a eles: seu silêncio em troca de uma percentagem dos ganhos.

Eles concordam.

Dudley reconhece a tendência maligna de J.C. — e a cultiva. Acredita que os negros podem ser mantidos sedados por drogas; insiste em que J.C. venda drogas. Insiste em que o chefe Davis deixe J.C. "servi-los": como traficante sancionado e informante para o recém-criado Esquadrão de Narcóticos.

Dudley esconde o papel que representa — poucos sabem que ele recrutou J.C. O chefe Davis se aposenta em 39; o chefe Horrall assume. E assume o crédito pelo recrutamento de J.C. — e coloca o policial Dan Wilhite para atuar como contato de J.C.

Anos se passam; Dudley continua a extrair sua percentagem dos negócios. As lavanderias de J.C. florescem; ele constrói um reino das drogas no Southside. Phil Herrick ganha uma riqueza legítima: a Solventes PH é extremamente bem-sucedida.

O adultério prossegue: J.C. e Joan, Phillip e Madge.

As duas mulheres garantiram aos amantes que foram tomadas precauções para controle de natalidade. Ambas mentiram — elas desprezam os maridos, mas não os abandonam. Madge sabe que J.C. iria matá-la, Joan precisa do dinheiro de Phillip e dos contatos sociais recém-estabelecidos.

Cinco filhos.

Não se sabe quem são os pais.

Nenhuma semelhança perigosa surgindo.

Joan *queria* o filho de J.C.: ele a tratava com uma ternura atípica. Madge queria o de Phillip: ela desprezava o marido maligno. A dúvida quanto aos pais amacia as coisas — ambas as mulheres acreditam nisso.

Pós-Segunda Guerra Mundial:

O major Dudley Smith, oficial de Serviços Estratégicos, vende penicilina no mercado negro para fugitivos nazistas. Phil Herrick, oficial da Marinha, serve no Pacífico; J.C. Kafesjian administra suas lavanderias a seco e o tráfico de drogas. Dudley volta a L.A. no fim de 45; Herrick, depois de quatorze meses no mar, chega em casa inesperadamente.

Descobre que Joan está grávida de nove meses. Bate na mulher — e fica sabendo que J.C. é amante dela durante toda a época em que estão casados. Ela

planejara entregar a criança para adoção; o retorno de surpresa de Phil impediu-a. Ela escondeu a gravidez com longas temporadas sem sair de casa; Laura, Christine e Richie estão longe no colégio interno — não sabem o que aconteceu.

Joan corre para J.C.

Madge ouve os dois falando e os confronta.

J.C. espanca brutalmente as duas mulheres.

Madge admite seu caso antigo com Phil Herrick.

Maridos traidores, mulheres traidoras. Homens furiosos — duas mulheres espancadas e estupradas. Caos terrível. Abe Voldrich chama Dudley Smith.

Ele manda fazer exame de sangue nos cinco filhos — os resultados são ambíguos. Joan Herrick tem o bebê; Dudley o estrangula aos três dias de vida.

Laura e Christine nunca ficam sabendo dos fatos de sua origem.

Tommy, Lucille e Richie sabem — vários anos depois.

Os rapazes ficam amigos — talvez irmãos — quem é o pai de quem? Eles roubam residências e tocam jazz; Richie se apaixona por Lucille. Consola a garota com Champ Dineen — que também não sabia das próprias origens.

Tommy imita seu pai de “nome”, J.C. — vendendo drogas ainda no ginásio. Ele sempre sentiu desejo por Lucille — agora há uma chance de que ela *não seja* sua irmã. Ele a estupra — e a transforma em sua prostituta pessoal.

Richie descobre — e jura matar Tommy.

Tommy adora a promessa — ele considera Richie um fracote.

Richie vai a Bakersfield e compra uma arma. É apanhado vendendo droga; Dudley Smith intercede, mas não consegue convencer o promotor a retirar a acusação. Richie Herrick, condenado a cumprir pena em Chino: 1955.

Tommy jura que vai matá-lo quando for solto — ele sabe que sua prostituta pessoal, Lucille, ama-o profundamente. Richie jura matar Tommy — que maculou a provável irmã que ele ama castamente.

Lucille enlouquece — prostituta, dançarina de janela, provocadora de homens. Phil Herrick a procura — sua provável filha. A primeira cópula entre os dois foi combinada na rua. Lucille concorda só para provocá-lo.

A gentileza dele a surpreende — esse provável papai é mais parecido com Richie do que com Tommy. Os dois continuam a se encontrar: sempre conversando, sempre fazendo jogos. Phil Herrick e Lucille: talvez amantes papai-filhinha, talvez só uma puta e um cliente.

E Madge e Joan ficam amigas. Escondem-se juntas da loucura — tempo fugitivo passado simplesmente falando. Confidentes: anos de abrigo parcial.

Richie escapou de Chino — apenas em condições de espreitar — voyeurizar Lucille. Joan e Richie trocavam cartas; Richie disse que um amigo que em breve

sairia em condicional iria vingá-lo sem dor. Esse homem parecia ter uma fixação em Richie: Richie jamais disse o nome dele.

Joan se matou há nove meses; a insanidade chegou ao auge de uma vez. Lucille não sabia que Richie a estava vigiando; Tommy leu os relatórios de Junior Stemmons e presumiu que Richie fosse o voyeur. Prometeu matá-lo — com medo de que homens ligados a Exley o encontrassem primeiro. Lucille o encontrou — a passagem para o abrigo dos dois estava numa agulha.

Lenços de papel no chão — Madge transformou uma caixa inteira em farrapos.

— Você diria que isso é “tudo”, tenente?

— Não sei.

— Então você é um homem muito curioso.

— A senhora conhece o nome Wylie Bullock?

— Não.

— Quem matou Junior Stemmons?

— Eu. Ele estava intimidando Abe Voldrich numa das nossas lavanderias. Fiquei com medo de que ele descobrisse a verdade sobre Richie e Lucille, e queria protegê-los. Ataquei-o de um jeito meio idiota, e Abe o dominou. Nós sabíamos que Dudley iria nos proteger caso o matássemos, e Abe sabia que ele era viciado.

— Então Abe aplicou a droga nele e o deixou no Bido Lito’s?

— Foi.

— E a senhora contou ao Tommy e ele queimou o lugar. Ele costumava andar por lá, e teve medo de que encontrássemos alguma prova contra ele.

— É. E eu não me sinto mal com relação àquele rapaz, o Stemmons. Acho que ele estava sofrendo tanto quanto Richie e Lucille.

Esvaziei meus bolsos — montes de notas.

— Você é ingênuo, tenente. O dinheiro não fará J.C. e Tommy irem embora.

CAPÍTULO LIII

“TUDO” = “MAIS” = “BULLOCK”.

De volta ao acampamento de trailers — um Packard de duas cores no estacionamento. Parei atrás dele, soltando fumaça.

Vozes, pés chutando cascalho.

Fumaça espessa — saí tossindo. Exley e dois homens da Assuntos Internos — com espingardas.

“Tudo” significa “mais” significa...

— Bullock matou os Herrick e invadiu a casa dos Kafesjian. Como você soube...

— Liguei para Chino para conseguir uma lista. Aquela mulher do escritório do diretor me disse que você ficou maluco por causa do Bullock.

— Vamos pegá-lo. E tire esses caras daqui; *sei* que ele sabe coisas sobre o Dudley.

— Vocês esperem aqui, homens. Fenner, dê sua espingarda ao tenente.

Fenner jogou-a — engatilhei um cartucho.

— Certo, então — disse Exley.

Agora:

Corremos até três fileiras adiante, seis trailers abaixo — civis nos olhavam de queixo caído. Aquele Airstream — zumbido de rádio, a porta aberta...

Entrei apontando; Exley se espremeu atrás. A menos de um metro de distância: Wylie Bullock numa cadeira de jardim.

Aquele vagabundo tranquilo:

Sorrindo.

Levantando as mãos com a lentidão de quem conhece a polícia.

Abrindo os dedos — sem intenção de fazer mal.

Enfiei o cano da espingarda debaixo do queixo dele.

Zumbido do rádio: Starfires 88 à venda no Yeakel Olds.

— Sr. Bullock, o senhor está preso pelo assassinato de Philip, Laura e Christine Herrick. Sou o chefe dos detetives do DPLA e gostaria de interrogá-lo aqui primeiro.

O antro do monstro: fotos da *Playboy*, colchão. Bullock: camiseta dos Dodgers, olhos castanhos calmos.

Provoquei-o:

— Sei sobre você e Richie Herrick. Sei que você lhe disse que iria se vingar dos Kafesjian por ele, e aposto que conhece o nome Dudley Smith.

— Quero uma cela individual e panquecas no café da manhã. Se vocês disserem que está tudo bem, converso com vocês aqui.

— Faça de conta que está contando uma história para nós — falei.

— Por quê? Policiais gostam de fazer perguntas.

— Isto é diferente.

— Panquecas e *salsicha*?

— Claro, todo dia.

Cadeiras em círculo, a porta fechada. Nenhum interrogatório, nenhuma anotação — o maníaco fala:

Junho, 1937 — Wylie Bullock, quase doze anos:

— Eu era só um garoto, estão sacando?

Filho único, pais legais — mas pobres.

— Nossa casa era tão pequena quanto este trailer, e a gente comia num bar todas as noites, porque eles davam de graça uma segunda porção de frios.

22 de junho:

Um cego maluco entra no bar. Tiros aleatórios: seus pais são vaporizados.

— Fui hospitalizado porque fiquei numa espécie de choque.

Lares adotivos então — "alguns bons, outros nem tanto" — sonhos de vingança, menos para um bandido — o homem da espingarda se matou. Escolas profissionalizantes — um jeito com máquinas fotográficas — "o velho Wylie é um fotógrafo nato". Trabalhos de fotografia, curiosidade: 22/6/37 — por quê?

Wylie detetive amador — vivia incomodando os policiais. O fora que ele levou: "Eles viviam dizendo que o dossiê do caso tinha sido perdido." Estudo nos jornais: o sargento Dudley Smith, policial investigador. Telefonemas para o agora tenente Smith — que nunca ligou de volta.

Ele assombrava a taverna. Boatos assombravam o local: bebida vagabunda havia estragado os olhos do homem da espingarda. Ele foi atrás dos boatos: quem vendia bebida ilegal em 37?

Pistas ruins — já fazia anos — "impossível de verificar, sabe?". Dois boatos persistentes: "lavanderia-bebida falsificada", "um cara armênio — J.C.".

Ele deu um salto lógico: as lavanderias E-Z Kleen/J.C. Kafesjian.

— Eu não tinha prova, a coisa só parecia certa. Eu tinha um álbum de recortes sobre o caso do cego, e tinha uma foto do sargento Smith, de 37. Estava virando uma obsessão.

Apoiando essa obsessão: trabalho fotográfico. Ilegal: “Eu tirava fotos de sacanagem e vendia para marinheiros e fuzileiros que vinham de Diego.”

Foco da obsessão: os Kafesjian.

— Eu meio que girava ao redor deles. Descobri que J.C. e Tommy vendiam droga e que tinham ligações com a polícia. Lucille era uma puta e Tommy era maligno. Era meio como se eles fossem minha pretensa família. Tommy tinha um colega, o Richie, e os dois tocavam jazz mal pra cacete. Eu costumava seguir-los e vi os dois numa disputa por causa de Lucille. Richie foi apanhado vendendo droga em Bakersfield. Foi condenado a Chino, e um dia eu estava numa E-Z Kleen e ouvi Tommy contar a Abe Voldrich que, quando Richie saísse, ele seria carne morta.

Início de 56 — duas granadas acertaram-no simultaneamente:

Uma — ele está dentro de uma E-Z Kleen no Southside. Juntos: J.C. Kafesjian e Dudley Smith — dezenove anos mais velho do que naquela foto de jornal.

Duas — ele é preso vendendo fotos de sacanagem.

“Achei que Dudley Smith e os Kafesjian tinham sujeira juntos. Não podia *provar* nada, mas pensei que talvez Smith tivesse livrado J.C. daquela bebida envenenada que ele vendeu. Depois de um tempo, simplesmente fiquei acreditando.”

Ele começou a criar planos de vingança — o Homem do Globo Ocular que havia dentro dele alimentava-o com planos. Ele admitiu culpa na venda de pornografia — seu advogado mandou implorar piedade.

— Na cadeia do condado um cara me contou sobre o laboratório de raios X em Chino... como era um serviço bom. Achei que poderia arranjar um serviço lá se fosse condenado a cumprir pena estadual, porque sabia muito sobre fotografia. Vejam só, agora eu tinha um plano de verdade e queria cumprir pena em Chino para ficar perto de Richie.

O juiz o condenou a uma pena de três a cinco anos em prisão estadual. Eles engoliram o papo dele sobre experiência com raios X: Wylie Dave Bullock, vá para Chino.

— Então fui para Chino e me aproximei do Richie. Ele era um garoto solitário, por isso fiquei amigo dele e ele me contou uma história tremendamente ESPANTOSA.

Espantoso:

Os Kafesjian, os Herrick — quem era pai daqueles filhos? Phil Herrick e J.C. — vendedores de bebida falsificada nos anos 30. Os assassinatos do cego — Richie disse que sim, talvez — poderia ter sido a influência de Dudley Smith. Incesto: material de perversão de talvez/quase/irmãos/pai.

— Garanto que vocês nunca ouviram *nada* que se compare ao que Richie me contou.

Richie, covarde/voyeur:

— Ele me disse que estava apaixonado por Lucille, mas não iria tocar nela porque ela poderia ser sua meia-irmã. Disse que adorava espiá-la.

Richie, falador compulsivo:

— Ele juntou as coisas para mim. Deduzi o suficiente sobre Dudley Smith para saber que ele se encontrou com Herrick e Kafesjian pouco tempo depois dos assassinatos. Achei que Smith se acertou com eles e recebeu suborno para não dedurar que eles tinham feito aquela bebida. Agora eu sabia. Sabia que aquelas duas famílias malucas mataram a minha família.

Richie, falando de vingança contra Tommy:

— Eu sabia que ele não tinha coragem para isso. Falei para esperar. “Eu me vingo por você se prometer não incomodar os Kafesjian.”

Richie prometeu.

— Então a mãe dele escreveu para ele e começou aquele papo de suicida arrependida. Richie saiu andando de Chino... uma porra de segurança mínima, ele simplesmente *saiu andando.*

Richie ficou solto.

Ele saiu sob condicional dois meses depois.

— Tentei encontrar o Richie. Fiquei espionando a casa dos Kafesjian e a dos Herrick, mas nunca o vi. Mas aquela tal de Lucille... uau. Eu costumava vê-la dançando o *shimmy-shimmy* nua.

Meses se passaram.

— Um dia, logo antes de ela se matar, vi a patroa do Herrick deixar uma carta na caixa de correspondência, para o carteiro pegar. Fui escondido e peguei, e vi que estava endereçada a Champ Dineen, aquele jazzista que o Richie adorava. Havia um endereço de caixa postal, por isso achei que a mãezinha e o Richie estavam se correspondendo. Mandei um bilhete para a caixa do Richie: “Veja Lucille dançar o *shimmy-shimmy* na janela. Agora seja paciente e você terá sua vingança.”

O bilhete funcionou — meses se passaram — ele espiava Richie espiando Lucille. ESPANTOSO: Richie voyeur, operador de grampos amador — aquela aula de eletrônica tinha sido muito útil. Por sua vez, ele seguia na linha —

trabalho no cinema, entrevistas da condicional — ninguém sabia que o Homem do Globo Ocular mantinha sua fixação...

— Comecei a ter umas ideias malucas.

"O Homem do Globo Ocular disse que eu deveria seguir os Kafesjian e Dudley Smith, só para me divertir.

"Um dia eu estava olhando o Smith. Ele almoçou com Mickey Cohen e peguei um reservado perto do deles. Cohen disse que estava bancando um filme de terror sendo rodado no Griffith Park, e que o tal de Sid Frizell, que estava dirigindo, fazia filmes de sacanagem nas horas vagas. Smith disse que adorava filmes pornôs, e que Cohen devia dizer ao Frizell que ele tinha um belo local que ele poderia usar. Cohen disse que Frizell era repelente o bastante para aceitar."

Ele foi ao set do *Vampiro* — "Cara, era um filme de quinta categoria". Ofereceu seus serviços de câmera a preço de banana; Cohen contratou-o; ele envolveu o escroto do Sid Frizell — totalmente sem ideias.

— Passei para ele aquelas coisas sobre o incesto e a cegueira, porque achei que um dia ia mostrar a Richie o filme finalizado. Falei ao Frizell que tinha experiência em filmar sacanagem e ele ficou enchendo o tal de Chick Vecchio para falar com Smith. Smith deu o sim, por isso Frizell foi fazer o filme dele lá em Lynwood.

"De modo que eu fiquei pertinho das coisas, mas ainda não tinha *a* porra do plano decidido. Então o Homem do Globo Ocular interveio."

Ele disse para cutucar os Kafesjian com uma invasão de domicílio voduzada. Coloque a culpa em Richie — mantenha-o apavorado — mantenha-o escondido.

— Então fiz isso. Acho que é como o simbolismo, porque o Homem do Globo Ocular me disse exatamente como fazer as coisas. Tentei cegar os cachorros com o produto químico de lavagem a seco, mas não funcionou, por isso arranquei os olhos deles. Quebrei garrafas de bebidas para chamar a atenção deles para o negócio das bebidas falsas, e quebrei os discos do Tommy porque o Homem do Globo Ocular me disse que isso simbolizaria como Richie odiava Tommy. Richie já odiava o fato de Lucille se prostituir, por isso cortei as calças três-quartos dela e esporrei em cima.

Diversão maligna.

— O Homem do Globo Ocular disse para pressionar Richie, por isso o vigiei naqueles motéis, choramingando por causa de Lucille, e cortei a cama dele com os talheres de prata que roubei, só para assustá-lo. Havia um barulho enorme ao redor dos Kafesjian por causa da invasão de domicílio e por causa do negócio dos federais, e então o Homem do Globo Ocular me disse para matar Phil Herrick logo. As filhas chegaram em casa inesperadamente, e o Homem do Globo Ocular mandou apagar as duas também. Achei que Richie era uma porra

de um fugitivo, e por isso os policiais iam achar que ele fez aquilo, e iam matá-lo no ato.

E então?

— O Homem do Globo Ocular mandou matar Tommy e J.C. bem devagar. Disse para arrancar os olhos de Dudley Smith e comê-los.

Agora?

— Panquecas e salsicha, paizinho. Uma cela boa e segura para mim e o Homem do Globo Ocular.

Lambendo costeletas.

Massa de panquecas numa prateleira.

TUDO.

Pontadas no peito/dor de cabeça/boca seca — Dudley Smith encontra o Homem do Globo Ocular.

Exley apontando para a porta.

Segui-o para fora. Luz do sol incômoda — otários do acampamento de trailers olhando-nos.

— Qual é a sua avaliação?

Jogar com ele/sacaneá-lo — MENTIR:

— Quero levar Bullock a Welles Noonan. Estou faltando à custódia e ele pode me ajudar a resolver as coisas. Ele é uma testemunha-chave com relação ao Dudley e os Kafesjian, e se cooperarmos com os federais podemos cortar a sindicância deles pelo pé, especialmente se você lhes entregar a Narcóticos.

— Ele é maluco. Não é uma testemunha válida.

— É, mas tudo que ele é para *nós* é um psicopata. Ele nem iria a julgamento.

— Gallaudet vai conseguir indiciamentos. Ele próprio vai processá-lo.

— Bob está morto. Ele estava num esquema com Dudley para liberar o jogo no distrito. Dudley matou-o.

Joelhos fracos — segurei-o — Edmund Jennings Exley suando frio.

— Estou com o Chick Vecchio escondido. Ele me implorou para ficar sob custódia federal, e Madge Kafesjian confirmou parte da história de Bullock e me disse como Dudley levou J.C. para o departamento. Exley, tudo está *refreado.* Vecchio, Bullock, Madge: *eles* entregam o Dudley e só a Narcóticos sofre. É o *seu* plano básico, e tudo que você tem de fazer é me dar alguma folga antes de eu entregar o Bullock.

— Especificamente?

— Ligue para o Noonan. Diga que vai entregar os dossiês da Narcóticos. Diga para ele retirar o mandado de prisão contra mim até eu levar nossa

testemunha.

Faça isso — pegue a isca — eu vou fugir com o *seu* dinheiro...

— Exley...

— Sim. Leve Bullock para algum lugar seguro depois de escurecer, depois me ligue.

— Você vai ligar para o Noonan?

— Vou, vou ligar agora.

— Estou surpreso por você confiar em mim.

— Já traí sua confiança antes e estou ficando sem estratégias. Só fique com a espingarda e tente não matá-lo.

Acomodei-me.

Bullock falou de panquecas e do Homem do Globo Ocular.

TUDO me fez girar de um jeito maluco — para trás, para a frente — de volta a Meg, para Glenda.

Planos de fuga. Compras. Esquemas — nada se consolidava.

Chegou o crepúsculo — mantive as luzes apagadas. Música em algum lugar... TUDO me fez girar de novo.

Nada se consolidava.

Bullock adormeceu algemado à cadeira.

Nada se consolidava.

Bullock murmurava algaravias no sono.

Tremores, repelões — algo como um gemido me rasgando.

Encostei-me na parede...

Mortes, espancamentos, subornos, ganhos, percentagens, arrochos. Coerção pelos aluguéis, porradas, trabalho como fura-greve. Mentiras, intimidações, promessas descumpridas, juras rompidas, deveres zombados. Roubo, duplicidade, cobiça, mentiras, mortes, espancamentos, subornos, ganhos, Meg...

Aquele gemido se soltou — Bullock inclinou a cabeça para ouvir melhor. Soluços então... contendo lágrimas, soluços me atravessando com tanta força que o trailer balançava.

TUDO.

Girando, caindo, confessando.

Não sei quanto tempo durou.

Saí pensando.

NÃO BASTA.

Dei o telefonema.

CAPÍTULO LIV

Estacionamento da Sears & Roebuck: escancarado, vazio. A um quarteirão de distância: *meu* prédio do Eastside.

Cedo. Luzes de arco voltaico sobre o asfalto — ele iria nos ver.

683 mil enfiados em quatro pastas de executivo.

Minha 45 grudada no tornozelo.

Wylie Bullock no banco da frente — algemado com as mãos no colo.

O cutelo de Exley ao lado dele.

Faróis chegando.

Coloquei as pastas de dinheiro no capô. Sem paletó, sem coldre — reviste-me.

Faróis em cima, freios, luzes se apagando. Dudley Smith saiu, sorrindo.

Sem paletó, coldre vazio — reviste-*me*.

— Garoto, você chegou cedo.

— Sou cauteloso.

— Dadas as suas circunstâncias, eu também seria. E aquele homem que estou vendo no seu carro?

— É um piloto de avião. Vai me levar para o sul.

Ele olhou para dentro — a janela do carona estava aberta pela metade. Bullock estava calmo, com meu paletó dobrado sobre as algemas.

— Que pastas lindas! Você computou o total?

— Quase setecentos mil.

— É a minha parte?

— É sua.

— Em troca de?

— Da segurança das pessoas que estou deixando aqui.

— Você usou o plural, garoto. Tem entes queridos, além de sua irmã?

— Na verdade, não.

— Ah, ótimo. E o Vecchio?

— Está morto.

— Trouxe a confirmação que requisitei?

— Está com o dinheiro.

— Bom, visto que Edmund Exley está inabordável e um tanto comprometido, eu diria que isso é um adeus.

Cheguei mais perto — bloqueando a visão dele — cobertura para Bullock.

— Ainda tenho umas curiosidades.

— Por exemplo?

Mais alto — *um pouco* — não provocá-lo ainda.

— Madge Kafesjian me contou sobre os assassinatos do cego. Fiquei me perguntando como você entrou em acordo com J.C. e Phil Herrick.

Dudley gargalhou — enorme gargalhada de palco.

Levei a mão atrás e destranquei a porta.

— Na época eu era estouvado, garoto. Entendia as metáforas da cobiça e da fúria cega, e o absurdo de um homem cego com uma espingarda calibre dez não me escapou.

— Eu gostaria de ter visto você fazendo o trato.

— Foi bastante prosaico, garoto. Eu simplesmente disse ao Sr. Kafesjian e ao Sr. Herrick que a bebida falsificada deles causou quatro mortes e sofrimentos variados. Informei-lhes que em troca de uma percentagem nos negócios esse sofrimento permaneceria estritamente como um ponto de disputa entre eles e Deus.

— Só isso?

Bullock murmurando.

— Também ofereci persuasão visual. A foto de um legista, mostrando um casal jovem sem cabeça expressou um certo valor de choque.

Murmurando mais alto — tossi para encobrir o barulho.

— Garoto, o seu piloto está falando sozinho?

Ficando inquieto — olhe as mãos dele.

— Garoto, quer por favor abrir a pasta que contém minha verificação?

Cheguei mais perto.

Dudley flexionou as mãos um pouquinho rápido demais.

Girei para dar um chute no joelho; ele se desviou.

Facas saindo das mangas da camisa dele — pegar uma pasta, girá-la...

Dois estiletes aparados com habilidade.

Golpeando-me — cortando couro — duas lâminas cravadas.

Larguei a pasta.

Dudley ficou com a guarda completamente aberta.

Bullock saiu, mãos no cutelo.

— HOMEM DO GLOBO OCULAR! HOMEM DO GLOBO OCULAR!

Dei um chute no joelho.

Dudley caiu.

Bullock partiu para ele segurando o cutelo.

Golpes loucos — as algemas atrapalhavam — a lâmina cortou a boca de Dudley de orelha a orelha. Golpe de misericórdia — o cutelo bateu no asfalto.

— HOMEM DO GLOBO OCULAR! — Bullock em cima de Dudley:

Mordendo.

Gadanhando.

Rasgando seus olhos.

Olhe:

Uma órbita jorrando vermelho.

— NÃO! — *meu* grito/minha arma sacada/apontando para eles embolados juntos.

Disparei duas vezes — errei as duas — ricochetes no pavimento.

Mais dois tiros apoiado no capô — o rosto de Bullock explodiu.

Lascas de ossos batendo nos meus olhos.

Atirando cego — zunidos de ricochetes, a arma emperrou.

Dudley em cima de Bullock — tentando afastar as mãos dele.

Dudley balançando, gritando exultante — o olho recolocado no rosto.

Agarrei o dinheiro e corri. Ecos ressoavam atrás de mim:

— HOMEM DO GLOBO OCULAR! HOMEM DO GLOBO OCULAR!

Uma semana — repassá-la:

Corri um quarteirão até o meu prédio. No porão, antigos buracos de bookmaker*, para guardar apostas — guardei o dinheiro.*

Ligações do telefone do zelador:

Glenda, interurbano: venha, pegue a grana, esconda-se. Pete em El Segundo: solte o Chick — Glenda tem vinte mil para você.

Pandemônio na Sears — radiopatrulhas atendendo a denúncias de tiros. Bullock morto, Dudley levado para o Queen of Angels. Minha explicação: pergunte ao chefe Exley.

Fui preso — segundo o mandado de prisão emitido por Exley. Tive direito a um telefonema — liguei para Noonan.

Seguiu-se uma batalha pela custódia — DPLA contra os federais — Noonan vitorioso.

Proteção a testemunha material — nenhuma acusação contra mim ainda.

Uma suíte no Statler Hilton, guardas amigáveis: Jim Henstel e Will Shipstad.

Uma tevê no meu quarto — veja só as notícias:

Mickey Cohen — cidadão respeitável ajudando os federais.

Bob G., o Câmara de Gás — desaparecido há nove dias, onde está o promotor?

Visitas frequentes de Welles Noonan.

Minha política: silêncio total.

A política dele: ameaças, lógica de advogado.

Exley ligou para ele no dia em que tínhamos interrogado Bullock; veja só o trato que ofereceu.

Um esforço conjunto entre o DPLA e os federais — a Narcóticos roda e Dave Klein traz quatro testemunhas. Cooperação garantida; Exley citado tintim por tintim: "Vamos enterrar as discórdias e trabalhar juntos. Uma das testemunhas será um homem de alto posto do DPLA, mais como testemunha hostil. Ele tem conhecimento íntimo da família Kafesjian, e eu diria que é indiciável em nível federal em pelo menos meia dúzia de acusações. Acho que mais do que compensará a perda de Dan Wilhite, que lamentavelmente cometeu suicídio na semana passada. Sr. Noonan, esse oficial é muito sujo. Só peço que

ele seja retratado como uma entidade refreada, totalmente autônoma, dentro do DPLA, assim como o senhor concordou em retratar a Divisão de Narcóticos.

Aproximando-se: uma entrevista coletiva dada pelo DPLA e os federais.

Minhas "testemunhas".

Wylie Bullock — morto.

Chick V. — provavelmente escondido.

Madge — de luto em algum lugar.

Dudley Smith — na lista crítica.

RP "críticas" — manipulação da imprensa por parte de Exley — nenhuma palavra sobre o negócio de Bullock. Nenhuma acusação municipal contra mim; Bullock cremado.

Nenhuma "testemunha" — e Noonan estava furioso.

Ameaças:

"Vou processar sua irmã por sonegação de impostos."

"Vou entregar à promotoria minhas fitas dos grampos — Glenda Bledsoe admitiu ter matado Dwight Gilette."

"Tenho uma gravação onde você diz a um homem chamado Jack para 'matá-lo'. Se você se recusar a falar comigo, mandarei agentes federais passarem um pente fino numa lista de conhecidos seus, tentando descobrir o tal sujeito."

Minha política: silêncio total.

Meu ás: status de testemunha única — eu sabia TUDO.

Dias se arrastaram. Sem mais notícias sobre "onda de crime" em L.A. — Noonan e Exley resolveram a situação. Tommy e J.C. — sob vigilância federal, intocáveis.

Uma visita de Ed Exley.

"Acho que você roubou dinheiro meu. Coopere com Noonan e deixo você ficar com ele. Você vai precisar do dinheiro; e não vou sentir falta dele."

"Sem o seu testemunho Dudley não pode ser tocado."

"Se esse acordo com os federais der errado, o departamento parecerá abominavelmente ineficaz."

Minha política: silêncio total.

Uma visita de Pete B. Sussurros: Glenda pegou o dinheiro — e pagou minha parte. Corre o boato de que você é dedo-duro dos federais — Sam Giancana acabou de colocar sua cabeça a prêmio.

Visita de dois policiais do xerife: "Nós achamos que Glenda Bledsoe fez o serviço em Miciak."

Minha política: confissão — eu o matei sozinho. Dei detalhes sobre o ferimento a faca — eles engoliram — disseram que iam me indiciar por

assassinato em primeiro grau.

Noonan em cima: "Vou usar todo o poder do governo federal para manter esse homem unicamente sob minha custódia."

Um telefonema — Jack Woods pondo as coisas em dia:

"Meg está bem. Sam G. espalhou a notícia — você está morto."

Notícias velhas.

Dias longos — jogos de baralho com Will Shipstad matavam o tempo. Instintos: ele odeia o serviço federal, odeia Noonan. Joguei uma proposta de suborno: apague a fita de Glenda em troca de trinta mil.

Ele concordou.

Noonan confirmou no dia seguinte: "Técnicos incompetentes!" — um chilique gigantesco.

Noites longas — pesadelos — mortes, espancamentos, subornos, arrochos, mentiras.

Sono ruim, sem sono.

Com medo de dormir, pesadelos à espera: Johnny implorando, Dudley com um olho só.

Glenda — difícil de conjurar — fácil de ouvir:

"Você quer confessar."

Duas noites, seis blocos de anotações — Dave Klein, "o Executor", confessa...

Assassinatos, espancamentos, subornos, pagamentos, arrochos — minha carreira policial até Wylie Bullock. Mentiras, intimidação, promessas descumpridas, juramentos violados. Exley e Smith — meus acessórios — contem ao mundo.

Noventa e quatro páginas — Shipstad passou-as para Pete B.

Pete intermediário, cópias para: Hush-Hush, *o L.A.* Times, *o secretário de Justiça do estado.*

Tempo tiquetaqueando, Noonan alucinado: a entrevista coletiva está pendente, preciso que você fale.

Ameaças, ofertas, ameaças...

Falei:

— Quero dois dias de liberdade sob guarda federal. Quando eu voltar à custódia vou preparar meu testemunho.

Noonan — relutante, meio maluco:

— Está bem.

L.A. *Herald-Express*, 6/12/58:

ENTREVISTA COLETIVA DO DPLA E DOS FEDERAIS CANCELADA

O anúncio da semana passada surpreendeu todo mundo: o Departamento de Polícia de Los Angeles e a Promotoria Federal, Distrito do Sul da Califórnia, dariam uma entrevista coletiva conjunta. Adversárias durante a sindicância que ainda acontece no Southside, comandada pelo promotor Welles Noonan, as duas agências da lei recentemente pareciam tudo, menos amigáveis. Policiais federais acusaram o DPLA de permitir que a contravenção proliferasse no Centro-Sul de Los Angeles, enquanto o chefe dos detetives do DPLA, Edmund Exley, acusava o Sr. Noonan de montar uma campanha de difamação contra o seu departamento a partir de motivos políticos. Esse desentendimento terminou na semana passada, quando os dois homens emitiram declarações idênticas para os repórteres. Agora, a entrevista coletiva marcada para amanhã foi cancelada às pressas, deixando muitos membros da comunidade policial do Sul da Califórnia perplexos.

O comunicado à imprensa emitido na semana passada estava escrito de modo cuidadoso; dava a entender que fora montado um esforço cooperativo entre a polícia federal e o DPLA, talvez destinado a garantir indiciamentos contra membros da Divisão de Narcóticos do DPLA. Muito mais seria revelado amanhã, e uma fonte anônima da promotoria federal declarou pensar que o esforço conjunto foi adiado devido à quebra de promessas oficiais. Perguntada sobre que “promessas” seriam, a fonte declarou: “Um policial de Los Angeles escapou à custódia federal. Ele deveria testemunhar contra membros do Esquadrão de Narcóticos do DPLA e contra uma família de criminosos com quem o esquadrão se aliou durante muito tempo, e também deveria ter induzido um total de quatro outras testemunhas potenciais a prestar depoimento. O policial não entregou essas testemunhas, e quando lhe deram dois dias fora da custódia, para cuidar de assuntos pessoais, ele atacou o seu guarda e escapou. Francamente, sem ele o governo federal tem apenas Mickey Cohen, um ex-gângster, para dar testemunho.”

ESPECULAÇÕES SOBRE A ONDA DE CRIMES

A situação ocorre no meio de uma espantosa onda de crimes em Los Angeles, boa parte acontecida no Southside. A taxa de homicídios no município no mês passado cresceu mais de 1.600%, e ainda que nem o DPLA nem a promotoria federal confirmem, especulações ligaram as mortes acontecidas em Watts ao tiroteio no Hollywood Ranch Market, que também deixou quatro mortos. Acrescente-se a isso o misterioso desaparecimento do promotor distrital de Los Angeles, Robert Gallaudet, e o assassinato dos membros da família Herrick em 19 de novembro, ainda sem solução, e vocês têm o que o governador Goodwin J. Knight chamou de "uma situação explosiva. Tenho toda a confiança na capacidade do chefe Parker e do subchefe Exley na manutenção da ordem, mas ainda precisamos nos perguntar o que poderia causar um crescimento tão drástico no número de crimes".

Instado a comentar sobre o cancelamento da entrevista coletiva, o chefe Exley se recusou. Perguntado sobre a recente onda de crimes, ele declarou: "Foi simplesmente uma coincidência, não tangencial, e agora terminou."

L.A. *Mirror,* 8/12/58:

DPLA SE ADIANTA AOS FEDERAIS EM MOVIMENTO OUSADO

O chefe dos detetives Edmund Exley, do Departamento de Polícia de Los Angeles, famoso por sua seriedade, convocou esta manhã uma entrevista coletiva não programada. Esperava-se que falasse da recente investigação criminal no Southside e comentasse sobre o motivo de o DPLA e a promotoria federal terem aparentemente abandonado seu curto "empreendimento cooperativo" para investigar os crimes no Southside e a Divisão de Narcóticos do Departamento de Polícia de Los Angeles.

Ele não fez qualquer das duas coisas. Em vez disso, numa declaração preparada anteriormente, ele mesmo arrasou com a Divisão de Narcóticos e disse que entregaria pessoalmente provas incriminadoras para um júri de instrução especialmente convocado, depois ofereceria informações sobre sonegação fiscal, unilateralmente, à promotoria federal.

Descrevendo a Narcóticos como “uma unidade policial enlouquecida autonomamente”, Exley declarou ter certeza de que a “longa tradição de suborno” não se estendeu a outras divisões do DPLA, mas que a Divisão de Assuntos Internos, sob sua supervisão, ia “passar pente fino neste departamento de polícia como um sabujo farejando corrupção, para certificar-se”.

Os repórteres perplexos fizeram perguntas; Exley se recusou a responder. Declarou que o oficial comandante da Divisão de Narcóticos, o capitão Daniel Wilhite, 44 anos, cometeu suicídio recentemente, e que detetives da divisão de assuntos internos estavam entrevistando vários policiais da Narcóticos visando a garantir testemunhos voluntários para o júri de instrução.

Perguntado sobre até que ponto a Narcóticos estava suja, o chefe Exley disse: “Muito. Declaro pessoalmente que ela esteve de conluio com uma família de traficantes durante mais de vinte anos. É o meu desejo reformar a Divisão de Narcóticos a partir do zero e acabar com aquela família. Passarei informações pertinentes ao âmbito federal ao promotor Welles Noonan, mas ele deve saber que estou assumindo a responsabilidade primária de limpar minha própria casa.”

Revista *Hush-Hush*, 11/12/58

LIBERDADE DE EXPRESSÃO SUFOCADA!!!!!
J’ACCUSE! J’ACCUSE!

Nitroglicerina jornalística — é o único modo de descrever as 94 páginas que chegaram à *Hush-Hush* há dez dias, uma bomba atômica de acusações que também foram mandadas a um jornal de Los Angeles e ao secretário de Justiça do estado.

Eles optaram por ignorá-las; nós optamos por publicá-las. A fonte confidencial que transmitiu essa bomba-A literária verificou sua autenticidade — e acreditamos nela. 94 páginas: revelações incendiárias, escaldantes, quentíssimas, as confissões de um policial corrupto de Los Angeles que está fugindo do crime organizado, dos policiais e de seu próprio passado violento. Vocês *teriam visto isso aqui* em 18 de dezembro — mas algo aconteceu.

Brotos e marmanjos, aqui estamos em terreno totalmente legal. Podemos descrever as maquinações “legais” que nos censuraram; nossos

advogados nos dizem que a vaga descrição do material abordado no parágrafo anterior não viola a injunção “legal” emitida contra nós pelo Departamento de Polícia de Los Angeles.

E iremos só um pouquinho adiante em nossa descrição: aquelas 94 páginas teriam colocado o DPLA de joelhos. Nosso (lamentavelmente) anônimo autor, inabalável no retrato de sua própria corrupção, também acusou um célebre policial de Los Angeles de atos criminosos numa escala espetacular, e afirmou que policiais do DPLA lançaram uma complexa teia de circunstâncias ao redor da recente onda de crimes em L.A. Revelações escaldantes, incendiárias, quentíssimas — verificavelmente verdadeiras — e não podemos publicá-las.

Isto é o máximo que nossos advogados nos permitem lhes dizer sobre essas 94 páginas. Seu apetite foi estimulado? Bom, agora deixem-nos avivar a raiva.

Um empregado nosso, um homem encarregado de conseguir informações eletrônicas, tem problema com bebida. Ele viu aquelas 94 páginas, reconheceu-as como dinamite e ligou para um conhecido seu no DPLA. Nosso empregado, um homem que violou a condicional de uma condenação por dirigir embriagado, passou essas páginas para o seu conhecido. A notícia se espalhou pela hierarquia do DPLA; uma ordem de apreensão foi emitida. Nosso empregado foi recompensado: os mandados contra ele foram anulados. Aquelas 94 páginas escaldantes foram confiscadas; não podemos publicar qualquer parte delas sob a ameaça de injunção “legal”.

O jornal? O secretário de Justiça?

Eles descartaram essas 94 páginas. Ridicularizaram-nas como falsidade. Os fatos monstruosos eram feios demais para acreditar.

O autor? Ele está por aí, entre os bandidos da noite na Cidade dos Anjos Caídos.

O resultado? Vocês decidem. Denunciem esta censura fascista. Escrevam-nos. Escrevam para o DPLA. Expressem sua fúria. Mandem um voto de encorajamento para um policial desgarrado cujo *mea culpa* é explosivo demais para ser publicado.

MANCHETES:

L.A. *Times*, 14/12/58:

JÚRI DE INSTRUÇÃO CONVOCADO; POLICIAIS DA NARCÓTICOS TESTEMUNHAM

L.A. *Mirror,* 15/12/58:

ACUSAÇÃO DE “CENSURA” POR PARTE DA *HUSH-HUSH* ENCONTRA OUVIDOS MOUCOS

L.A. *Herald-Express*, 16/12/58:

DPLA NEGA ACUSAÇÕES DA *HUSH-HUSH*

L.A. *Times*, 19/12/58:

POLICIAIS DA NARCÓTICOS INDICIADOS

L.A. *Mirror,* 21/12/58:

EXLEY: ACUSAÇÕES DA *HUSH-HUSH* SÃO “ABSURDAS”

L.A. *Mirror,* 22/12/58:

SUPOSTOS REIS DAS DROGAS ENFRENTAM JÚRI DE INSTRUÇÃO

L.A. *Herald-Express*, 23/12/58:

ESPANTO NO JÚRI DE INSTRUÇÃO: NENHUM INDICIAMENTO CONTRA OS KAFESJIAN — PROMOTOR DIZ QUE TESTEMUNHO DA NARCÓTICOS ESTAVA COMPROMETIDO

L.A. *Examiner,* 26/12/58:

GALLAUDET AINDA DESAPARECIDO; A BUSCA CONTINUA

L.A. *Mirror*, 27/12/58:

PREFEITO POULSON: ACUSAÇÕES DA *HUSH-HUSH* SÃO RISÍVEIS

L.A. *Mirror,* 28/12/58:

SINDICÂNCIA FEDERAL É DESFEITA

L.A. *Herald-Express,* 3/1/59:

VOTADA PENSÃO ESPECIAL PARA POLICIAL MESTRE DOS BRINDES

A cena foi triste, tocante, o oposto das manchetes policiais recentes: policiais da Narcóticos indiciados por acusações de suborno. A cena: um policial de Los Angeles, muito ferido, lutando pela vida numa cama hospitalar.

Dudley L. Smith, capitão do DPLA. Nascido em Dublin, criado em Los Angeles, espião que trabalhou no Departamento de Serviços Estratégicos na Segunda Guerra Mundial, 53 anos, trinta como policial. Uma mulher, cinco filhas. Numerosas condecorações por bravura, encarregado dos brindes no DPLA, capelão leigo. Dudley L. Smith: esfaqueado numa briga com um ladrão há cinco semanas — agora lutando pela vida.

Até agora vem ganhando a batalha: perdeu um olho, está paralisado, sofreu danos cerebrais, provavelmente nunca mais poderá andar. Quando está lúcido, encanta as enfermeiras com seu sotaque e piadas dizendo que trabalhará em anúncios, como o homem do tapa-olho que faz propaganda das Camisas Hathaway. Na maior parte do tempo não está lúcido, e isso é de partir o coração.

O DPLA não divulgará detalhes da briga que provocou os ferimentos em Dudley Smith; sabe que o capitão Smith preferiria poupar à família do ladrão que ele matou a ignomínia do reconhecimento público. Isso é de partir o coração, assim como o fato de que Dudley Smith precisará de cuidados intensivos num sanatório pelo resto da vida.

Sua pensão de policial e suas economias não poderão cobrir esses gastos. Ele é orgulhoso demais para aceitar contribuições de caridade. É um policial lendário, muito amado, um policial que matou oito homens no cumprimento do dever. Sabendo dessas coisas, o chefe dos detetives do DPLA, Edmund Exley, pediu à Câmara Municipal de Los Angeles para exercer uma opção raramente usada e votar para ele uma pensão

especial: uma quantia destinada a mantê-lo indefinidamente num sanatório bem equipado.

A Câmara Municipal concordou e votou unanimemente a favor da pensão para Dudley Smith. O chefe Exley disse aos repórteres: “É importante que o capitão Smith permaneça refreado e receba a atenção que merece. Ele estará em segurança e poderá viver seus dias livre dos grandes problemas do trabalho policial.”

Dudley L. Smith, herói. Que esses dias sejam longos e pacíficos.

Parte 5

SILÊNCIO

CAPÍTULO LV

Embalagens de comida para viagem, pilhas de jornais — o esconderijo de Pete, um mês lá dentro.

Uma casa afastada, nos arredores de San Diego. Segura — a ex-mulher dele estava passando seis semanas na Europa. Pete recebendo aluguel: dois mil por semana.

Jornais — a história dispersada:

Minha confissão abafada por injunção legal.

Dudley semimorto.

A sindicância federal encerrada.

A Narcóticos destruída — Exley triunfante.

Tempo para pensar.

Tempo para telefonar — lá fora, Pete intermediário informando:

Mandados de prisão contra mim — estadual e federal — um total de nove indiciamentos.

— Eles o acusam da morte do Miciak, de sonegação fiscal, dois estatutos de conspiração estadual e federal. Há mandados em todo o país contra você, além de boletins federais até o pescoço. Você pode ficar na casa até 27 de janeiro, mas só isso.

Pete — 13 de janeiro:

— Glenda ainda está em Fresno. Os federais a estão vigiando, mas acho que posso trazê-la para uma visita antes de você partir.

14 de janeiro:

— Liguei para Jack Woods. Ele disse que Meg está bem, e verifiquei com um federal que conheço. Ele disse que Noonan não vai acusá-la de sonegação fiscal; está ocupado demais montando uma nova sindicância para se importar com isso.

15 de janeiro.

16 de janeiro.

17 de janeiro.

Cansado, péssimo — comida chinesa para viagem cinco semanas seguidas.

18 de janeiro:

— Dave, não consigo arranjar um passaporte para você. Não tenho contatos legítimos, e ouvi dizer que o pessoal do crime organizado não está vendendo, porque acham que *você* está comprando.

19 de janeiro — febre de fuga.

Pesadelos — TUDO redemoinhando.

20 de janeiro:

— Glenda acha que eles pararam de vigiá-la. Vai trazer o seu dinheiro dentro de dois dias.

21 de janeiro — Pete, se cagando de medo:

— O Sr. Hughes descobriu que estou escondendo você. Ele está puto porque Glenda se livrou da morte de Miciak e... merda, você sabe, você e ela. Ele quer uma recompensa pessoal, e disse que não vai entregá-la se você cooperar. Dave, vou tentar pegar leve.

CAPÍTULO LVI

De joelhos — tonto. Ondas de choque subindo pela minha coluna — um soco acertou.

O quintal dos fundos — Howard Hughes olhando.

Fiquei de pé, grogue — dentes frouxos, lábios cheios de cuspe. Esquerda-direita/esquerda-direita/esquerda-direita — meu nariz em algum lugar garganta abaixo. Empurrado para ficar de pé — pálpebras rasgadas e frouxas, cobrindo os olhos.

Howard Hughes de terno executivo e sapato de duas cores.

Chutado de barriga para cima.

— Não, use os punhos.

Empurrado de pé — gancho de esquerda/gancho de esquerda — cuspindo gengiva, sem nariz, difícil respirar. Gancho de esquerda/gancho de esquerda — ossos partindo.

Sem pernas, sem cara — rasgos de anel com sinete do maxilar à linha dos cabelos.

— Um pouco mais.

— Ele não suporta.

— Não me contradiga.

Sem pernas, sem cara. Olhos para o sol — queimando vermelho — por favor não me cegue. Esquerda-direita/esquerda-direita.

— Deixe-o para o médico.

Sumindo para algum lugar — não tire meus olhos.

Girando, caindo.

Música.

Escuro/luz/dor — injeções no braço, bênção maluca. Luz = visão — não tire meus olhos.

Girando, caindo — TUDO sincronizado num jazz. Riffs *de Champ Dineen — Lucille e Richie trazidos do céu.*

Suando — panos frios no meu rosto. O rosto de alguém — um homem velho.

Agulhadas comendo a dor.

Aplicações no braço = bênção maluuuuca.

TUDO — girando, caindo.

Esfregadas no rosto meio abençoado — barba crescida, grossa.

Tempo — da luz para a escuridão, luz para escuridão, luz para escuridão.

Um homem usando óculos — talvez um sonho. Vozes — sonolentas, meio reais.

Música.

CAPÍTULO LVII

Quatro dias sedado.

O médico saindo.

— Deixei algumas ampolas de morfina para você. Está se curando muito bem, mas precisa de mais um mês para consertar alguns ossos. Ah, e um amigo seu deixou um pacote.

Latejamentos entorpecidos do queixo à testa. Jornais novos — verificar as datas — de 22 a 25 de janeiro.

Olhada no espelho:

Meu nariz — chato, esmagado.

Meu queixo — torto para o lado.

Sem sobrancelhas — em vez disso tecido cicatricial.

A linha dos cabelos mais alta — cortes no couro cabeludo me deixaram meio careca.

Duas orelhas novas.

Um olho meio fechado, um olho normal.

Cabelo castanho-escuro transformado em puro grisalho em uma semana.

Digamos:

Um rosto novo.

Curando — hematomas sumindo, pontos retirados.

Verifiquei o pacote:

Um passaporte em branco.

Um revólver 38, com silenciador.

Um bilhete, sem assinatura:

Klein

A AI encontrou você e decidi deixá-lo em paz. Você me serviu muito bem e merece a chance que estou lhe dando.

Fique com o dinheiro que pegou. Não sou otimista, mas espero que o passaporte ajude. Não vou me desculpar pelo modo como usei você, já que acredito que a situação de Smith justificava isso. Ele está neutralizado, mas, se você considera a justiça que conseguiu menos do que absoluta, tem minha

permissão de buscá-la de modo mais completo. Francamente, para mim ele acabou. Ele já me custou o bastante como está.

Ordem indireta: mate-o.
Não ELE — ELES.

CAPÍTULO LVIII

— Nós éramos um casal belíssimo.

— Essa parte agora é só por sua conta — dentes frouxos, sentindo dor.

— Você está diferente, David.

— Claro, olhe para mim.

— Não, é que estamos juntos há cinco minutos e você não pediu para eu contar coisas.

Glenda: bronzeado de garçonete de drive-in, quase magra demais.

— Só quero olhar para você.

— Já estive melhor.

— Não, não esteve.

Ela tocou meu rosto.

— Valeu a pena?

— Independente do que custou, independente do que custou.

— Assim?

— É, assim.

— Você deveria ter aceitado aquele contrato para o cinema muito tempo atrás.

Sacos de dinheiro junto à porta — o tempo acabando.

Glenda falou:

— Conte-*me* coisas.

De volta ao então, indo para o sempre — contei-lhe TUDO.

Hesitei algumas vezes — o puro horror me lançava ao silêncio. Aquele silêncio, implícito — *você*, conte-*me*.

Beijos leves diziam não.

Contei tudo. Glenda ouviu, quase fascinada — como se soubesse.

A história pairou entre nós. Beijá-la doía — suas mãos diziam deixe-me.

Ela me despiu.

Deslizou de dentro das suas roupas, fora do meu alcance.

Fiquei excitado devagar — só me deixe ficar olhando. Glenda insistente, mãos macias — dentro dela, meio maluco só de olhar.

Ela se mexia em cima de mim — tentando não encostar nos machucados. Só olhá-la era uma coisa forte — puxei-a para baixo.

Seu peso em mim doeu — beijei-a com força para atravessar a dor. Ela começou a chegar ao auge — minha dor foi diminuindo — gozei misturando-me aos seus espasmos.

Abri os olhos. Glenda emoldurava meu rosto com as mãos — só olhando.

Sono — do dia para a noite. Acordei espantado — o relógio junto à cama — 1:14.

26 de janeiro.

Uma máquina fotográfica sobre a penteadeira — da ex-mulher de Pete. Verifiquei o filme — restando seis fotos.

Glenda se espreguiçou.

Fui até o banheiro. Ampolas de morfina num prato — quebrei uma e misturei com água.

Vesti-me.

Enfiei duzentos mil na bolsa de Glenda.

O quarto...

Glenda bocejando, mãos estendidas, sedenta — dei-lhe o copo.

Ela engoliu a água. Espreguiçou-se, pequenos tremores — de volta ao sono.

Olhe:

Um meio sorriso roçando o travesseiro. Um ombro do lado de fora das cobertas, antigas cicatrizes ficando bronzeadas.

Bati fotos:

Seu rosto — olhos fechados — sonhos que ela jamais me contaria. Luz da lâmpada, luz do flash: cabelos louros no linho branco.

Lacrei o filme.

Peguei os sacos de dinheiro — pesados, obscenos.

Saí pela porta refreando soluços.

CAPÍTULO LIX

Fácil:

Peguei um ônibus para L.A. e fui para um hotel. Pedi que mandassem uma máquina de escrever — um passaporte em branco transformado em válido.

Meu nome novo: Edmund L. Smith.

Fotos válidas: tiradas em cabine instantânea, cola.

Minha passagem: Pan Am, de L.A. para o Rio.

Meus ferimentos estavam se curando.

Meu novo rosto se sustentava: nada do belo David Klein aparecendo através.

Aplicações de morfina me mantinham calmo e numa loucura exultante. Aquela ideia maluca: você se livrou.

Ainda não.

CAPÍTULO LX

Comprei um outro carro velho — duzentos dólares em dinheiro. Fiz um desvio no caminho do aeroporto: South Tremaine 1684.

8 da manhã — quieto, pacífico.

Vozes dentro — belicosas, masculinas.

Rodeei, experimentei a porta dos fundos — destrancada. Lavanderia, porta da cozinha — puxá-la.

J.C. e Tommy à mesa, engolindo cerveja.

E daí?

Que diab...

J.C. primeiro — TUC de silenciador — cérebro saindo pelos ouvidos. Tommy, garrafa de cerveja levantada — TUC — vidro nos olhos.

Ele gritou:

— PAPAI!

HOMEM DO GLOBO OCULAR! HOMEM DO GLOBO OCULAR! — Atirei nos dois, sem cara, cegos.

CAPÍTULO LXI

Agitação no aeroporto: federais, homens do xerife, olheiros da Máfia. Passei direto por eles — ninguém piscou — até o balcão.

Serviço amigável, uma olhada no meu passaporte. Despachei as malas com o dinheiro.

— Tenha um voo agradável, Sr. Smith.

Fui — assim.

A vontade de lembrar.

Sonhos febris — aquele tempo queimando.

Estranho agora — um exilado gringo, rico com propriedades. Minha confissão completa — mas ainda não basta.

Pós-escritos:

Will Shipstad — detetive particular a partir de 59.

Reuben Ruiz — campeão peso-galo, 61-62.

Chick Vecchio — morto a tiros roubando uma loja de bebidas.

Toque V. — fazendo shows de travestis em Las Vegas.

Fred Turentine — morto — cirrose. Lester Lake — morto — câncer.

O lugar perdido/o tempo queimando/de algum modo perto deles.

Madge Kafesjian — sozinha — aquela casa, aqueles fantasmas.

Welles Noonan — condenado por falsidade em tribunal — 1974. Sentença de três a cinco anos em prisão federal — suicídio com overdose de Seconal a caminho de Leavenworth.

Meg — velha, viúva — meu contato entre aqui e lá. Rica — nossos cortiços trocados por condomínios.

Girando, caindo — com medo de esquecer:

Mickey Cohen — sempre em tramoias — duas passagens pela prisão. Morto — ataque cardíaco, 76.

Jack Woods, Pete B. — velhos, saúde piorando.

Dick Carlisle:

Aposentado do DPLA — nunca acusado de cúmplice de Dudley Smith. "Dick, o Rei das Peles" — o roubo ao Hurwitz expandido legitimamente. Magnata das lavanderias a seco — a cadeia E-Z Kleen comprada de Madge.

Dudley Smith — ainda meio lúcido, ainda encantador: canções gaélicas para as garotas que cuidam dele.

Edmund Exley:

Chefe dos detetives, chefe de polícia. Congressista, vice-governador, atual candidato ao governo.

Admitindo admirar Dudley Smith — politicamente hábil, inteligente.

Dudley — jovial com seu tapa-olho. Erudito quando sadio: citações rápidas sobre "contenção", sempre bom para retrospectivas jornalísticas. Para lembrar

a todos: naquela época os homens eram homens.

Glenda:

Estrela de cinema, estrela de TV. Uns sessenta anos — matriarca de uma série de longa duração no ar.

Glenda:

Famosa há uns trinta anos. Sempre comigo — aquelas fotos mantidas sempre perto. Sem idade — esquivando-me de cada filme, de cada foto publicada.

Em meus sonhos — girando, caindo.

Como Exley, Dudley e Carlisle.

Exilados de mim, coisas para me contar — horrores prosaicos que definem sua longa sobrevivência. Palavras para atualizar esta confissão destinada a me libertar.

Sonhos: girando, caindo...

Estou voltando. Vou fazer Exley confessar, com a mesma honestidade com que confessei, cada trato monstruoso que ele fez. Vou matar Carlisle e fazer com que Dudley relate cada momento de sua vida — para eclipsar minha culpa com o simples peso de sua malignidade. Vou matá-lo em nome de nossas vítimas, encontrar Glenda e dizer:

Conte alguma coisa.

Conte tudo.

Revogue nosso tempo separados.

Venha me amar feroz no perigo.

JAMES ELLROY nasceu em Los Angeles, em 1948, filho de um contador que trabalhava para astros do cinema e de uma enfermeira. Após o divórcio dos pais, morou com a mãe até 1958, quando ela foi assassinada, crime jamais solucionado. Sua juventude antecipava um futuro sem perspectivas: Ellroy viciou-se em drogas e acabou preso diversas vezes por furto. Nos anos 70, recuperado, começou a dedicar-se à literatura, e em pouco tempo consagrou-se como um dos maiores autores americanos da atualidade, renovando de maneira irreversível toda a ficção policial contemporânea.